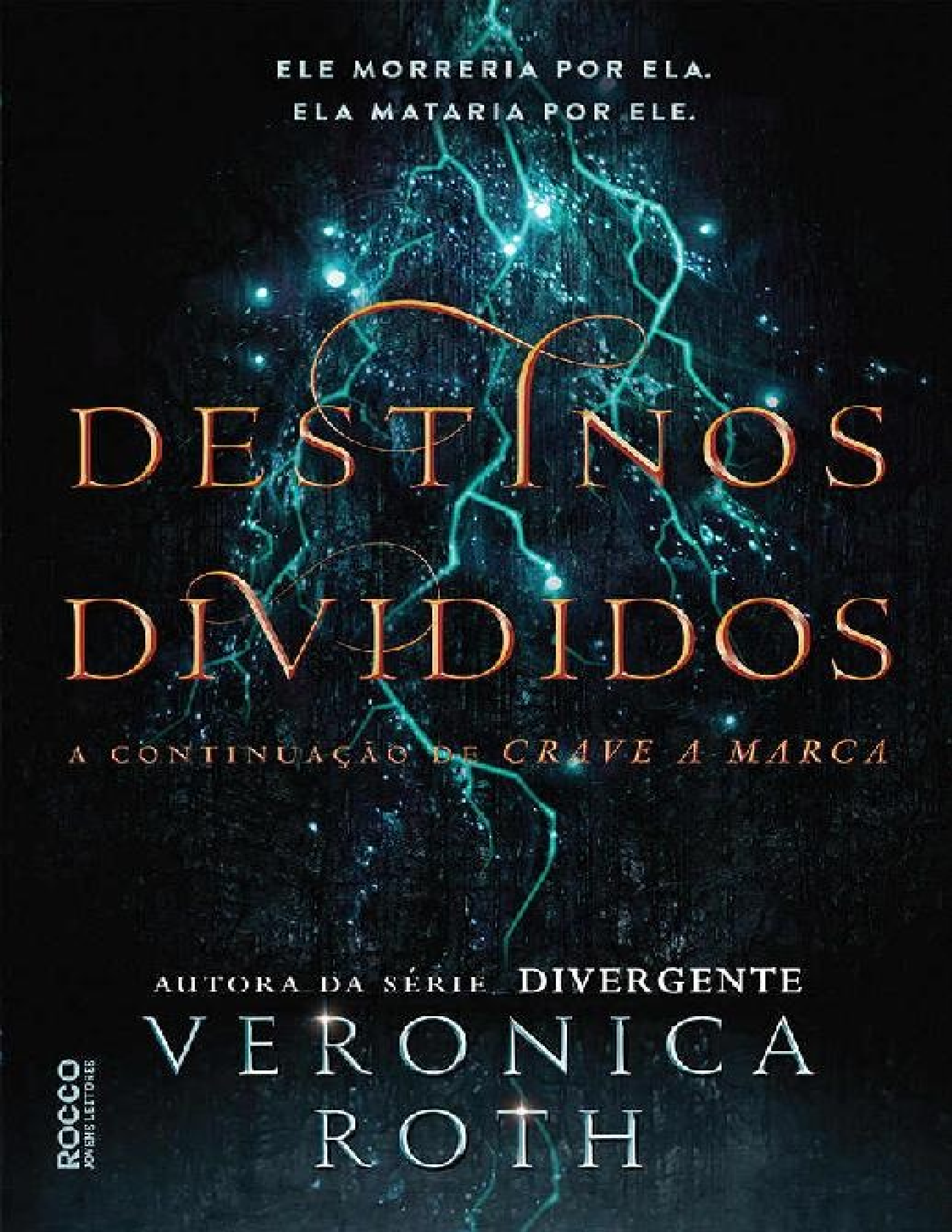
ELE MORRERIA POR ELA.
ELA MATARIA POR ELE.



DESTINOS DIVIDIDOS

A CONTINUAÇÃO DE *CRAVE A MARCA*

AUTORA DA SÉRIE **DIVERGENTE**

VERONICA ROTH

ROCCO
JOVENS LEITORES

DESTINOS DIVIDIDOS

VERONICA ROTH

TRADUÇÃO DE
PETÊ RISSATTI

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para meu pai, Frank, meu irmão, Frankie, e minha irmã, Candice: podemos não partilhar o mesmo sangue, mas tenho a sorte de sermos uma família.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Mapa

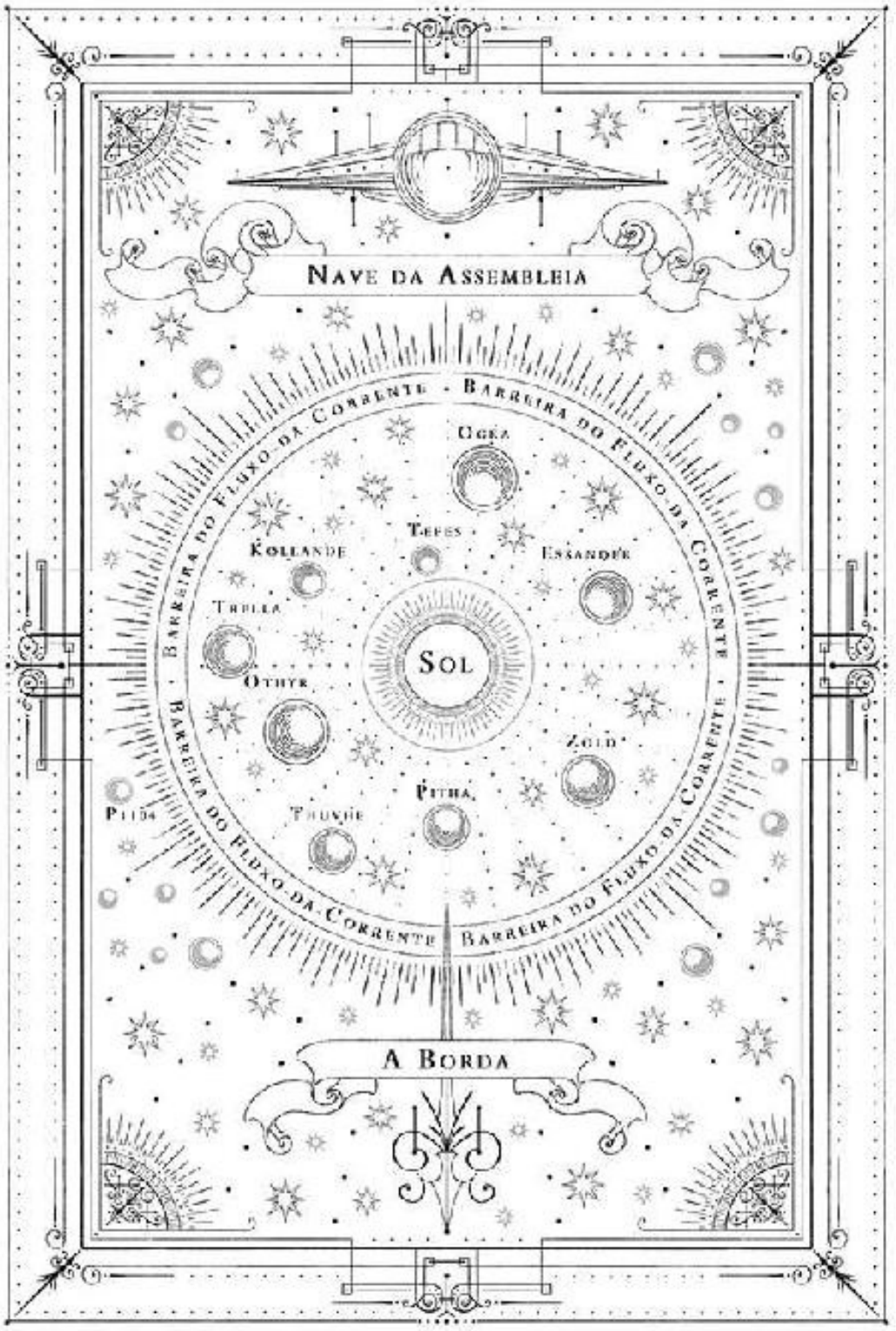
Prólogo

Parte 1

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18

Capítulo 19
Capítulo 20
Parte 2
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Parte 3
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Parte 4

Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Parte 5
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Epílogo
Agradecimentos
Glossário
Créditos
A Autora
Leia também


NAVE DA ASSEMBLEIA
BARREIRA DO FLUXO DA CORRENTE
OGEA
TEPES
KOLLANDE
ESSANDER
TRELEA
SOL
OTHYR
ZGUD
PITHA
PHUNDIE
PHUDA
BARREIRA DO FLUXO DA CORRENTE
A BORDA



PRÓLOGO | EIJEH

– Por que tanto medo? – perguntamos a nós mesmos.

– Ela está vindo nos matar – respondemos.

Antes ficávamos alarmados por essa sensação de estar em dois corpos ao mesmo tempo. Nós nos acostumamos com isso nos ciclos desde que a mudança ocorreu, desde que nossos dons-da-corrente diluíram neste novo e estranho dom. Sabemos como fingir, agora que somos duas pessoas em vez de uma – mas preferimos, quando estamos sozinhos, relaxar com a verdade. Somos uma pessoa em dois corpos.

Não estamos em Urek, como estávamos da última vez em que sabíamos da nossa localização. Estamos à deriva no espaço, a curva avermelhada da corrente sendo a única interrupção na escuridão.

Apenas uma de nossas duas celas tem janela. Uma delas é estreita, com um colchão fino e uma garrafa de água. A outra fica na sala de depósito que cheira a desinfetante, desagradável e cáustico. A única luz vem dos respiradouros na porta, fechados agora, mas não totalmente selados contra o brilho do corredor.

Estendemos os dois braços – um menor e mais moreno, outro longo e pálido – ao mesmo tempo. O primeiro parece mais leve, o último, desajeitado e pesado. As drogas perderam a força em um corpo, mas não no outro.

Um coração palpita com força, e o outro mantém o ritmo constante.

– Para nos matar – dizemos a nós mesmos. – Temos certeza?

– Tanta certeza quanto as fortunas. Ela nos quer mortos.

– As fortunas. – Há uma dissonância aqui. Da mesma forma que uma pessoa pode amar e odiar algo ao mesmo tempo, nós amamos e odiamos as fortunas, acreditamos e não acreditamos nelas. – Qual foi a palavra que nossa mãe usou… – Temos duas mães, dois pais, duas irmãs. E, ainda assim, apenas um irmão. – "Aceite sua fortuna ou…"

– “Aguente sua fortuna”, ela disse – respondemos. – “Pois tudo o mais é ilusão.”

1

Shithi. Verbo. Em thuvhesita: "poder/dever/precisar"

Shithi. Verbo. Em thuvhesita: “poder/dever/precisar”

CAPÍTULO 1 | CYRA

LAZMET NOAVEK, MEU PAI E ANTIGO TIRANO DE SHOTET, foi considerado morto por mais de dez estações. Fizemos um funeral para ele na primeira temporada depois de seu falecimento, lançamos sua antiga armadura no espaço, pois não havia corpo.

E, ainda assim, meu irmão, Ryzek, aprisionado dentro desta nave de transporte, havia dito: *Lazmet ainda está vivo*.

Minha mãe chamava meu pai de "Laz" às vezes. Ninguém mais além de Ylira Noavek teria ousado. "Laz", ela diria, "deixe pra lá." E ele a obedecia, desde que ela não mandasse nele com tanta frequência. Ele a respeitava, embora não respeitasse mais ninguém, nem mesmo seus amigos.

Com ela, ele mantinha alguma suavidade, mas com todo o resto… bem.

Meu irmão – que começou sua vida de forma suave e apenas mais tarde se tornou insensível até se tornar alguém que torturava a própria irmã – aprendeu a arrancar o olho de uma pessoa com Lazmet. E também como guardá-lo em um conservante para que não apodrecesse. Antes de realmente compreender o que havia nos jarros da Sala de Armas, eu ia até lá olhar para eles nas prateleiras bem acima da minha cabeça, brilhando à luz fraca. Íris verdes, castanhas e azuis acinzentadas flutuavam na superfície de um aquário como peixes buscando comida.

Meu pai nunca cortou ninguém com as próprias mãos. Nem ordenava que alguém mais o fizesse. Ele usava seu dom-da-corrente para controlar o corpo das pessoas, e as forçava a infligir o corte nelas mesmas.

A morte não é a única punição que se pode causar a uma pessoa. Também é possível lhe dar pesadelos.

Mais tarde, Akos Kereseth veio me encontrar no convés de navegação da pequena nave de

transporte que nos levava para longe de meu planeta natal, onde meu povo, os shotet, estava agora na iminência de uma guerra com a nação natal de Akos, Thuvhe. Eu estava sentada na cadeira do capitão, me balançando para frente e para trás para me acalmar. Eu queria lhe dizer o que Ryzek havia me dito, que meu pai – se ele *fosse* meu pai, se Ryzek fosse mesmo meu irmão – estava vivo. Ryzek estava convencido de que ele e eu não partilhávamos do mesmo sangue, que eu não era uma verdadeira Noavek. E que por esse motivo, ele dissera, não fui capaz de abrir a trava genética que mantinha seus aposentos seguros, e nem capaz de assassiná-lo na primeira vez que tentei.

Mas eu não sabia como começar. Com a morte de meu pai? Com o corpo que nunca encontramos? Com a sensação mesquinha de que Ryzek e eu éramos diferentes demais para sermos parentes?

Akos não parecia querer falar também. Ele estendeu um cobertor, que havia encontrado em algum lugar na nave, no espaço entre a cadeira do capitão e a parede, e nós deitamos nele, lado a lado, encarando o nada. As sombras-da-corrente – minha habilidade vívida, dolorosa – enrolavam-se em meus braços como um fio preto, causando uma dor funda até a ponta de meus dedos.

Eu não tinha medo do vazio. Ele fazia com que eu me sentisse pequena. Mal valia uma primeira olhada, muito menos outra para conferir. E havia conforto nisso, porque com frequência eu me preocupava se podia causar danos demais. Ao menos, se eu fosse pequena e ensimesmada, eu não causaria mais danos. Queria apenas o que estava ao alcance das minhas mãos.

O indicador de Akos enganchou-se no meu mindinho. As sombras desapareceram quando seu dom-da-corrente neutralizou o meu.

Sim, o que estava ao alcance das minhas mãos definitivamente era o suficiente para mim.

– Você… pode dizer algo em thuvhesita? – perguntou ele.

Virei a cabeça na sua direção. Ele ainda estava olhando para a janela, um sorriso leve curvando os lábios. Sardas sarapintavam seu nariz e uma das pálpebras, bem perto da linha dos cílios. Hesitei com a mão um pouco erguida sobre o cobertor, desejando tocá-lo, mas também querendo ficar só na vontade por um instante. Então, corri a ponta do dedo pela linha de sua sobrancelha até descer pelo rosto.

– Não sou um passarinho de estimação – retruquei. – Não pio quando me mandam.

– É um pedido, não uma ordem. Um humilde pedido – disse ele. – Só diga meu nome completo, pode ser?

Eu ri.

– Seu nome quase todo é shotet, lembra?

– Certo. – Ele avançou com a boca na minha mão, mordendo-a, o que arrancou uma risada de susto minha. – O que foi mais difícil para você dizer quando estava aprendendo a falar?

– O nome de suas cidades, que difícil – falei quando ele soltou uma das minhas mãos para pegar a outra, segurando-me pelo mindinho e pelo polegar com a ponta de todos os dedos. Deu um beijo no meio da palma da minha mão, onde a pele estava calejada de segurar lâminas-da-corrente. Estranho que algo tão simples dado em uma parte tão calosa minha pudesse me permear tão completamente, trazendo vida a cada nervo.

Suspirei, aquiescendo.

– Tudo bem, vou dizê-las, então. Hessa, Shissa, Osoc – falei. – Havia um chanceler que chamava Hessa o coração de Thuvhe. Seu sobrenome era Kereseth.

– O único Kereseth chanceler na história thuvhesita – comentou Akos, levando a palma de minha mão ao seu rosto. Eu me apoiei sobre um cotovelo para me inclinar sobre ele, meus cabelos deslizando para frente emoldurando nosso rosto, longo de um lado, embora do outro estivesse exibindo a pele prateada. – Disso eu sei.

– Por muito tempo, houve apenas duas famílias afortunadas em Thuvhe – contei –, e, ainda assim, tirando essa exceção, a liderança sempre esteve com os Benesit quando as fortunas nomearam um chanceler. Não lhe parece estranho?

– Talvez não sejamos bons em liderar.

– Talvez a fortuna esteja favorecendo vocês. Talvez tronos sejam maldições.

– A fortuna não me favorece – disse ele com suavidade, tanta que eu quase não entendi o que ele quis dizer. Sua fortuna – *a terceira criança da família Kereseth morrerá a serviço da família Noavek* – era trair seu povo em prol da minha família, servindo-nos, e morrer. Como alguém poderia ver isso como algo além de um sofrimento?

Balancei a cabeça.

– Desculpe, eu não estava pensando…

– Cyra – disse ele. Então, fez uma pausa, franzindo a testa para mim. – Você acabou de pedir desculpas?

– Eu conheço as palavras – retruquei, olhando feio também. – Não sou uma completa mal-educada.

Ele riu.

– Eu conheço a palavra essanderae para "lixo"; não significa que sei como usá-la.

– Ótimo, retiro minhas desculpas. – Dou um peteleco forte em seu nariz e, quando ele se encolhe para longe, ainda rindo, eu pergunto: – Como se fala "lixo" em essanderae?

Ele disse. Parecia uma palavra refletida em um espelho, dita uma vez de frente para trás e outra de trás para frente.

– Descobri sua fraqueza – comentou ele. – Acabei de provocar você com um conhecimento que você não tem, e você se distraiu imediatamente.

Pensei naquilo.

– Acho que você pode conhecer *uma* de minhas fraquezas… considerando que você tem tantas a explorar.

Ele ergueu as sobrancelhas, questionador, e eu o ataquei com meus dedos, cutucando sua lateral bem abaixo do cotovelo, o lado direito bem acima do quadril, a tensão atrás de sua perna direita. Aprendi enquanto treinávamos que eram partes sensíveis de seu corpo – lugares que ele não protegia o bastante ou que o faziam se encolher com mais força que o de costume quando atingidos –, mas eu o provocava agora com mais suavidade do que eu me achei capaz, arrancando gargalhadas dele em vez de retorcidas de corpo.

Ele me puxou para cima dele, segurando-me pelos quadris. Alguns dedos dele deslizaram abaixo do cós da minha calça, e era um tipo de angústia com a qual eu não estava acostumada, um tipo que não me incomodava. Apoiei-me no cobertor, em cada lado de sua cabeça, e me abaixei devagar para beijá-lo.

Não tínhamos nos beijado mais do que algumas vezes, e eu nunca havia beijado ninguém além dele, então, a cada vez, ainda era uma descoberta. Dessa vez eu descobri as beiradas dos dentes, lisas, e a ponta da língua; descobri o deslize de um joelho entre os meus, e o peso da mão na minha nuca, trazendo-me para mais perto, mais fundo, mais rápido. Não respirei, não queria perder tempo, e assim acabei logo engasgando e me recostando na lateral de seu pescoço, fazendo-o rir.

– Vou considerar isso um bom sinal – disse ele.

– Não fique convencido, Kereseth.

Não consegui evitar sorrir. Lazmet – e sejam lá quais questões eu tivesse sobre minha ascendência – não parecia tão próximo de mim agora. Eu estava segura ali, flutuando em uma nave no meio do nada, com Akos Kereseth.

E, então: um grito, de algum lugar no fundo da nave. Parecia a irmã de Akos, Cisi.



CAPÍTULO 2 | CISI

EU SEI O QUE É ASSISTIR À PRÓPRIA FAMÍLIA MORRER. Afinal, sou Cisi Kereseth.

Eu vi meu pai morrer em nossa sala de estar. Assisti a Eijeh e Akos serem levados por soldados shotet. Assisti à minha mãe desaparecer como fumaça no sol. Não há muito mais para eu entender sobre perdas. Só não consigo expressar isso do jeito que as pessoas fazem. Meu dom-da-corrente me mantém bem protegida.

Então, fico com um pouco de inveja de Isae Benesit, a chanceler afortunada de Thuvhe e minha amiga, e como ela consegue se permitir o luto. Ela se esgota com a emoção, e então adormecemos, ombro a ombro, na cozinha da nave de exílio shotet.

Quando acordo, minhas costas doem por ficar tanto tempo encostada na parede. Levanto e me alongo para a esquerda, para a direita, enquanto a observo.

Isae não parece bem, o que acho que faz sentido, afinal sua irmã gêmea, Ori, morreu ontem mesmo em uma arena shotet, todos pedindo seu sangue.

Ela não se *sente* bem também, a textura ao redor dela toda irregular como os dentes ficam quando não os escovamos. Os olhos pairam para lá e para cá no ambiente, dançando pelo meu rosto e meu corpo, e não de um jeito que faria uma pessoa corar. Tento acalmá-la com meu dom-da-corrente, enviando uma sensação suave, como se desenrolasse uma meada de fio de seda. Não parece adiantar muito.

Meu dom-da-corrente é uma coisa estranha. Não posso saber como ela se sente, não de verdade, mas posso sentir, como uma textura no ar. E não posso controlar o jeito que ela se sente também, mas posso fazer sugestões. Às vezes, preciso de algumas tentativas ou um novo jeito de pensar sobre a situação. Então, em vez de seda, que não faz efeito, tento água, pesada, ondulante.

É um fracasso. Ela está nervosa demais. Às vezes, quando os sentimentos da pessoa estão intensos demais, é difícil para mim causar impacto.

– Cisi, posso confiar em você?

É uma palavra estranha em thuvhesita, *poder*. É *poder*, *dever* e *precisar*, tudo junto e misturado, e só é possível compreender o verdadeiro significado pelo contexto, o que leva a confusões, às vezes; por isso, provavelmente, nosso idioma é descrito pelos fora-do-mundo como "evasivo". Isso, e porque os fora-do-mundo são preguiçosos.

Então, quando Isae Benesit me pergunta em minha língua natal se pode confiar em mim, não sei de verdade o que ela quer dizer. Mas, independentemente disso, só há uma resposta.

– Claro.

– Estou falando sério, Cisi – diz ela, naquele tom grave que usa quando está falando sério. Gosto dessa voz, do jeito que ela zumbe na minha cabeça. – Preciso fazer uma coisa, e quero que venha comigo, mas tenho medo que você não…

– Isae – eu a interrompo. – Estou aqui por você, para o que você precisar. – Toco seu ombro com dedos gentis. – Tudo bem?

Ela concorda com a cabeça.

Ela me leva para fora da cozinha, e tento não pisar em nenhuma faca. Depois de se fechar ali, ela abriu todas as gavetas, quebrou tudo que pôde com as mãos. O chão está coberto de pedaços de pano e vidro, plástico rachado e ataduras desenroladas. Acho que nem a culpo por isso.

Meu dom-da-corrente me impede de fazer ou dizer coisas que sei que deixará as pessoas desconfortáveis. Significa que, depois da morte de meu pai, eu não conseguia chorar a menos que estivesse sozinha. Não consegui falar muitas coisas a minha mãe por meses. Então, se eu fosse capaz de destruir uma cozinha, como fez Isae, provavelmente eu o teria feito.

Sigo Isae para fora, em silêncio. Passamos pelo corpo de Ori, bem-envolto em um lençol, então só vemos as curvas dos ombros, a elevação do nariz e do queixo. Apenas um vislumbre de quem ela era. Isae para, respira fundo. Parece ainda mais granulada que antes, como grãos de areia contra minha pele. Sei que não posso tranquilizá-la, mas estou preocupada demais para não tentar.

Envio leves tufos de capim-pena e madeira dura, polida. Envio óleo morno e metal arredondado. Nada funciona. Fico chateada, frustrada. Por que não consigo fazer *nada* para ajudá-la?

Penso por um instante em pedir ajuda. Akos e Cyra estão bem ali, no convés de

navegação. Minha mãe está em algum lugar lá embaixo. Mesmo a amiga renegada de Akos e Cyra, Teka, está bem aqui, estendida nos bancos com uma cascata de cabelos brancos espalhada atrás dela. Mas não posso pedir ajuda de nenhum deles. Por um lado, simplesmente não consigo – não posso conscientemente causar tristeza, graças ao meu dom-maldição –, e, por outro, o instinto me diz que o melhor é conquistar a confiança de Isae.

Isae me leva até a parte de baixo, onde há duas salas de depósito e um lavabo. Minha mãe está no lavabo; sei pelo som da água reciclada correndo. Em uma sala de depósito – aquela com a janela, disso eu me certifiquei – está meu outro irmão, Eijeh. Dói em mim vê-lo de novo, tanto tempo depois de seu sequestro, e tão pequeno comparado ao pilar pálido de Ryzek Noavek ao seu lado. Achamos que, quando as pessoas envelhecem, vão ficar mais fortes, mais gordas. Eijeh não.

A outra sala de depósito – aquela com todos os produtos de limpeza – mantém Ryzek Noavek. Só de saber que ele está tão perto, o homem que ordenou que meus irmãos fossem sequestrados e meu pai morto, me faz tremer. Isae para entre as duas portas, e então percebo, neste momento, que ela vai entrar em uma delas. E não quero que ela entre na de Eijeh.

Sei que foi ele quem matou Ori, tecnicamente. Quer dizer, ele estava segurando a faca que fez isso. Mas eu conheço meu irmão. Ele nunca seria capaz de matar ninguém, especialmente sua melhor amiga de infância. Deve haver alguma outra explicação para o que aconteceu. Só pode ser culpa de Ryzek.

– Isae – digo. – O que você vai…

Ela leva três dedos diante dos lábios, indicando para eu ficar quieta.

Ela está bem no meio das portas. Decidindo alguma coisa, ao que parece, julgando pelo zumbido leve ao seu redor. Ela tira uma chave do bolso – deve tê-la roubado de Teka quando saiu para garantir que estávamos seguindo para o Quartel-General da Assembleia – e a encaixa na fechadura da cela de Ryzek. Estendo a mão para segurá-la.

– Ele é perigoso – alerto.

– Posso cuidar disso – responde ela. E então, com suavidade nos olhos. – Não vou deixar que ele machuque você, eu juro.

Eu a solto. Tem uma parte de mim que está ansiosa para vê-lo, finalmente encontrar o monstro.

Ela abre a porta, e ele está sentado, recostado à parede ao fundo, as mangas enroladas, os pés estendidos. Tem dedões longos, magros, e canelas finas. Pisco ao observá-las. Os

pés de ditadores sádicos deveriam ter aparência vulnerável?

Se Isae está intimidada, não deixa transparecer. Ela fica empertigada com as mãos cruzadas diante do corpo e a cabeça erguida.

– Ora, ora – diz Ryzek, correndo a língua sobre os dentes. – A semelhança entre gêmeas nunca deixa de me surpreender. Você é idêntica a Orieve Benesit. Exceto por essas cicatrizes, claro. Quanto tempo elas têm?

– Duas estações – diz Isae, tensa.

Ela está falando com ele. Está *falando* com Ryzek Noavek, meu inimigo jurado, sequestrador de sua irmã, com uma linha longa de mortes tatuada na parte de fora do braço.

– Então, ainda vão sumir – diz ele. – Uma pena. Têm um formato adorável.

– Sim, sou uma obra de arte – retruca ela. – O artista foi um verme shotet que tinha acabado de fuçar em uma pilha de lixo.

Eu a encaro. Nunca tinha ouvido ela dizer algo tão odioso sobre os shotet antes. Não é de seu feitio.

"Verme" é como o povo chama os shotet quando estão em busca do pior insulto. Vermes são coisas cinzentas que se contorcem e se alimentam de seres vivos de dentro para fora. Parasitas que não foram erradicados pela medicina othyriana.

– Ah. – Seu sorriso fica maior, forçando uma covinha na bochecha. Tem algo nele que fagulha nas minhas lembranças. Talvez algo que tenha em comum com Cyra, embora eles não se pareçam de relance. – Então, esse rancor que você tem contra meu povo não está apenas em seu sangue.

– Não. – Ela se agacha, pousando os cotovelos nos joelhos. Faz isso de forma graciosa e controlada, mas estou preocupada com ela. Ela é comprida e elástica, nem chega perto da força de Ryzek, que é *grande*, apesar de magro. Um movimento errado, e ele poderia avançar nela, e o que eu faria para impedir? Gritaria?

– Você conhece cicatrizes, creio – diz ela, meneando a cabeça em direção ao braço dele. – Vai cravar a vida da minha irmã?

A parte de dentro de seu antebraço, a parte mais macia, mais pálida, não parece ter nenhuma cicatriz – elas começam do lado de fora e avançam ao redor, fileira por fileira. Ele tem mais que uma fileira.

– Por quê, você me trouxe uma faca e um pouco de tinta?

Isae aperta os lábios. A sensação de lixa de parede que ela exalava um momento atrás fica tão irregular quanto pedra quebrada. Por instinto, me aperto contra a porta e

encontro a maçaneta às costas.

– Você sempre reivindica mortes que não causou de verdade? – questiona Isae. – Porque, pelo que vi, não era você que estava naquela plataforma com a faca.

Os olhos de Ryzek cintilam.

– Imagino se você realmente matou tudo isso ou se todo esse trabalho foi feito por outros. – A cabeça dela se inclina. – Outros que, diferentes de você, realmente têm estômago para tanto.

Isso é um insulto shotet. O tipo que um thuvhesita sequer perceberia que é ofensivo. No entanto, Ryzek capta, seus olhos penetrando os dela.

– Senhorita Kereseth – diz ele, sem olhar para mim. – Você parece muito o mais velho de seus dois irmãos. – Ele olha para mim, em seguida, apreciando. – Não tem curiosidade de saber o que foi feito dele?

Quero responder friamente, como se Ryzek não fosse nada para mim. Quero encarar seus olhos com força. Quero que mil fantasias de vingança de repente se tornem reais como as flores-sossego no Florescimento.

Abro a boca, mas nada sai dela.

Ótimo, penso, e deixo meu dom-da-corrente ressoar como uma batida de palma. Entendi que nem todo mundo consegue controlar seu dom-da-corrente do jeito que eu posso. Só queria poder dominar a parte que me impede de dizer o que quero.

Vejo como ele relaxa quando meu dom o atinge. Não tem efeito em Isae, não que eu possa ver ao menos, mas talvez isso vá soltar a língua dele. E, seja lá o que Isae esteja planejando, ela parece precisar que ele fale primeiro.

– Meu pai, o grande Lazmet Noavek, me ensinou que as pessoas podem ser como lâminas, se você aprender a manejá-las, mas sua melhor arma ainda precisa ser você mesmo – comenta Ryzek. – Sempre levei isso a sério. Algumas das mortes que ordenei foram causadas por outros, chanceler, mas esteja certa de que essas mortes ainda são minhas.

Ele se inclina para frente, ficando de joelhos e prendendo as mãos entre eles. Ele e Isae estão a um pulo de distância.

– Vou cravar a vida de sua irmã no meu braço – diz ele. – Será um belo troféu para acrescentar à minha coleção.

Ori. Eu me lembro de qual chá ela bebia pela manhã (casca de harva para energia e clareza) e de quanto ela odiava o dente da frente lascado. E eu ouço os shotet cantando em meus ouvidos: *Morra, morra, morra*.

– Isso esclarece as coisas – diz Isae.

Ela estende a mão para ele. Ele lhe dá uma olhada estranha, e não é para menos – que tipo de pessoa quer apertar a mão do homem que acabou de admitir que ordenou a morte de sua irmã? E tem *orgulho* disso?

– Você realmente é uma peça rara – comenta ele. – Não deve ter amado muito sua irmã para me oferecer a mão agora.

Vejo a pele repuxada nos nós de sua outra mão, aquela que não está estendida para ele. Ela abre o punho, e avança com os dedos na direção da bota.

Ryzek toma a mão que ela ofereceu, em seguida fica tenso e arregala os olhos.

– Pelo contrário, eu a amava mais do que qualquer pessoa – diz Isae. Ela aperta com força, enterrando as unhas. E, ao mesmo tempo, a mão se move na direção da bota.

Fico perplexa demais ao perceber o que está acontecendo, mas é tarde demais. Com a mão esquerda ela puxa a faca da bota, de onde está amarrada à perna. Com a direita, ela o puxa para frente. Faca e homem se unem, e ela pressiona, e o som do gemido gorgolejante dele me leva à minha sala de estar, à minha adolescência, ao sangue que eu esfreguei das tábuas do assoalho enquanto chorava.

Ryzek despenca e sangra.

Eu bato a mão na maçaneta da porta e saio cambaleando pelo corredor. Estou lamentando, chorando, batendo nas paredes; não, não estou, meu dom-da-corrente não permite.

Tudo que ele me permite fazer, no fim das contas, é soltar um único e fraco grito.

CAPÍTULO 3 | CYRA

Corri na direção do grito de Cisi Kereseth com Akos no meu encalço, sem me importar com os degraus da escada que me levou para o convés inferior; eu simplesmente saltei para baixo. Fui direto na direção da cela de Ryzek, sabendo, é claro, que ele provavelmente era a fonte de qualquer coisa que causasse gritos naquela nave. Vi Cisi escorada na parede do corredor, a sala de depósito diante dela aberta. Atrás dela, Teka desceu pelo outro lado da nave, atraída pelo mesmo barulho. Isae Benesit estava parada dentro da cela de Ryzek e, aos seus pés, em uma confusão de pernas e braços, estava meu irmão.

Havia uma certa poesia naquilo, creio eu, pois exatamente como Akos assistiu a seu pai se esvair no chão, naquele momento eu observei meu irmão fazer o mesmo.

Levou muito mais tempo para ele morrer do que eu previ. Suponho que tenha sido intencional; Isae Benesit ficou o tempo todo sobre o corpo dele, a faca ensanguentada no punho, os olhos opacos mas alertas. Ela queria aproveitar aquele momento, seu momento de triunfo sobre aquele que matou sua irmã.

Bem, *um* dos que mataram sua irmã, porque Eijeh, que tinha na mão a faca de fato, ainda estava na sala ao lado.

Os olhos de Ryzek encontraram os meus, e quase como se ele tivesse me tocado, eu fui mergulhada em uma lembrança. Não uma que ele estava tirando de mim, mas uma que eu quase havia escondido de mim mesma.

Eu estava na passagem por trás da Sala de Armas, com meu olho apertado na fenda do painel da parede. Eu tinha ido até lá para espiar a reunião de meu pai com um proeminente empresário shotet que se transformara em dono da favela, afinal, eu sempre espiava as reuniões de meu pai quando ficava entediada e curiosa sobre os acontecimentos da casa. Mas aquela reunião acabou mal, o que nunca tinha acontecido antes quando espreitei. Meu pai estendeu a mão, dois dedos para cima, como

um asceta zoldano prestes a dar uma bênção, e o empresário sacou a própria faca, seus movimentos convulsos, como se estivesse lutando contra os próprios músculos.

Ele levou a faca até o canto interno do olho.

"Cyra!", chiou uma voz atrás de mim, fazendo com que eu me virasse de uma só vez. Um Ryzek jovem, sarapintado, ficou de joelhos ao meu lado. Ele encaixou meu rosto em suas mãos. Eu não havia percebido, até aquele momento, que eu estava chorando. Quando os gritos começaram na sala ao lado, ele pressionou a palma das mãos sobre meus ouvidos, e levou meu rosto a seu peito.

Eu lutei no início, mas ele era forte demais. Tudo o que pude ouvir foi o palpitar do meu coração.

Por fim, ele me afastou, limpou as lágrimas das minhas bochechas e disse: "O que a mãe sempre diz? Aqueles que saem em busca da dor…"

"A encontram toda vez", respondi, completando a frase.

Teka me segurou pelos ombros e me sacudiu um pouco, dizendo meu nome. Então, olhei para ela, confusa.

– O que foi? – perguntei.

– Suas sombras-da-corrente estavam… – Ela fez que não com a cabeça. – Deixa pra lá.

Eu sabia o que ela queria dizer. Meu dom-da-corrente provavelmente ficou confuso, mandando linhas pretas esparramadas sobre todo meu corpo. As sombras-da-corrente mudaram desde que Ryzek tentou me usar para torturar Akos no bloco de celas embaixo do anfiteatro. Elas pairavam sobre minha pele agora, em vez de se enterrar embaixo dela como veias escuras. Mas ainda eram dolorosas, e eu sabia que aquele episódio tinha sido o pior – minha visão ficou borrada, e minhas unhas deixaram marcas na palma das mãos.

Akos estava se ajoelhando no sangue de meu irmão, seus dedos tocando a lateral da garganta de Ryzek. Observei quando sua mão desceu, seus ombros caíram e ele se apoiou nas coxas.

– Acabou – disse Akos, soando pesado, como se a garganta estivesse coberta de leite. – Depois de tudo que Cyra fez para me ajudar… depois de *tudo*…

– Não vou pedir desculpas – disse Isae, finalmente tirando os olhos de Ryzek. Ela observou o rosto de nós todos: Akos, cercado de sangue; Teka, de olhos arregalados de ombro comigo; eu, com os braços riscados de preto; Cisi, segurando a barriga perto da parede. O ar era pungente com o cheiro de doença. – Ele assassinou minha irmã – continuou. – Ele era um tirano, um torturador e um assassino. Não vou me desculpar.

– Não tem nada a ver com *ele*. Acha que eu não o queria morto? – Akos ficou em pé. O sangue correu pela frente da calça, dos joelhos aos tornozelos. – Claro que eu queria! Ele me tirou mais do que ele tirou de você! – Ele estava tão próximo dela que imaginei que

partiria para cima dela, mas ele fez um movimento espasmódico com as mãos, e isso foi tudo. – Eu queria que primeiro ele consertasse o que fez, queria que desse um jeito em Eijeh, eu…

Pareceu que aquilo o atingiu de uma vez. Ryzek era – tinha sido – meu irmão, mas a dor era dele. Ele havia perseverado, orquestrado cuidadosamente cada elemento do resgate de seu irmão, apenas para se ver bloqueado, várias e várias vezes, por pessoas mais poderosas que ele. E agora, Akos havia conseguido tirar seu irmão de Shotet, mas não o salvara, e todo o plano, toda a luta, toda a *tentativa*… foi em vão.

Akos despencou contra a parede mais próxima para se segurar, fechou os olhos e engoliu um gemido.

Eu consegui sair de meu transe.

– Vá para cima – falei para Isae. – Leve Cisi com você.

Por um momento ela pareceu querer contestar, mas não insistiu. Em vez disso, soltou a arma – uma simples faca de cozinha – bem onde estava e foi para o lado de Cisi.

– Teka. Você poderia levar Akos lá para cima, por favor? – pedi.

– Você está… – Teka começou e parou de falar. – Tudo bem.

Isae e Cisi, Teka e Akos, eles me deixaram ali, sozinha, com o corpo do meu irmão. Ele havia morrido ao lado de um esfregão e um frasco de desinfetante. *Que conveniente*, pensei e reprimi uma risada. Ou tentei. Mas ela não ficaria abafada. Em pouco tempo, meus joelhos ficaram fracos pela gargalhada, e eu mexi nos cabelos até chegar à lateral da cabeça que agora era de pele-prata para me lembrar como ele me fatiou e cortou para entreter uma multidão, como ele plantou partes de si dentro de mim, como se eu fosse simplesmente um campo infértil para semear a dor. Meu corpo inteiro carregava as cicatrizes que Ryzek Noavek me dera.

E agora, finalmente, eu estava livre dele.

Quando me acalmei, comecei a limpar a bagunça de Isae Benesit.

O corpo de Ryzek não me assustava, tampouco o sangue. Eu o arrastei pelas pernas para o corredor, o suor escorrendo da minha nuca quando eu levantei e puxei. Ele era pesado morto, como sei que era em vida, por mais esquelético que fosse. Quando a mãe-oráculo de Akos, Sifa, apareceu para me ajudar, eu não falei nada para ela, apenas observei enquanto ela encaixou um lençol embaixo dele para que pudéssemos enrolá-lo. Ela trouxe uma agulha e uma linha da sala de depósito e me ajudou a costurar o saco mortuário improvisado.

Os funerais shotet, quando acontecem em terra, envolviam fogo, como a maior parte das culturas em nosso variado sistema solar. Mas era uma honra especial morrer no espaço, na temporada. Cobríamos os corpos, exceto a cabeça, para que os entes queridos de qualquer um que fosse perdido pudessem ver e aceitar a morte da pessoa. Quando Sifa puxou o lençol para tirá-lo do rosto de Ryzek, soube que ao menos ela havia estudado nossos costumes.

– Vejo tantas possibilidades de como as coisas vão se desenrolar – disse Sifa por fim, passando o braço pela testa para tirar um pouco do suor. – Não achei que esta fosse provável, ou talvez eu tivesse alertado você.

– Não, não teria – falei, erguendo um ombro. – Você apenas intervém quando serve a seus objetivos. Meu conforto e tranquilidade não importam para você.

– Cyra…

– Eu não me importo – interrompi. – Eu o odiava. Só… não finja que você se importa comigo.

– Não estou fingindo – retrucou ela.

Eu achava, sem dúvida, que eu poderia ver algo de Akos nela. E em seus maneirismos, sim, talvez ele estivesse ali. Sobrancelhas agitadas e rápidas, mãos decididas. Mas seu rosto, a pele morena clara, a estatura modesta, essas coisas não eram dele.

Não sabia como avaliar sua sinceridade, então nem tentei.

– Ajude-me a carregá-lo até a rampa de lixo – pedi.

Peguei o lado pesado de seu corpo, a cabeça e os ombros, e ela pegou os pés. Sorte que a rampa de lixo ficava apenas a poucos metros de distância, outra conveniência inesperada. Levamos o corpo em fases, alguns passos por vez. A cabeça de Ryzek balançava, os olhos abertos, mas sem vida, mas não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Eu o abaixei ao lado da rampa e apertei o botão para o primeiro par de portas, na altura da cintura. Felizmente ele era bem magro, ou os ombros não teriam cabido. Juntas, Sifa e eu o enfiamos no canal curto, dobrando suas pernas para que as portas internas pudessem fechar. Assim que fecharam, apertei novamente o botão para abrir as portas externas e deslizar a bandeja da rampa para frente, lançando seu corpo no espaço.

– Conheço a oração, se quiser que eu faça – disse Sifa.

Fiz que não com a cabeça.

– Eles fizeram essa oração no funeral da minha mãe – comentei. – Não.

– Então, vamos apenas reconhecer que ele teve sua fortuna – disse Sifa. – Cair pela família Benesit. Ele não precisa mais temer.

Era gentil o suficiente.

– Vou me limpar – falei. O sangue na palma das minhas mãos estava começando a secar, fazendo coçar.

– Antes de ir, vou alertar você sobre uma coisa. Ryzek não era a única pessoa que a chanceler culpava pela morte de sua irmã. Na verdade, ela provavelmente começou com ele porque estava guardando a parte mais importante da retribuição para mais tarde. E ela não vai parar aqui também. Eu já vi o suficiente dela para conhecer sua natureza, e não é daquelas que perdoam.

Pisquei para ela por um momento antes que fizesse sentido para mim.

Estava falando de Eijeh, ainda trancado na outra sala de depósito. E não apenas Eijeh, mas o restante de nós – cúmplices, assim acreditava Isae, pela morte de Orieve.

– Há uma cápsula de fuga – comentou Sifa. – Podemos colocá-la lá, e alguém da Assembleia vai capturá-la.

– Diga a Akos para drogá-la – pedi. – Não estou me sentindo bem para lutar agora.

CAPÍTULO 4 | AKOS

AKOS CAMINHOU ARRASTANDO-SE PELOS TALHERES espalhados no chão da cozinha. A água já estava esquentando, e o frasco de sedativo já havia sido jogado no chá, ele só precisou colocar algumas ervas secas no coador. A nave continuava sacudindo, e ele pisou em um garfo, amassando os dentes com o calcanhar.

Ele amaldiçoou sua cabeça estúpida, que não conseguia parar de lhe dizer que ainda havia esperança para Eijeh. *Há tantas pessoas na galáxia, com tantos dons. Alguém vai saber como curá-lo*. A verdade era que Akos estava cansado de se agarrar à esperança. Vinha dependendo dela desde que fora levado a Shotet pela primeira vez, e agora estava pronto para desistir e apenas deixar que a fortuna o levasse aonde ela quisesse. Para a morte, até os Noavek e a Shotet.

Tudo o que ele prometera ao pai foi que levaria Eijeh para casa. Talvez ali – flutuando no espaço – fosse o melhor que ele poderia fazer. Talvez isso tivesse que bastar.

Mas...

– Cala a boca – disse ele a si mesmo e jogou as ervas do gabinete da cozinha em um coador. Não havia flores-do-gelo, mas havia aprendido o suficiente sobre plantas shotet para fazer uma simples mistura calmante. Nesse momento, contudo, não havia artesania. Apenas fez os movimentos, dobrando pedaços de raiz de garok na casca de fenzu em pó e apertando um pouco de néctar sobre tudo para dar gosto. Ele não sabia como se chamavam as plantas que fizeram o néctar – ele acabou chamando as florezinhas frágeis de "flores-mingau" enquanto estava no acampamento de treinamento do exército nas cercanias de Voa, pois elas se desfaziam facilmente; no entanto, nunca aprendeu o nome correto delas. Tinham gosto doce, e aquela parecia ser sua única utilidade.

Quando a água esquentou, ele a despejou no coador. O extrato que ficou para trás era marrom turvo, perfeito para esconder o amarelo do calmante. Sua mãe lhe dissera para

drogar Isae, e ele nem sequer perguntou por quê. Não ligava, contanto que isso a tirasse de sua frente. Não conseguia fugir da imagem dela em pé, observando Ryzek Noavek jorrar sangue como se estivesse em algum tipo de espetáculo. Isae Benesit talvez tivesse o rosto de Ori, mas não era em nada parecida com a outra. Ele não conseguia imaginar Ori em pé, observando alguém morrer, não importava o quanto ela o odiasse.

Assim que o extrato passou pela infusão e se misturou com a droga, ele a levou para Cisi, que estava sentada sozinha no banco do lado de fora da cozinha.

– Estava esperando por mim? – perguntou ele.

– Estava – respondeu ela. – A mãe me disse para esperar.

– Ótimo – disse ele. – Você pode levar isto para Isae? É apenas para acalmá-la.

Cisi ergueu a sobrancelha para ele.

– Não tome nem uma gota – acrescentou ele.

Ela estendeu a mão para pegar a caneca, mas, em vez disso, pôs a mão no pulso dele. Seu olhar mudou – afiado – como sempre fazia quando o dom-da-corrente dele amortecia o dela.

– O que restou de Eijeh? – perguntou ela.

O corpo inteiro de Akos se retraiu. Ele não queria pensar no que havia restado de Eijeh.

– Alguém que servia Ryzek Noavek – disse ele com maldade. – Que odiava a mim e ao pai, e provavelmente a você e a nossa mãe também.

– Como isso é possível? – Ela franziu o cenho. – Ele não pode nos *odiar* só porque alguém pôs lembranças diferentes na cabeça dele.

– Você acha que eu sei? – Akos quase grunhiu.

– Então, talvez…

– Ele me segurou enquanto alguém me torturava. – Akos empurrou a caneca nas mãos dela.

Um pouco de chá quente se derramou na mão dos dois. Cisi afastou-se, limpando os nós dos dedos na calça.

– Queimei você? – perguntou ele, meneando a cabeça para a mão da irmã.

– Não – respondeu ela. A suavidade que seu dom-da-corrente trazia a seu rosto estava de volta. Akos não queria ternura de nenhum tipo, então ele se afastou.

– Isso não vai feri-la, vai? – questionou Cisi, batendo a unha na caneca para que ele ouvisse o tilintar.

– Não – disse ele. – É para não termos que machucá-la.

– Então vou dar isso para ela – disse Cisi.

Akos soltou um grunhido. Havia um pouco mais de calmante em sua mochila, talvez ele devesse tomar. Ele nunca havia ficado tão exausto, como uma trama meio acabada, a luz passando entre todos os fios. Seria mais fácil apenas dormir.

Em vez de se drogar até o esquecimento, contudo, ele apenas pegou uma pétala de flor-sossego seca do bolso e a encaixou entre a parte de dentro da bochecha e os dentes. Aquilo não o derrubaria, mas o entorpeceria um pouco. Melhor que nada.

Akos estava viajando na flor-sossego uma hora depois quando Cisi voltou.

– Está feito – disse ela. – Apagou.

– Tudo bem. Então, vamos botá-la na cápsula de fuga – informou ele.

– Vou com ela. Se a mãe estiver certa, vamos entrar em guerra.

– A mãe tem razão.

– É. Bem, nesse caso, seja lá quem estiver contra Isae estará contra Thuvhe. Então, vou ficar com a minha chanceler.

Akos assentiu com a cabeça.

– Vejo que você não vai – disse Cisi.

– Traidor afortunado, lembra?

– Akos. – Ela agachou na frente dele. Em algum momento, ele se sentou no banco, que era duro, frio e cheirava a desinfetante. Cisi descansou um braço em seu joelho. Ela prendeu os cabelos para trás, bagunçados, e um montinho de cachos se soltou, caindo ao redor do rosto. Era bonita, sua irmã, o rosto com um tom moreno frio que o lembrava da louça trellana. Muito parecido com o de Cyra, Eijeh e Jorek. Familiar.

– Você não precisa fazer nada que não queira só porque nossa mãe nos criou fiéis à fortuna e obedientes aos oráculos e tudo o mais – comentou Cisi. – Você é um thuvhesita. Deveria vir comigo. Deixar todo o resto para a guerra deles, e vamos para casa e esperamos ela acabar. Ninguém precisa de nós aqui.

Ele pensou naquilo. Estava mais despedaçado naquele momento do que já tinha estado antes, e não apenas por sua fortuna. Quando saísse da névoa da flor-sossego, lembraria o quanto foi bom rir com Cyra mais cedo naquele dia e como ela estava morna, recostada nele. E ele se lembraria que, por mais que quisesse simplesmente estar em casa de novo, subir as escadas rangentes, mexer nas pedras ardentes no quintal e lançar farinha pelo ar enquanto sovava o pão, precisava viver no mundo real. No mundo real, Eijeh estava doente, Akos falava shotet e sua fortuna ainda era sua fortuna.

– Aguente sua fortuna – disse ele. – Pois tudo o mais é ilusão.

Cisi suspirou.

– Achei que diria isso. Mas, às vezes, a ilusão é legal.

– Fique bem, ok? – disse ele, tomando a mão dela. – Espero que você saiba que não quero deixar você de novo. É a última coisa que quero.

– Eu sei. – Ela apertou o dedão dele. – Eu ainda tenho fé, sabe. Que um dia você vai voltar para casa, e Eijeh vai melhorar, e a mãe vai parar com essa bobagem de oráculo, e nós poderemos improvisar alguma coisa juntos de novo.

– Sim. – Ele tentou sorrir. Talvez tenha conseguido parcialmente.

Ela o ajudou a acomodar Isae na cápsula de fuga, e Teka lhe disse como enviar um sinal de pânico para que a cápsula fosse recolhida pelos "capangas" da Assembleia, como Teka os chamou. Então, Cisi deu um beijo de despedida na mãe e abraçou Akos com força até seu calor ser empurrado todo para dentro dele.

– Você é tão alto – disse ela, suave, quando se afastou. – Quem disse que você podia ficar tão mais alto que eu?

– Fiz isso só para te contrariar – respondeu ele com um sorrisinho.

Então, ela entrou na cápsula e fechou as portas. E ele não fazia ideia se a veria outra vez.

Teka despencou na cadeira do capitão no convés de navegação e abriu a tampa do painel de controle com uma cunha que carregava no cinto. Ela fez isso enquanto assobiava.

– O que você está fazendo? – perguntou Cyra. – Francamente, isso não é hora de desmontar nossa nave.

– Primeiro, esta é *minha* nave, não "nossa" – retrucou Teka com um revirar dos olhos azuis. – Projetei a maioria dos recursos que nos manteve vivos até agora. Segundo, você ainda quer ir mesmo até o Quartel-General da Assembleia?

– Não. – Cyra sentou-se na cadeira do primeiro-oficial, à direita de Teka. – Da última vez que fui lá, ouvi a representante de Trella chamar minha mãe de coisa imunda. Ela não achou que minha mãe pudesse entender, embora estivesse falando othyriano.

– Vai entender. – Teka fez um som de zombaria no fundo da garganta quando puxou um punhado de fios do painel de controle e os alisou como se estivesse afagando um animal de estimação. Enfiou a mão embaixo dos fios até uma parte do painel de controle que Akos não conseguia enxergar, tanto que seu braço inteiro desapareceu. Uma projeção de coordenadas apareceu à frente, brilhando sobre a corrente diante deles. O nariz da nave

– Akos tinha certeza de que havia um nome técnico para isso, mas não sabia, por isso chamava de "nariz" – pairava como se estivessem seguindo para a corrente, em vez de para longe dela.

– Você vai nos dizer para onde estamos indo? – perguntou Akos, caminhando para frente do convés de navegação. O painel de controle estava iluminado em todas as cores, com as alavancas, botões e interruptores em todo canto. Se Teka estendesse os braços ao lado do corpo, ainda assim não conseguiria alcançar todos eles de onde estava sentada.

– Acho que posso, já que estamos todos metidos nessa agora – respondeu Teka. Ela juntou os cabelos brancos no topo da cabeça e os amarrou com uma faixa grossa que usava no pulso. Mergulhada no macacão de técnica, com as pernas dobradas embaixo da cadeira do capitão, ela parecia uma criança brincando de faz de conta. – Vamos para a colônia de exílio. Que fica em Ogra.

Ogra. O "planeta sombra", como as pessoas o chamavam. Era raro encontrar um ograno, sem falar voar com uma nave à vista de Ogra. Era tão distante de Thuvhe como qualquer planeta antes de sair da faixa segura da corrente que circundava o sistema solar. Nenhuma supervisão podia atravessar sua atmosfera densa e escura, e era um milagre eles poderem receber qualquer sinal do canal de notícias. Nunca compartilhavam histórias nele também, então quase ninguém tinha visto a superfície do planeta, mesmo em imagens.

Os olhos de Cyra, claro, iluminaram-se com a informação.

– Ogra? Mas como você se comunica com eles?

– O jeito mais fácil de se transmitir mensagens sem o governo ouvi-las é pelo povo – disse Teka. – Por isso minha mãe estava a bordo da nave de temporada… para representar os interesses dos exilados entre os renegados. Estávamos tentando trabalhar juntas. De qualquer forma, a colônia de exílio é um bom lugar para nós nos reagruparmos, refletirmos sobre o que está acontecendo em Voa.

– Tenho uma suspeita – disse Akos, cruzando os braços. – Caos.

– E então mais caos – disse Teka com um menear sábio de cabeça. – Com uma pequena interrupção. Para mais caos, claro.

Ele não conseguia imaginar como Voa estaria naquele momento em que – os shotet acreditavam – Ryzek Noavek fora assassinado por sua irmã mais nova bem diante deles. Ao menos foi o que deu a entender quando Cyra pareceu cortar o irmão na arena, esperando que o elixir do sono que ela havia feito ele beber naquela manhã batesse e o derrubasse. O exército de prontidão talvez tenha assumido o governo, sob a liderança de Vakrez Noavek, o primo mais velho de Ryzek, ou aqueles que viviam nas margens mais externas da cidade

talvez tenham tomado as ruas para preencher o vácuo de poder. De qualquer forma, Akos imaginou as ruas cheias de vidro quebrado e sangue espalhado e papéis rasgados voando ao vento.

Cyra pousou a testa nas mãos.

– E Lazmet – disse ela.

As sobrancelhas de Teka ergueram-se.

– Quê?

– Antes de Ryzek morrer… – Cyra apontou vagamente para a outra ponta da nave, onde Ryzek encontrou seu fim. – Ele me disse que meu pai ainda está vivo.

Cyra não falava muito de Lazmet, então tudo o que Akos sabia vinha da aula de história, quando criança, e de um rumor, não que os rumores thuvhesita sobre os shotet fossem tão precisos assim. Os Noavek não estavam no poder em Shotet antes de os oráculos preverem as fortunas da família Noavek pela primeira vez, apenas duas gerações antes. Quando a mãe de Lazmet chegou à idade, tomou o trono à força, usando sua fortuna como justificativa para o golpe. E, mais tarde, quando ela estava no trono por no mínimo dez estações, ela matou todos os irmãos e irmãs para que seus filhos tivessem o poder garantido. Esse era o tipo de família de onde vinha Lazmet, e ele foi, segundo todos os relatos, tão brutal quanto a mãe em cada izito.

– Ai, sinceramente – grunhiu Teka. – É algum tipo de regra do universo que ao menos um babaca Noavek tenha que estar vivo o tempo todo ou o quê?

Cyra virou-se para encará-la.

– E eu, então? Não estou viva?

– Não é babaca – respondeu Teka. – Continue me aporrinhando e vou mudar de ideia.

Cyra parecia levemente contente. Akos suponha que não estivesse acostumada que as pessoas não a considerassem apenas outra Noavek.

– Sejam quais forem as regras do universo relativas aos Noavek, não sei como Lazmet ainda está vivo, só que Ryzek não parecia estar mentindo quando me disse. Ele não estava tentando receber nada em troca, só estava… me alertando, talvez.

Teka bufou.

– Porque, o quê, Ryzek ama fazer favores?

– Porque ele tinha medo de seu pai – disse Akos. Quando Cyra falava sobre Ryzek, sempre comentava como ele tinha medo. O que podia assustar um homem como Ryzek mais que o homem que o fez do jeito que ele era? – Certo? Ele está mais aterrorizado que qualquer um. Ou estava, de qualquer forma.

Cyra assentiu com a cabeça.

– Se Lazmet está vivo… – Seus olhos piscaram até se fechar. – Isso precisa ser corrigido. O mais rápido possível.

Isso precisa ser corrigido. Como um problema matemático ou um erro técnico. Akos não sabia como era possível falar do próprio pai assim. Aquilo o perturbou mais do que teria perturbado se Cyra parecesse assustada. Ela mal conseguia falar sobre ele como se fosse uma pessoa. O que ela o tinha visto fazer para que ela falasse dele dessa forma?

– Um problema por vez – disse Teka, um pouco mais gentil que o normal.

Akos pigarreou.

– Sim, primeiro precisamos sobreviver ao atravessar a atmosfera de Ogra. *Então*, poderemos assassinar o homem mais poderoso da história de Shotet.

Cyra abriu os olhos e riu.

– Preparem-se para uma longa viagem – avisou Teka. – Estamos a caminho de Ogra.

CAPÍTULO 5 | CISI

A CÁPSULA DE FUGA TEM LUGAR SUFICIENTE apenas para duas de nós bem apertadas. Assim, meu ombro ainda está espremido contra a parede de vidro. Eu mexo no pequeno painel de controle até chegar ao interruptor que ativa o sinal de pânico. Ele se ilumina, rosa, e é um dos únicos três interruptores à minha frente, então não é difícil de encontrar. Eu o puxo para cima e ouço um assobio agudo, o que significa que o sinal está sendo transmitido, pelo que Teka disse. Agora, tudo o que resta fazer é esperar Isae acordar e tentar não entrar em pânico.

Estar em uma pequena embarcação de transporte como a que acabamos de deixar já é assustador o bastante para uma garota de Hessa, que só saiu do planeta algumas vezes, mas essa cápsula de fuga é ainda pior. É mais janela que assoalho, o vidro claro curvando-se sobre a minha cabeça até os dedos do pé. Não sinto como se estivesse olhando para o espaço, mas sim como se estivesse sendo engolida por ele. Não posso pensar nisso ou vou entrar em pânico.

Espero que Isae acorde logo.

Ela está caída no banco ao meu lado, e seu corpo emoldurado por uma escuridão tão completa que realmente parece a única coisa no universo inteiro. Eu a conheci apenas há alguns anos, desde que Ori desapareceu para cuidar dela depois de seu rosto ser cortado por uma faca shotet. Ela cresceu longe de Thuvhe, em uma nave de transporte que levava mercadorias de uma ponta da galáxia para outra, fosse lá o que pudessem carregar.

Foi bom Ori ter estado por perto para nos forçar a conversar no início. Se não, talvez eu nunca tivesse falado com ela. Era ameaçadora mesmo *sem* o título, alta, magra e linda, com ou sem cicatrizes, e irradiando *habilidades*, como uma máquina.

Não sei quanto tempo leva para ela abrir os olhos. Ela dorme acordada por um tempo, encarando a escuridão na nossa frente, que é um plano de nada entre o brilho distante das

estrelas. Então, pisca na minha direção.

– Ci? – diz ela. – Onde estamos?

– Em uma cápsula de fuga, esperando a Assembleia vir nos buscar – respondo.

– Uma cápsula de fuga? – Ela franze a testa. – De que precisávamos escapar?

– Acho que na verdade eles queriam escapar de *nós* – comento.

– Você me drogou? – Ela esfrega os olhos com o punho, primeiro o esquerdo, depois o direito. – Você me deu aquele chá.

– Eu não sabia o que havia nele. – Sou uma boa mentirosa e não penso duas vezes. Ela não aceitaria a verdade; que eu queria afastá-la do restante da minha família tanto quanto Akos. Minha mãe comentou que Isae tentaria matar Eijeh da mesma forma que fez com Ryzek, e eu não estava disposta a arriscar. Não quero perder Eijeh de novo, não importa o quanto ele esteja corrompido agora. – Minha mãe os alertou que talvez você tentasse ferir Eijeh também.

Isae xinga.

– Oráculos! É um mistério por que ainda deixamos que tenham cidadania, com toda a lealdade que sua mãe mostra a sua chanceler.

Não tenho nada a dizer sobre isso. Isae está frustrada, mas é minha mãe.

Continuo.

– Eles puseram você na cápsula, e eu disse a eles que viria com você.

As cicatrizes que cruzam seu rosto ficam tensas quando ela franze as sobrancelhas. Ela as esfrega às vezes, quando pensa que ninguém está olhando. Diz que ajuda o tecido cicatrizado a se estender, então, um dia, ela poderá mexer de novo aquelas partes do rosto. Ao menos foi o que o médico disse. Uma vez perguntei por que ela simplesmente deixa as cicatrizes se formarem em vez de fazer uma cirurgia de reconstrução em Othyr. Ela teria recursos para fazê-lo. Ela me disse que não queria se livrar delas, gostava das cicatrizes.

– Por quê? – finalmente ela pergunta após uma longa pausa. – Eles são sua família. Eijeh é seu irmão. Por que veio comigo?

Dar uma resposta sincera não é tão fácil como o povo diz. Há tantas respostas a sua pergunta, todas elas verdadeiras. Ela é minha chanceler, e não vou me opor a Thuvhe, como meu irmão faz. Eu me importo com ela, como uma amiga, como… seja lá o que somos uma para a outra. Fico preocupada com a tristeza selvagem que vi nela pouco antes de ela assassinar Ryzek Noavek, e ela precisa de ajuda para fazer o que é certo a partir de agora em vez daquilo que satisfaz sua sede de vingança. A lista continua, e a resposta que escolhi tem mais a ver com o que quero ouvir dela do que com a verdade.

– Você me perguntou se podia confiar em mim – por fim eu disse. – Bem, você pode. Estou com você, não importa o que aconteça. Tudo bem?

– Pensei, depois do que você me viu fazer… – Penso na faca que ela usou para matar Ryzek caindo no chão e deixo a lembrança de lado. – Pensei que você não ia querer ficar perto de mim.

O que ela fez com Ryzek não me enoja, me preocupa. Não me importo que ele esteja morto, mas me importo que ela tenha sido capaz de matá-lo. No entanto, não tento explicar isso para ela.

– Ele matou Ori – digo.

– Seu irmão também – sussurra ela. – Foram os dois, Cisi. Tem algo de errado com Eijeh. Vi isso na cabeça de Ryzek, pouco antes…

Ela engasga antes de conseguir terminar a frase.

– Eu sei. – Tomo sua mão e seguro firme. – Eu sei.

Ela começa a chorar. No início é altivo, mas então a fera do sofrimento toma conta e ela se debate, arranhando meus braços para se livrar dela, soluçando. Mas eu sei, sei tanto quanto qualquer um que não há escapatória. O sofrimento é absoluto.

– Estou aqui – digo, acariciando suas costas em círculos. – Estou aqui.

Ela para de arranhar depois de um tempo, para de chorar. Apenas recosta o rosto no meu ombro.

– O que você fez? – pergunta ela, a voz abafada pela minha camisa. – Depois que seus pais morreram, depois que seus irmãos…

– Eu… só fiz o que precisava por um bom tempo. Comia, tomava banho, trabalhava, estudava. Mas eu não estava ali de verdade, ou, ao menos, não sentia que estava. Mas… foi como se a sensação voltasse a um membro que ficou dormente. Ele volta em pequenos formigamentos, algumas partezinhas por vez.

Ela ergue a cabeça para me olhar.

– Desculpe por não contar o que eu estava prestes a fazer. Desculpe por ter pedido para você ver… *aquilo* – diz ela. – Eu precisava de uma testemunha, só para garantir caso desse errado, e você era a única em quem eu confiava.

Suspiro e encaixo o cabelo dela por trás das orelhas.

– Eu sei.

– Você teria me impedido se soubesse?

Aperto os lábios. A resposta real é que não sei, mas não é a que quero lhe dar, não a que a fará confiar em mim. E ela precisa confiar em mim, se eu tiver que prestar para alguma

coisa na guerra que se aproxima.

– Não – digo. – Eu sei que você só vai fazer o que precisar.

Era verdade. Mas não significava que eu não estivesse preocupada com quanto isso tinha sido simples para ela, e o olhar distante quando ela me levou àquela sala de depósito, e a hesitação perfeita que ela mostrou a Ryzek enquanto esperava apenas o momento certo para esfaqueá-lo.

– Eles não vão tomar nosso planeta – ela me disse em um sussurro sombrio. – Eu não vou deixar.

– Ótimo.

Ela toma minha mão. Tínhamos ficado de mãos dadas antes, mas não significa que eu não fique arrepiada quando sua pele desliza sobre a minha. Ela ainda é muito capaz. Suave e forte. Quero beijá-la, mas não é o momento, não quando ainda há sangue de Ryzek secando embaixo de suas unhas.

Então, eu deixo que o toque de sua mão baste, e olhamos juntas para o nada.

CAPÍTULO 6 | AKOS

Akos mexeu na corrente ao redor do pescoço. A aliança de Jorek e da família Ara agora era um peso familiar no côncavo de sua garganta. Quando usava armadura, ela deixava uma marca na pele, como uma queimadura. Como se a marca em seu braço não fosse lembrança suficiente do que ele tinha feito a Suzao Kuzar, o pai de Jorek e o marido violento de Ara.

Ele não sabia ao certo por que pensou no assassinato de Suzao na arena naquele momento, diante da cela de seu irmão. Era hora de decidir se Eijeh deveria permanecer drogado – por quanto tempo? Até chegarem a Ogra? Depois disso? Ou, se agora que Ryzek estava morto, era seguro arriscar ter Eijeh perambulando pela nave lúcido. Cyra e Teka tinham deixado a decisão nas mãos dele e nas de sua mãe.

Sua mãe estava ao seu lado, a cabeça alcançando apenas alguns izitos acima de seu ombro. Os cabelos soltos e bagunçados ao redor dos ombros, embaraçados em nós. Sifa não tinha estado muito presente desde a morte de Ryzek, escondendo-se dentro da nave para sussurrar o futuro para si mesma com os pés descalços, andando para lá e para cá. Cyra e Teka ficaram alarmadas, mas ele lhes disse que os oráculos eram assim. Ou, ao menos, assim era sua mãe, a oráculo. Às vezes, afiada como uma faca, às vezes metade fora de si, num ritmo próprio.

– Eijeh não é mais como você se lembra dele – disse para ela. Era um alerta inútil. Ela já sabia, por um lado e, por outro, ela provavelmente o tinha visto exatamente do jeito que estava agora e de uma centena de outras maneiras além dessas.

Ainda assim, "eu sei" foi tudo que ela disse.

Akos bateu na porta com os nós dos dedos, depois destravou com a chave que Teka lhe dera e entrou.

Eijeh estava sentado de pernas cruzadas sobre o colchão fino que eles tinham jogado no

canto da cela, uma bandeja vazia ao lado dele com os restos de sopa deixados em uma cumbuca sobre ela. Quando ele os viu, ficou em pé de um salto, as mãos estendidas como se pudesse fechá-las em punho e começar a socar. Estava lívido, de olhos vermelhos e trêmulo.

– O que aconteceu? – perguntou ele, os olhos passando pelos de Akos. – O que… eu senti alguma coisa. O que aconteceu?

– Ryzek foi assassinado – respondeu Akos. – Você sentiu?

– Foi *você?* – questionou Eijeh com desdém. – Eu não ficaria surpreso. Você matou Suzao. Matou Kalmev.

– E Vas – completou Akos. – Você tem Vas em algum lugar nesse seu caldeirão de lembranças, não?

– Ele era um amigo – disse Eijeh.

– Ele foi o homem que *matou nosso pai* – soltou Akos.

Eijeh apertou os olhos e não disse nada.

– E eu? – disse Sifa, a voz indiferente. – Você se lembra de mim, Eijeh?

Ele olhou para ela como se tivesse percebido apenas nesse instante que ela estava ali.

– Você é Sifa. – Ele franziu a testa. – Você é minha mãe. Eu não… tem lacunas.

Ele caminhou na direção dela e perguntou:

– Eu te amava?

Akos nunca tinha visto Sifa parecer magoada antes, nem mesmo quando eram mais novos e lhe contaram que eles a odiavam porque ela não os deixava sair com amigos ou os repreendia por notas ruins nas provas. Ele sabia que ela ficara magoada porque era uma pessoa e também um oráculo, e todas as pessoas ficam magoadas às vezes. Mas ele não estava exatamente pronto para aquele olhar que o penetrou quando veio, a testa franzida e os cantos da boca para baixo.

Eu te amava? Akos soube, ouvindo aquelas palavras, que definitivamente havia fracassado. Ele não havia tirado Eijeh de Shotet como havia prometido ao pai antes de ele morrer. Não era Eijeh de verdade, e o que talvez tivesse se restaurado dele havia desaparecido, agora que Ryzek estava morto.

Eijeh havia desaparecido. A garganta de Akos apertou-se.

– Só você pode saber – respondeu Sifa. – Você me ama agora?

Eijeh debateu-se, fez um gesto de mão pela metade.

– Eu… talvez.

– Talvez. – Sifa meneou a cabeça. – Tudo bem.

– Você sabia, não é? Que eu seria o próximo oráculo – disse ele. – Sabia que eu seria sequestrado. Não me alertou. Não me preparou.

– Há motivos para isso – disse ela. – Duvido que você acharia algum deles reconfortante.

– Reconfortante. – Eijeh bufou. – Não preciso de nada reconfortante.

Nesse momento, ele parecia Ryzek, com aquela dicção shotet no idioma thuvhesita.

– Precisa sim – disse Sifa. – Todo mundo precisa.

Outro bufar, mas sem resposta.

– Veio aqui para me drogar de novo, não foi? – Ele meneou a cabeça para Akos. – É para isso que você serve, não é? É um fazedor de venenos. E o prostituto de Cyra.

Nesse momento, as mãos de Akos se fecharam em punhos na camisa surrada de Eijeh, erguendo-o tanto que seus dedos dos pés apenas raspavam o chão. Ele era pesado, mas não pesado demais para Akos, com a energia que queimava dentro dele, energia que não tinha nada a ver com a corrente.

Akos o bateu contra a parede e rosnou:

– Cale. A. Sua. Boca.

– Parem vocês dois – disse Sifa com a mão no ombro de Akos. – Ponha-o no chão. Agora. Se não puder se acalmar, vai ter que sair.

Akos soltou Eijeh e recuou. Suas orelhas zumbiam. Ele não queria fazer aquilo. Eijeh deslizou até o chão e correu as mãos sobre a cabeça cheia de ruído.

– Não sei o que o despejo de lembranças de Ryzek Noavek na sua cabeça tem a ver com essa crueldade com seu irmão – disse Sifa a Eijeh. – A menos que você só saiba ser assim. Mas sugiro que você aprenda outro jeito, e rápido, ou vou inventar uma punição bem criativa pra você, como sua mãe e sua superior, a oráculo atuante. Entendeu?

Eijeh olhou para ela por alguns instantes, então seu queixo se moveu para cima e para baixo, apenas um pouco.

– Aterrissaremos em poucos dias – informou Sifa. – Vamos manter você trancado aqui até nosso pouso, e garantir que você fique amarrado com firmeza ao restante de nós. Quando aterrissarmos, você estará sob meu comando. Vai fazer o que eu disser. Se não fizer, peço para Akos drogar você de novo. Nossa situação é delicada demais para correrm o risco de você causar um estrago. – Ela se virou para Akos. – Como lhe parece esse plano?

– Bom – disse ele com dentes cerrados.

– Ótimo. – Ela forçou um sorriso que era totalmente desprovido de sentimentos. –

Gostaria de alguma coisa para ler enquanto está aqui, Eijeh? Algo para passar o tempo?

– Pode ser – respondeu Eijeh com um meio dar de ombros.

– Vou ver o que consigo encontrar.

Ela caminhou na direção dele, deixando Akos de prontidão, caso ela precisasse de ajuda. Mas Eijeh não se mexeu enquanto ela pegava a bandeja vazia, e ele não ergueu os olhos para nenhum deles quando saíram da cela. Akos trancou-o e verificou a maçaneta duas vezes para garantir que a fechadura aguentava. Estava respirando rápido. Era esse Eijeh de quem ele se lembrava em Shotet, aquele que andava por lá com Vas Kuzar como se fossem amigos de infância em vez de inimigos encarniçados, e aquele que o segurou enquanto Vas forçava Cyra a torturá-lo.

Seus olhos arderam. Ele os cerrou.

– Você o viu desse jeito? – perguntou ele. – Digo, em suas visões.

– Sim – disse Sifa, baixinho.

– Ajudou? Saber o que estava por vir?

– Não é tão óbvio quanto você pensa – respondeu ela. – Eu vejo tantos caminhos, tantas versões das pessoas… sempre fico surpresa ao descobrir que futuro aconteceu. Ainda não sei com que Akos estou falando, por exemplo. Há muitos que você poderia ser.

Ela ficou em silêncio e suspirou.

– Não – disse ela por fim. – Não ajudou.

– Eu… – Ele engoliu em seco e abriu os olhos, sem olhar para a mãe, mas para a parede diante dele. – Desculpe por não ter podido impedir. Eu… eu falhei com ele.

– Akos… – Ela segurou seu ombro, e ele se permitiu sentir o calor e a força de sua mão por um instante.

A cela que mantinha Ryzek tinha sido lavada, como se nada tivesse acontecido. Em alguma parte inconsciente dele, desejava que Eijeh tivesse morrido também. Seria mais fácil que isso, a lembrança constante de como ele estragara tudo e não podia consertar.

– Não há nada que você…

– Não – disse ele com mais rispidez do que pretendia. – Ele se foi. E agora não resta nada além de… aguentar.

Ele se virou e a deixou lá, em pé, diante dos dois filhos que não eram mais os mesmos que costumavam ser.

Eles se revezavam em turnos no convés de navegação para garantir que a nave não rumasse direto para um asteroide, uma outra espaçonave ou algum outro pedaço de destroços. Sifa

ficou com o primeiro turno, já que Teka estava exausta por reprogramar a nave, e Cyra havia passado as últimas horas limpando o sangue do irmão. Akos limpou o chão da cozinha e desenrolou um cobertor no canto, perto dos suprimentos médicos.

Cyra foi se juntar a ele, o rosto brilhante e os cabelos trançados sobre um dos ombros. Ela deitou ombro a ombro com ele e por um tempo nenhum dos dois disse nada, apenas respiraram juntos. Aquilo o lembrava do tempo nos aposentos da nave de temporada, como ele sempre conseguia ouvir quando ela estava acordada porque ela parava de se virar e de debater e tudo o que conseguia ouvir era sua respiração.

– Estou feliz por ele estar morto – disse Cyra.

Ele se virou para encará-la, escorando-se sobre o cotovelo. Ela havia cortado o cabelo com cuidado ao redor da pele-prata. Ele tinha se acostumado com ela, brilhando de um lado da cabeça como um espelho. Combinava com ela, na verdade, mesmo que ele odiasse o que havia acontecido com Cyra.

Sua mandíbula estava cerrada. Ela começou com as tiras da armadura que cobria o braço, mexendo para trás e para frente até se soltarem. Quando ela arrancou, havia um corte novo no braço, bem perto do cotovelo, com um rasgo atravessando. Ele o tocou de leve com a ponta do dedo.

– Você não o matou – ele lhe disse.

– Eu sei – disse ela. – Mas a chanceler não ia marcá-lo, e… – Ela suspirou. – Eu acho que eu poderia ter alguma vingança além da morte se eu o deixasse ir sem cravar. Desonrá-lo fingindo que ele nunca existiu.

– Mas você não conseguiu – confirmou Akos.

– Não consegui – concordou Cyra. – Ele ainda é meu irmão. Sua vida ainda é… notável.

– E você ficou chateada porque não pôde puni-lo.

– Meio isso.

– Bem, se minha opinião vale de alguma coisa, não acho que precise se arrepender por demonstrar um tanto de misericórdia – disse ele. – Só sinto muito que você tenha tido todo esse problema de me poupar e no final… isso nem importou.

Com um suspiro pesado, ele se jogou no chão de novo. Apenas outro de seus fracassos.

Ela pousou a mão nele, bem sobre seu esterno, bem sobre o coração, com o braço marcado que dizia tanto e tão pouco sobre ela ao mesmo tempo.

– Eu não – disse ela. – Digo, não sinto.

– Bem. – Ele cobriu a mão dela com a sua. – Eu não lamento que você tenha a perda de

Ryzek marcada em seu braço, embora eu o odeie.

Os cantos de sua boca se viraram para cima. Ele ficou surpreso ao descobrir que ela havia desbastado um pouco de sua culpa, e ele imaginou se teria feito o mesmo por ela, do seu jeito. Eram pessoas que carregavam pedaços de tudo ao redor, mas talvez pudessem se ajudar a acomodar as coisas aos poucos.

Era bom se sentir desse jeito, pensou ele. Sem Eijeh, tudo o que lhe restava fazer era enfrentar sua fortuna, e Cyra e a fortuna dele eram inextricáveis. Ele morreria pela família Noavek, e ela era a última da família. Era uma inevitabilidade feliz, brilhante e inescapável.

Agindo por impulso, Akos se virou e a beijou. Ela enfiou os dedos em um dos passantes do cinto dele e o puxou forte contra si, do jeito que estavam antes quando foram interrompidos. Mas a porta estava fechada agora, e Teka estava dormindo em outra parte da nave.

Estavam sozinhos. Finalmente.

O cheiro de floral e produtos de limpeza da nave foi substituído pelo cheiro dela, do xampu herbal que ela usara no chuveiro da nave, de suor e folhas de sendes. Ele correu os dedos sujos de poção pelo pescoço de Cyra e pela curva leve da saboneteira.

Ela o empurrou para trás para que ficasse sentada sobre ele e prendeu os quadris de Akos por um instante apenas para tirar a camisa dele de dentro do cós da calça. Suas mãos estavam tão quentes sobre ele que mal conseguia respirar. Eles descobriram a resistência suave da carne no meio do corpo, o músculo rígido que envolvia suas costelas. Ela abriu os botões até o pescoço dele.

Ele pensou nisso quando a ajudou a tirar suas roupas antes daquele banho, no esconderijo dos renegados, como seria tirar as roupas quando não estivessem feridos e lutando pela vida. Imaginara algo frenético, mas ela estava aproveitando o momento, correndo os dedos pelas curvas de suas costelas, os tendões dentro dos pulsos enquanto abria os botões dos punhos, os ossos que saltavam dos ombros.

Quando ele tentou tocar as costas dela, ela o segurou para trás. Não era como ela queria naquele instante, ao que parecia, e ele ficou feliz em lhe dar o que ela queria. Era a garota que não podia tocar nas pessoas, no fim das contas. Acendeu algo dentro dele saber que ele era o único com quem ela tinha feito aquilo – não era excitação, mas algo mais suave. Delicado.

Ela era sua única – e a fortuna dizia que ela seria sua última.

Cyra recuou para olhá-lo, e ele puxou a barra de sua camisa.

– Posso? – perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça.

De repente, ele se sentiu hesitante quando começou a desabotoar os botões de sua camisa, da garganta até a cintura. Ele ergueu o corpo o suficiente para beijar a pele que ele revelava, izito por izito. Pele suave para alguém tão forte, suave sobre músculos e ossos rígidos, nervos de aço.

Ele os virou, ficando assim inclinado sobre ela, deixando apenas espaço suficiente entre eles para sentir seu calor sem tocá-la. Ele tirou a camisa de seus ombros e beijou a barriga de Cyra de novo. Ele terminou de desabotoar a camisa.

Ele tocou o nariz em sua coxa e olhou para ela.

– Sim? – perguntou ele.

– Sim – disse ela, rouca.

As mãos dele se fecharam no cós da sua calça, e ele correu os lábios partidos sobre a pele exposta dela, izito por izito.

CAPÍTULO 7 | CISI

A NAVE DA ASSEMBLEIA é do tamanho de um pequeno planeta, larga e redonda como um flutuador, mas tão maior que é absolutamente alarmante. Preenche as janelas da pequena nave de patrulha que capturou nossa cápsula de fuga, feita de vidro e metal liso, pálido.

– Nunca tinha visto antes? – Isae me pergunta.

– Apenas imagens – respondo.

Seus painéis de vidro transparente refletem a corrente, onde ela brilha rosa, e o vazio onde ela não brilha. Pequenas luzes vermelhas ao longo das bordas da nave piscam como se inalassem e exalassem. Seus movimentos ao redor do sol são tão leves que ela parece parada.

– É diferente nas imagens – digo. – Muito menos impressionante.

– Passei três estações aqui quando criança. – Os nós dos dedos de Isae raspam o vidro. – Aprendendo a me adequar. Eu tinha aquele sotaque da borda… eles não gostavam disso.

Sorrio.

– Você ainda tem, às vezes, quando se esquece de prestar atenção. Eu gosto.

– Você gosta porque o sotaque da borda é muito parecido com o seu, de Hessa. – Ela enfia o dedo na minha covinha, e eu afasto com um tapa.

– Vamos – diz ela. – Hora de aportar.

O capitão da nave, um homenzinho atarracado com suor brotando da testa, embica a pequena nave na direção da gigantesca embarcação da Assembleia – para garantir a entrada B, eu o ouvi dizer. A letra foi pintada sobre as portas, refletiva. Dois painéis de metal separam-se embaixo do *B*, e uma passarela fechada estende-se para a escotilha da nave. Escotilha e passarela travam-se com um chiado. Outro membro da tripulação sela a conexão com o puxão de uma alavanca.

Todos estávamos em pé ao lado das portas da escotilha quando elas se abrem, dando passagem para Isae ficar na frente. Uma tripulação de patrulha mínima que nos capturou, feita para navegar pela faixa intermediária do sistema solar, caso alguém tenha problemas – ou cause algum. Há apenas um capitão, um primeiro-oficial e dois outros a bordo conosco, e eles não falam muito. Provavelmente porque seu othyriano não seja bom – para mim, eles parecem trellanos quando falam.

Sigo adiante no túnel brilhante além das portas da escotilha para alcançar Isae. As paredes de vidro são muito limpas. Sinto como se estivesse flutuando no nada por um instante, mas o chão se mantém firme.

Acabo de chegar ao lado de Isae quando um grupo de pessoas com aparência oficial em uniformes cinza-claro nos recebe. Estão com varetas não letais de canalização, projetadas para paralisar, não para matar. A visão é tranquilizadora. É como as coisas deveriam ser – controladas, mas não perigosas.

O homem na frente, com uma fileira de medalhas no peito, curva-se para Isae.

– Olá, chanceler – diz ele em othyriano perfeito. – Sou o capitão Morel. O Líder da Assembleia foi informado de sua chegada, e seus aposentos foram preparados, bem como os de sua… convidada.

Isae alisa seu suéter como se fosse tirar os amassados dele.

– Obrigada, capitão Morel – diz ela, e todos os vestígios do sotaque da borda desaparecem. – Deixe-me apresentar Cisi Kereseth, uma amiga da família do planeta-nação de Thuvhe.

– Prazer – dirige-se a mim o capitão Morel.

Deixo meu dom avançar imediatamente. É apenas instinto nesse momento. A maioria das pessoas reage bem quando penso em meu dom-da-corrente como um cobertor caindo sobre seus ombros, e o capitão Morel não é uma exceção – ele relaxa diante de mim, e seu sorriso se suaviza, como ele realmente quer. Acho que funciona com Isae também, pela primeira vez em dias. Ela parece ganhar um pouco mais de suavidade ao redor dos olhos.

– Capitão Morel – digo. – Obrigada pelas boas-vindas.

– Permita-me escoltá-las a seus aposentos – diz ele. – Obrigado por trazer a chanceler Benesit em segurança, senhor – acrescenta ele ao capitão que nos trouxe até aqui.

O homem solta um grunhido e meneia a cabeça para Isae e para mim quando nos viramos para sair.

Os sapatos do capitão Morel estalam quando caminhamos e, quando ele vira as esquinas, eles deslizam um pouco e a ponta dos pés gira no chão. Se ele está aqui, é porque

nasceu em uma família rica, seja lá qual seja seu planeta natal, mas não tem a disposição – ou estômago – para o serviço militar verdadeiro. É perfeito para tarefas como estas, que exigem maneiras, diplomacia e polidez.

Quando o capitão me deixa no meu quarto – bem ao lado do de Isae, por comodidade –, suspiro com alívio. Assim que as portas se fecham, eu deixo meu casaco cair dos ombros até meus pés.

Os quartos foram configurados para nós, obviamente. É a única explicação para o campo de capim-pena sacudindo ao vento na parede ao fundo. É um vídeo de Thuvhe. Bem diante dela fica uma cama estreita com um cobertor marrom grosso enfiado ao redor do colchão.

Ponho a mão no painel perto da porta, jogando imagens e texto para frente até encontrar o que quero. *Imagem de parede*. Desço até encontrar um de Hessa na neve. O topo da colina cintila vermelho do telhado abobadado do templo. Sigo as curvas dos telhados das casas até o sopé da colina, observando as pás de moinho girarem. Todos os prédios ficam escondidos atrás de uma neblina branca de flocos de neve.

Às vezes me esqueço de como meu lar é bonito.

Vejo apenas o canto dos campos onde meu pai plantava, até onde a imagem é cortada. Em algum lugar além deles fica o terreno vazio onde fizemos os funerais de Eijeh e Akos. Não foi ideia minha – foi minha mãe quem empilhou a madeira e as pedras ardentes, que fez a oração e acendeu. Eu apenas fiquei por perto, com o meu casaco de kutyah, o protetor facial acionado para que eu pudesse chorar sem ninguém ver.

Não tinha pensado em Eijeh e Akos como perdidos, realmente perdidos, até aquele momento. Se minha mãe estava queimando piras, eu pensei, devia significar que ela sabia que estavam mortos, do jeito que apenas um oráculo podia saber das coisas. Mas ela não sabia tanto quanto eu pensava.

Deito na cama e encaro a neve.

Talvez não tenha sido inteligente vir até aqui, apoiar uma chanceler em vez de seguir minha família. Não sei muito sobre política ou governo – sou nascida em Hessa, isso está tão longe do meu alcance de conhecimento que é quase engraçado. Mas eu conheço Thuvhe. Conheço o povo.

E alguém precisa cuidar de Isae antes que se perca em seu luto.

A parede de Isae parece uma janela para o espaço. Estrelas cintilando, pequenos pontos de luz, e a curva e a elevação da corrente. Lembra-me de uma briga que tivemos, lá no início,

antes de conhecê-la melhor. *Você não sabe nada sobre meu planeta e seu povo*, eu lhe disse na época.

Foi depois que ela se anunciou ao público como chanceler. Ela e Ori haviam aparecido no meu apartamento, na escola, e ela tinha sido tão grosseira comigo por ser tão íntima de sua irmã. E, por algum motivo, meu dom-da-corrente me permitiu ser rude também. *É sua primeira estação neste solo.*

O olhar magoado que ela me deu então é muito parecido com o que ela está me dando agora quando entro nos seus aposentos – duas vezes maior do que o que me deram, mas isso não é surpresa. Ela está sentada na ponta da cama com uma camiseta e roupas de baixo, que na verdade são apenas shorts colados em suas pernas longas e magras. Está mais casual do que eu jamais a vira, e mais vulnerável, de alguma forma, como se me deixar vê-la logo depois de acordar a escancarasse de alguma forma.

Toda a minha vida eu amei este planeta, de um jeito mais fervoroso do que amei família, meus amigos ou mesmo que a mim mesma, ela retrucou na época. *Você caminhou por todas as suas estações sobre a pele do planeta, mas eu me enterrei em suas entranhas, então não ouse me dizer que eu não o conheço.*

A questão com Isae é que sua casca mais exterior é tão grossa que nem sempre acredito que haja algo embaixo dela. Não é como Cyra Noavek, que deixa a gente ver tudo se contorcendo fora do alcance, ou como Akos, cujas emoções cintilam nos olhos como metal precioso preso no fundo de uma panela. Isae é simplesmente opaca.

– Meu amigo… aquele de quem lhe falei… estará aqui em breve – diz ela com voz rouca. – Ele não estava longe daqui quando liguei.

Ela se apossou do convés de navegação por um tempo quando a nave de patrulha nos capturou, dizendo que precisava fazer uma ligação a um velho amigo, com quem ela cresceu. Ast era seu nome. Ela disse que podia precisar da ajuda de alguém que não estivesse ligado à Assembleia, a Thuvhe ou a Shotet. Ast era "cria da borda", como algumas pessoas gostavam de chamar, nascidas em alguma lua invadida além da barreira da corrente.

– Fico feliz – digo.

Tento uma das minhas sensações favoritas agora para acalmá-la – água, o que é estranho, pois não sei muito sobre água, tendo crescido em um planeta de gelo. Mas havia uma fonte quente no porão do templo, em Hessa, para ampliar as visões do oráculo, e minha mãe me levou lá uma vez para aprender a ficar na superfície da água. Era escuro como uma catacumba lá, mas a água quente me cercou, tão suave, como seda, apenas mais pesada.

Faço a seda pesada envolver Isae agora, observo que a tensão em seus ombros cede. Eu estou conhecendo Isae, devagar, e fica mais fácil agora que não estamos mais naquela pequena nave Shotet.

– Ele era o filho do mecânico na nave onde fui criada – comenta ela, esfregando os olhos com as costas da mão. Sua embarcação comercial sempre estava à deriva, nunca parava em lugar nenhum por muito tempo. O lugar perfeito para alguém que precisava ficar escondida. – Ele estava lá também, durante o ataque. Perdeu o pai. Alguns de seus amigos também.

– O que ele faz agora? Ainda é mecânico?

– Sim – responde ela. – Mas está apenas terminando um trabalho de abastecimento de uma estação perto daqui. Boa coincidência.

Talvez seja a ideia de que ela precisa de outra pessoa, embora eu esteja aqui, ou talvez seja apenas puro ciúme, mas não me sinto bem em relação ao tal Ast. E não sei o que ele pensará de mim.

É como se pensar nele o invocasse, porque tocam a campainha neste exato momento. Quando Isae abre, tem um cara da Assembleia bem ali, os olhos deslizando por suas pernas nuas. Atrás dele há um homem de ombro largo, segurando duas grandes malas de lona. Ele põe a lateral da mão contra o ombro do homem da Assembleia, e o que parece um besouro voador sai zunindo da manga da camisa.

– Pazha! – exclama Isae quando o besouro pousa em sua mão estendida. Não é um besouro de verdade: é feito de metal e emite um clique constante. É um robô-guia, feito para ajudar o cego a manobrar. Ast inclina a cabeça na direção dele, seguindo o som, e solta as malas logo depois da entrada. Isae, com o besouro encarapitado nos nós dos dedos, abraça o homem.

Seu dom-da-corrente é ligado a lembranças – ela não pode tirar as lembranças de uma pessoa do jeito que Ryzek fazia, mas consegue enxergá-las. Às vezes, ela as vê mesmo quando não quer. Então, eu entendo quando ela enfia o nariz nos ombros do homem, fungando. Ela me disse uma vez que, como os cheiros são tão ligados à lembrança, são especiais para ela; eles transformam a maré das lembranças que ela vê quando toca alguém em um gotejar. Controlado, para variar.

Somente quando Ast pisca que percebo seus olhos. Suas íris são circundadas por uma luz verde pálida, e suas pupilas são cercadas de branco. São implantes mecânicos. Se movem apenas por conta do deslocamento, são um incremento. Sei que provavelmente não lhe mostram muita coisa, o suficiente para ajudá-lo, talvez, mas são apenas

suplementos, como o besouro que Isae chamou de Pazha.

– Legal essa nova tecnologia – diz Isae para ele.

– Sim, é a nova moda em Othyr – fala ele, arrastado em uma cadência da borda. – Todo mundo de prestígio está arrancando os olhos com faca de manteiga e substituindo-os por essa tecnologia.

– Sempre sarcástico – comenta Isae. – Eles ajudam mesmo?

– Um pouco. Depende da luz. – Ast dá de ombros. – Parece ter uma boa configuração aqui. – Ele estala os dedos, enviando Pazha para longe do punho de Isae e para dentro do quarto. Ele voa pelo perímetro do aposento, apitando em cada canto. – Grande. Cheiro de limpo. Surpreende você não estar usando uma coroa, chanceler.

– Não combinava com a minha roupa – diz Isae. – Venha, quero apresentar minha amiga Cisi.

O besouro está zumbindo na minha direção agora, voando em rápidos círculos ao redor da minha cabeça, ombros, barriga, pernas. Tento ouvir o clique que ele faz, como ele revela meu formato e tamanho para Ast, mas meus ouvidos não são treinados.

Ele está vestido com tantas camadas que não sei que peça de roupa é qual. O capuz é de sua jaqueta ou do moletom embaixo dela? Quantas camisetas está usando, duas ou três? Tem uma chave de fenda no quadril onde deveria haver uma faca.

– Ast – diz ele para mim quase num grunhido. Ele estende a mão, esperando que eu dê um passo adiante e a aperte, o que faço.

– Cisi – digo. Sua pele é quente, e seu aperto de mão é bom, sem ser forte demais. Por instinto, escolho uma sensação de dom-da-corrente para ele: ondas de calor, como ondulações no ar.

A maioria de minhas texturas funcionam para pessoas que não estão em algum tipo de confusão, ao menos um pouco, mas aqueles em quem gosto de usar são aqueles que não detectam. Mas, a julgar por seu pequeno franzir de cenho, ele sabe que algo não está correto.

– Uau! – diz ele para mim. – O que foi tudo isso?

– Ai, desculpe – respondo. – Meu dom-da-corrente é difícil de controlar.

Eu sempre minto sobre isso. Deixa as pessoas menos desconfiadas.

– Cisi é a filha do oráculo de Thuvhe – explica Isae.

– Oráculo atuante – corrijo automaticamente.

– Tem tipos diferentes? – Ast dá de ombros. – Não sabia. Não temos oráculos lá na borda. Ou nobreza afortunada.

– Famílias afortunadas não são nobres em Thuvhe – comento. – Apenas azaradas.

– Azaradas. – Ast ergue as sobrancelhas. – Acredito que sua fortuna não tenha sua aprovação, certo?

– Não, não tem – digo com suavidade.

Ele morde o lábio inferior. Uma das unhas está tão roxa que parece estar pintada.

– Desculpe – diz ele depois de um instante. – Não quis tocar em um assunto delicado.

– Tudo bem.

Não está, e acho que nós dois sabemos disso, mas ele não me pressiona.

Isae procura seu robe no chão e o joga sobre os ombros, prendendo na frente de modo que a camisa se feche, embora ela não se importe com as dezenas de botões que vão até o pescoço da camisa de baixo.

– Você deve ter adivinhado que não pedi para você vir até aqui me trazer coisas velhas – diz Isae, cruzando as mãos na frente do corpo. Ela está voltando a sua fala formal, à postura de chanceler. Noto que Ast percebe que algo está diferente. Ele quase parece alarmado, os olhos se agitando de um lado para o outro.

– Quero pedir sua assistência. Por um período mais longo – continua ela. – Não sei o que você está fazendo, o que vai deixar para trás. Mas não restaram muitas pessoas em quem eu possa confiar… talvez apenas as pessoas nesta sala e…

Ele ergue a mão para impedi-la.

– Pare – interrompe ele. – Claro que vou ficar. O quanto você precisar.

– Mesmo?

Ele estende a mão e, quando ela a toma, ele muda a pegada, agarrando o dedão do jeito que os soldados fazem. Ele leva as mãos unidas ao coração, como se estivesse prestando um juramento, mas uma cria da borda não presta juramentos, exceto cuspindo, pelo que dizem os rumores.

– Sinto muito por sua irmã – diz ele. – Só a encontrei uma vez, eu sei, mas eu gostava dela.

É lindo, do seu jeito. Direto e honesto. Consigo notar por que ela gosta dele. Tento outro sentimento para ele – um abraço ao redor do peito. Firme, mas aconchegante.

– Agora está muito desconcertante, Cisi – solta ele. – Não tem como desligar isso?

– O dom-da-corrente do meu irmão pode, mas nunca encontrei outra coisa que cessasse isso – digo. Nunca encontrei alguém tão consciente do meu dom antes. Eu perguntaria qual é o dele se não fosse tão rude.

– Não fique tão agitado com isso, Ast – fala Isae. – Cisi tem me ajudado muito.

– Bem, ótimo. – Ele consegue abrir um sorrisinho na minha direção. – A opinião de Isae sobre uma pessoa diz muito para mim.

– Diz muito para mim também – concordo. – Ouvi muitas histórias sobre a nave onde vocês cresceram.

– Provavelmente ela contou que fedia a chulé – diz ele.

– Contou – confirmo. – Mas também disse que tinha lá seu charme.

Isae estende a mão para pegar a minha, entrelaçando os dedos nos meus.

– Somos nós três contra a galáxia agora – diz ela. – Espero que vocês estejam prontos.

– Não seja tão dramática – diz Ast.

Ela aperta os lábios, segura minha mão com força e diz, baixinho:

– Não estou sendo.

CAPÍTULO 8 | CISI

De vez em quando me ocorre que a maioria das pessoas não faz amigos em qualquer lugar que vai. Eu faço. O Quartel-General da Assembleia é como qualquer outro lugar: as pessoas só querem ser ouvidas, mesmo que o que elas tenham a dizer seja chato. E, cara, é chato na maior parte do tempo.

Mas, às vezes, consigo boas informações assim. A mulher atrás de mim na fila da cantina naquela manhã – empilhando ovos sintéticos em seu prato e cobrindo-os com uma espécie de molho verde – me conta que há uma estufa no segundo andar cheia de plantas de todos os outros sistemas solares, uma sala diferente para cada planeta. Engulo uma tigela de cereais cozidos e vou para lá assim que posso. Faz muito tempo que não vejo uma planta.

É assim que acabo no corredor bem diante da sala de Thuvhe. Os cantos das janelas estão cobertos de geada. Seria necessário botar roupa protetora para entrar, então fico do lado de fora, agachada ao lado de um punhado de invejas que cresce ao lado da porta. São amarelas e têm a forma de uma gota, mas se tocar uma bem no momento de seu crescimento, ela cospe uma nuvem de poeira brilhante. A julgar pelas barrigas inchadas dessas, estão prestes a estourar.

– Sabe, por mais que tentemos, parece que não conseguimos plantar flores-sossego aqui – diz uma voz atrás de mim.

O homem é velho, as linhas fundas emolduram os olhos e a boca, e careca, com o topo da cabeça brilhante. Usa calça cinza-claro, como toda a equipe da Assembleia, e um suéter cinza e fino. Sua pele também quase parece cinza, como se tivesse sido pego a favor do vento no campo errado em Zold. Se eu me concentrar bastante, provavelmente poderei adivinhar de onde ele vem pela cor dos olhos, que são lavanda; a única coisa notável nele pelo que eu posso dizer.

– Sério? – digo, me empertigando. – O que acontece quando tentam? Elas morrem?

– Não, simplesmente não florescem – diz ele. – É como se soubessem onde estamos, e elas guardam toda sua beleza para Thuvhe.

Sorrio.

– É um pensamento romântico.

– Romântico demais para um velho como eu, eu sei. – Seus olhos cintilam um pouco. – Você deve ser thuvhesita para olhar com tanto carinho para essas plantas.

– Eu sou. Meu nome é Cisi Kereseth.

Estendo minha mão. A dele é seca como um osso velho.

– Não posso lhe dizer meu nome, pois indicaria minhas origens – comenta ele. – Mas sou o Líder da Assembleia, senhorita Kereseth, e é um prazer conhecê-la.

Minha mão amolece na dele. O Líder da Assembleia? Não tenho costume de pensar em uma pessoa com esse título como alguém real, com uma voz vacilante e um sorriso amargo. Quando são selecionados de um grupo de candidatos pelos representantes de todos os planetas, perdem nome e origem para que não mostrem nenhuma inclinação. Dizem que eles servem ao sistema solar em sua totalidade.

– Desculpe por não reconhecer o senhor – digo. Alguma coisa no homem me faz pensar que ele vai gostar de uma sutil manifestação de meu dom-da-corrente: o toque de uma brisa morna. Ele sorri para mim, e eu acho que deve ter funcionado nele, pois ele não parece um homem dado a sorrisos.

– Não fico ofendido – diz ele. – Então, você é filha de um oráculo.

Concordo com a cabeça.

– A oráculo atuante de Thuvhe, sim.

– E a irmã de um oráculo também, se Eijeh Kereseth ainda estiver vivo – continua ele. – Sim, memorizei o nome de todos os oráculos, embora eu tenha que confessar que precisei usar algumas técnicas de memorização. É um truque mnemônico bem longo. Eu compartilharia com você se não tivesse algumas vulgaridades inseridas no meio para mantê-lo interessante.

Eu rio.

– Veio com Isae Benesit? – pergunta ele. – O capitão Morel me contou que ela trouxe dois amigos com ela nesta visita.

– Sim. Eu era próxima de sua irmã, Ori. Digo, Orieve.

Ele solta um som suave e triste com os lábios fechados.

– Sinto muitíssimo por sua perda.

– Obrigada – digo. Por ora, posso deixar a dor de lado. Não é algo que este homem

ficaria confortável em ver, então não vai aparecer mesmo que eu queira, graças ao meu dom.

– Você deve estar muito furiosa – diz ele. – Os shotet levaram seu pai, seus irmãos, e agora sua amiga?

É algo estranho de se dizer. Julgador demais.

– Não foram "os shotet" que fizeram isso – respondo. – Foi Ryzek Noavek.

– Verdade. – Ele se concentra nas janelas geladas de novo. – Mas não consigo deixar de pensar que um povo que se permite ser governado por um tirano como Ryzek Noavek merece carregar um pouco da culpa por seu comportamento.

Quero discordar dele. Os apoiadores dos Noavek, claro, esses eu posso culpar. Mas os renegados, os exilados, o povo pobre, doente e desesperado vivendo na vizinhança ao redor do prédio que usamos como esconderijo? Eles são tão vítimas de Ryzek quanto eu. Depois de visitar o país, não sei se posso sequer pensar nos "shotet" como uma coisa só. Eles são variados demais para serem agrupados. Seria como dizer que a filha de um fazendeiro de Hessa e uma doutora de pele fina de Shissa são a mesma coisa.

Quero discordar, mas não consigo. Minha língua fica presa, minha garganta inchada pelo meu dom-da-corrente idiota. Então, olho passivamente para o Líder da Assembleia e espero que fale de novo.

– Vou me encontrar com a senhorita Benesit hoje, mais tarde – diz ele por fim. – Espero que a senhorita acompanhe. Ela é um tanto espinhosa às vezes, e eu sinto que sua presença vai acalmá-la.

– Essa é uma das coisas de que eu gosto nela – digo. – Que ela seja "espinhosa".

– Tenho certeza que, em uma amizade, é uma qualidade divertida. – Ele sorri. – Mas em discussões políticas em geral é um impedimento para o avanço.

Eu cedo ao instinto de recuar um passo dele.

– Depende de como o senhor define "avanço", acho – comento, mantendo o tom leve.

– Espero que cheguemos a uma definição até o fim do dia – diz ele. – Vou deixar você olhando as plantas, senhorita Kereseth. Passe na área tepessar… é quente demais para entrar, mas a senhorita certamente nunca viu nada parecido com aquelas espécies, tenho certeza.

Aceno com a cabeça, e ele sai.

Lembro onde vi aqueles olhos antes: nas fotos da elite intelectual em Kollande. Eles tomam algum tipo de remédio que deixa a pessoa acordada por mais tempo que o normal sem ter fadiga, e as íris claras do povo ficam púrpura com o uso prolongado. O fato de ele

ser de Kollande não me diz muito sobre ele – nunca estive lá, embora eu saiba que o planeta é saudável e não tem uma preocupação especial com seus oráculos. Mas aqueles olhos têm. Ele é alguém que valoriza o progresso em detrimento da própria segurança e vaidade. É focado e esperto. E provavelmente pensa que sabe mais que nós.

Entendo agora o que Isae quis dizer quando falou que éramos eu, Ast e ela contra a galáxia. Não estamos só contra os shotet, estamos contra a Assembleia também.

Ast, Isae e eu nos sentamos em um dos lados de uma mesa de vidro polido, e o Líder da Assembleia está sentado do outro. Está tão limpa que o copo de água e o jarro ao lado dele parecem flutuar. Bati minhas pernas contra a beirada quando me sentei porque não sabia onde a mesa terminava. Se era para me desarmar, funcionou.

– Vamos primeiro falar sobre o que aconteceu em Shotet – diz o Líder da Assembleia enquanto se serve de um copo d'água.

Estamos no círculo exterior da nave da Assembleia, que é formada por círculos concêntricos. Todas as paredes externas são feitas de vidro que fica opaco quando a nave gira na direção do Sol para que ninguém tenha as córneas queimadas. As paredes à minha esquerda estão opacas agora, e a sala está ficando quente, então há um círculo de suor ao redor do meu colarinho. Ast fica puxando a frente da camisa, afastando-a do corpo, para evitar que grude.

– Tenho certeza de que as imagens que a gravação forneceu são mais que suficientes – diz Isae, sem rodeios.

Está usando as roupas de chanceler: um vestido thuvhesita pesado de manga longa, abotoado até a garganta. Botas apertadas que causaram caretas enquanto ela as amarrava. O cabelo está preso atrás da cabeça e brilha como se tivesse usado laquê. Se está com calor (deve estar, pois o vestido é feito para Thuvhe e não… para *isto aqui*), ela não demonstra. Talvez seja por isso que ela pôs uma camada densa de pó na pele antes de sairmos.

– Entendo sua reticência para discutir a questão – diz o Líder da Assembleia. – Talvez a senhorita Kereseth possa nos dar um resumo, então? Ela estava lá também, correto?

Isae olha para mim. Eu apoio as mãos no colo e sorrio, lembrando que a textura preferida do Líder da Assembleia era uma brisa morna. É como preciso ser agora também – toda morna e casual, uma camada de suor com a qual a gente não se importa, uma lufada de ar que quase faz cócegas.

– Claro – respondo. – Cyra Noavek desafiou seu irmão, Ryzek, para um duelo, e ele aceitou. Mas antes de qualquer um deles se acertar, meu irmão Eijeh apareceu… –

Engasgo. Não consigo falar o restante. – Desculpem, meu dom-da-corrente não está cooperando.

– Nem sempre ela consegue falar o que quer dizer – esclarece Isae. – Eijeh estava segurando uma faca contra a garganta da minha irmã. Ele a matou. Fim.

– E Ryzek?

– Também está morto – diz Isae, e por um instante acho que ela vai lhe contar o que fez na nave, como ela entrou na sala de depósito com uma faca, o provocou para que ele confessasse e depois o furou com a lâmina como se ela fosse um ferrão. No entanto, ela acrescenta: – Por sua irmã, que depois arrastou o corpo dele para dentro da nave, suponho que para impedir que ele fosse vilipendiado pela multidão que irrompeu no caos.

– E agora o corpo dele está…?

– À deriva no espaço, creio eu – responde Isae. – É o método shotet preferido de funeral, não?

– Não estou familiarizado com os costumes shotet – comenta o Líder da Assembleia, recostando-se na cadeira. – Muito bem, é tudo que eu esperava. Do jeito que o restante da galáxia reagiu… bem, eu tenho evitado responder às mensagens dos outros líderes e representantes desde que a morte de sua irmã foi divulgada. Eles interpretaram o assassinato como um ato de guerra e desejam saber como procederemos a partir daqui.

Isae ri. A mesma risada amarga que deu para Ryzek antes de esfaqueá-lo.

– Nós? – pergunta ela. – Duas estações atrás, eu pedi o apoio da Assembleia para declarar guerra aos shotet à luz da morte de nosso oráculo descendente, e me disseram que a "disputa civil" entre Shotet e Thuvhe, como vocês chamaram, é uma questão intraplanetária. Que eu precisava lidar com ela internamente. E agora vocês estão se perguntando o que *nós* vamos fazer? Não há *nós* aqui, Líder da Assembleia.

O Líder da Assembleia olha para mim com as sobrancelhas erguidas. Se ele espera que eu (que palavra ele usou?) a *acalme*, ele vai ficar decepcionado. Nem sempre controlo meu dom-da-corrente, mas não quero fazer algo apenas porque ele disse para fazer. Não sei ainda se há alguma vantagem em Isae ser *acalmada*.

– Duas estações atrás, Ryzek Noavek não matou a irmã da chanceler – comenta o Líder da Assembleia, todo suave e equilibrado. – Shotet não estava em um estado de total revolta. A situação mudou.

Os painéis opacos à esquerda da câmara estão começando a se iluminar de novo, transformando-se de muro em janela.

– O senhor sabe há quanto tempo eles vêm nos atacando? – questiona Isae. – Desde

antes de eu nascer. Faz mais de vinte estações.

– Estou ciente do histórico de conflito entre Thuvhe e Shotet.

– Então, o que o senhor acha do processo? – pergunta Isae. – Que somos um bando de fazendeiros idiotas de flor-do-gelo, então quem se importa se formos atacados, contanto que a produção esteja segura? – Ela ri, ríspida. – A cidade de Hessa foi dizimada pela ação da guerrilha, e os senhores a chamam de disputa civil. Meu rosto foi talhado e meus pais mortos, e ninguém se mexeu um centímetro, exceto para mandar condolências. Um de meus oráculos morre, e o outro é sequestrado, e é meu trabalho lidar com isso. Então, por que estão todos pulando de empolgação para me ajudar agora? Do que todo mundo tem medo?

O olho dele treme um pouco.

– A senhorita precisa entender que, para o restante da galáxia, os shotet eram pouco mais que uma chateação até que os Noavek chegaram ao poder – diz ele. – Quando a senhorita veio até nós, duas estações atrás, descrevendo guerreiros maldosos, pensamos nos desgraçados que no passado vinham implorar na soleira de outros planetas, toda estação, para fuçar nosso lixo.

– Eles saquearam hospitais e atacaram entrepostos de abastecimento por mais de duas estações em suas temporadas – retruca ela. – Isso escapou à atenção da liderança de todos os planetas até agora?

– Não exatamente – responde o Líder da Assembleia. – Mas recebemos informações de uma fonte confiável de que Lazmet Noavek ainda está vivo e logo reclamará seu lugar no comando de Shotet. Você não viveu suficiente para compreender isso por completo, mas Ryzek era notavelmente civilizado se comparado a seu pai. Ele herdou o desejo de sua mãe por diplomacia, se não sua facilidade com ela. Foi com Lazmet que Shotet se tornou temida. Foi *ainda* sob a liderança dele e depois de sua morte, ao que parece, que Ryzek perseguiu oráculos e, então, sua irmã.

– Então, vocês todos estão com medo dele. Deste único homem. – Ast franze a testa. – O que ele pode fazer, soltar fogo pelo rabo?

– Lazmet controla pessoas, literalmente, usando seu dom-da-corrente – explica o Líder da Assembleia. – Suas capacidades, combinadas à nova potência da força de combate shotet, não devem ser subestimadas. Precisamos tratar os shotet como uma infestação, uma praga sobre a terra que poderia, de outro modo, ser usada para a plantação de flores-do-gelo, para algo útil e valioso.

Seus olhos cintilam. Talvez eu não tenha sido criada com sofisticação, mas sei

interpretar as entrelinhas. Ele quer destruir os shotet. Em um momento, eram um povo ridículo, sacudindo-se pela galáxia em sua nave grande e velha, famintos, doentes e descaídos. Ele quer isso de volta. Quer mais flores-do-gelo, mais terra thuvhesita valiosa. Mais para ele, nada para os shotet, e quer usar Isae para consegui-lo.

Minha mãe sempre me dizia que toda a galáxia zombava dos shotet no passado. "Catadores sujos", era como os chamava, e "vermes". Eles voavam em círculos pelo sistema solar, correndo atrás do próprio rabo. Metade do tempo nem pareciam estar falando uma língua. Eu sabia de tudo isso. Eu ouvi, até mesmo disse algumas dessas coisas.

Mas o Líder da Assembleia não está apenas zombando dos shotet agora.

– Então, me diga que ação disciplinar a Assembleia tem planejado para Pitha, considerando que seu líder sugeriu, não faz muito tempo, que talvez fosse cômodo fazer um acordo comercial com os shotet?

– Não se faça de boba comigo, chanceler – diz o Líder da Assembleia, mas não como se estivesse bravo, e sim cansado. – Você sabe que não podemos agir contra Pitha. A galáxia não consegue funcionar sem os materiais que Pitha fornece.

Nunca tinha dado muita atenção a Pitha antes. Na verdade, nunca tinha nem pensado em política, até eu recorrer às irmãs Benesit depois da morte de meu pai. Mas o Líder da Assembleia tem razão: os materiais duráveis de Pitha compõem quase toda a boa tecnologia da galáxia, inclusive as naves. E em Thuvhe, especialmente, com nosso ar congelado, dependemos do vidro de isolamento pithariano para nossas janelas. Não podemos nos dar ao luxo de perdê-los, assim como o restante da Assembleia dos Nove Planetas.

– Pitha retratou-se do seu desejo de se unir a Shotet, e isso terá que ser suficiente. Quanto ao resto dos planetas-nações, eles ainda acreditam que o esforço de guerra deve ser liderado por Thuvhe, dado que esse *é* um assunto intraplanetário. No entanto, eles estão abertos à discussão sobre ajuda e apoio.

– Então, em outras palavras – diz Ast –, vocês dão dinheiro para ela, mas ela ainda precisa fornecer a vocês uma muralha de carne entre Shotet e o restante de vocês.

– Ora, o senhor gosta mesmo de uma linguagem dramática, não é, senhor… – O Líder da Assembleia inclina a cabeça. – O senhor tem um sobrenome?

– Não preciso de nenhum tipo de honorífico – retruca Ast. – Me chame de Ast ou não me chame de nada.

– Ast – diz o Líder da Assembleia, e ele atenua a voz como se estivesse falando com uma criança. – Dinheiro não é a única forma de ajuda que a Assembleia pode oferecer. E

se a guerra é iminente, senhorita Benesit, você não está em posição de recusar nossa ajuda.

– Talvez eu não queira declarar uma guerra – diz ela, recostando-se na cadeira. – Talvez eu queira intermediar a paz.

– Claro, essa é sua prerrogativa – comenta o Líder da Assembleia. – Contudo, serei forçado a pedir uma investigação que esperava poder evitar.

– Uma investigação sobre o quê? – Isae fecha a cara.

– Seria simples para uma pessoa consultar os rastros de calor no anfiteatro de Voa no momento da suposta morte de Ryzek. E se uma pessoa tiver feito isso, talvez tenha visto que Ryzek estava vivo quando foi levado a bordo daquela nave de transporte – responde o Líder da Assembleia. – Significa que, se seu corpo está à deriva no espaço como você diz, outra pessoa deve tê-lo matado. E não Cyra Noavek.

– Teoria interessante – comenta Isae.

– Não consigo imaginar por que você mentiria para mim e me diria que Cyra Noavek cometeu o crime na arena, a menos que precisasse se proteger, senhorita Benesit – diz o Líder da Assembleia. – E se você fosse investigada pelo assassinato, um assassinato especialmente premeditado contra um soberano autodeclarado, então não poderia governar Thuvhe até ser deposta.

– Então, apenas para esclarecer – diz Ast, fervendo –, você está ameaçando manter Isae presa em uma bobagem burocrática se ela não fizer o que você diz.

O Líder da Assembleia apenas sorri.

– Se quiser que eu reveja sua declaração de guerra antes de enviá-la a Shotet, ficarei muito feliz em dar uma olhada – diz ele. – Preciso ir. Tenha um bom dia, senhorita Benesit, senhorita Kereseth… e Ast.

Sua cabeça balança três vezes, uma vez para cada um de nós, então ele desaparece. Olho de relance para Isae.

– Ele fez isso mesmo? – pergunto. – Acusou você de assassinato?

– Eu não duvido. – Seu lábio se crispa. – Vamos.

CAPÍTULO 9 | CYRA

– CYRA. – Teka levantou uma sobrancelha para mim diante do pequeno banheiro da nave quando me levantei para meu turno. Eu estava vestida apenas com minha roupa de baixo e o suéter do dia anterior. Evitei seus olhos enquanto procurava um uniforme de mecânico sobressalente no depósito da nave. Estávamos ficando sem roupas. Esperávamos que eles nos providenciassem algumas em Ogra.

Teka pigarreou. Estava recostada à parede, braços cruzados, um tampão preto liso cobrindo o olho que faltava.

– Não preciso me preocupar com uma cria de Kereseth-Noavek correndo por aí algum dia, preciso? – Ela bocejou. – Porque, de verdade, não quero.

– Não – disse, bufando. – Como se eu fosse correr esse risco.

– Nunca? – Ela franziu a testa. – Tem uma coisa chamada "contracepção", sabe?

Fiz que não com a cabeça.

– Nada é certo.

A expressãozinha zombeteira que ela sempre usava quando me olhava se desfaz, deixando-a séria.

– Meu dom-da-corrente – expliquei, erguendo a mão para lhe mostrar as sombras que rodopiavam pelos nós dos meus dedos, me aferroando – é um instrumento de tortura. Acha que eu arriscaria infligir essa tortura em alguém crescendo dentro de mim? Mesmo se fosse um risco muito limitado? – Balancei a cabeça. – Não.

Ela assentiu com a cabeça.

– Muito decente da sua parte.

Eu acrescentei:

– E não é como se… *isso* fosse a única maneira de se fazer algo com alguém.

Ela levou as mãos ao rosto, grunhindo.

– Não queria nenhuma informação tão específica! – disse ela com voz abafada.

– Então, não fique sondando, gênio.

Encontrei um macacão de mecânico enterrado embaixo de uma pilha de toalhas e o vesti. As pernas eram longas demais, então tive que enrolá-las, mas ele serviria. Mergulhei de volta para a pilha para procurar roupas de baixo.

– Quanto tempo até chegarmos a Ogra? – perguntei. – Porque vamos ficar sem comida em breve, sabia?

– Comida e papel higiênico. A água reciclada também está começando a ter um cheiro estranho – concordou Teka. – Acho que vamos conseguir, sem petiscar muito. Alguns dias.

– Essas atualizações da nave são bem brilhantes – disse. Encontrei uma calcinha grande demais enfiada em um canto de uma das prateleiras e abracei a bola de roupas contra o peito quando a dor queimou nas minhas costas. – Você fez tudo isso?

– Jorek ajudou – respondeu ela. Seu rosto entristeceu um pouco. – Não sei direito onde ele está agora. Devia enviar uma mensagem de Voa assim que garantisse que sua mãe estava em segurança.

Não conhecia Jorek muito bem, eu sabia apenas que era uma alma mais virtuosa do que seu pai foi e era, aparentemente, um renegado. Então, não tentei tranquilizá-la. Minhas palavras teriam sido vazias.

– Vamos descobrir muitas coisas quando chegarmos a Ogra – falei. – Entre elas, a situação de Jorek.

– É. – Teka deu de ombros. – Vá para o convés de navegação, Noavek, sua pausa terminou.

Os dias seguintes passaram como um borrão. Fiquei a maior parte do tempo dormindo, enfiada na cozinha perto da pia, ou sentada na cadeira do primeiro-oficial enquanto Akos assumia seu turno. Nosso entorno parecia projetado para deixar a nós todos malucos, eram pouco interessantes. O céu era escuro e, sem estrelas, planetas ou naves à deriva para variar, completamente sem graça. Várias vezes verifiquei o mapa de navegação para saber se não tínhamos parado.

Compartilhei grande parte de meu tempo acordada – quando não estava na cadeira do capitão – com Teka, tentando me distrair de meu dom-da-corrente. Ela me ensinou um jogo que em geral ela jogava com pedras multicoloridas, embora tenhamos usado punhados de feijões da cozinha depois de pintar pontinhos neles para identificá-los.

Passamos a maior parte do tempo brigando sobre que feijões eram quais, mas entendi que o enfrentamento era um sinal de amizade com Teka, e eu não me importava, contanto que nenhuma de nós saísse brava. Akos às vezes ficava conosco antes de ir dormir, sentando-se perto demais de mim e enfiando o nariz nos meus cabelos quando pensava que Teka não notaria. Ela sempre notava.

Minhas noites eu passava aconchegada com Akos, quando eu podia, e encontrando novos lugares para beijar. Nossos primeiros passos na intimidade foram cheios de gargalhadas desajeitadas e contorções desconfortáveis – eu estava aprendendo como tocar outra pessoa, bem como tocá-lo, em especial, e era difícil aprender tudo ao mesmo tempo. Mas ficávamos felizes em praticar. Apesar de seus constantes pesadelos – ele não acordava gritando, mas com frequência levantava com um sobressalto, uma camada de suor na testa – e de minha tristeza persistente pelo irmão que havia se transformado em um monstro, encontrávamos períodos fugazes de felicidade juntos, construídos em grande parte ignorando tudo ao nosso redor. Funcionou bem.

Quer dizer, funcionou bem até Ogra entrar no campo de visão.

– Por que – perguntou Teka, encarando o buraco negro de planeta na direção que seguíamos – alguém se instalaria aqui?

Akos riu.

– Poderia dizer o mesmo de Thuvhe.

– Não fale esse nome quando aterrissarmos – falei, erguendo uma sobrancelha. – É "Urek" ou nada.

– Tudo bem.

Urek significava "vazio", mas dito com reverência, não como um insulto. Vazio para nós significava possibilidade, liberdade.

Ogra apareceu como uma lacuna pequena e escura nas estrelas adiante, e então a lacuna se transformou em um buraco, como se uma centelha perdida queimasse um tecido. E agora se agigantava escuro sobre o convés de navegação, devorando cada fragmento de luz ao seu redor. Me perguntei como os primeiros colonos souberam que era um planeta. Parecia mais uma boca escancarada.

– Acho que não vai ser fácil aterrissar – comentou Akos.

– Não. – Teka riu. – Não, não é. A única maneira de entrar sem ser estraçalhado é desligar completamente a energia da nave e entrar em queda livre. Em seguida, tenho que reativar a energia da nave antes que a gente vire água com o impacto. – Ela juntou as mãos

em uma palma. – Então, tudo que precisamos é apertar os cintos e rezar, ou seja lá o que faça vocês se sentirem sortudos.

Akos parecia mais pálido que de costume. Eu gargalhei.

Sifa chegou por trás de nós, segurando um livro contra a barriga. Havia poucos livros a bordo da nave (que serventia eles teriam?), mas aqueles que ela teve oportunidade de fuçar ela levou para Eijeh, um a um, junto com sua comida. Akos não perguntava sobre ele, nem eu. Achei que sua situação seguia inalterada, e que as piores partes de meu irmão viviam dentro dele. Não precisava de mais atualizações.

– Sorte – disse Sifa – é simplesmente um construto para fazer as pessoas acreditarem que têm controle sobre algum aspecto de seus destinos.

Teka pareceu considerar aquilo, mas Akos apenas revirou os olhos.

– Ou talvez seja apenas uma palavra para o que a fortuna parece para nós – eu lhe disse. Eu era a única disposta a discutir com Sifa; Teka era reverente demais, e Akos indiferente demais. – Você se esqueceu de como é olhar para o futuro desse ângulo em vez do seu ponto de vista.

Sifa abriu um sorriso amarelo para mim. O que fazia com frequência.

– Talvez você tenha razão.

– Todo mundo apertando o cinto – disse Teka. – Oráculo, preciso da senhora na cadeira do primeiro-oficial. A senhora é quem sabe mais sobre voar.

– Ei – falei.

– Dons-da-corrente ficam confusos em Ogra – Teka me disse. – Não sabemos como o seu reagirá, então fique lá no fundo. Mantenha os garotos Kereseth na linha.

Sifa já havia escoltado Eijeh até um assento de aterrissagem. Estava de cinto e encarando o chão. Suspirei e desci até o convés principal. Akos e eu nos sentamos diante de Eijeh, e eu puxei o cinto sobre meu peito e colo. Akos teve dificuldade com o seu, mas eu não o ajudei; ele sabia como fazer, só precisava praticar.

Observei Teka e Sifa enquanto se preparavam para aterrissar, apertando botões e ligando interruptores. Parecia coisa de rotina para Teka. Ao menos era tranquilizador. Eu não queria ficar em queda livre em uma atmosfera hostil com uma capitã que estivesse em pânico.

– E lá vamos nós! – gritou Teka e com apenas esse aviso todas as luzes na nave desligaram-se. O motor parou seu zumbido. A atmosfera escura atingiu a janela de navegação como uma onda de chuva pithariana, e por alguns longos momentos não consegui ver nada, não consegui sentir nada. Eu queria gritar.

A gravidade de Ogra nos pegou, e foi pior, muito pior do que não sentir nada. Meu estômago e meu corpo de repente pareceram se separar, um flutuando e outro sendo puxado com força para o chão. A nave sacudiu, os parafusos das placas de metal rangendo, e os degraus do convés de navegação chocalhando. Meus dentes batiam. Estava escuro demais para enxergar, até mesmo as sombras-da-corrente que se enrolavam em meus braços.

Ao meu lado, Akos desfiou uma ladainha de xingamentos entredentes, em três idiomas. Eu não conseguia falar. Minha carne pesava demais sobre meus ossos.

Um som de batida, em seguida, e o motor zumbiu de novo. Antes que as luzes se acendessem, contudo, o planeta se iluminou embaixo de nós. Ainda estava escuro, pois nem o sol tampouco a corrente conseguiam penetrar na atmosfera de Ogra, mas era sarapintado de luzes, riscado por elas. O painel de controle da nave brilhou, e a sensação horrível de queda desapareceu quando a nave avançou para frente e não para baixo, para baixo, para baixo.

E então quente, aguda e forte: a dor.

CAPÍTULO 10 | AKOS

CYRA ESTAVA GRITANDO.

As mãos de Akos estavam trêmulas pela aterrissagem, mas ainda assim abriam o cinto que o mantinha no lugar, quase sem permissão. Assim que Akos se livrou, se lançou de seu assento e deslizou de joelhos na frente de Cyra. As sombras tinham se afastado do corpo em uma nuvem escura, da mesma forma que fizeram quando Vas a forçou a tocá-lo, lá na prisão do anfiteatro, onde ela quase perdeu a vida. Suas mãos estavam enterradas nos cabelos, cerradas. Ela ergueu os olhos para ele, e um sorriso estranho contorceu seu rosto.

Ele pousou as mãos nas dela. As sombras pareciam fumaça, no ar, mas voltaram para o corpo de Cyra como uma dezena de fios puxados de uma vez.

O sorriso estranho de Cyra havia desaparecido, e ela estava olhando para suas mãos juntas.

– O que vai acontecer quando você soltar? – perguntou ela baixinho.

– Você vai ficar bem. Vai aprender a controlar. Pode fazer isso agora, lembra?

Ela soltou uma risada leve.

– Posso segurar você o quanto quiser – afirmou ele.

Os olhos dela se endureceram. Quando falou, foi com os dentes cerrados:

– Solte.

Akos não conseguiu evitar pensar em algo que havia lido em um dos livros que Cyra colocara em seu quarto na nave de temporada. Ele precisou ler com um tradutor, porque estava escrito em shotet, e se chamava *Doutrinas da cultura e crença shotet*.

Nele se lia: *A característica mais marcante do povo shotet é diretamente traduzida como "blindado", mas forasteiros talvez chamem de "determinação". Refere-se não a atos corajosos em situações difíceis – embora os shotet tenham a coragem em alta conta –, mas uma qualidade inerente que não pode ser aprendida ou imitada; está no sangue com tanta segurança quanto a língua*

reveladora. A determinação é resistir repetidamente a ataques. É perseverança, aceitação do risco e a relutância em desistir.

Esse parágrafo nunca fez tanto sentido para ele quanto naquele momento.

Akos obedeceu. No início, quando as sombras-da-corrente reapareceram, elas formaram a nuvem de fumaça ao redor de seu corpo de novo, mas Cyra cerrou os dentes.

– Não posso encontrar os ogranos com uma nuvem de morte ao meu redor – disse ela.

Seus olhos fitaram os dele quando ela suspirou profundamente. As sombras começaram a se esgueirar por baixo de sua pele, viajando por baixo dos dedos, se contorcendo pela garganta. Ela gritou de novo com os dentes cerrados, alguns izitos do rosto dele. Então, ela exalou do mesmo jeito que inspirou e se empertigou. A nuvem havia desaparecido.

– Elas voltaram a ser como eram antes – ele lhe disse. – Como eram quando eu conheci você.

– É – disse ela. – É este planeta. Meu dom é mais forte aqui.

– Já esteve aqui antes?

Cyra negou com a cabeça.

– Não. Mas posso sentir.

– Precisa de um analgésico? – perguntou ele.

Outra vez o aceno com a cabeça.

– Ainda não. Preciso me reajustar em algum momento. Talvez seja a hora.

Teka estava falando no convés de navegação em othyriano.

– Nave de Transporte Renegado ID, capitã Surukta solicitando permissão para aterrissar.

– *Capitã Surukta, permissão concedida para aterrissar na área trinta e dois. Parabéns por sua chegada em segurança* – uma voz respondeu pelo intercomunicador.

Teka bufou quando desligou o comunicador.

– Aposto que é procedimento padrão parabenizar as pessoas por sobreviver.

– Eu já estive aqui – disse Sifa, irônica. – É realmente o procedimento padrão.

Teka levou-os até a área de aterrissagem 32, em algum lugar entre as veias de luz que os tinham recebido quando cruzaram a atmosfera. Akos sentiu um baque quando desceram, e então estavam lá. Em um novo planeta. Em Ogra.

Ogra era um mistério para a maioria da galáxia. Tinha virado assunto de muitos rumores, desde tolos como "ogranos vivem em buracos subterrâneos" até os perigosos como "ogranos protegem sua atmosfera para que não descubramos que estão fazendo armas

mortais". Então, na verdade, quando Akos saiu da nave, não sabia o que o esperava. Por tudo o que sabia, Ogra era árida.

Ele soltou um pouco a mão de Cyra quando parou no último degrau das escadas para olhar. Estavam em uma espécie de cidade, mas era diferente de todas que tinha visto. Prédios pequenos, brilhando com luzes azuis e verdes de todos os tipos e tamanhos, erguiam-se ao redor deles, figuras escuras contra um céu escuro. Crescendo em volta e entre eles havia árvores sem folhas para absorver o sol – seus galhos se retorciam em torno dos pilares, abraçando torres inteiras. As árvores eram altas também, mais altas que tudo ao redor, e o contraste das linhas claras dos prédios e das curvas orgânicas das plantas era estranho para ele.

Mas o brilho… era ainda mais estranho. Pontos fracos que ele reconheceu como insetos pairavam pelo ar; painéis de luz mostravam impressões turvas do interior das casas; e, nos canais estreitos de água que substituíam um tanto das ruas, havia faixas de cor, como tinta despejada, e o vislumbre de movimento quando alguma criatura passava por ali.

– Bem-vindos a Ogra – uma voz com sotaque falou de algum lugar acima. Akos só conseguia ver o homem pelo orbe branco que pairava ao redor do rosto. Quando falava – simplesmente em um shotet perfeito –, o orbe prendia-se a seu peito, bem embaixo do queixo, e iluminava seu rosto de baixo para cima. Era um homem de meia-idade, com uma expressão forte e cabelos brancos que se enrolavam em torno das orelhas.

– Se formarem uma pequena fileira, podemos registrar sua presença aqui e depois escoltá-los ao setor shotet – disse ele. – Temos apenas uma hora antes de as tempestades começarem.

As tempestades? Akos ergueu uma sobrancelha para Cyra, e ela deu de ombros. Ela não parecia saber mais do que ele.

Teka era a primeira na fila, dando seu sobrenome com um tom ríspido que parecia comercial.

– Surukta – repetiu o homem enquanto digitava seu nome no pequeno aparelho em sua mão. – Conheci sua mãe. Foi triste saber de sua passagem.

Teka murmurou alguma coisa, talvez um agradecimento, embora não parecesse. Então, foi a vez de Cyra.

– Cyra – disse ela. – Noavek.

O homem parou com os dedos sobre as teclas. Fez um olhar ameaçador com aquela luz branca que brilhava embaixo do rosto, lançando sombras que preencheram as órbitas dos olhos e as fendas mais fundas do rosto. Ela o encarou também, deixando que ele a olhasse

de cima a baixo, da pele-prata até o punho protegido e as botas surradas.

No entanto, ele não disse nada, apenas digitou seu nome no dispositivo e acenou para ela passar. Ela manteve a mão na de Akos, o braço estendido para trás até ele também receber um aceno.

Teka foi até eles aos tropeços, os olhos arregalados e cintilantes.

– Incrível, não é? – comentou ela, sorrindo. – Sempre quis ver isso aqui.

– Nunca tinha vindo antes? – perguntou Cyra. – Nem mesmo para ver sua mãe?

– Não, nunca tive permissão para visitá-la. – Havia uma ponta de tristeza na voz. – Não era seguro. Mas a colônia de exílio está aqui há duas gerações, desde que os Noavek assumiram o poder.

– E os ogranos simplesmente… deixaram vocês ficarem aqui? – questionou Akos.

– Dizem que qualquer um que possa sobreviver a este planeta tem o direito de ficar aqui – respondeu Teka.

– Não parece tão perigoso quanto eu esperava – comentou Cyra. – Todo mundo sempre fala sobre como é difícil sobreviver aqui, mas parece bem pacífico.

– Não se deixe enganar – disse Teka. – Tudo aqui está pronto para atacar ou se defender… as plantas, os animais, até mesmo o próprio planeta. Não podem se alimentar do sol, então se alimentam uns dos outros… ou de você.

– As plantas são carnívoras? – perguntou Akos.

– Até onde eu sei… – Ela deu de ombros. – Ou se alimentam da corrente. O que, provavelmente, explica por que sobrevivem aqui… se tem uma coisa que Ogra tem de sobra é corrente. – Ela sorriu, um tanto travessa. – E como se a ameaça constante de ser devorado não fosse suficiente… bem, vamos dizer que ele não estava falando sobre um pequeno banho de despertar quando disse "tempestades".

– Enigmática você, hein? – disse Cyra, franzindo a testa.

– Sim! – Ela deu um sorrisinho. – É legal estar na vantagem para variar. Vamos.

Teka os levou a um dos canais. Eles precisaram descer alguns degraus para chegar à beira da água, que estavam rachados pelas raízes das árvores e eram desnivelados. Akos estendeu a mão para correr a mão nas fortes raízes, que eram cobertas por uma penugem fina e escura.

Havia *plantas* ali. Ele não havia pensado nas espécies de plantas estrangeiras em Pitha, até porque não havia plantas em Pitha, ao menos onde ele pudesse alcançá-las. Mas Ogra era cheia de árvores. Ele se perguntou, com uma ponta de empolgação, o que era possível fazer com as plantas dali.

Um barco esperava na beira do canal, longo e estreito, com espaço para apenas quatro pessoas em cada fileira de bancos. Akos imaginou por seu brilho que era feito de metal. Era escuro, exceto pelo brilho da água embaixo dele, uma faixa rosa.

– O que é essa luz? – ele perguntou a Teka.

Mas não foi Teka quem respondeu, foi a mulher parada à frente do barco, seus olhos escuros delineados com tinta branca. No início, ele pensou que houvesse um motivo prático para a pintura, mas, quanto mais olhava para ela, mais parecia ser apenas decorativo, como as linhas pretas que as pessoas riscavam perto dos cílios em sua terra natal. Ali, o branco realçava melhor.

– Há muitas cepas de bactéria que vivem nas águas de Ogra – respondeu ela. – Elas se iluminam em cores diversas. Lembrem-se que apenas nossa água mais escura é segura para beber.

Até mesmo a água podia se defender em Ogra.

Akos seguiu Teka por uma prancha instável que ligava a margem ao barco e pisou em um banco para chegar ao outro. Cyra acomodou-se ao lado dele, e ela pôs a mão em seu pulso, onde o escudo terminava. Ele apertou e inclinou-se sobre a amurada do barco para olhar a água. As faixas rosa estavam se movendo, preguiçosas, com a corrente de água.

Ele tentou não pensar em Sifa e Eijeh acomodados atrás deles, os olhos de Sifa atentos para que os seus não precisassem estar. Mas o barco afundou com seu peso, e ele sentiu o estômago pesar também. Não conseguiria evitar Eijeh em Ogra como fez na nave. Estariam unidos, os thuvhesitas entre os shotet, estes por sua vez entre os ogranos.

A mulher à frente sentou-se, pegando os grandes remos que pendiam de cada lado do barco. Com uma puxada forte, ela os levou adiante, seu rosto não exibindo nenhum esforço. Ela era *forte*.

– Um dom-da-corrente útil – comentou Cyra.

– De vez em quando. Na maior parte do tempo sou chamada para abrir frascos emperrados – disse a mulher enquanto encontrava um ritmo nas remadas. O barco singrava a água como faca quente na manteiga. – Aliás, não ponham a mão na água.

– Por que não? – quis saber Cyra.

Ela riu apenas.

Akos continuou olhando para o lado, nas cores em constante mudança embaixo da superfície da água. O brilho rosa ficava na superfície, perto da beirada do canal. Onde era mais fundo, havia pontos azuis, volutas púrpura e fontes de vermelho profundo.

– Ali – disse a ograna, e ele seguiu a inclinada de cabeça até uma forma gigantesca no

canal. No início pensou que fosse apenas mais bactérias, encontrando a corrente. Mas, quando passaram deslizando, ele viu que era uma criatura duas vezes mais larga que o barco estreito e com duas vezes seu comprimento. Tinha uma cabeça bulbosa (ou ele achou que era a cabeça) e no mínimo uma dezena de tentáculos que terminavam em pontas com plumas. Ele só conseguia ver porque as bactérias se grudavam nele, como tinta manchando suas laterais lisas.

A criatura se virou, os tentáculos girando juntos como cordas, e em seu flanco viu uma boca tão grande quanto o torso, emoldurada em todo o diâmetro por dentes estreitos e afiados. Ele ficou paralisado.

– A parte de baixo desses barcos é feita de um material protegido da corrente que chamamos de "soju" – disse a ograna. – O animal, um galansk, é atraído para a corrente, para devorá-la. Se puser a mão na água, ele seria atraído por você. Mas ele não consegue nos sentir nesse barco.

E, fiel à sua palavra, com a próxima puxada dos remos, o galansk se virou de novo e mergulhou fundo, virando apenas um brilho leve sob a superfície da água. Um momento depois havia desaparecido.

– Vocês mineram esse metal aqui? – Teka perguntou à mulher.

– Não, não. Não há nada neste planeta que não seja rico em corrente – respondeu a mulher. – Importamos soju de Essander.

– Por que vocês vivem em um planeta tão determinado a matá-los? – perguntou ele.

A ograna sorriu para ele.

– Eu poderia fazer a mesma pergunta aos shotet.

– Não sou shotet – retrucou ele.

– Não é? – ela devolveu a pergunta com um dar de ombros e continuou a remar.

As costas dele estavam doendo quando chegaram ao destino, vindo das ruas onde aterrissaram sentados no banco desconfortável do barco. A ograna os levou até a beirada do canal, onde havia degraus de pedra cobertos com a mesma madeira aveludada que ele havia tocado antes. Ao lado dos degraus havia a boca escancarada de um túnel.

– Precisamos ir para o subterrâneo para evitar as tempestades – disse ela. – Vocês podem explorar o setor shotet outra hora.

As tempestades. Ela disse aquilo com reverência, mas não com afeição; era algo que temia, essa mulher com a força de meia dúzia de pessoas, e aquilo fez Akos temer também.

Ele desembarcou com pernas bambas, aliviado por encontrar chão sólido. Estendeu a

mão para ajudar Cyra, a boca apertada em uma linha fina.

– Pensei que os shotet fossem violentos – comentou ele. – Mas o pessoal aqui é bem letal.

– Um tipo de ferocidade diferente, talvez – disse ela. – Eles não hesitam, mas lutam sem requinte. É uma espécie de… coragem desajeitada. E um tipo de loucura também pra viver em um lugar como este.

Akos soube, ao ouvi-la, que ela havia passado mais tempo observando os ogranos do que admitiria; que ela não percebeu que não havia nada para admitir, pois acreditava que todas as outras pessoas eram tão questionadoras como ela. Ela provavelmente tinha observado cada gravação de combate ograno em que pôde pôr as mãos, e meia dúzia de outros assuntos além disso. Todos aqueles arquivos estavam armazenados em seus aposentos na nave de temporada, seu pequeno esconderijo de conhecimento.

Caminharam para dentro do túnel, guiados no início apenas pelo assobio da ograna. Mas, dez passos adiante, Akos viu luz. Algumas das pedras nas paredes do túnel estavam brilhando. Eram pequenas, menores que seu punho, e incrustadas aleatoriamente nas paredes e no teto.

A mulher assobiou mais alto, e as pedras brilharam mais. Akos apertou os lábios, escondendo o rosto quando tentou ele mesmo assobiar. A luz nas pedras perto dele ficou branca, com o calor da luz do sol. Era o mais próximo da luz solar que Ogra conseguia ter?

Ele olhou para Cyra. Ela se encolheu, as sombras-da-corrente vívidas na nuca, mas ela estava sorrindo para ele.

– Quê? – perguntou ele.

– Você está empolgado – respondeu ela. – Este planeta provavelmente vai nos matar, e você adora.

– Bem – disse ele, sentindo-se na defensiva –, é fascinante, só isso.

– Eu sei – comentou ela. – Só que eu não espero que outras pessoas amem as coisas estranhas e perigosas que eu amo.

Ela passou o braço ao redor da cintura dele, seu toque leve, então ele não sentia o peso. Ele se recostou nela, passando o braço sobre os ombros de Cyra. Sua pele ficou limpa de novo ao seu toque.

Então, ele ouviu, o ronco baixo, como se o próprio planeta estivesse rosnando e, nesse momento, ele não teria ficado surpreso se alguém dissesse que era mesmo o planeta.

– Venham, habitantes do gelo – cantarolou a ograna, sua voz ressoando.

Ela se abaixou e bateu o dedinho em algo – um aro de metal no chão escuro. Com uma virada de pulso, um alçapão se abriu no chão, espalhando poeira. Akos avistou os degraus estreitos que desapareciam dentro do nada.

Bem, pensou ele, *hora de invocar um pouco da coragem shotet*.



CAPÍTULO 11 | CYRA

A ÚLTIMA VEZ QUE CAMINHEI em uma multidão foi para fingir matar meu irmão, e a multidão estava sedenta pelo meu sangue.

E, antes disso, ele arrancou a pele da minha cabeça junto com o clamor de centenas de vivas. Estendi a mão para tocar a pele-prata que me cobria da garganta, passando pela mandíbula, até o topo da cabeça.

Não, eu não tinha lembranças agradáveis de multidões e provavelmente não as formaria ali, apenas com exilados ogranos e shotet esperando por mim.

Descemos por uma escada escura, tateando com a sola dos sapatos e o roçar dos dedos, viramos uma curva acentuada e lá estávamos: em uma sala de espera escura com assoalho de madeira rangente e o brilho das roupas ogranas, a maioria adornando corpos shotet, embora eu só soubesse disso por causa do idioma que falavam.

As roupas ogranas, que até mesmo os shotet usavam ali, não tinham um estilo distinto, algumas delas eram apertadas, outras esvoaçantes, algumas enfeitadas, outras simples, mas o envolvimento daquele *brilho* sempre presente estava lá, em braceletes, tornozeleiras e colares, cadarços, cintos e botões. Um homem por quem passei tinha listras de luz vermelha, leve, mas ainda assim era luz, costuradas nas costas do casaco. Aquilo conferia a todos uma aparência assustadora, iluminados de baixo para cima por suas roupas, o rosto difícil de enxergar. Aqueles com pele clara, como a de Akos, quase emitiam uma luz própria, o que não era uma vantagem em um planeta tão hostil quanto este.

Havia bancos para sentar e mesas altas em que se podia ficar em pé. Algumas tinham copos com uma substância clara que espalhava a luz dentro deles. Observei uma garrafa passar por um grupo de pessoas, balançando como se as mãos fossem ondas. Crianças sentadas em um círculo perto dos meus pés brincavam de um jogo com rápidos movimentos de mão que passavam pela roda. Dois garotos, algumas estações mais novos

que eu, brincavam de lutinha perto dos pilares imensos de madeira. Aquele era um espaço de reunião e, pelo que senti, nada mais que isso; não era onde os shotet viviam, trabalhavam ou comiam, mas apenas um espaço para esperar "as tempestades" terminarem. A ograna continuou vaga sobre o que eram realmente "as tempestades". Não me surpreendia. Ogranos pareciam se comunicar em linguagem vaga e olhares pesados.

Teka misturou-se à multidão imediatamente, abraçando os exilados mais próximos que reconhecia. Foi quando as pessoas começaram a nos notar; Teka, com sua pele clara e cabelo ainda mais pálido, dispensava apresentações. Akos era um palmo mais alto que a maioria das pessoas na sala e atraía atenção naturalmente.

E, então, havia eu. Pele-prata reluzente e sombras-da-corrente percorrendo todo o meu corpo.

Tentei não ficar tensa quando algumas pessoas ficaram quietas ao me verem, e outras murmuravam ou *apontavam*; quem foi que ensinou boas maneiras para eles?

Lembrei a mim mesma que eu estava acostumada àquele tipo de reação. Eu era Cyra Noavek. Guardas na mansão sempre se afastavam de mim instintivamente, mulheres puxavam os filhos para perto quando me viam. Eu me empertiguei, fiquei mais alta, e fiz que não com a cabeça, quando Akos estendeu a mão para mim, para me ajudar com a dor. Não, era melhor deixar que me vissem como eu era. Melhor superar isso.

Fingi que não estava respirando mais forte.

– Ei. – Teka beliscou o cotovelo do meu macacão de mecânico grande demais e puxou. – Venha, temos que nos apresentar para a liderança.

– Você já não os conhece? – perguntei enquanto Akos olhava para trás; achei que estava à procura da mãe e do irmão, embora ele o tivesse evitado desde que tínhamos aterrissado.

Tentei imaginar como eu teria agido se minha mãe tivesse voltado para a minha vida depois de eu ter aceitado que nunca mais a veria de novo. Na minha cabeça, era um encontro feliz, e nós entraríamos em nosso velho ritmo de carinho e compreensão. Certamente não era tão simples para Akos, com o histórico de traição e subterfúgio que existia entre ele e Sifa, mas mesmo sem isso talvez nunca fosse simples. Talvez eu tivesse evitado Ylira como ele evitava sua mãe.

Ou talvez fosse apenas porque ela falava em charadas, e isso era exaustivo.

Assim que Akos reuniu a família, todos seguimos Teka para o fundo da sala. Tentei não marchar, embora fosse meu instinto; assustá-los de propósito para não ter que vê-los ficar cada vez mais assustados por acaso.

– Então, estamos perto do vilarejo de Galo – disse Teka. – É o exílio mais cheio de shotet agora, mas ainda há alguns ogranos que vivem aqui. Mercadores, em sua maioria. Minha mãe disse que estávamos muito bem integrados… ah!

Teka abraçou um homem de cabelos esbranquiçados com uma caneca na mão, em seguida cumprimentou com um aperto de mão uma mulher de cabeça raspada, que deu um toquinho no tampão de olho de Teka em zombaria gentil.

– Estou guardando o tampão chique para uma ocasião especial – respondeu Teka. – Sabem onde está Ettrek? Preciso apresentá-lo para… ah!

Um homem deu um passo adiante, alto, mas não tão alto quanto Akos, com cabelos escuros longos presos em um coque. Não sabia dizer, naquela luz, se ele tinha a minha idade ou era dez estações mais velho. Sua voz retumbante não ajudava muito.

– Ah, aí está ela – disse o homem. – O Flagelo de Ryzek se transformou em Executora de Ryzek.

Ele pôs um braço sobre meus ombros, virando como se fosse me puxar para um grupo de pessoas que seguravam copos com a bebida que fosse. Eu me afastei dele rapidamente para que ele não pudesse ter a chance de sentir meu dom-da-corrente.

A dor viajou pela minha bochecha e seguiu minha próxima engolida garganta abaixo.

– Me chame disso de novo e vou…

– O quê? Me machucar? – O homem deu uma risadinha. – Seria interessante ver você tentar. Então, veríamos se você é tão boa de luta como dizem.

– Independentemente de eu ser uma boa lutadora ou não – ralhei –, não sou a Executora de Ryzek.

– Tão humilde! – disse uma mulher mais velha diante de mim, tomando um gole de sua bebida. – Todos vimos o que você fez pelo canal de notícias, senhorita Noavek. Não precisa ficar tímida quanto a isso.

– Não estou tímida nem sou *humilde* – retruquei, sentindo minha boca se retorcer no meu sorriso mais amargo. Minha cabeça *latejava*. – Só não acredito em tudo que vejo. Vocês, exilados, deveriam ter aprendido muito bem essa lição.

Quase ri, vendo todas as sobrancelhas erguerem-se de uma vez. Akos tocou meu ombro, a parte coberta com tecido, e se aproximou do meu ouvido.

– Não tenha pressa para fazer inimigos – disse ele. – Tem muito tempo para isso mais tarde.

Abafei uma risada, mas ele tinha razão.

No início, tudo o que vi em seguida foi um sorriso largo no escuro, e então Jorek

trombou com Akos. Akos parecia confuso demais para abraçá-lo de volta (na verdade, percebi que ele não parecia especialmente afetuoso, via de regra), mas conseguiu dar um tapinha amigável no ombro de Jorek assim que ele se afastou.

– Levou um tempão para chegarem aqui – comentou Jorek. – Estava começando a pensar que vocês tinham sido sequestrados pela chanceler, gente.

– Não – falou Akos. – Na verdade, nós a abandonamos em uma cápsula de fuga.

– Sério? – As sobrancelhas de Jorek se ergueram. – Que pena. Eu gostava dela.

– Você *gostava* dela? – perguntei.

– Senhorita Noavek – disse Jorek, inclinando a cabeça para mim. Ele se voltou para Akos. – Sim, ela era um pouco assustadora, e aparentemente eu sou atraído por essa qualidade em amigos.

Minhas bochechas ficaram quentes quando ele olhou de Akos para mim e depois para Akos de um jeito enfático. Jorek pensava em mim como uma amiga?

– Como está sua mãe? – perguntou Akos para ele. – Ela está aqui?

Jorek tinha ficado para trás depois de nossa pequena missão para garantir que sua mãe cruzasse em segurança o caos de Voa.

– Está sã e salva, mas não, não está aqui – comentou Jorek. – Disse que se conseguisse aterrissar em Ogra, nunca tentaria decolar de novo. Não, ela está de olho nas coisas em Voa para nós. Mudou-se para casa do seu irmão e dos meus primos.

– Ótimo – disse Akos. Ele coçou a nuca, e os dedos correram pela corrente fina que usava, aquela com a aliança que Ara Kuzar lhe dera, pendendo em sua ponta. Ele não usava por afeição, como Ara e Jorek sem dúvida esperavam que ele usasse, mas como um fardo. Um lembrete.

Teka desapareceu por um momento, mas retornou em seguida com uma mulher forte ao lado. Não era alta nem baixa, na verdade, e seu cabelo estava bem preso em uma trança. O sorriso que ela me deu foi bem caloroso, embora, como os outros, ela nem tenha olhado na direção de Akos. Sua atenção era exclusivamente para mim.

– Senhorita Noavek – disse a mulher, estendendo a mão. – Sou Aza. Presido nosso conselho aqui.

Olhei para Akos, fazendo uma pergunta silenciosa. Ele pousou a mão na pele nua onde minha nuca encontrava meu ombro, extinguindo minhas sombras-da-corrente. Sabia, sem querer, que não era capaz de controlar meu dom naquele momento, como tinha aprendido no esconderijo dos renegados em Voa. Não na atmosfera de Ogra, que amplificava o dom-da-corrente, depois de dias com sono limitado. Aquilo estava sugando toda a energia que

eu mantivera, então não explodiu para fora de mim como fez quando pousamos.

Tomei a mão da mulher e cumprimentei. Akos talvez não tenha chamado atenção antes, mas sua capacidade de extinguir meu dom certamente o fez. Na verdade, todos ao nosso redor olhavam para ele, especificamente para a mão que ele mantinha em minha pele.

– Me chame de Cyra, por favor – disse a Aza.

O olhar de Aza era curioso e aguçado. Quando soltei sua mão, Akos afastou a dele, e minhas sombras-da-corrente voltaram. Suas bochechas estavam brilhantes de tão vermelhas, e a cor se espalhava para o pescoço.

– E você é? – perguntou-lhe Aza.

– Akos Kereseth – respondeu ele, um pouco baixo demais. Eu não estava acostumado com esse lado dócil dele, mas, naquele momento, em que não estávamos cercados o tempo todo pelas pessoas que o sequestraram, mataram seu pai ou de outra forma o atormentaram… bem, talvez esse fosse ele mesmo, de alguma forma em circunstâncias mais normais.

– Kereseth – repetiu Aza. – É engraçado… durante a existência desta colônia de exílio, nunca tivemos uma pessoa afortunada passando por nossas portas. E agora temos duas.

– Quatro, na verdade – corrigi. – O irmão mais velho de Akos, Eijeh, está… em algum lugar. E sua mãe, Sifa. Os dois são oráculos.

Lancei um olhar ao redor para procurá-los. Sifa surgiu das sombras atrás de mim, quase como se invocada apenas por mencionar seu nome. Eijeh estava a poucos passos atrás dela.

– Oráculos. *Dois* oráculos – disse Aza. Ao que parecia, finalmente estava perplexa.

– Aza – disse Sifa, meneando a cabeça. Estava com um sorriso que pretendia ser inescrutável, tive certeza. Quase revirei os olhos. – Obrigada por nos abrigar. A todos vocês. Percorremos um caminho difícil para chegar aqui.

– Claro – falou Aza, tensa. – Logo as tempestades vão terminar, e poderemos encontrar um lugar para vocês descansarem. – Aza se aproximou. – Mas preciso perguntar, Oráculo… deveríamos estar preocupados?

Sifa sorriu.

– Por que pergunta?

– Receber dois oráculos de uma vez parece… – Aza franziu a testa. – Não parece um bom sinal para o futuro.

– A resposta à sua pergunta é sim. Agora é mesmo a hora de se preocupar – disse Sifa suavemente. – Mas esse seria o caso, estando eu aqui ou não.

Ela inclinou a cabeça, e outra ograna, essa de cabelos claros, sarapintada de sardas e

usando braceletes que emitiam uma leve luz branca, aproximou-se. Os braceletes ajudaram-me a ver seu rosto quando ela gesticulou para mim, sussurrando no ouvido de Ettrek.

– Senhorita Noavek – disse a ograna então, quando seus sussurros terminaram. Seus olhos, tão escuros quanto os meus, seguiram as sombras-da-corrente que agora envolviam minha garganta como uma mão estranguladora, e também pareciam uma. – Meu nome é Yssa, e acabei de ouvir uma mensagem de alguém em nossa torre de comunicação. Recebemos uma ligação para a senhorita, do Quartel-General da Assembleia.

– Para mim? – Ergui as sobrancelhas. – Certamente deve haver um engano.

– A gravação foi transmitida no canal de notícias da Assembleia algumas horas atrás. É o mais rápido que podemos recebê-las em Ogra. Infelizmente, essa tem um limite de tempo – disse ela. – A mensagem é de Isae Benesit. Se quiser responder, deve se preparar para fazê-lo imediatamente.

– Quê? – questionei. Senti um zunido no peito, como o zumbido da corrente, mas mais forte, mais visceral. – Tenho que responder *imediatamente*?

– Sim – respondeu Yssa. – Ou não chegará a ela a tempo. Nosso atraso de comunicação é lamentável, mas não há maneira de contorná-lo. Podemos gravar a senhorita daqui e enviar a gravação até o próximo satélite, que parte para a nossa atmosfera em alguns minutos. Do contrário, precisaremos esperar outra hora. Por favor, venha comigo.

Estendi a mão para Akos. Ele a pegou e apertou forte, e nós seguimos Yssa através da multidão.

Yssa estava com a mensagem exposta em uma tela na parede ao fundo. Tinha a largura de meus braços estendidos. Ela pediu para que eu parasse em uma marca no chão, fez todo mundo ao redor se calar, inclusive Akos, e acendeu uma luz que lançou um brilho amarelo no meu rosto. Supus que fosse para a câmera que gravaria minha mensagem.

Cheguei a receber instruções em questões de diplomacia da minha mãe, mas apenas quando criança. Depois de sua morte, nem meu pai tampouco meu irmão se importou em continuar essa parte da minha educação. Acreditaram, não sem razão, que eu nunca precisaria saber dessas coisas, pois era uma menina-arma. Tentei me lembrar do que ela me dizia. *Postura reta. Fale claramente. Não tenha medo de pensar em sua resposta; a pausa parece mais longa para você do que para eles.* Era tudo que eu conseguia lembrar. Teria que bastar.

Isae Benesit aparece na tela diante de mim, maior agora do que ela sempre foi na vida real. Seu rosto estava descoberto; o disfarce era desnecessário, agora que sua irmã havia

sido morta, e as duas não podiam mais ser confundidas. As cicatrizes se destacavam em sua pele, proeminentes, mas não berrantes. Embora o restante do rosto estivesse maquiado, as cicatrizes ficaram de fora. Por insistência dela, assim eu acreditei.

Seus cabelos pretos brilhavam, presos para trás, e ela usava um vestido de gola alta, era o que eu achava, pois podia ver apenas até a cintura, feito de um material preto e grosso que parecia quase líquido. Um botão descentralizado brilhava dourado contra a garganta. E havia uma faixa dourada na testa. Uma coroa, mais ou menos, embora a menos ornamental que eu já vira. Não era uma chanceler que queria ser associada à abundância e à riqueza de Othyr. Aquela chanceler liderava Osoc, Shissa e, mais importante, Hessa. O próprio coração de Thuvhe.

Ela parecia se esforçar para não parecer bonita ou delicada. Estava impressionante, os olhos cuidadosamente delineados de preto, a pele com seu tom usual de oliva sem embelezamento que não fosse o pó para limitar seu brilho.

Enquanto isso, fazia uma semana que eu não tomava um banho decente e estava usando um macacão mal-ajambrado.

Maravilhoso.

– Aqui é Isae Benesit, Chanceler Afortunada de Thuvhe, falando em nome do planeta-nação de Thuvhe – começou ela. A sala ficou em silêncio ao meu redor. Eu cerrei os punhos nas laterais do corpo, a dor corria por ele, começando em meus pés e se espalhando pelas pernas e ao redor do abdômen.

Pisquei para segurar as lágrimas e forcei a concentração, ficando o mais imóvel que pude.

– Esta mensagem destina-se à sucessora do conhecido trono de Shotet – continuou ela. – Como foi confirmado que Ryzek Noavek está morto, pelas leis de sucessão por laços de sangue seguidas pelo próprio povo Shotet, ele deve ser entregue a Cyra Noavek antes do início normal do dia, medido hoje às 6h13.

"As últimas estações trouxeram consigo vários atos de agressão dos shotet: em uma invasão, nosso oráculo descendente foi assassinado e nosso oráculo ascendente foi sequestrado. E apenas há dois dias minha irmã, Orieve Benesit, foi sequestrada e assassinada em uma tribuna pública."

Ela ensaiou aquela declaração. Tinha que ter ensaiado, porque não tropeçou nas palavras, embora os olhos cintilassem com maldade. Talvez isso fosse apenas minha imaginação.

– Não havia como ignorar a escalada desses atos agressivos. Ela deve ser enfrentada com

firmeza. – Ela pigarreou, baixinho, apenas um breve momento de humanidade. – O que lerei a vocês agora são os termos do rendimento de Shotet a Thuvhe.

"Item um: Shotet desmontará seu exército de prontidão e entregará todas as armas ao Estado thuvhesita.

"Item dois: Shotet entregará sua nave de temporada à Assembleia dos Nove Planetas e abdicará da temporada em favor do assentamento na área conhecida como Voa e ao redor dela, imediatamente a norte dos mares do Sul.

"Item três: Shotet permitirá que tropas thuvhesitas e da Assembleia ocupem Shotet até o momento em que tiver sido restaurada a ordem e a cooperação pacífica com a Assembleia e com as autoridades thuvhesitas em Shotet.

"Item quatro: Shotet abrirá mão de referir-se a si como nação soberana e, em vez disso, se reconhecerá como pertencente à nação de Thuvhe.

"Item cinco: Shotet pagará os reparos de todas as instalações públicas e famílias afetadas por agressão shotet nas últimas cem estações, no planeta de Thuvhe e fora dele, em um valor a ser determinado em data posterior por um comitê da Assembleia e das autoridades thuvhesitas.

"Item seis: todos os shotet identificados como 'exilados' do regime Noavek retornarão a Thuvhe e se assentarão em um local diferente de Voa, onde serão perdoados e receberão cidadania thuvhesita integral."

Senti que meu corpo todo estava se fechando em punho, um dedo por vez, espremendo o sangue de cada nó de dedo. Mal notei a dor de meu dom-da-corrente, embora a sombra corresse pela minha pele em sua cor preta mais profunda, mais densa.

– Você responderá a esta mensagem aceitando esses termos ou expedirei uma declaração de guerra, momento no qual o sangue de seu povo estará em suas mãos – continuou Isae. – Devemos receber uma resposta até o início do dia comum, medido pelo dia de hoje, às 6h13, ou sua vida será considerada perdida e seguiremos ao próximo membro da linha de sucessão familiar. Transmissão encerrada.

O rosto de Isae desapareceu da tela. Tudo ficou em silêncio ao meu redor. Fechei os olhos e lutei para controlar meu corpo. *Agora não é hora*, eu lhe disse, enquanto ele se revirava de dor. *Agora não é hora de tomar espaço na minha cabeça.*

Tentei de novo pensar nas lições da minha mãe, mas só conseguia pensar nela. O inclinar do pescoço, o sorriso frio que usava quando queria que alguém murchasse de dentro para fora. O jeito que usava a voz baixa e encorpada para conseguir exatamente o que queria. Podia tentar imitá-la, mas não funcionaria para mim. Eu já sabia que eu não

era Ylira Noavek.

A única personagem que eu fui capaz de adotar foi a de Flagelo de Ryzek, e eu desesperadamente não queria voltar a sê-lo, não de novo, nunca mais.

– Está pronta para responder, senhorita Noavek? A senhorita só tem alguns minutos – disse Yssa.

Eu não estava pronta para responder, nem pronta para atuar como a líder de um país dividido que nunca me dispensou nada além de desdém. Ao meu redor havia olhos críticos de pessoas que estavam exiladas por causa da crueldade de meu pai e de meu irmão. Eu tinha ciência do insulto que deve ter sido para elas me verem tratada como sua líder, quando na verdade eu fazia parte da mesma família que as torturou e excluiu.

Mas alguém precisava fazer isso e, naquele momento, a tarefa caiu no meu colo. Eu precisava dar o meu melhor.

Empertiguei o corpo. Pigarreei. E assenti com a cabeça.

Yssa meneou a cabeça como resposta. Eu me concentrei nas visões diante de mim, gravando minha imagem e voz para enviá-las a Isae.

– Aqui é Cyra Noavek, soberana em exercício da justa nação de Shotet – falei, e embora minha voz estivesse trêmula, as palavras eram corretas. A luz amarela queimava sobre meu rosto, e eu olhei adiante. Não me encolheria com minhas sombras-da-corrente, eu não…

Eu me encolhi. Eu disse a mim mesma que não importava. Eu estava com dor. Era o que eu fazia, me encolher.

– Shotet rejeita seus termos de rendição, pois viver segundo eles seria pior que o derramamento de sangue a que você se referiu – continuei. – Ryzek Noavek está morto, e os crimes que ele cometeu contra Thuvhe, seja direta ou indiretamente, não caracterizam seu povo.

Minha linguagem formal havia terminado.

– Acho que você sabe disso – falei sem formalidade. – Você andou entre nós e ficou frente a frente com nosso esforço de resistência.

Parei. Pensei no que queria dizer.

– A nação de Shotet respeitosamente pede uma cessação das hostilidades até um momento em que possamos nos encontrar e discutir um tratado entre nossas nações – falei. – Não queremos guerra. Porém, não se engane, nós *somos* uma nação, por mais que estejamos divididos entre Ogra e Urek, e assim seremos tratados. Transmissão concluída.

Só percebi quando terminei que tinha acabado de revelar a localização da colônia de

exilados a Isae Benesit, antes um segredo para todos, menos para os ogranos. Mas era tarde demais para mudar isso.

Antes que qualquer um pudesse falar, ergui a mão para chamar a atenção de Yssa.

– Posso gravar outra mensagem? Esta deve ser entregue imediatamente aos satélites de Voa.

Yssa hesitou.

– Por favor – acrescentei. Não custava nada.

– Tudo bem – cedeu ela. – Mas precisa ser breve.

– Brevíssima.

Esperei seu sinal para começar. Essa mensagem eu conseguiria falar sem pensar, sem ensaiar. Quando Yssa meneou a cabeça, eu respirei e disse:

– Povo de Voa. Aqui é Cyra Noavek. Thuvhe declarou guerra a Shotet. Inimigos estão a caminho. Evacuem para a nave de temporada imediatamente. Repito, evacuem para a nave de temporada imediatamente. Transmissão concluída.

Com isso, eu me curvei, apoiando-me nos joelhos, e lutei para respirar. Era tanta dor que minhas pernas pareciam a ponto de ceder a qualquer momento. Akos avançou, primeiro agarrando meus ombros e depois minhas mãos. Eu me apoiei nele, minha cabeça encaixada perto da dele, minha testa contra seu ombro.

– Você fez bem – disse ele em voz baixa. – Fez bem, e estou aqui, estou aqui.

Quando olhei por sobre seu ombro, vi sorrisos hesitantes, ouvi murmúrios que quase pareciam… de aprovação. Akos tinha razão? Eu realmente tinha feito bem? Não conseguia acreditar que era verdade.

A guerra estava a caminho. E, não importava o que Akos dissesse, não importava o que ninguém dissesse a partir de agora, fui *eu* quem a impulsionou.

CAPÍTULO 12 | CISI

– É Cyra Noavek – diz Ast enquanto gira uma pedra lisa na mão esquerda. Percebi que Ast sempre está em movimento, seja dobrando os joelhos ou mordendo a ponta mole de seu pente ou mexendo alguma coisa entre os dedos. – Alguma chance de ela concordar com os termos?

Eu rio. A ideia de Cyra Noavek, que continuou lutando na arena mesmo depois de seu irmão ter *esfolado* a pele de sua cabeça, entregando seu país a Thuvhe sem nenhuma contestação é simplesmente ridícula.

– Bem, eu não a conheço – diz Ast na defensiva.

– Desculpe, não estou rindo de você – digo –, é que ela lutaria com uma parede se estivesse no caminho.

– Não espero que ela se entregue, não. – Isae dá sua resposta como se estivesse sentada longe e não bem do outro lado do quarto. Ela está à mesinha ao lado da janela. Estamos do lado do satélite da Assembleia que fica de costas para o sol, então a janela tem estrelas, o espaço e a corrente, em vez de exibir uma imagem de Thuvhe. Faz Isae parecer menor e mais jovem do que o normal. – Eles não são feitos para se render, os shotet. O Líder da Assembleia tinha razão… são como… uma infestação. Você acha que eles são pequenos, e por isso será fácil de lidar com eles, mas eles não param de chegar e avançar…

Fico gelada com a palavra *infestação*. Não é jeito de se falar sobre pessoas, mesmo que elas estejam do outro lado da guerra. Não é o jeito que *Isae* fala das pessoas também, nem quando ela está nervosa.

Ela se empertiga e pousa as mãos no colo.

– Preciso decidir meu próximo passo – diz ela. – Supondo que a declaração de guerra sairá conforme planejado.

Ast corre a ponta do dedão pela pedra. É de sua terra natal, alguma rocha da borda que

tem um número em vez de um nome, com um ar impossível de respirar a menos que se tenha um ofegador, a gíria para seja lá que nome deem ao dispositivo de verdade. Comentou comigo que passou a maior parte da vida com uma coisa volumosa presa no rosto para poder sobreviver. *Você precisa fazer o que for para fazer valer o tempo que tem,* disse ele para mim, como dezenas de vezes antes, como se não parecesse mais um manifesto do que uma conversa casual.

– Acho que você precisa bater forte – diz ele depois de algumas circuladas do dedão. – Os shotet não respeitam nada menos que isso. Bata com força ou talvez você não consiga derrubá-los.

A cabeça de Isae se abaixa como se estivesse decepcionada, e só eu sei que não é isso, ela só está carregando peso demais. Ela está entrando em uma guerra própria, bem como na guerra que os planetas da Assembleia desejam, e também em uma contra a tristeza que emerge dentro dela bem onde eu consigo enxergar, que a faz dizer e fazer coisas que em geral não diria nem faria.

– Eu poderia atingir o centro de Voa – comenta ela. – É onde a maioria dos apoiadores dos Noavek vive.

O centro de Voa foi onde caminhamos para chegar ao anfiteatro. Onde eu peguei uma xícara de chá de um dos vendedores ambulantes, e os cantos de seus olhos se estreitaram quando ele entregou a xícara para mim. Ela não pode simplesmente… *atingir* o centro de Voa.

– Você derrubaria os lacaios de Ryzek e também mostraria a que veio – enfatiza Ast. – É uma boa ideia.

– Não é um alvo militar – digo.

Ast balança a cabeça.

– Não há nenhum shotet civil, não de verdade. Todos sabem como matar. Isae e eu sabemos disso melhor que a maioria das pessoas.

Eu soube que o ataque que matou o pai dele foi o mesmo que causou as cicatrizes em Isae. E o mesmo que tomou a vida de seus pais e amigos. A nave, a nave que abrigara Isae por grande parte da vida, foi abordada por shotet em temporada que interpretavam "coleta" como "roubo e assassinato". Isso afetava o julgamento dos dois da mesma forma, bem como os ligava de um jeito que eu não conseguia compreender.

– Que arma usaremos? – pergunta ele. – Um exército terrestre não seria uma boa estratégia contra os shotet, considerando o nível de habilidade de seu cidadão comum.

– Eles não são *cidadãos* de Shotet – respondeu Isae, tensa. – Estão em rebelião ativa

contra meu governo legítimo.

Ast comenta baixinho:

– Eu sei.

Isae morde o nó de um dedo, os dentes afundando na pele. Quero puxar sua mão para longe da boca.

– Ainda preciso confirmar com a liderança de Pitha, mas eles usam a tecnologia pithariana. Chamam de estouro anticorrente. É... eficaz. Eu poderia mirá-la para o anfiteatro onde Ori foi assassinada, e a destruição irradiaria de lá. Isso implodiria completamente o prédio.

Minha respiração ficou rápida. É por isso que vim até aqui, para impedir Isae de fazer algo de que ela vai se arrepender, garantir que Thuvhe mantenha o caminho correto. Então, preciso acalmá-la. Preciso impedir os dois enquanto ainda estão juntando forças. Empurro meu dom adiante em uma onda rodopiante, atingindo os dois de uma vez. Ast encolhe-se com ela, como sempre faz, mas Isae parece nem notar. Imagino a água do dom-da-corrente erguendo o peso de seu corpo para que ela flutue, em seguida puxo seus membros com gentileza, quando a onda volta para mim.

– Existem leis contra a agressão desnecessária a alvos civis – digo baixinho.

Isae me olha preguiçosamente, como se estivesse meio adormecida. Seu lábio inferior está manchado de vermelho.

– Tem um acampamento de soldados fora de Voa – sugiro.

– Onde nem sequer conhecemos quem *estará* lá – contesta Ast. – Voa está em um estado de total rebelião. Os soldados provavelmente entraram na cidade para manter a ordem. Um ataque ao acampamento arrisca apenas cortar e derrubar algumas tendas e prédios.

Isae ainda está mastigando aquele nó do dedo. Um vislumbre de vermelho me mostra que está sangrando agora. Tem a mesma energia selvagem que tinha antes de matar Ryzek, só que agora não há nenhum foco para acompanhar. Ast lhe oferece um lugar para lançar sua energia destrutiva, mas a que custo? Vidas civis? Idosos e idosas, crianças, dissidentes, renegados, doentes e necessitados?

Sem mencionar o custo para ela, como a pessoa que ordena esse tipo de destruição.

Vamos lá, pense.

– Matar pessoas não é a única maneira de ser eficaz – digo. – Os shotet têm algumas coisas que prezam. Sua língua... – Engasgo quando a irritação de Ast comigo se aviva, e meu dom-da-corrente reage, impedindo-me de continuar.

– Sim, claro, vamos atrás de abstrações em vez de alvos concretos – diz Ast. – Vai funcionar.

Empurro meu dom adiante novamente, outra onda. O que Isae precisa agora é de um pouco de calma e paz. E não importa o quanto Ast e Isae sejam ligados um ao outro, ele não pode lhe dar isso.

Eu posso.

– Shh, Ast – diz Isae, levantando a mão. – Ci, continue.

Espero a sensação de aperto na garganta passar. É preciso que Ast se acalme para que funcione, e não apenas sua calma, mas sua vergonha em me impedir de falar. Só quando sua expressão está bem e devidamente refreada que consigo falar de novo.

– A língua é cara para eles, assim como os oráculos, que estão fora de questão, e a temporada.

– A temporada. – Isae meneia com a cabeça. – Você tem razão. – Seus olhos se acendem. – Poderíamos atingir a nave. Eles acabaram de voltar, então provavelmente há apenas uma tripulação mínima a bordo… a perda de vidas será mínima, mas a vitória simbólica seria enorme.

Não é minha solução, mas tampouco é de Ast. Eu acho que é melhor que nada.

Ast franze a testa, com olhos fixos como sempre em um ponto incerto a meia distância. Não se move há algum tempo, de modo que o besouro voador que o guia com seus estalidos e piados está empoleirado em seu ombro, as antenas se deslocando da mesma maneira incremental que seus olhos mecânicos fazem.

– É meio suave – diz ele.

– É melhor lamentar ser suave demais do que ser dura demais – comenta Isae com uma voz que indica que a discussão acabou. – Vou entrar em contato com o general Then. Certifique-se de que temos imagens de vigilância da nave que não sejam de meia estação atrás.

Ela sorri para mim, a expressão um pouco cruel demais para meu gosto. Significa que a Isae que matou Ryzek ainda está ali em algum lugar, esperando para atacar novamente. Na verdade, eu não deveria estar tão alarmada com isso. Foi o que me atraiu nela, afinal de contas: ela ser competente, decisiva. Não precisava de ninguém para cuidar dela, muito menos de mim. Nunca admitiria precisar agora.

Mas se apaixonar por alguém é *querer* cuidar desse alguém. Então, é isso que vou fazer.

Jantamos juntos, Ast, Isae e eu. Como Ast não reage bem ao meu dom-da-corrente, tenho

que aprender a lidar com ele da mesma maneira que todo mundo faz: tentativa e erro. Então, desta vez tento perguntar a ele sobre crescer na nave com Isae, e isso parece deixá-lo à vontade. Ele me fala sobre como tentou ensinar Isae a consertar motores, como seu pai fez, e tudo o que ela queria era soltar os parafusos. Ela tentou convencê-lo a participar de suas aulas de etiqueta uma vez, e ele a fez rir tão alto que espirrou chá pelo nariz.

– Saiu chá do meu *olho* – diz ela enquanto ri.

De forma lenta, mas segura, eu decido: vou me pôr entre eles. Não para atrapalhar, mas para ter certeza de que ela fará a coisa certa, o que é sensato. A mensagem dela para o general Then soou firme o bastante, e ela está rindo agora enquanto conta histórias de seu passado, mas eu ainda estou preocupada. Depois de ver alguém matar um homem com uma faca de cozinha, há muito mais com o que se preocupar.

Ast sai assim que os pratos são retirados, e eu me preparo para ir também, com certeza ela está cansada das decisões do dia. Mas Isae pega minha mão quando me levanto da cadeira e diz:

– Você se importaria de ficar um pouco?

– Claro que não – digo.

Ela perde toda a tranquilidade como se estivesse tirando as roupas, andando ao longo das janelas e depois virando para caminhar de volta. Tento ajudá-la, mas, da mesma forma quando ela estava a caminho da cela de Ryzek na nave renegada, meu dom-da-corrente falha. Ela puxa os cabelos, agitada, por isso ele se enrola com mais força em torno das orelhas.

– Meu dom tem seus desafios também – diz ela para mim depois de algumas voltas ao redor da sala. Durante muito tempo, achei que o dom dela era simples, apenas vendo as lembranças de outras pessoas com um toque. Mas é mais que isso. Ela vive com o passado sempre puxando-a, tentando arrastá-la em sua maré.

– Desde Ori… – Ela para, engole em seco, começa novamente. – Eu tenho ficado presa em lembranças. O que é bom quando são boas, como com Ast, mas nem sempre são boas, e elas entram em meus sonhos…

Ela recua e balança a cabeça.

– Poderíamos conversar sobre algo mais leve – digo. – Até você cair no sono.

– Não sei… não acho que vá funcionar. – Ela ainda está balançando a cabeça. – Eu imaginei se… é bobo, mas…

– Qualquer coisa que te ajude – digo.

– Imaginei se você poderia me deixar entrar em suas lembranças – diz ela. – Se eu

usasse meu dom-da-corrente para vê-las, talvez eu pudesse ter alguma paz, por um instante.

– Ah. – Hesito. Não tenho tantas lembranças boas para escolher. As da minha infância estão manchadas de tristeza, porque tudo leva para o momento em que Eijeh e Akos são levados ou meu pai é morto. As posteriores, quando estou tentando tirar a mamãe da distração constante, também não são ótimas. Só depois de eu me reencontrar com Ori que as coisas se iluminaram com mais frequência, e isso, em parte, porque eu estava conhecendo Isae…

– Desculpe, não devia ter perguntado, é invasão de privacidade – comenta Isae.

– Não! Não, não é isso – asseguro. – Eu estava apenas pensando que muitas das minhas boas lembranças envolvem você e Ori, e eu não tinha certeza se isso seria desconfortável.

– Ah. – Ela faz uma pausa. – Não, isso é… bom.

Vou até sua cama e me sento na beirada, onde o cobertor ainda está esticado e preso debaixo do colchão. Dou um tapinha no espaço ao meu lado, e ela se senta, angulada para poder fitar meus olhos.

– Me dê um instante – eu digo.

– Um "instante". – Ela sorri. – Essa é uma das minhas palavras hessanas favoritas.

Fecho meus olhos para conseguir lembrar. Não se trata apenas de pensar quando eu a conheci, ou quando senti que era realmente sua amiga; trata-se dos detalhes. O cheiro do ar, o quanto estava frio, o que eu estava vestindo. E isso não é tão fácil. Eu estava na escola, então sempre estava vestindo meu uniforme nas primeiras vezes que passamos juntas, uma túnica grossa que cobria minhas roupas para que não caísse poeira, casca e talos de plantas sobre elas…

– Pronto – digo quando me lembro do cheiro de casca de fruta-sal, verde e travosa.

Ela já usou seu dom-da-corrente em mim antes, quando estávamos nos conhecendo melhor, então espero sua mão tocar meu rosto. Seus dedos estão frios e um pouco úmidos, mas se aquecem rápido na minha bochecha e se ancoram no meu queixo. Então, estamos nos movendo juntas para o passado.

Fiquei atrás de uma barreira de corda com uma multidão se apertando às minhas costas. Não me importei à época porque significava calor, abrigo contra o vento e a neve. Eu ainda tinha que fechar minhas mãos dentro das luvas para manter os dedos quentes, mas não sentia aquele frio, aquele frio profundo que faz os dentes parecerem frágeis.

Ficamos ali por um bom tempo até a nave aparecer sobre nós, descendo sem se desviar para a

plataforma de pouso. Era pequena e humilde, uma nave de transporte de Hessa. As pessoas ao meu redor arfaram quando reconheceram, o metal surrado, os respiradouros de calor que impediam o congelamento do motor. Para mim, parecia uma mensagem: Sou uma de vocês, apenas uma simples thuvhesita. *Foi manipulação.*

A nave de Hessa pousou, a porta se abriu e uma mulher de preto saiu. Seu rosto estava coberto, é claro, do nariz para baixo. Mas ela não estava usando óculos de proteção, como todos nós, então pude ver seus olhos escuros, com a inclinação estreita, cílios apertados na pele acima deles.

Ao vê-la, todos aplaudiram. Menos eu; estava tentando descobrir se estava vendo coisas. Aqueles eram os olhos de Ori, mas eu não a via fazia anos e ela estava… bem, era Ori.

Um instante depois, outra mulher saiu detrás da primeira — a irmã da chanceler, presumi, só que eu poderia jurar que estava vendo o dobro. Ela era a mesma: a mesma altura, o mesmo casaco, a mesma cobertura do rosto. Os mesmos olhos que examinam a multidão sem sentir.

As mulheres caminharam ombro a ombro em direção ao edifício. Não pararam para se dar as mãos. Levantaram as mãos enluvadas para acenar; os olhos se estreitaram em sorrisos que não pudemos ver. O andar de uma era suave, como se ela estivesse avançando pelo chão sobre rodas. O da outra era leve, fazia a cabeça balançar para cima e para baixo enquanto se movia. Quando passaram por mim, não pude evitar; abaixei os óculos para poder ver melhor seu rosto, ver com meus olhos se era Ori ou não.

Um par de olhos encontrou os meus. Seus passos vacilaram, só um pouco. E então foram embora.

Mais tarde, naquele dia, ouvi uma batida.

Eu morava no dormitório ao lado do hospital, ligado a ele por uma ponte coberta. Às vezes, eu encostava a testa contra o vidro e olhava os campos de flores-do-gelo de lá. Só conseguia ver manchas de cor dali de cima, onde os edifícios de Osoc balançavam no céu como candelabros.

Meus aposentos eram pequenos e cheios de objetos. Tecido, principalmente. Papel (ou seja, livros) era um luxo em um planeta sem muitas árvores, mas tirávamos o tecido do caule das flores-do-gelo, e tratávamos com essência de pétala de pureza para deixá-lo macio. Tingíamos de todas as cores, opacas e brilhantes, escuras e claras. Qualquer coisa, menos cinza, pois era o que víamos o tempo todo. Eu pendurava tecido nas prateleiras para esconder o que havia nelas; colocava nas paredes para encobrir onde descascavam. Meu quarto era, em grande parte, uma cozinha; eu tinha pequenos queimadores aqui e ali com algo fervendo, e o ar ficava cheio de vapor ou fumaça, dependendo do dia. Não eram quartos limpos, mas eram quentes.

Porém, não estavam adequados para a companhia que recebi naquele dia. Limpei as mãos em um avental e abri a porta, o suor molhando minha testa. Um homem muito alto e forte estava bem à minha frente e parecia grosseiro.

— Suas altezas da família Benesit solicitam a honra de sua hospitalidade — disse o homem. Não era thuvhesita; eu podia dizer pelo jeito que deixou os botões da camisa abertos na garganta. Estava vestindo uma roupa cinza pálida, indicando que devia ser da Assembleia, e seu tom formal confirmava.

— Hum — falei, pois foi tudo que consegui. Então, meu dom-da-corrente entrou em ação, e a postura dele relaxou, aí não me senti tão nervosa. — Claro. Elas são bem-vindas aqui, assim como o senhor.

O homem abriu um sorrisinho para mim.

— Obrigado, senhora, mas meu trabalho é ficar do lado de fora — disse ele.

Ele checou meu apartamento para se certificar de que estava seguro, vagando em cada cômodo, de olho em todas as minhas coisas. Até enfiou a cabeça no banheiro para ter certeza de que ninguém estava agachado no meu chuveiro com uma faca, ou pelo menos foi o que pensei. Em seguida ele saiu, acenou para alguém fora do campo de visão, e lá estavam elas. Duas mulheres altas e magras com seus vestidos pretos abotoados até a garganta, encapuzadas, com o tecido cobrindo o rosto. Dei um passo para trás para deixá-las entrar, mas não as cumprimentei. Tudo o que pude fazer foi olhar para elas.

Então, uma delas passou por mim para fechar a porta e sorriu. Soube porque sua bochecha se enrugou.

— Cisi — disse ela, e então eu soube, eu realmente soube, era ela.

— Ori — falei, e nós nos trombamos em um abraço apertado, abafando as risadinhas uma da outra.

Por sobre seu ombro, vi a irmã andando pelo meu pequeno apartamento, correndo os dedos por tudo que passava. Parou ao lado da prateleira onde eu mantinha fotos da minha família atrás de um tecido fino para eu não ter que olhar para elas se achasse que poderia ser muito doloroso.

Eu me afastei de Ori, que se atrapalhou para puxar seu capuz e cobertura de rosto para baixo. Ela parecia exatamente como eu achava que seria; a mesma, mas mais afilada, mais velha. Os cabelos negros estavam desgrenhados pelo capuz, e retos como palha, puxados em um nó sobre a nuca. A boca, já inclinada nos cantos, se curvou em um sorriso mais profundo.

— Não posso acreditar… — Eu não posso acreditar que você é a irmã da chanceler, não posso acreditar que você está aqui, *era o que eu queria dizer, mas não consegui.*

— Sinto muito. — Ela abaixou os olhos. — Se houvesse outro jeito…

Como pôde mentir para mim durante a vida inteira?, *pensei, porque sabia que não podia dizer isso. Não podia dizer nada, na verdade.*

Encaixei a mão em seu cotovelo e a guiei para o quarto, em direção às almofadas que eu tinha empilhado em torno de um queimador e um pote robusto com chá sobre ele. Eu estava estudando os efeitos da flor-do-gelo em infusão gelada frente ao tipo quente.

– Aonde você foi? – perguntei.

– Para a nave da Assembleia – respondeu ela. – Isae estava lá... se recuperando.

Ela olhou para a irmã, então eu soube que o nome da chanceler era Isae. Ela se empoleirou na única cadeira da sala, perto de sua irmã. Suas mãos ficaram apoiadas no colo por um ou dois instantes antes de ela revirar os olhos e afastar a cobertura do rosto da boca e do nariz. As cicatrizes que dividiam seu rosto eram graves e frescas, a julgar pela cor vermelha brilhante.

Não eram bonitas. Cicatrizes raramente eram.

– Se recuperando disso, é o que ela quer dizer. – Isae acenou com a mão diante do rosto.

Tentei um sorriso.

– Deve ter sido difícil.

Isae bufou.

– Então, você é a mais velha dos Kereseth – disse ela. – Vocês são o assunto do sistema hoje em dia. Os Kereseth... oráculo, traidor e... bem, aquela que deveria ter cuidado com facas. – "A primeira criança da família Kereseth vai sucumbir à lâmina." Não é esse seu destino?

Engasguei. Meu irmão não é um traidor. Vou ser tão descuidada com facas quanto eu bem quiser. Saia do meu apartamento. Quem diabos você pensa que é? *Porém, eu não podia dizer nenhuma dessas coisas.*

– Isae! – disse Ori, bronqueando.

– Acho que não deveria tocar em assuntos desagradáveis sem que me pedissem – disse ela –, mas é a realidade de quem você é, de quem eu sou e de quem é minha irmã. E gosto de encarar a realidade.

– Você está sendo grosseira – retrucou Ori.

– Tudo bem – falei, minha língua finalmente se soltando. – Já passei por coisas piores.

Isae riu, como se soubesse o que eu estava tentando dizer. Talvez soubesse. Deve ter sido educada pela Assembleia, pelo menos por algum tempo, e eles, melhor do que a maioria, devem saber como dizer duas coisas ao mesmo tempo.

– Teriam amado você na nave da Assembleia – disse ela em voz baixa.

– Eu disse boas lembranças, não aquelas em que você está brava comigo!

Isae me tira da lembrança, volta para a nave da Assembleia e, embora ela esteja me xingando, também está rindo.

– Me desculpe, é difícil de controlar! – digo com uma risadinha.

– Fui horrível com você. – Os olhos de Isae brilham um pouco quando ela olha para mim em seguida. São de uma cor bonita, castanho-escuro com um pouco de calor, como terra fértil. – Como você virou minha amiga?

– Volte lá e eu te mostro – digo.

O cheiro de especiarias chegou a mim primeiro. Minhas mãos estavam enterradas nela, mergulhadas em um pedaço de massa do tamanho da minha cabeça. Uma nuvem de farinha subiu em volta do meu rosto quando bati a massa na bancada. Não costumava ir para casa com muita frequência, mas era o tempo do Fenecimento, e eu nunca perdia o Florescimento em Hessa, então ficava lá por alguns dias.

Sentada à mesa atrás de mim estava Isae Benesit. Ela se recusara a ir ao templo com Ori, que queria perguntar ao oráculo, minha mãe, sobre alguma coisa. Então, Ori a deixou aqui como se ela fosse uma criança que precisava ser vigiada, mesmo sabendo que não gostávamos muito uma da outra.

Isae tinha diante de si uma xícara cheia de chá. Pelo que eu podia dizer, ela não tinha sequer tocado nela desde que eu a tinha servido uma hora antes.

– Então – disse ela, depois de eu ter dobrado a massa e sovar de novo. – Você vem para casa com frequência?

– Não – respondi, e fiquei surpresa com a rispidez da resposta. Normalmente meu dom não me deixava falar assim com as pessoas.

– Alguma razão especial?

Parei. Não tinha certeza se conseguiria responder a sua pergunta. A maioria das pessoas não queria realmente ouvir meus problemas, mesmo quando perguntavam; ou seja, eu literalmente não podia falar sobre eles. A dor tinha um jeito de fazer isso, de deixar as pessoas desconfortáveis.

– Sombras demais nesta casa – respondi, avançando lentamente na direção do assunto.

– Ah – disse Isae. E então, para minha surpresa, continuou: – Quer me falar sobre elas?

Eu ri.

– Você quer ouvir sobre elas?

Ela deu de ombros.

– Não parecemos boas em falar de coisas mais casuais, e, de qualquer forma, nem tenho tempo para isso. Portanto… sim. Quero ouvir sobre elas.

Assenti com a cabeça e bati a bola de massa na bancada. Lambi um pouco da massa crua de meus dedos antes de lavá-los na pia e secá-los em um pano. Em seguida, eu a levei para a sala de estar. A casa inteira tinha o cheiro de fermento e condimentos do pão. Minha calça ainda estava marcada com impressões digitais de farinha.

Apontei para uma parte do chão da sala que parecia com todas as outras partes do chão de madeira desgastada.

– Ali – falei. – Foi ali que o corpo dele caiu.

Isae não me perguntou de quem eu estava falando. Ela conhecia a história, todos em Thuvhe

conheciam a história. Em vez disso, se agachou ao lado do local onde meu pai morreu e passou os dedos pela madeira áspera.

Fiquei ali, paralisada. Depois, comecei a falar:

— Fiquei sentada com seu corpo por horas antes de limpar tudo. Parte de mim esperava… sei lá. Que ele acordasse, talvez. Ou que eu acordasse do pesadelo. — Soltei um som baixo. Algo contido e dolorido. — Então, tive que lidar com ele. Cobrir o corpo. Encontrar um balde e enchê-lo com água morna. Pegar um monte de trapos velhos. Imagine ficar diante do armário de roupas tentando descobrir quantos trapos você precisa para limpar o sangue de seu pai.

Engasguei, mas não por causa do meu dom-da-corrente dessa vez; foram as lágrimas. Eu não tinha chorado por outra pessoa desde que meu dom-da-corrente se desenvolveu. Tinha pensado que isso estava fora de cogitação para mim, como fazer perguntas grosseiras para as pessoas ou rir quando alguém caía em uma estrada congelada.

Isae começou a fazer uma oração. Só que não era de conforto nem mesmo a que uma pessoa fazia quando alguém morria. Era uma bênção para um lugar sagrado.

Isae achava que o lugar onde meu pai morreu era sagrado.

Ajoelhei-me ao lado dela, querendo ouvir sua voz enquanto formava as palavras. Sua mão envolveu a minha, e foi mais do que estranho tocar em alguém que eu nem conhecia, de quem eu nem gostava. Mas ela apertou forte, por isso eu não soltei, e terminou a oração baixinho.

Ainda assim não larguei sua mão.

— Nunca fui capaz de dizer isso a alguém antes — comentei. — Isso deixa as pessoas muito desconfortáveis.

— Precisa de mais do que isso para me deixar desconfortável — disse ela.

Seus dedos frios correm pela minha bochecha, contendo as lágrimas. Ela passa um cacho de cabelos para trás da minha orelha.

— Sua definição de uma lembrança boa precisa melhorar — diz ela, suave, a mais gentil das piadas.

— Fazia estações que eu não chorava, só quando eu estava sozinha — digo. — Ninguém estava lá para me consolar, nem mesmo minha mãe. Todas as tragédias da minha vida são duras demais para a maioria das pessoas. Mas você conseguiu lidar com isso. Conseguiu lidar com tudo o que eu disse.

Sua mão ainda está atrás da minha orelha.

Então, está no meu cabelo, enrolando os cachos nos dedos. E eu a beijo. Uma vez: suave, breve.

Mais uma vez, mais forte, com ela reagindo ao beijo.

De novo, como se não pudéssemos aguentar ficar separadas.

Minhas mãos ásperas encontram sua nuca, e estamos grudadas, encaixadas, emaranhadas.

Nós nos enterramos nesta pequena bolha de felicidade, o mais fundo que conseguimos.

CAPÍTULO 13 | AKOS

Os exilados os colocaram em um alojamento temporário, todos empilhados uns sobre os outros, as camas eram cavadas diretamente na parede, em fendas revestidas de metal. Não era um arranjo permanente, mas seria por alguns dias; ao menos tinha sido o que o exilado que lhes mostrou as camas havia dito.

Cyra pegou a cama mais alta (elas não eram largas o suficiente para caber duas pessoas, então não havia chance de compartilhar), porque era uma boa escaladora, e Teka, igualmente ágil, ficou com a segunda mais alta. Sifa e Eijeh pegaram as duas camas mais baixas, então Akos se viu bem no meio. Entre dois thuvhesitas e dois shotet. Era como se o destino tivesse desistido da sutileza e decidido simplesmente começar a cutucá-lo.

Embora houvesse uma chapa de metal separando-o da cama de Teka, ele ainda ouviu o deslizar de lençóis enquanto ela se agitava e girava a noite toda. Acordou com a mulher, que dormia na coluna seguinte, caindo meio agachada embaixo dele. Havia algo na maneira como ela se movia, na maneira como suas pernas se dobravam, que ele reconheceu.

– Devo estar perdendo o jeito se consegui acordar você – disse a mulher, rude, enquanto vestia uma calça. Ela olhou para ele.

– Conheço você de algum lugar – disse ele, balançando as pernas para fora da cama e saltando no chão. Ele enrolou os dedos dos pés quando sentiu o frio do chão.

– Eu estava lá quando você ganhou sua armadura – disse ela. – Uma de suas observadoras. Você é Kereseth.

Ganhar armadura exigia três testemunhas. Levara muito tempo para que Vakrez Noavek, o general, concordasse em convocá-las para ele. Vakrez tinha zombado da ideia de que alguém que não fosse nascido em Shotet pudesse matar um Blindado. Tinha sido Malan, seu marido, que o convencera. *Se ele falhar, e daí?*, disse ele, meneando a cabeça

para Akos. *Você prova que um thuvhesita não está apto para usar nossa armadura. E se ele conseguir, isso reflete bem seu treinamento. De qualquer forma, você ganha.*

Então, ele piscou para Akos. Akos teve a sensação de que Malan quase sempre conseguia o que queria de Vakrez.

– Bom ver que você encontrou seu equilíbrio – disse a mulher. – Aquele negócio com o Blindado foi um pouco heterodoxo.

Ela acenou com a cabeça para o pulso dele, onde ele havia marcado a perda do animal como teria marcado qualquer outra vida. Uma coisa estranha para o bando de shotet que lhe concedera uma armadura. No entanto, ele havia colocado uma risca sobre a marca como Cyra lhe disse para fazer.

Ele não encobriu as marcas quando a mulher as olhou, como talvez fizesse perto de sua família. Mas passou a ponta do dedo pela linha que pertencia a Vas Kuzar. Ainda não havia decidido se pensava nisso como um triunfo ou um crime.

– Chega de tagarelice! – Teka rosnou do beliche acima, jogando o travesseiro e acertando a cabeça da mulher com ele.

Akos tinha conseguido roupas extras de um exilado do tamanho dele na noite anterior, então se vestiu e jogou água no rosto para acordar. Água fria correu pela parte de trás do pescoço e seguiu sua espinha. Não se incomodou em secar. Os ogranos mantinham seus edifícios aquecidos.

Quando saiu para ir ao refeitório, porém, percebeu que, pela primeira vez em muito tempo, ninguém estava lhe dizendo aonde poderia e não poderia ir, ou o perseguia a ponto de ele ter que se esconder. Decidiu continuar andando. Passou pelo refeitório, um antigo depósito que os shotet haviam reutilizado, e foi em direção à aldeia shotet-ograna de Galo.

Os shotet tinham feito um trabalho tão bom de adaptação que não conseguia distingui-los dos ogranos a maior parte do tempo, apesar de Teka ter dito que aquela aldeia estava cheia de exilados. Ele pescou algumas palavras de shotet passando por uma das bancas do mercado, um velho shotet brigando pelo preço de uma fruta ograna que parecia um cérebro e brilhava de leve com algum tipo de poeira. E o tecido que uma das mulheres sacudia da janela tinha um mapa de Voa bordado.

As estruturas permanentes curvavam-se uma sobre a outra, algumas paredes deformadas pela idade. Algumas das portas abriam-se umas dentro da outra, lutando pelo domínio em frente às lojas. As ruas tinham apenas a largura dos ombros e levavam a mais lojas enterradas atrás da primeira fileira.

Quase não havia placas, era preciso descobrir as coisas colocando a cabeça dentro das lojas. Metade dos objetos que estavam vendendo não lhe eram familiares, mas ele teve a sensação de que os ogranos gostavam de coisas pequenas e intrincadas, quando havia.

Akos ficou sobressaltado, como se alguém fosse pegá-lo andando por aí e puni-lo por isso. *Você não é mais um prisioneiro*, ele dizia a si mesmo. *Pode ir aonde quiser.* Mas era realmente difícil de acreditar.

Então, ele sentiu um cheiro no ar que o lembrou tanto do pó de inveja que não pôde evitar. Mergulhou em um dos becos, virando de lado para não raspar a camisa na pedra úmida, e se aproximou. Vapor bufou de uma janela à frente e, quando espiou entre as barras, viu uma mulher mais velha inclinada sobre um fogão, mexendo alguma coisa em uma panela de ferro. Pendurados acima dela havia feixes de plantas, amarrados com barbante, e do chão ao teto, onde houvesse espaço para uma prateleira, havia frascos marcados em caracteres shotet. O espaço atravancado continha facas, medidores, colheres, luvas e potes cheios quase estourando.

A mulher virou-se, e Akos tentou se esconder, mas não foi rápido o suficiente. Seus olhos capturaram os dele e eram tão azuis quanto os de Teka. Tinha um nariz aquilino, e a pele era quase tão clara quanto a dele. Ela assobiou para ele entredentes.

– Bem, entre, talvez possa me ajudar a mexer – disse ela.

Ele se inclinou para passar sob o batente da porta. Sentiu-se grande demais para a loja estreita (era uma loja?) e grande demais para o próprio corpo. Ela batia no peito dele e era magra, os braços musculosos apesar da idade. Não havia lugar para os fracos aqui, pensou ele. Teria perguntado a Cyra o que acontecera aos de corpo franzino que ousaram desafiar os Noavek, mas não queria a resposta.

Ele pegou a colher dela.

– Sentido horário. Raspe o fundo. Não muito rápido – ela instruiu, e ele fez o melhor que pôde. Não gostou do som que a colher de metal fazia contra o fundo da panela, mas não havia o que fazer. Não havia uma colher de pau à vista. As árvores provavelmente tentariam matar quem as derrubasse ali.

– Qual seu nome? – perguntou ela, ríspida. Ela havia se mudado para uma bancada da largura de seus quadris e estava cortando folhas que ele não reconheceu. Mas, balançando na frente de seu nariz, havia um feixe de folhas de sendes. Onde ela as conseguira? Cresciam em Ogra? Certamente não.

– Akos – disse ele. – Como conseguiu folhas de sendes aqui?

– Importações – disse ela. – Quê, acha que tem frio suficiente aqui para criar flor-do-

gelo?

– Não acho que o calor seja realmente o maior obstáculo – respondeu ele. – Falta de sol, esse é o problema.

Ela grunhiu o que pareceu uma concordância.

– Eles não arriscam voar em novos embarques com frequência – disse ela. – Não está interessado em meu nome?

– Não, eu…

Ela riu.

– Sou Zenka. Não fique tão nervoso com isso, não vou repreender uma pessoa por se preocupar mais com as plantas do que comigo. Francamente, seria hipócrita. Desacelere, vai bater essas coitadas até a morte no ritmo em que está indo.

Akos olhou para sua mão. Tinha pegado o ritmo de mexer mais rápido do que pretendia.

Ele diminuiu a velocidade da mão. Era óbvio que estava sem prática.

– Já conseguiu flores-sossego aqui? – perguntou ele.

– Não me fazem muito bem. Não sei como lidar com elas, e são plantas com as quais não se deve brincar.

Ele riu.

– Sim. Eu sei. Minha cidade tinha uma cerca em torno delas para impedir que as pessoas se machucassem.

– Sua cidade – disse ela. – Onde fica?

Ele percebeu, tarde demais, que talvez não quisesse falar sobre ser thuvhesita para uma desconhecida. Mas fazia tanto tempo desde que conhecera uma pessoa que não sabia quem ele era.

– Hessa – respondeu ele, já que não conseguia enxergar uma maneira de contornar a situação. – Não é mais minha cidade, eu acho.

– Se é que alguma vez foi – disse ela. – Afinal, seu nome é Akos. É um nome shotet.

– Eu soube.

– Então, você conhece flores-do-gelo – disse ela.

– Meu pai era agricultor. Minha mãe me ensinou algumas coisas também – comentou ele. – Mas não sei nada sobre o que cresce em Ogra.

– As plantas ogranas são ferozes. Vivem de outras plantas ou de carne, corrente, ou de todos os três – explicou ela. – Então, se não tiver cuidado, vão morder seu braço ou fazer você murchar de dentro para fora. Colher aqui é mais como caçar, com o benefício

adicional de quase se envenenar toda vez que dá um passo floresta adentro. – Ela estava sorrindo um pouco. – Mas podem ser úteis, se você conseguir pegá-las. Geralmente precisam ser cozidas. Tira um pouco de sua potência.

– O que a senhora faz com elas?

– Tenho trabalhado em um remédio que vai suprimir a corrente, para aqueles cujos dons-da-corrente são fortes demais para eles aqui – respondeu ela. – Muitos shotet acham impossível viver aqui. Eu preciso de ajuda, se você estiver interessado em cortar, descascar e amassar.

Ele abriu um sorrisinho.

– Talvez. Não tenho mais certeza do que vou ter que fazer enquanto estiver aqui.

– Você não pretende permanecer muito tempo.

Ela queria dizer que ele não pretendia ficar em Ogra por muito tempo, mas Akos ouviu, em primeiro lugar, como algo maior que isso. Quanto tempo viveria antes de encontrar sua fortuna? Um dia, uma estação, dez estações? Sentia-se como uma criatura do fundo do mar em um gancho, sendo puxado para a superfície. Não podia evitar e ia aonde a linha o puxava, e a morte esperava fora da água. Mas não havia nada que pudesse fazer a esse respeito.

– Minhas intenções não importam mais.

O refeitório estava quieto demais quando Akos chegou lá, as pontas dos dedos manchadas de verde por causa de algum caule ograno que havia aberto para Zenka. Muito quieto e muito agitado, todo mundo correndo, mas sem ir a lugar nenhum. Estava observando o lugar em busca de Cyra quando Jorek se aproximou dele com os braços magros à mostra por sua camisa, que, a julgar pelas bordas desgastadas perto dos ombros, ele mesmo havia cortado as mangas. Talvez com os dentes.

– Aí está você – disse Jorek. – Aonde você foi? Todo mundo está maluco.

Imediatamente, Akos se sentiu tão cansado que poderia desmoronar ali mesmo, no chão do refeitório, em cima de uma casca de pão descartada.

– O que está acontecendo?

– O satélite ograno trouxe um monte de notícias há alguns minutos. Estão transmitindo para as telas aqui o mais rápido que podem. Mas, aparentemente, é um desastre – explicou Jorek. – Eles não disseram muito, mas levaram Cyra, e eu não acho que é só porque Isae Benesit acredita que ela é nossa soberana.

Akos viu Cyra do outro lado da sala pelo brilho da pele-prata em sua cabeça, que estava

inclinada na direção de Aza, uma dos líderes exilados. Estava carrancuda, e ele sabia que não significava que estava brava, embora assim parecesse. Quando ela estava brava, era uma estátua. Quando estava rindo, estava com um medo louco. E quando estava carrancuda… bem, ele não sabia.

Ele estava indo até ela quando as telas (havia quatro na sala, suspensas a partir do meio em um aglomerado, como um candelabro) se iluminaram e começaram a passar um vídeo. No início, era apenas o canal de notícias padrão, e em seguida mudou para uma foto do rosto de um homem. Tinha a pele clara, com um rosto profundamente enrugado e uma testa severa. Era magro e estreito nos ombros, mas não parecia frágil; na verdade, era o contrário. Parecia estar usando cada parte de seus músculos e energia, sem poupar nada. O mais peculiar, porém, eram as sardas salpicadas no nariz, joviais demais para pertencer a um rosto tão severo e envelhecido.

Todos no refeitório ficaram imóveis.

– Eu sou Lazmet Noavek – disse ele – e eu sou o legítimo soberano de Shotet.

CAPÍTULO 14 | CYRA

O ROSTO DO MEU PAI É UMA FAÍSCA.

E todas as minhas lembranças estão se acendendo.

Mil momentos de seus olhos se aproximando de mim enquanto examinava um quarto. E seu braço tenso e magro com suas fileiras e fileiras de marcas da morte. E a veia que pulsava no centro de sua testa quando alguém o desagradava. Essas eram as imagens que eu tinha dele, seladas em minha mente, mas as piores não eram essas.

Eu nunca o vi em seus piores momentos, porque nunca fui convidada para entrar na sala; agora sei que foi um favor, embora na época parecesse exclusão. No entanto, Ryzek era convidado. Quando ele era jovem, havia participado de execuções, interrogatórios e do treinamento brutal que tratava os soldados de Shotet como seres descartáveis. E, quando mais velho, foi forçado a participar, a aprender a arte da dor, da maneira como outros aprendiam música ou idiomas, e a construir uma reputação para si tão aterrorizante quanto a do meu pai.

Então, minhas piores lembranças de Lazmet eram na verdade lembranças de Ryzek, ou de minha mãe, finalmente dispensados de sua presença. As mãos de minha mãe tremiam levemente quando tirava o colar ou abria os botões do vestido. Ryzek apertava as duas mãos sobre a boca para que ninguém pudesse ouvi-lo chorar (embora, é claro, eu soubesse reconhecer o que ouvia) ou gritar com Vas sem motivo até ficar rouco.

Agora, o próprio Lazmet Noavek me encarava da tela acima da minha cabeça, e eu me forcei a me endireitar. Ele estava olhando uma tela, claro, não para mim, mas parecia a primeira vez que tinha feito contato visual comigo, e eu queria suportar seu escrutínio. Era o pior de Ryzek em carne e osso, mas eu ainda queria sua aprovação, a aprovação de meu pai.

Talvez não seja seu pai, disse uma voz na minha cabeça.

– Eu sou Lazmet Noavek e sou o legítimo soberano de Shotet – disse ele. Parecia mais magro que na última vez em que o vi, e mais enrugado, mas, tirando isso, estava igual. Tinha começado a raspar a cabeça quando o cabelo ficou ralo e o crânio liso, exceto pelos ossos que se projetavam de ambos os lados em ângulos agudos. A musculatura definida que envolvia seus ossos e a armadura que usava agora não conseguiam disfarçar o quanto seus ombros se estreitaram. Estava bronzeado e gasto pelo tempo; não era moreno como eu era; tinha a aparência de alguém claro que se queimara sob sol forte por muitas estações. Seu rosto era áspero com a barba nascendo.

Apenas Ryzek e Vas estavam lá quando ele supostamente morreu, em uma temporada. Estavam em uma missão separada e secreta: encontrar e capturar um oráculo. Desde que meu pai soube da fortuna de meu irmão – *o primogênito da família Noavek vai cair pelas mãos da família Benesit* –, os dois estavam procurando uma saída. Cada temporada era uma nova chance de caçar um oráculo. Nessa jornada em especial, foram atacados por forças armadas locais e, em desvantagem, Lazmet caiu, forçando Ryzek e Vas a fugirem. Não havia corpo, mas não havia razão para suspeitar de que Ryzek não tivesse contado a verdade. Até agora.

Imaginei se tinham mesmo sido atacados. Onde Lazmet esteve em todas essas estações? Não poderia estar escondido. Nunca teria cedido seu poder de bom grado. Deve ter ficado preso em algum lugar. Mas como tinha saído? E por que retornou agora?

Lazmet pigarreou, um som de pedras caindo do penhasco.

– Tudo o que você já ouviu falar da criança-mulher que assassinou minha mulher e meu filho deve ser desconsiderado, pois ela não é a líder dos shotet com base em nossas leis de sucessão.

Os olhos viraram para mim de todos os ângulos, depois se afastaram novamente. Eu disse a mim mesma que não me importava. Mas me lembrei de minha mão raiada de sombras apertando o braço de minha mãe para afastá-la e estremeci. Eu não matara Ryzek, mas não podia alegar inocência pela morte de minha mãe.

Nunca poderia alegar ser inocente de novo.

– Falo pelo povo de Shotet, um povo que por centenas de estações foi desprezado, insultado e menosprezado pelos planetas-nações da Assembleia. Um povo que, apesar desse constante desprezo, se fortalece. Nós atendemos a todos os critérios possíveis para inclusão na Assembleia. Nós nos estabelecemos em um planeta e ainda assim fomos desconsiderados. Formamos um poderoso exército e ainda assim fomos desconsiderados. Tivemos uma família afortunada, comentada por todos os oráculos do sistema solar, e

ainda assim fomos desconsiderados. Não seremos mais desconsiderados.

Apesar do meu medo dele, senti algo surgir dentro de mim. Orgulho de meu povo, minha cultura, minha língua e, sim, minha nação, na qual nunca parei de acreditar, apesar de discordar dos métodos que minha família usou para estabelecê-la. Eu estava animada com suas palavras, mesmo com medo do que elas significavam, e quando olhei ao redor, tive certeza de que eu não era a única. Essas pessoas eram os exilados, inimigos dos Noavek, mas ainda eram shotet.

– Nós rejeitamos os termos de paz da chanceler Benesit – disse ele. – Não pode haver paz entre nós enquanto não houver respeito. Portanto, o curso de ação mais eficiente é trabalhar contra a paz. Eu submeto esta mensagem como uma declaração de guerra contra a nação de Thuvhe, liderada pela chanceler Isae Benesit. Nos encontraremos novamente em batalha, senhorita Benesit. Transmissão concluída.

Todas as telas mudaram para outra gravação, algo dos altos picos de Trella, onde o nevoeiro rodopiava tão alto que se transformava em nuvens.

Ao meu redor, o refeitório estava estranhamente quieto.

Nós estávamos em guerra.

– Cyra. – A voz de Akos era um conforto. Tão familiar, seu rouquejar. Quais foram as primeiras palavras que ele me disse? Ah, sim… elas estavam explicando seu dom. *Eu interrompo a corrente*, ele disse. *Não importa o que ela faça*.

Se minha vida fosse um tipo diferente de corrente – e era, em certo sentido, um fluxo de energia através do espaço, breve e temporário –, ele certamente a interromperia. E eu seria melhor assim. Mas agora a questão que eu tinha em mente desde que ele me beijara pela primeira vez, sobre se era sua fortuna amarrar-se a mim ou não, parecia mais urgente do que antes.

– Aquele era meu pai – eu disse, mesclando um soluço e uma risadinha.

– Homem agradável. Mas fala um pouco manso demais, não acha?

A piada facilitou minha volta ao presente. Se antes tudo estava quieto, agora estava rugindo com as conversas. Teka estava em uma discussão acalorada com Ettrek, e eu sabia disso porque o dedo dela apontava o rosto dele, quase o atingindo no nariz enquanto ela gesticulava. Aza estava com algumas pessoas de aparência séria, o rosto parcialmente coberto com a mão.

– O que vai acontecer agora? – disse Akos para mim baixinho.

– Acha que eu sei? – devolvi a pergunta, balançando a cabeça. – Eu nem sei se você e

eu contamos como exilados. Ou se Lazmet conta exilados como shotet.

– Talvez estejamos por nossa conta, você e eu.

Ele disse isso com um brilho de esperança nos olhos. Se eu não fosse uma exilada, se não fosse nem mesmo shotet, ficar comigo não seria sinal de sua inevitável traição. A família Noavek fora sinônimo de "shotet" em sua mente havia tanto tempo que a súbita redução de tudo o que eu era o atraía. Mas eu não poderia ser diminuída e, além disso, não queria ser.

– Eu sempre serei uma shotet.

Ele pareceu surpreso no começo, se afastando de mim. Mas seu revide chegou rápido e foi ríspido:

– Então, por que duvida de mim quando lhe digo que sempre serei um thuvhesita?

Não era a mesma coisa. Como eu poderia explicar isso?

– Agora não é a hora para esta discussão!

– Cyra – repetiu ele e tocou meu braço, seu toque leve como sempre. – Agora é a *única* hora para esta discussão. Como poderemos discutir aonde estamos indo agora, o que estamos fazendo agora, se não falamos sobre quem e o que *somos* agora?

Ele tinha razão. Akos tinha um jeito de chegar ao cerne das coisas; ele era, desse modo, mais lâmina do que eu, embora eu fosse mais astuta. Seus olhos suaves e cinzentos fitaram os meus como se não houvesse mais de cem pessoas ao redor.

Infelizmente, não possuímos o mesmo dom do foco. Eu não conseguia pensar com toda aquela falação. Meneei a cabeça para a porta, e Akos assentiu, seguindo-me para fora do refeitório e para a rua de pedra tranquila além dele. Por cima do seu ombro vi a aldeia, com leves pontos de luz dançando em todas as cores. Parecia quase aconchegante, não era algo que eu pensasse que um lugar como Ogra poderia ser.

– Você perguntou quem somos agora – eu disse, olhando para ele. – Acho que precisamos voltar ainda mais e perguntar: somos um "nós"?

– O que você quer dizer? – perguntou ele com intensidade súbita.

– O que eu quero dizer é – falei –, estamos juntos, ou eu sou apenas uma espécie de… *carcereira* de novo, cuja fortuna é manter você prisioneiro desta vez, em vez do meu irmão?

– Não faça parecer simples quando não é – respondeu ele. – Não é justo.

– Justo? – Eu ri. – O que, em toda a sua vida até agora, fez você pensar que alguma coisa vai ser "justa"? – Dei um passo mais largo, então senti como se estivesse enraizada no chão, do jeito que poderia ser se estivéssemos prestes a lutar. – Apenas me diga, me diga se sou uma escolha para você ou não. Só me diga isso.

Só acabe com isso, pensei, porque eu já sabia a resposta. Eu estava pronta para ouvir, até ansiosa, porque estava me preparando desde o nosso primeiro beijo para essa rejeição. Era o inevitável subproduto de quem eu era. Monstruosa e obrigada a destruir quem quer que estivesse no meu caminho, especialmente se fossem gentis como Akos.

– Eu – disse ele, lentamente – sou um thuvhesita, Cyra. Nunca me oporia ao meu país, ao meu lar, se sentisse que tenho escolha.

Fechei os olhos. A dor foi pior, muito pior do que eu esperava.

Ele continuou:

– Mas minha mãe costumava dizer: "Aguente sua fortuna, pois tudo o mais é ilusão." Não vale a pena lutar contra algo que é inevitável.

Forcei meus olhos a se abrir.

– Não quero ser algo que você "aguenta".

– Não foi isso que eu quis dizer – afirmou ele, estendendo a mão para mim. Eu recuei. Pela primeira vez, a dor que envolvia cada membro não era uma maldição para mim, embora não fosse um dom, nunca um dom, mas outro conjunto de armadura. – Você é a única coisa que torna minha vida suportável – disse ele, e a súbita tensão nele, inundando cada músculo, me lembrou de como se preparava toda vez que Vas aparecia. Era o jeito que ele olhava quando estava se protegendo da dor. – Você é esse ponto brilhante de luz. Você é… Cyra, antes de te conhecer, eu pensava em…

Ergui as sobrancelhas.

Ele respirou fundo. Seus olhos cinzentos pareciam vidrados.

– Antes de te conhecer – recomeçou ele –, eu não pretendia viver além do resgate de meu irmão. Não queria servir à família Noavek. Não queria dar minha vida a eles. Mas quando é por você… parece que seja qual for o fim, talvez valha a pena.

Talvez, para outra pessoa, isso pudesse ter parecido gentil. Ou ao menos realista. Uma pessoa não podia evitar a fortuna. Aquela era a questão. A fortuna era o lugar onde todas as trajetórias de vida possíveis convergiam, e quando os oráculos diziam "todas", queriam dizer *todas*. Então, era tão ruim assim ser algo de bom no destino que Akos temia?

Talvez não. Para outra pessoa.

Infelizmente, eu não era outra pessoa.

– O que você está me dizendo – falei – é que, se vai ter sua cabeça decepada de qualquer maneira, é bom ter sua cabeça sobre um cepo muito macio.

– Isso é… – Ele fez um ruído de frustração. – Essa é a pior maneira possível de interpretar o que eu disse!

– É? Bem, é meu jeito – retruquei. – Não quero ser o dom que alguém recebe quando já está perdido. Não quero ser uma inevitabilidade feliz. Quero ser escolhida. Quero ser *desejada*.

– Acha que eu não quero você? Não deixei isso claro? Eu ainda escolhi você antes da minha família, Cyra, e não era por causa da fortuna! – Ele estava bravo agora, praticamente cuspindo em mim. Ótimo. Eu queria lutar. Lutar era algo que eu conseguia fazer, algo que eu fora treinada para fazer sempre que as coisas ficavam difíceis. Era o que me mantinha a salvo; não a fuga, pois quando consegui evitar as coisas que me magoavam? Não, não era fingir que não seria derrubada que me protegeria, mas a certeza de que me levantaria tantas vezes quanto fosse necessário.

– Como você sabe? – questionei. – Não é dizendo sim, se não sente que tem escolha!

– Não tem a ver comigo, tem a ver com sua insegurança. – Ele falava com ferocidade, com fervor, colado em meu rosto. Estávamos muito próximos, mas nenhum de nós recuou. – Você não acha que alguém poderia querer você, portanto, não posso realmente querer você. Você está afastando algo bom de si mesma porque acha que não merece.

– É porque *ninguém* nunca me quis que eu me sinto assim! – Eu estava quase gritando. Havia pessoas andando por ali, e elas pararam com meu aumento súbito de volume, mas nem liguei. Ele estava me derrubando, várias vezes, toda vez que não dizia o que eu queria que ele dissesse; que ele me escolheu, que queria aquilo, que sabia disso, que a fortuna era irrelevante.

Tudo o que eu queria era que ele mentisse, e eu acreditasse na mentira. Mas eu não precisava ser um oráculo para ver que, de todos os futuros possíveis que existiam, não havia um único em que esse resultado fosse possível. Eu nunca acreditaria em uma mentira. E Akos nunca me contaria uma.

– Estou apaixonada por você – eu disse. – Mas, pela primeira vez na vida, quero que alguém me escolha. E não vai me escolher. Você não pode.

Senti o clima mudar quando nos afastamos, Akos de repente pareceu desolado, como se estivesse com os braços cheios e alguém chegasse e levasse tudo o que ele estava carregando. Eu me senti da mesma forma. De mãos vazias.

– Eu não posso mudar a maneira como as coisas são – disse ele. – Você não pode me culpar por isso.

– Eu sei. – Ele estava certo, e foi por isso que não havia mais motivo para discutir. Eu tinha começado a conversa com uma exigência de sinceridade, mas a sinceridade não precisava vir dele, precisava vir de mim. Sua fortuna era uma realidade e, enquanto tivesse

sua fortuna, não poderia se importar comigo do jeito que eu precisava. E eu só sabia que precisava dele porque ele me incentivou a tentar me valorizar mais. Então, estávamos emaranhados em uma teia, causa e efeito e escolha e fortuna, tudo misturado.

– Então, você vai ficar aqui, porque sua fortuna é comigo – falei, de um jeito apático. – E eu vou ficar aqui para ajudá-los a descobrir como lidar com meu pai. E você e eu…

– Seremos o que somos – disse ele. Tão baixo.

– Certo. – Meus olhos arderam. – Bem, preciso falar com eles sobre Lazmet. Você pode encontrar Teka e ver se ela está bem?

Ele fez que sim com a cabeça. Eu fiz o mesmo. Nós dois voltamos para o refeitório, onde todos ainda estavam reunidos em torno das telas, que agora mostravam o borrão ondulado de calor acima das areias de Tepes.



CAPÍTULO 15 | CYRA

O PROBLEMA COM OGRA, Concluí, era que era *escuro.*

Bem, isso era óbvio.

Mas era uma escuridão diferente da de outros lugares, onde era possível acender uma lâmpada e ver tudo em uma sala. Lá não importavam as luzes que se prendiam nas roupas ou se fixavam a uma parede, a escuridão penetrava em tudo, devoradora.

Então, embora todos no abrigo contra tempestades – o mais confiável e eficiente entre os exilados, Jorek havia me dito – usassem algo que brilhava, e embora houvesse lanternas em longas correntes penduradas no teto como cipós, eu ainda me sentia cercada por sombras.

Foi graças a Jorek que fui convidada para essa reunião. Embora eu tivesse agido como uma espécie de líder quando exigido, eu não havia conquistado um lugar entre eles, não de verdade. Mas eu sabia mais sobre a família Noavek do que todas as pessoas naquela sala juntas, por isso ali estava eu, ombro a ombro com Jorek, muito perturbada pelo que Akos e eu havíamos dito um ao outro para prestar muita atenção nas brigas dos exilados.

Eu disse a ele que o amava. *Amava*. Onde eu estava com a cabeça?

Jorek me cutucou com o cotovelo. Ele abraçara os adornos luminosos das roupas ogranas com entusiasmo, as linhas de sua jaqueta traçadas em painéis de tecido brilhante com dois dedos de largura. A pós-imagem das barras verdes permanecia por alguns instantes depois que eu tirava os olhos dele e, do outro lado da sala, os voltava para Sifa e Eijeh Kereseth.

Eles eram oráculos, no fim das contas. Um grupo de shotet fiéis à fortuna não podiam deixar de ansiar por qualquer fragmento de sabedoria vaga que eles pudessem oferecer, se houvesse algum.

– Desculpe – falei e pigarreei. – O que você disse?

Aza levantou uma sobrancelha para mim. Ao que parecia, tudo o que eu tinha perdido tinha sido importante.

– Perguntei se você poderia nos oferecer alguma orientação sobre se seu pai virá atrás de nós aqui, em Ogra, ou não – disse ela.

– Ah. – Era minha suposta experiência em meu pai que conquistou um lugar para mim aqui, e agora era a hora de usá-la. Fiz que não com a cabeça. – Ele não vai arriscar uma guerra em duas frentes, especialmente com alvos tão distantes. Tenho certeza de que não vê vocês como merecedores de atenção, então vai se concentrar em Thuvhe.

Estremeci, um pouco pela dor e um pouco por minhas frases desajeitadas. *Não tenha pressa para fazer inimigos*, o sussurro de Akos me lembrou, seus lábios roçando minha orelha. Foi pouco tempo antes disso, mas tudo estava diferente agora.

– Excelente – disse Aza, ríspida. – Obrigada pela contribuição, senhorita Noavek.

– Precisamos matá-lo. – As palavras saíram da minha boca sem aviso, parecendo desesperadas e pequenas. Todos olharam para mim, e eu fiquei grata pelas sombras-da-corrente que manchavam minha pele e pela implacável escuridão ograna por disfarçarem meu rubor.

– Precisamos – acrescentei, como uma reconsideração. – Ele é um perigo maior para Shotet do que jamais será a chanceler de Thuvhe.

– Perdoe-me por dizer isso – uma voz irônica falou de algum lugar perto de Aza, vindo de um homem com rosto sombreado e uma barba um tanto pontuda. – Mas a senhorita está realmente nos dizendo que devemos focar nossa atenção em apenas um homem, em vez de nos concentrarmos na *declaração de guerra* que acaba de entrar em nosso caminho?

– Apenas um homem? – falei, a raiva subindo rápida e quente dentro de mim. – A chanceler de Thuvhe vai atrás da família de uma pessoa por várias gerações para puni-la por deslealdade? A chanceler de Thuvhe coleciona globos oculares em jarros? Não. Thuvhe pode esperar. É preciso cuidar de Lazmet *agora*.

– Como você se atreve – disse o homem barbado, andando rápido na minha direção – a falar dos horrores cometidos por seu pai de maneira tão arrogante? Como se atreve a *vir* aqui…

Avancei para encontrá-lo no espaço entre nós, agora livre de pessoas. Estava pronta, pronta para lutar, pronta para gritar. Eu tinha visto meu pai voltar dos mortos e não sabia o que fazer com tudo o que eu sentia sobre isso, exceto socar a penugem facial perfeitamente formada desse homem.

– Isso é improdutivo – falou uma voz fria e clara à minha direita. Pertencia,

naturalmente, à nossa oráculo residente. Sifa veio para ficar entre mim e meu suposto oponente com as mãos enfiadas nas mangas da camisa.

– Comporte-se como um adulto, por favor – disse ela ao homem. E para mim: – Você também, senhorita Noavek.

Meu instinto foi de retrucar, pois odiava ser tratada como criança, mas sabia que isso só me faria parecer mais impetuosa, então segurei o impulso.

– A senhora pode nos guiar, oráculo? – perguntou Aza a Sifa.

– Eu ainda não tenho certeza – disse Sifa. – As coisas estão mudando rapidamente.

– Talvez possa nos dizer se devemos concentrar nossas energias em Lazmet Noavek ou em Thuvhe – insistiu Aza.

Sifa olhou para mim.

– Thuvhe é uma ameaça maior para vocês – disse ela.

– E devemos confiar em você? – questionei. – Sem saber qual é o seu objetivo?

– Tenha respeito ao falar com a oráculo – repreendeu Aza.

– O trabalho do oráculo é lutar pelo melhor futuro do nosso planeta – eu disse. – Mas melhor futuro de quem exatamente? De Thuvhe ou de Shotet? E se é de Shotet, então é o melhor caminho para os exilados shotet ou para os partidários dos Noavek?

– Você está sugerindo que eu dei tratamento preferencial para Thuvhe até agora? – Sifa fez uma careta para mim. – Confie em mim, senhorita Noavek, eu poderia ter enterrado as fortunas de sua família e dito aos outros oráculos para negá-las também, se eu tivesse pensado que isso resultaria no melhor futuro para o nosso planeta. Mas eu não o fiz. Em vez disso, permiti que sua família usasse seu novo status de "afortunada" para justificar a tomada do controle do governo de Shotet. Em primeiro lugar, por minha falta de intervenção sua família chegou ao poder, porque era o que precisava ser feito, então nem pense em me acusar de favoritismo!

Bem. Ela tinha razão.

– Se todos vocês ignorarem meu pai agora – falei –, vão se arrepender. Vão mesmo.

– Isso é uma *ameaça*, senhorita Noavek? – questionou o homem barbudo.

– Não! – Nada estava saindo certo. – É uma inevitabilidade. Vocês me pediram aqui para falar de minha família… bem, acabei de fazer isso. Thuvhe pode destruir vidas de Shotet, mas Lazmet destruirá a alma de Shotet.

Quase pude sentir como reviravam os olhos para mim. Talvez eu devesse ter escolhido palavras menos dramáticas, mas eu as quis dizer. Era difícil explicar para uma pessoa que temia por sua vida que a morte não era a pior coisa que se podia encontrar. Lazmet

Noavek era.

CAPÍTULO 16 | AKOS

– VOCÊ AINDA ESTÁ DORMINDO? – perguntou Jorek. De alguma forma, seu rosto estava ao lado do de Akos, mesmo que a cama de Akos – ou, na verdade, seu buraco na parede – estivesse longe do chão. Jorek tinha que estar de pé na beirada de outro beliche.

Akos não estava mais dormindo desde que a barulheira geral de todo mundo se levantando para ir ao refeitório o acordou. Só não tinha se levantado ainda. Levantar-se significava jogar água no rosto e no pescoço, pentear o cabelo, trocar de roupa, comer, todas as coisas com que ele simplesmente… não se importava naquele momento.

– E se eu estiver? – perguntou ele, esfregando o rosto com a palma da mão. – Estou negligenciando algum dever que não saiba?

– Não – respondeu Jorek, franzindo a testa. – Acho que não. Mas Cyra esteve discutindo com os exilados durante a manhã toda, e eu pensei que você estaria com ela, já que vocês dois estão basicamente unidos um ao outro.

Akos se sentiu culpado. Praticamente o único dever que ainda tinha era o de manter Cyra longe da dor, e ele não estava fazendo um trabalho tão bom ultimamente, mesmo que seu dom-da-corrente fosse maior ali.

– Bem, não consigo me levantar se você estiver bloqueando meu caminho, certo? – disse ele.

Jorek abriu um sorriso e desceu de um dos beliches mais baixos. Akos colocou as pernas para o lado da cama e caiu pesadamente com os dois pés no chão.

– Continuam não querendo ir atrás de Lazmet? – perguntou.

– Ainda achamos que Thuvhe é uma ameaça muito maior que Lazmet, e devemos concentrar nossas energias lá – disse Jorek. – Além disso, nem sabemos como chegar até ele. Ou onde ele está. Ou como atravessar a muralha de soldados com a qual ele, sem dúvida, se cercou.

– Bem, provavelmente poderíamos encontrá-lo procurando a muralha de soldados – disse Akos. – Não se vê isso todos os dias.

Jorek se encolheu, olhando para ele.

– Olha, você me parece um pouco grosseiro, Kereseth.

Akos grunhiu e enfiou os pés nos sapatos. *Lave o rosto, penteie o cabelo, tome o café da manhã*, ele disse a si mesmo. Foi até uma das pias que ficava bem no meio de tudo e enfiou a cabeça embaixo da torneira.

Ele se apoiou na beirada da pia e suspirou olhando seu reflexo. Parecia mal. Mais pálido que de costume, olheiras, contusões desbotadas no canto do olho e no queixo de sua luta com Vas. As sardas se destacavam como pequenas marcas de acne em todo o nariz. Passou os dedos pelo cabelo algumas vezes só para alisá-lo, depois tocou o hematoma no queixo.

O punho de Vas estava balançando, os nós dos dedos cortados aproximando dele…

Seu estômago apertou-se com força, como se estivesse prestes a vomitar.

– Você está bem? – Jorek perguntou a ele.

– Estou bem. Vou fazer um pouco de analgésico para Cyra.

– Está certo – disse Jorek, mas sua testa estava franzida de preocupação.

Ele bateu no batente da porta da loja de Zenka. Ela estava debruçada sobre uma mesa, cavando com o que parecia uma mistura entre colher e faca a carne polpuda de uma fruta ograna. A cada nova investida, a fruta cintilava, como lanterna vacilante.

– Não seja tão dramática – disse Zenka. – Teve uma vida boa e longa.

– Não pode culpá-la por tentar sobreviver – ele lhe disse.

Ela não se assustou, apenas olhou para ele e arqueou uma sobrancelha.

– Esta luta já está perdida. Esta é uma liek… quando ainda está no galho, aquece com um toque. Queima a maioria daqueles que tentam colhê-la, mesmo com luvas. Então, se esta está aqui agora, significa que sua colheita foi merecida.

– E todos nós aceitamos o destino que recebemos? – perguntou ele.

– Que tipo de pergunta é essa? Você parece um místico ograno. – Ela revirou os olhos, o que informou Akos como ela se sentia em relação aos místicos ogranos.

– Ou como minha mãe – disse ele. – A oráculo. Talvez eu esteja me transformando nela.

– Ah, todos nós nos tornamos nossos pais no fim das contas – disse Zenka, esfaqueando a fruta novamente. – O que você quer, Thuvhe?

– Quero um espaço para preparar um analgésico – respondeu ele. – E… acesso aos

ingredientes.

– Quer a lua em uma jarra também?

– Ogra tem lua?

– Sim e, para ser sincera, é quase tão pequena que dá para colocar em uma jarra. – Ela deixou a fruta e a ferramenta que estava usando para tirar sua carne de lado.

– Estou disposto a trabalhar pelo privilégio de usar seu espaço – acrescentou ele. – No caso de isso não ter ficado claro.

– Tudo bem – aceitou ela. – Mas se você for preguiçoso ou inútil, me reservo o direito de revogar esse privilégio a qualquer momento.

– Combinado – disse ele.

Ela lhe deu a tarefa de moer o dente de uma flor especialmente feroz até virar pó.

– Em pó, ela ajuda na circulação – comentou ela.

Akos teve dificuldade em se concentrar na tarefa, mas suas mãos eram capazes o suficiente depois de estações de prática.

Mais tarde, naquele dia, ela colocou algumas sementes em suas mãos para mostrar a ele como brilhavam e eram coloridas. Curvado sobre ela na pequena loja, espreitando entre seus dedos, ele se sentiu uma criança de novo, e aquilo doeu tanto que teve que fazer uma pausa para respirar.

O único marcador real do tempo em Ogra era a míngua da bioluminescência que fornecia a única luz natural de Ogra, ou as tempestades que golpeavam as paredes à noite. Ele não sabia quanto tempo havia passado esmagando aqueles dentes quando Zenka lhe disse que podia começar o analgésico. Então, ela ficou atrás dele, observando, enquanto ele media os ingredientes. Tinha trazido um pouco de flor-sossego, mas o estoque estava baixo. Zenka tirou um pouco do depósito e sacudiu o pote para ele.

– Pensei que tivesse dito que não tinha flor-sossego – disse ele.

– Não, eu disse que não sabia como usá-la – retrucou ela. – Além disso, ninguém sai por aí admitindo a estranhos que tem um veneno perigoso à mão.

– Justo – disse ele e começou a trabalhar.

CAPÍTULO 17 | AKOS

Ele começou a ir à loja de Zenka pela manhã, antes que a maioria dos outros acordasse. Nesse momento, a cama de Cyra estava sempre vazia, os cobertores amarrotados perto dos pés da cama, como se os tivesse chutado durante o sono. Se é que ela dormia; Akos não tinha certeza se ela conseguia descansar muito, com seu dom-da-corrente agindo do jeito que agia. Ele fez seus analgésicos, mas não eram tão bons quanto em Voa. Estava tendo problemas para se concentrar.

Zenka estava sempre misturando algo quando ele chegava lá. Ela não gostava muito de tagarelice; apenas dizia a ele o que mexer, cortar ou descascar, e depois escolhia um ingrediente ograno para lhe apresentar. Um dia foi a polpa de uma fruta que crescia apenas nos meses mais quentes. Parecia bem inofensiva, mas quando detectava algo que canalizava corrente (como uma pessoa), fazia brotar farpas. Outro dia mostrou a ele como descascar as asas de um besouro morto sem provocar o esguicho de veneno póstumo.

Muitas vezes o trabalho que ele fazia era mais prático. Passou algumas manhãs seguidas pintando a parte externa das cestas com algo que mantinha seu conteúdo fresco, e elas iam para os colhedores ogranos para que pudessem almoçar ao meio-dia. Akos ainda não tinha certeza de como alguém sabia o que era o meio-dia naquele lugar, onde o sol nunca brilhava.

Akos esperava sentir a ausência do sol em alguns momentos, e de vez em quando ele notava, da mesma forma que notava a temperatura do ar. Mas não sofreu por sua falta mais do que sofreu com o calor. Foi apenas mais uma coisa que atingiu sua mente, provocando novas questões.

Zenka ficava em silêncio a maior parte do tempo, a menos que estivesse lhe dizendo o que fazer. Mas um dia ela fez a pergunta que ele estava esperando desde que a conheceu:

– Como você veio parar entre os shotet, se você cresceu em Hessa?

Akos quase cortou o dedo enquanto dizia (refreando as feições para que permanecessem neutras):

– Eu era inimigo de Ryzek Noavek. Um cativo.

Com isso, Zenka riu um pouco.

– Isso não diz muito, não é? Aqui somos todos inimigos da família Noavek. Sequestrados, aprisionados, mutilados, torturados. Uma colônia dos enlutados. – Seus dentes estalaram como se ela estivesse rosnando. – Isso torna você mais shotet que não shotet, ter feito um Noavek de inimigo.

– Fico tentando entender – disse ele –, por que todos vocês insistem que ser shotet é algo diferente do que é. Eu nasci em Thuvhe; sou thuvhesita. Não é simples? – Ele fez uma pausa. – E se você disser algo sobre a língua reveladora, vou estragar essas urestae.

– É sempre mais complicado do que isso, shotet ou não – disse Zenka, com uma estranha suavidade na voz que ele não tinha ouvido antes. – Acha que ser thuvhesita é apenas nascer de um lado ou de outro de uma linha imaginária no chão?

– Não, mas…

– Nem sempre tivemos um planeta – interrompeu ela. – O fluxo de corrente era nosso lar, mais que um pedaço de rocha. Ou nossa nave. Mas como povo, talvez estejamos mais ligados do que a maioria a nossa identidade, porque sempre tivemos que lutar contra a extinção. Lutamos por você, por sua pertença, porque lutamos por nossa existência. Só vamos capitular a um quando capitularmos ao outro.

Akos ficou estático. Sentiu como se estivesse dentro das palavras dela por um instante. Isae havia dito algo semelhante poucas semanas antes, tocara seu rosto e lhe dissera que ele pertencia a ela, a Thuvhe. Mas sua reivindicação a ele tinha sido abalada pela morte de Ori. O mesmo não pode ser dito dos shotet. Eles o reivindicaram sem conhecê-lo, sem precisar que ele sequer os aceitasse. Tudo o que precisavam era saber quantas gotas de sangue shotet ele tinha nas veias.

Ele respirou fundo.

– Venha – disse ela. – Vou te mostrar uma coisa.

Ela o levou para fora da loja – que ela deixou aberta, com tudo fervendo como estava – e para o cômodo ao lado. A porta pendia da dobradiça, então acertou Akos na bunda depois que ele entrou, assustando-o. A sala mais à frente era obviamente o espaço onde Zenka vivia, uma vez que se parecia com a loja, com toda a bagunça e frascos de ingredientes e feixes de ervas pendurados no teto baixo. Havia uma cama em um canto com os lençóis amarrotados e uma escrivaninha ao longo da parede oposta com um livro

aberto sobre ela.

Zenka pegou o livro e o estendeu para ele. Era tão cheio de páginas que não fechava direito; ele caiu aberto nas palmas das mãos de Akos. Na página a sua frente havia um esboço de uma planta, raízes a florescer. Ao lado dela, em sua letra pequenina, estavam caracteres shotet que ele não sabia ler. Não houve tempo para aprender mais.

– O que é isso? – perguntou ele.

– É meu diário – disse ela. – Eu acompanho todas as plantas que encontro, venho fazendo isso desde que era jovem. Às vezes, é possível secá-las e prendê-las às páginas, mas, na maioria das vezes, eu desenho. Fiz isso para cada temporada que tivemos, então tenho plantas de todos os planetas aqui. Esse é um chorão-suave; eles crescem esparsamente nos picos de Trella. Não são muito bons para fazer remédio, mas seus tufos têm cheiro doce, então são bons para enfiar nos sapatos.

Akos sorriu e virou uma das páginas grossas e resistentes. Na página seguinte, havia uma planta ograna que ele reconheceu; produzia uma fruta bulbosa que parecia uma pessoa com bochechas inchadas, e suas raízes principais cresciam em linha reta, profundas, muito maiores que a própria planta.

– Esse é um voma – disse ela. – Seu suco é o agente de fortalecimento mais poderoso que já encontrei, até melhor que a harva ou o sendes de seu país. Você deveria fazer um diário assim. Muitos consideram os dois planetas onde você esteve como tendo a vida vegetal mais interessante no sistema. Deveria manter esse registro. Aqui.

Ela pegou o livro dele, colocou-o no chão e depois fuçou uma pilha de livros ao lado da mesa. Quando não encontrou o que procurava, se agachou ao lado da cama e tirou outra caixa de livros. Encontrou um vermelho, do tamanho da mão dele, do limite do pulso à ponta do dedo, e lhe ofereceu.

Era coisa simples, mas ele sentiu um arrepio de medo ao pegá-lo e passar os dedos pela capa. Durante muito tempo, não se atreveu a ter muitas coisas, porque poderiam tirar dele. E isso… cada página era um lugar aonde ele poderia ir, uma coisa que ele poderia ver. Deveria ter sido emocionante, todas as novas possibilidades, a liberdade total. Mas foi assolador.

– Está em branco – informou ela. – Preencha. Vai te dar algo para fazer além de lamentar.

– Não estou lamentando – disse ele, franzindo a testa.

Zenka riu.

– Então, talvez você lamente com tanta frequência que esqueceu como é não lamentar.

Mas você está especialmente deprimido hoje.

Ele abriu a boca para explicar, e ela levantou a mão.

– Eu não estou perguntando nada – disse ela. – Apenas observando.

Ele tocou a capa do diário vazio. Queria preenchê-lo ou, na verdade, queria querer. Queria se lembrar de ter objetivos na vida, do jeito que tinha antes de ser sequestrado. Ou mesmo depois, quando queria salvar Eijeh, chegar em casa, ajudar Cyra. Mas o espaço que havia sido preenchido com fogo, o espaço que conhecia o desejo, o impulso e a perseverança, estava vazio agora, a chama estava apagada.

Quando Akos não estava trabalhando duro na loja de Zenka, estava com Jorek. No refeitório, principalmente, porque parecia que Jorek estava sempre no refeitório; não necessariamente comendo, mas socializando. Às vezes, ficava lá por horas a fio, contando histórias e incentivando outras pessoas a contá-las, batucando com colheres, gritando insultos provocadores a quem acabava de entrar. Depois de alguns dias, Akos percebeu que entre piadas, tamboriladas e histórias havia outras conversas, sobre Ogra, ou Voa, ou a Assembleia. Foi assim que Jorek coletou informações, pondo-se à disposição para as pessoas conversarem.

No entanto, era tranquilo ficar com ele, porque não pedia nada, nem a atenção de Akos. Parecia saber que sua conversa constante era reconfortante, mesmo que Akos não desse nenhum retorno. Ficava esperando que Jorek perdesse a paciência por causa de suas "lamentações", como Zenka chamava, mas isso ainda não havia acontecido.

– Bem, Kereseth, você me deu uma ótima ideia – disse Jorek, deslizando a bandeja no lugar ao lado de Akos.

– Não sei ao certo como isso é possível – falou Akos. – Faz estações que não tenho uma grande ideia.

– Normalmente eu contestaria você, mas foi você quem quis tirar Cyra Noavek de um anfiteatro lotado apenas com uma corda que se lança e um pouco de esperança… – Ele fez uma pausa para que o efeito total da rima pudesse ser sentido. Akos gemeu. E então Jorek continuou: – Por isso acredito que você não seja um homem de ideias. Mas desencadeou uma!

– Diga.

– Você disse que deveríamos procurar uma muralha de soldados para descobrir onde o Lazmet está – disse Jorek. – Então, enviei uma mensagem para minha mãe, que observou uma concentração maior do que o habitual de soldados em torno da mansão Noavek. E ela

imaginou que talvez devêssemos encontrar alguém que conhecêssemos lá, apenas no caso de precisarmos dessa informação. – Ele levantou as sobrancelhas uma, duas, três vezes. – Adivinha quem vai para Voa?

Akos sentiu o peso em seu estômago ficar, se isso fosse possível, ainda maior.

– Você está partindo? – perguntou.

– Sim. – A expressão de Jorek se suavizou um pouco. – Com meu nome, eu era, talvez, o único exilado que tinha uma "influência" sobre Vakrez Noavek.

– Claro. – Akos assentiu. – E você vai estar com sua mãe em Voa também.

– Tem isso. – Jorek deu uma cotovelada nele. – Mas eu volto. Essa guerra não pode durar para sempre, certo?

Akos não enfatizou que a razão pela qual as guerras não duravam para sempre era porque muitas pessoas acabavam mortas.

– É uma boa ideia – comentou Akos. – Quando você vai?

Jorek deu de ombros.

– Daqui a uma semana mais ou menos. Tenho que esperar um transporte ograno. Você sabe que eles exportam insetos mortos para Othyr? Este lugar é estranho.

Zenka dissera a Akos que a exportação primária de Ogra era extrato de vários venenos e excreções para Othyr. Alguns eram para fins medicinais, mas a maioria era para várias vaidades othyrianas: creme de pele, cosméticos, tratamentos de spa. Zenka revirou os olhos para ele.

– O oráculo está chegando – disse Jorek em voz baixa. – É tarde demais para você fugir, desculpe.

Akos suspirou.

– Você tem me evitado – disse Sifa com naturalidade enquanto se sentava no banco em frente ao dele.

Seu primeiro instinto foi negar, mas isso nunca funcionou com sua mãe. Uma vez que ela decidia que sabia de algo, não havia razão para discutir com ela sobre a questão, mesmo que estivesse errada. *Ser um oráculo não significa que você saiba tudo*, ele às vezes queria dizer para ela. Mas era algo que uma criança diria.

– Isso é porque você está gastando todo o seu tempo com Eijeh, distribuindo sabedoria profética aos exilados – disse ele. – E eu já ouvi até demais dele. E sobre as profecias. E sabedoria em geral.

Jorek bufou sobre sua comida.

– Os exilados podem ter nos dado um pequeno apartamento para usar como um

templo improvisado, mas estão muito impressionados para nos consultar com a frequência que eu esperava, então estamos longe de estar ocupados. Quanto a Eijeh, bem… Eu o convenci a recomeçar, como se tivéssemos acabado de nos conhecer – disse ela, mexendo o mingau granulado em sua tigela. Se fosse possível mexer uma colher pensativamente, ela estava fazendo isso. – Você pode tentar fazer o mesmo.

– Não sou bom em jogos de fingir – retrucou Akos.

– Nem eu – disse ela. – Embora eu tenha o benefício adicional de ter visto possíveis futuros nos quais ele e eu realmente não nos conhecemos. Onde ele foi tirado de mim mais cedo, ou teve sua memória totalmente apagada em vez de apenas alterada.

Ele percebeu que não havia muito dela que não fosse oráculo. Seu dom-da-corrente a tomou, e agora ele era ela por inteiro, inescapavelmente. Era difícil não a culpar por isso, embora ele não tivesse ideia de como era ter um dom tão invasivo, tão constante, que mudava a maneira como via cada parte de sua existência. O dele era o oposto. Às vezes, ele esquecia que seu dom-da-corrente estava lá.

– Por favor, não vá – disse Sifa, colocando a mão sobre a dele.

– O quê? – perguntou ele. – Eu não ia…

E então Eijeh colocou seu prato ao lado de Sifa. Tudo o que tinha eram frutas. Akos lembrou-se de Eijeh enfiando o rosto em tudo o que encontrava na cozinha, levantando-se para cortar duas fatias de pão quando o jantar acabava. Muita coisa mudou.

A mão de Sifa apertou a dele.

– Vou precisar da sua ajuda em breve – disse ela.

E então, ao mesmo tempo, os olhos dela e de Eijeh ficaram desfocados.

Não muito depois, os dois começaram a gritar.

CAPÍTULO 18 | EIJEH

AINDA É ESTRANHO não sentir o outro batimento cardíaco, mas estamos nos ajustando. Na verdade, é mais fácil agora, com apenas um corpo para se lidar.

Ainda assim, ao acordarmos no meio da noite em um buraco em uma parede ograna, vem uma espécie de solidão.

E quando o vemos, este Akos, nunca sabemos ao certo se ele é inimigo ou irmão. Há partes de nós que refletem sobre lembranças obscuras de correr atrás dele pelos campos, ou de rir com ele em uma mesa de jantar, e outras que o veem como um catalisador de problemas, um fator de imprevisibilidade em um plano que deve permanecer previsível.

De fato, ele provocou nossa ruína, inspirando a traição de Cyra, facilitando sua fuga, levando-a a renegados e exilados. Mas ele fez isso por nós tanto quanto fez para nos destruir, e estamos sempre segurando essas duas forças opostas em tensão. Estamos ficando melhores em manter as coisas em tensão – duas histórias, dois nomes, duas mentes. "Nós" estamos nos tornando mais um "eu".

Estamos observando-o, a mão do oráculo cobrindo a dele, um prato de frutas à nossa frente para apaziguar um apetite, quando surge.

Um puxão repentino, como um anzol preso em torno de uma costela e puxando, inexoravelmente. Mas não é a caixa torácica deste corpo que é puxada, é o nosso ser combinado, o Eijeh e o Ryzek, o shotet e o thuvhesita, o *todos* nós.

E então somos uma nave. Não uma pequena nave de transporte ou um flutuador de passageiros, mas uma nave de guerra, longa e estreita, elegante na parte superior e inferior, mas escarpado na lateral como a face de um penhasco. Descemos através de uma densa camada de nuvens – brancas, frias e vaporosas. Quando atravessamos a camada de nuvens, grande parte da terra abaixo de nós também é de um branco pálido, distante,

mudando para bege, dourado e marrom à medida que a terra se aquece ao longo do equador.

Em seguida, não somos uma nave, mas uma criança pequena, em pé perto da beirada de um telhado de barro prensado. Gritamos por um pai quando a forma escura desce, lançando uma sombra sobre a cidade. Uma cidade de retalhos, parte de nós reconhece, a cidade de Voa. "É a nave de temporada?", perguntamos ao nosso pai quando ele vem ficar ao nosso lado.

– Não – diz nosso pai, e vamos embora de novo.

Não somos uma criança, mas um funcionário da manutenção, vestido com um macacão remendado nos joelhos. Temos as duas mãos enterradas em um painel de instrumentos, uma ferramenta entre os dentes enquanto tateamos pela peça correta. A pressão ao redor do abdômen e das coxas nos diz que estamos em um arnês, e balançamos da âncora mais acima em uma face de metal. Estamos na nave de temporada, parte de nós sugere com esperança, fazendo reparos.

Uma sombra cai sobre nós, e inclinamos a cabeça para trás para ver a parte inferior e lisa de uma nave. Seu nome está pintado em sua base em um idioma que não reconhecemos e não sabemos ler, mas sabemos que essa nave não é shotet.

Somos uma mulher com um cachecol enrolado no pescoço, dobrado sob o queixo, e corremos em direção à nave com a mão de uma criança entrelaçada na nossa. Carregamos um saco pesado sobre um ombro; é macio por ter roupas, mas o canto de um livro espeta nosso flanco a cada passo.

– Vamos – dizemos à criança. – Estaremos seguros na nave da temporada, venha.

Somos uma mulher mais jovem, com uma tela na mão, de pé às portas do compartimento de carga, enquanto uma multidão de pessoas luta para entrar na nave. Nós nos agarramos a uma alça na parede para ficarmos firmes enquanto as pessoas empurram, empurram e empurram. Gritamos para um jovem atrás de nós:

– Quantos foram evacuados até agora?

– Algumas centenas! – grita o homem, respondendo.

Olhamos para a nave grande e escura. Um par de portas se abre em seu ventre, depois outro. Uma enorme seção de metal se separa, mostrando uma escotilha aberta logo acima de nós. A nave veio pairar sobre a nave de temporada que está encarapitada no alto de uma

ilha de metal do outro lado do mar de Voa para que possamos consertá-la e melhorá-la a tempo da próxima temporada.

– Estão enviando naves? – questionamos, embora saibamos que o homem atrás de nós não tem a resposta.

Algo cai do retângulo, algo grande e pesado que cintila ao sol.

E então a luz forte, ofuscante.

Somos a criança no telhado novamente, observando como a luz tão branca, tão abrasadora, envolve a nave de temporada e se irradia como raios do sol. Mas os raios estão enrolados, como raízes, como veias, como os dedos escuros que envolvem o rosto da traidora Cyra Noavek enquanto ela matava nosso soberano.

O brilho estende-se pelo oceano, espalhando a água longe, de modo que ela cresce, enorme, em direção à costa de Voa. O brilho arde através das nuvens, chegando até a atmosfera, ou assim parece. É uma parede de luz que desmorona de uma só vez, como duas mãos batendo juntas.

E então o vento, vento tão forte que ruge em nossos ouvidos e os faz retinir, vento tão forte que nos derruba, não no mesmo lugar, mas alguns metros adiante, batendo no barro do telhado. Passa por cima de nós, e nós perdemos a consciência.

Somos centenas
de corações desacelerando.

CAPÍTULO 19 | CYRA

FIQUEI COM OS EXILADOS SHOTET ao redor das telas no refeitório, todos apinhados. Inimigos, amigos, amantes, estranhos, estávamos ombro a ombro, observando como a nave de temporada foi rasgada em pedaços.

Era uma centena de coisas, a nave de temporada. Nossa história. Nossa liberdade. Uma embarcação sagrada. Um local de trabalho. Um símbolo. Um projeto. Uma fuga.

Um lar.

Enquanto assistia à gravação passar várias vezes, pensei em limpar o armário com todas as roupas e sapatos de minha mãe, em sua maioria pequenos e delicados demais para eu vestir. Encontrei segredos guardados nos bolsos e nas caixas de sapato: cartas de amor de meu pai, quando ele era um homem mais gentil; rótulos de frascos de medicamentos para a dor e invólucros das drogas que ela tomou para escapar; a pintura de lábios de outra mulher, manchada em um lenço, de um caso. A história de sua vida imperfeita, contada em manchas e pedaços de papel.

E eu preenchi aquele espaço com minha história, meu fogão salpicado, as armaduras que brilhavam quando as luzes que eu pendurei sobre minha cama as refletiam, e fileiras e mais fileiras de filmagens de outros mundos, dançando, lutando, construindo e consertando. Não eram apenas objetos, mas fugas para quando a dor dificultava minha permanência no meu corpo. Meu conforto em desespero.

Também foi o lugar onde me apaixonei.

E agora havia acabado.

Na quarta vez que a gravação passou, senti dedos contra os meus. Instintivamente me afastei, sem querer transferir meu dom-da-corrente para outra pessoa, mas a mão encontrou a minha, insistente. Eu me virei para ver Teka ao meu lado, seus olhos se enchendo de lágrimas. Talvez quisesse minha dor, ou talvez quisesse me oferecer conforto;

de qualquer forma, eu me agarrei a ela, mantendo a maior parte do meu dom-da-corrente para mim, tanto quanto eu pude.

Seu abraço durou apenas um momento ou dois, mas foi o suficiente.

Ficamos ali, assistimos à gravação passar novamente e não desviamos o olhar.

Mais tarde, cobri meu rosto com o travesseiro e chorei.

Akos subiu no meu beliche e enrolou seu corpo ao redor do meu, e eu permiti.

– Eu disse para eles evacuarem – falei. – Por minha causa havia tantas pessoas naquela nave.

– Você tentou ajudar. Tudo o que você fez foi tentar ajudar.

Não foi reconfortante. O que uma pessoa tentou fazer não importava; o que importava era o resultado. E a morte de centenas foi o resultado. Essa perda foi minha responsabilidade.

Em um mundo justo, eu teria marcado cada vida no meu braço, para carregá-las para sempre. Mas não tenho pele suficiente para isso.

Akos me segurou mais forte, então pude sentir o batimento cardíaco dele contra minha coluna, quando comecei a chorar novamente.

Adormeci com a pressão do tecido molhado contra o meu rosto.

CAPÍTULO 20 | CISI

"Confirmado, código 05032011. Prossiga."

Alguns momentos a gente coloca em uma pequena gaveta na mente, pois sabe que são importantes, e o que Isae Benesit diz para sinalizar o ataque à Voa é um desses momentos. Ela diz isso com clareza, todas as consoantes, e não hesita. Quando termina, se afasta da mesa onde está falando com o general Then, levanta-se e vai embora, empurrando a mão estendida de Ast.

Não demora muito para o ataque começar. Por conta da explosão anticorrente, Pitha nos emprestou para voar em direção a Thuvhe uma nave especial projetada exatamente para esse fim. A tripulação da nave é pithariana, mas é o general Then, comandante das forças armadas de Thuvhe, que na verdade pressiona o botão, segundo as leis thuvhesitas.

Imagino as portas da escotilha se abrindo ao seu toque, e a arma – longa e estreita, com bordas quadradas – caindo, caindo, caindo. Há poesia nisso, em que a poesia pode ser crua, cruel e estranha, desse jeito.

Isae, Ast e eu assistimos de seus aposentos. A nave da Assembleia está de frente para o sol, então as paredes são opacas e mostram uma imagem de Shissa na neve rodopiante. Os pequenos flocos ficam presos às câmeras que capturaram as imagens de vez em quando, de modo que a imagem fica borrada a maior parte do tempo, manchas brancas contra o céu escuro da noite. Entre eles, porém, vejo os prédios pendurados nas nuvens como gotas de chuva suspensas no tempo. Shissa não é meu lar, mas é onde frequentei escola, onde encontrei uma vida longe da minha mãe e de suas constantes profecias, então ainda amo tudo de lá.

Shissa é o que eu estou olhando quando a gravação da notícia aparece nas telas, e vejo apenas um lampejo da destruição da nave antes de fechar meus olhos para evitá-la. Isae sufoca um som agudo.

– O que foi? – pergunta Ast. Afinal, nenhum besouro-guia robótico pode ajudá-lo com informações em uma tela.

– Havia pessoas ao redor, você viu? – diz Isae. – Por que havia pessoas ao redor?

Aumento o volume do canal de notícias a tempo de ouvir: "Os relatórios iniciais sugerem que havia algumas centenas de shotet ao redor da nave, tentando evacuar a cidade…"

Desligo a tela.

– Algumas… – Isae arfa. – Algumas *centenas*…

Ast balança a cabeça.

– Pare com isso, Isae. As baixas ainda foram mínimas.

– Mínimas – repito, e é tudo que consigo dizer. As estimativas do general Then disseram que as baixas seriam em torno de três dúzias. Não de *centenas*.

– É – diz Ast, me encarando. – Mínimas. Comparado com o que poderia ter sido. É por isso que você sugeriu a nave de temporada, lembra?

Há um fluxo de palavras em minha mente – *centenas, homens, mulheres, crianças, velhos, jovens, de meia-idade, gentis, cruéis, desesperados, pessoas pessoas pessoas* –, mas eu a paro, como duas mãos batendo em um inseto para matá-lo. Estou melhor do que deveria estar, depois que muitas tragédias envenenaram minhas lembranças. É como sobrevivi.

Não respondo a Ast. Estou farta do jeito que ele me provoca. Retiro meu dom o máximo que posso, esperando que, se Isae se sentir menos confortável, ela o repreenda.

Ela encara os redemoinhos de neve de braços cruzados. Os edifícios de Shissa na gravação se iluminam de verde, roxo, rosa. Eles me lembram das bugigangas que vendiam no mercado de Hessa quando o plantio começava para as pessoas pendurarem nas janelas para dar sorte.

Os ombros de Isae tremem. Tremelicam, na verdade. Ela bate a mão contra o vidro para se firmar.

Ast e eu ficamos em pé, ansiosos para consolar, embora eu tenha certeza de que ele também não sabe como.

Isae está encolhida e vira-se para que eu possa ver o lado do rosto dela.

Ela está *rindo*.

– Todas aquelas… pessoas… – Ela ofega, envolvendo o braço livre em torno da barriga. – Arremesso perfeito!

O rosto de Ast fica estático de horror, mas eu sei o que é aquilo.– Isae – digo. – Respire fundo.

– Todos aqueles…

Isae se inclina nos joelhos. Sua mão range contra o vidro enquanto desliza para baixo.

Eu ando até o banheiro e jogo água fria por cima de uma toalhinha para absorver tudo. Eu carrego a toalha de volta para ela, pingando por todo o chão. Ela está agachada ao lado da janela, rindo, soluçando.

Coloco o pano molhado na parte de trás do pescoço dela e passo a mão nas suas costas. Finalmente, Ast parece acordar – um pouco tarde, eu acho, mas ele é lerdo assim mesmo – e pede que Pazha avance com um assobio, então seu clique o guia para nós. Ele se agacha perto de nós, silencioso mas presente. É o mais próximo que ele e eu já ficamos um do outro. Compartilhando ar.

– Todas aquelas pessoas – ela choraminga.

Observo a reação de Ast enquanto permito meu dom-da-corrente surgir como um estandarte e dar força a nós três. Pela primeira vez, ele não se opõe.

– Eu sinto falta dela – sussurra ela mais tarde, enquanto nos sentamos juntos perto da janela e observamos o fluxo de corrente.

Eu pego sua mão e a pressiono na minha bochecha.

Mostro-lhe uma lembrança de Ori dormindo em nossa mesa da cozinha, sobre um esboço detalhado de uma flor-de-gelo. Havia tinta manchada em sua bochecha. Meu pai tomou um gole de chá, sorrindo com carinho para ela, e minha mãe estalou a língua, embora seus olhos ainda sorrissem.

Meu pai se inclinou para abraçá-la e levou Ori para a sala de estar. Eu observei suas longas pernas saltando para cima e para baixo com seus passos.

– Bem – minha mãe me disse. – Afinal, nós chamamos isso de "sala de Ori".

Isae e eu saímos suavemente da memória, a mão dela ainda pressionada entre minha bochecha e minha palma, e ela sorri para mim.

Eu a estou abraçando, penso

E em seguida, *o que acontece quando eu não conseguir mais?*



2

Kyerta. Substantivo. Em ogranox
"O que foi esmagado até assumir uma nova forma."

Kyerta. Substantivo. Em ograno:
"O que foi esmagado até assumir uma nova forma."

CAPÍTULO 21 | CISI

A DESCIDA PARA OGRA quase me mata.

Custou um pouco, além de ter tido que usar meu dom-da-corrente, mas convenci Isae a me deixar ir até os exilados shotet para iniciar as conversas de paz. *Podemos trabalhar juntos para derrubar Lazmet. Os exilados não são nossos inimigos. Os objetivos deles estão alinhados com os nossos.* Levou um tempo para minhas palavras serem aceitas, e mesmo agora ela ainda está cética, mas concordou em me deixar ao menos investigar a situação.

Sete dias depois do ataque em Voa, ela me garante um lugar em uma nave de transporte que leva comida até Ogra. Eu me espremo em um banco entre uma caixa imensa de frutas feitas em um laboratório de Othyr e um refrigerador cheio de carne de ave de Trella. A tripulação é trellana – uma língua que não falo –, então não posso participar quando eles fazem piadas entre si. E o trellano falado é monótono, não consigo nem fingir que estou ouvindo música. Eles sorriem para mim de vez em quando, então sei que não se importam comigo, mas isso não surpreende; ninguém se importa comigo, mesmo que não entendam muito bem por quê.

Então, o capitão da nave, que tem ombros largos e pernas grossas, com um tufo de pelos no peito saindo do alto da camisa, me diz em um othyriano ruim:

– Aperte o cinto! Agora!

É sorte, talvez, que ninguém tenha me dito o que esperar, porque talvez eu os tivesse feito voltar.

Todas as luzes da nave apagam-se ao mesmo tempo, e então eu grito, e está escuro, e eu grito. Não consigo respirar e tenho certeza de que a nave está ficando sem ar e que vou morrer ali do lado de uma pilha de carne. Agarro as correias que cobrem meu peito com tanta força que minhas mãos ficam dormentes, ou talvez seja o terror que as deixe assim. A última coisa que penso é que nunca vou falar com minha mãe de novo.

Então as luzes voltam, e a gravidade me pega, e a tripulação está me encarando como se tivesse brotado um terceiro olho em mim. Eles riem, e eu tento me juntar a eles, mas na verdade só estou concentrada em respirar.

Isso não acontece muito antes de pousarmos em solo ograno.

Uma mulher ograna chamada Yssa – "Í-ssá", ela me diz, devagar, quando não entendo na primeira vez – me leva até os exilados em um barquinho que singra como uma faca a água raiada de luz. Ela fala othyriano como se estivesse contando feijão, soltando palavras uma a uma, mas é a única língua que temos em comum, então falamos baboseiras até chegarmos a terra firme novamente.

Ela me conduz pelas ruas irregulares de uma aldeia onde shotet e ogranos vivem lado a lado. Yssa aponta as coisas para mim – uma barraca de pedras polidas que ela gosta, o lugar onde ela compra seus mantimentos, as pequenas bonecas esculpidas que lhe davam pesadelos quando criança. Ela não explica como eles sabem quando é "noite" e, quando ela gesticula, as pulseiras brilhantes em torno de seu pulso se chocam.

– Qual deles é seu irmão? – ela me pergunta.

– Muito alto, pele clara, como a senhora – digo. – Veio com Cyra Noavek.

– Ah! O pesado – diz ela.

– Pesado? – pergunto, confusa. – Não, ele é magro.

– Não, não. Não pesado de corpo. Ele carrega um peso – diz ela. – Não sei a palavra.

– Ah. – Nunca pensei no meu irmão desse jeito. O homem alto e letal que lutou para sair de um hospital de Shissa e entrar em uma prisão de anfiteatro não parecia sobrecarregado por nada; se muito, parecia mais rápido e mais leve que todos ao redor. Mas talvez eu simplesmente não consiga realmente enxergá-lo. Há um tipo especial de visão que vem com o fato de não conhecer alguém pela vida toda, e Yssa tem essa visão.

– Vou levá-la aonde eles se reúnem – diz Yssa. – Talvez ele esteja lá, talvez não.

– Tudo bem, obrigada.

Ela me leva a um antigo armazém com rachaduras subindo pelas paredes externas. Há uma placa afixada acima da porta com alguns caracteres que não consigo ler. Parecem shotet.

Entramos e, definitivamente, parece um lugar shotet, de todas as formas que aprendi a esperar de um lugar assim. Todas as mesas tinham sido empurradas contra as paredes, e as pessoas estão sentadas ou empoleiradas em cima delas, numa espécie de círculo.

Quando entramos, as pessoas estão batendo nas mesas em um ritmo contínuo, tão alto

que é tudo em que posso me concentrar no início. Então, olho para o que está acontecendo lá no meio.

Cyra Noavek, seu cabelo em uma longa trança atrás dela, está jogando seu corpo sobre um homem gigante. Ela é graciosa e forte, como uma faca lançada por mão hábil. O homem grande – e ele deve ser grande, para fazer uma mulher de sua estatura parecer tão delicada – pega-a, puxa-a por cima do ombro e a joga longe.

Eu suspiro quando ela cai no chão, que está coberto de esteiras, mas ainda parece duro o suficiente para machucar. Mas ela já está rolando como se seu corpo fosse feito de borracha, sorrindo, uma ferocidade em seus olhos que reconheço. É como ela olhou para Ryzek Noavek antes de ele tirar a pele de seu crânio. E é o jeito que Isae olhou antes de cometer assassinato.

Com um grito, ela se joga de novo sobre ele, e a multidão ruge.

Continua assim por um tempo, com Cyra aumentando velocidade e determinação diante dos meus olhos. É a velocidade que parece desestabilizar seu oponente – ele não sabe onde procurar, ou como bloquear o que ela joga em seu caminho, apesar de não causar muito dano. Ela tenta atacá-lo, e ele a pega, prendendo-a, apenas para ela torcer seu corpo em torno dele como um colar. Ela tranca as pernas em volta do pescoço dele e ele engasga.

Ele bate uma de suas pernas com uma mão e ela o solta, deslizando para o chão. A multidão ruge, e ela se move para o lado para beber água de um bico perto do peitoril da janela.

– Eles fazem isso o tempo todo agora – diz Yssa. – Não tenho certeza de qual é o objetivo. Eles pretendem lutar contra os thuvhesitas cara a cara?

Cyra me vê do outro lado da sala. A faísca em seus olhos morre.

Ela vem na minha direção e, quando está mais perto, vejo hematomas e arranhões nos braços nus, provavelmente de outras lutas. Yssa se aproxima de mim, colocando um ombro à minha frente.

– Me pediram para garantir a segurança da senhorita Kereseth entre vocês – diz Yssa para ela. – Por favor, não dificultem essa tarefa para mim.

Cyra para à distância de uma cusparada e, por um instante, acho que é o que ela vai fazer: cuspir em mim. Em vez disso, ela questiona:

– O que você está fazendo aqui? – Ela levanta a mão. – Nem me venha com esta merda de dom-da-corrente; tranquilidade não vai me adiantar em nada agora.

É tão automático que nem percebi que estava fazendo isso. Recuo o máximo que posso.

Suas sombras-da-correntes enterraram-se sob sua pele de novo e a cobrem de teias escuras. Ela range os dentes.

– Estou aqui para… – Eu paro. Não quero me entregar. – Estou aqui para ver minha família, tudo bem?

– Você não é bem-vinda – diz ela. – Ou a declaração de guerra passou despercebida por você?

Desejo, não pela primeira vez, que eu pudesse apontar meu dom sobre mim mesma, me deixar tranquila só por um momento. Mas não consigo aliviar o nó na garganta ou o peso da culpa. Ajudei Isae a escolher o alvo. Antes de chegar aqui, me senti confiante por ter feito algo de bom, considerando as opções que tinha; falei para ela não atingir Voa diretamente, não foi? Tinha salvado algumas vidas sem nada além de lábia e meu dom-da-corrente.

Mas agora estou entre as pessoas que perderam alguma coisa. Amigos, família. Um lugar que era especial para eles, talvez até sagrado. Então, como posso sentir que fiz algo de bom? Como posso pensar que esse povo é diferente do meu, mais merecedor de violência ou perda?

Não posso. Não vou.

Mas farei o que for preciso, como todo mundo.

– Apenas me diga onde encontrar Akos – peço.

– Akos. – Ela bufa. – Quer dizer, meu servo fiel, destinado a morrer por mim? – Seus olhos fecham-se por um instante. – Sim, sei onde encontrá-lo. Só seguir até o fim da rua.

CAPÍTULO 22 | CYRA

TUDO DOÍA, mas eu não me importava mais.

Bem, eu *me importava*, porque ninguém quer sentir dor. Era um instinto de sobrevivência. Mas, à medida que minha mente racional era capaz de superar meu estado físico, abracei a dor, deixei-a me lançar em um movimento frenético. Estava encharcada de suor, exausta e pronta para mais. Qualquer coisa para facilitar ser essa coisa ardente e inquieta que eu havia me tornado.

Não queria levar Cisi Kereseth ao lugar quieto que Akos tinha reivindicado como seu na sequência do ataque, a loja da velha em um beco de Galo. Havia muito *dele* lá, nas panelas borbulhantes e batidas de faca sobre a tábua de corte.

Quando Cisi, Yssa e eu saímos do refeitório, uma mulher jovem, com o cabelo muito enrolado e curto, cuspiu no chão perto dos meus pés.

Oruzo, foi do que ela me chamou.

A tradução literal era "uma imagem no espelho", mas o sentido real da palavra era que uma pessoa havia se transformado em outra ou era tão semelhante a ela que era indistinguível. Assim, após o ataque a Voa, muitos dos exilados começaram a me chamar de "oruzo" – sucessora de Ryzek, de Lazmet, da família Noavek. Foi uma maneira de me culpar por todas as vidas perdidas na evacuação fracassada por conta da minha tolice. Se eu não tivesse enviado essa mensagem a eles, dizendo-lhes para fugir…

Mas não havia como voltar no tempo.

Andei rápido demais para Yssa e Cisi me acompanharem; assim não tive que falar com elas. Cisi tinha ido ficar com *aquela mulher*, aquela que destruiu meu lar, e eu não me esqueceria disso.

Akos estava debruçado sobre uma panela quando cheguei à loja, mergulhando um dedo em alguma coisa que estava preparando; provavelmente um analgésico, já que seu dever

óbvio para comigo era seu único motivador nesses dias. Ele chupou a ponta do dedo, provando o que tinha feito, e xingou em voz alta em thuvhesita.

– Errado de novo? – perguntou-lhe a velha. Ela estava sentada em um banquinho, descascando seja lá o que fosse dentro de uma tigela a seus pés.

– A única coisa em que sou bom, e não consigo acertar – retrucou ele.

Então, olhou para mim e ficou vermelho brilhante.

– Ah – disse ele. – Oi.

– Estou aqui para… – Fiz uma pausa. – Sua irmã está aqui.

Eu me afastei para revelá-la. Eles ficaram a uma certa distância um do outro por alguns momentos longos e silenciosos. Ele desligou o queimador e atravessou a sala, envolvendo-a em um abraço. Ela o abraçou também.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele, baixinho.

– Estou aqui para iniciar as negociações de paz com os exilados.

Eu bufei. Não só sua missão era ridícula – como poderíamos ter conversas de paz com uma nação que *destruiu a nave de temporada?* –, mas ela também mentiu para mim quanto a isso.

– Me desculpe, eu menti para você – acrescentou ela para mim, olhando para trás. – Pensei que fosse me bater, então usei a desculpa mais conveniente para estar aqui.

– Cyra nunca bateria em você – disse Akos.

O jeito como ele disse isso, sem hesitação ou dúvida, fez meu peito doer. Era o único que pensava algo bom sobre mim.

– Se vão ficar aí conversando, vão conversar em outro lugar – disse a velha, erguendo-se. – Minha loja é pequena demais, e minha paciência é curta demais para esse tanto de bobagem.

– Sinto muito por desperdiçar seus ingredientes, Zenka – Akos lhe disse.

– Aprendi muito com suas tentativas fracassadas, bem como com suas tentativas bem-sucedidas – disse Zenka, ainda assim indelicada. – Agora vá.

Seu rosto enrugado se virou para mim, e ela me lançou um olhar avaliador.

– Senhorita Noavek – disse ela para me cumprimentar enquanto eu saía para o beco.

Assenti com a cabeça e me afastei.

Não havia espaço para caminhar lado a lado no beco, então nos enfileiramos, com Yssa à frente e Akos na retaguarda. Por sobre o ombro de Yssa, vi Sifa e Eijeh esperando por nós na rua lotada do outro lado do beco. Sifa fingiu estar interessada nos peixinhos brilhantes na tenda mais próxima, mantidos em cilindros altos cheios de água, mas não me enganava.

Estava esperando por nós.

Eijeh olhava com nervosismo para trás. Seus cabelos estavam se encaracolando atrás das orelhas, grandes o suficiente para mostrar sua textura natural. Havia uma fita fina costurada nos ombros de sua camisa, e ela emitia um leve brilho azul. A maioria das pessoas aqui adotou alguns elementos das vestes ogranas para ficarem visíveis no escuro. Menos eu.

Eu sabia que não tinha lugar aqui, nessa reunião improvisada dos Kereseth – provavelmente orquestrada pelos oráculos, se a presença de Sifa e Eijeh significasse o que pensei. Eu me movi para fugir, o que significava desaparecer na noite constante, mas Akos me conhecia muito bem. Senti o choque de sua mão empurrando-me de leve pela cintura. Foi breve, mas fez com que um arrepio me atravessasse.

Faça de novo, pensei.

Nunca mais faça isso de novo, também pensei.

– Desculpe – disse ele, baixinho, em shotet. – Mas… você se importa de ficar?

Atrás dele, Cisi e Sifa se abraçaram, a mão de Sifa correndo pelos cachos de Cisi com uma ternura que fez com que eu me lembrasse de minha mãe.

Os olhos esverdeados de Akos – agora num rosto mais pálido do que qualquer um tinha o direito de ser – me imploravam para ficar. Eu o havia evitado durante a semana desde o ataque, recusando grande parte do alívio que me oferecia, a menos que fosse na forma de analgésico. Não podia me permitir ficar perto dele agora, sabendo que estava aqui apenas por causa de sua fortuna. Porém, ele me enfraquecia. Sempre me enfraqueceu.

– Tudo bem – concordei.

– Eu esperava que você viesse – Sifa estava dizendo a Cisi, cujos olhos estavam em Eijeh. Ele se manteve a uma distância dos outros, cutucando as cutículas. Sua postura e gestos estavam ainda mais parecidos com os de meu falecido irmão. Aquilo era… desconcertante.

– Eijeh pensou que era provável – continuou ela. – Ele é apenas um iniciante, mas sua intuição é forte. Então, viemos para facilitar esse caminho.

– Ah, você está admitindo desta vez? – falei, meus braços cruzados para disfarçar minhas mãos cerradas.

As pontas dos dedos de Akos tocaram um de meus cotovelos, enviando a dor para longe. Não me permiti olhar para ele.

– Sim – respondeu Sifa. Seus cabelos estavam presos em uma pilha de cachos no topo da cabeça, uma agulha presa no meio dela para mantê-lo no lugar. Pequenas joias na ponta

da agulha brilhavam em rosa pálido.

– Venha. Estamos sendo esperados em outro lugar.

– Provavelmente – especificou Eijeh.

– Provavelmente – repetiu Sifa.

– Você não vai me fazer querer passar mais tempo com oráculos – falei.

Os lábios de Akos contorceram-se em um sorriso.

– E que pena – respondeu Eijeh secamente. – Uma perda para nós, tenho certeza.

Eu o encarei. Nunca tinha ouvido Eijeh Kereseth fazer uma piada antes, especialmente às minhas custas.

Não houve tempo para responder, porque me virei e tive uma visão ameaçadora: os contornos de uma nave de transporte ograna. Suas bordas eram cercadas por tubos brancos de luz, mas a escuridão persistente as ofuscava, fazendo a coisa toda parecer o rosto de uma fera suspenso no ar. As asas dobradas viravam orelhas, uma abertura sob a fuselagem dianteira era a boca e a cauda era um único chifre.

Um ograno em traje de voo veio em nossa direção. Sua pele era escura, mas os olhos eram iridescentes, como as escamas de um peixe. Captavam toda a luz ao redor deles e a refletiam, prateados e brilhantes. Uma manifestação de seu dom-da-corrente, eu tinha certeza, embora o que fizesse ainda fosse um mistério.

Em algum lugar à minha direita, Yssa pronunciou em um sussurro o que pareceu um xingamento ograno.

CAPÍTULO 23 | AKOS

AKOS TENTOU IDENTIFICAR A NAVE OGRANA NO ESCURO, mas era difícil. Quando aterrissaram pela primeira vez em Ogra, ele pensou que o céu era sempre o mesmo, mas esse não era o caso – às vezes era de veludo negro, às vezes um preto desbotado, às vezes meio azul. E agora, com o céu mais escuro, a nave quase desaparecia, exceto pela luz que usavam para demarcar sua forma.

Yssa se adiantou.

– Pary. Olá.

Ela não foi exatamente fria, assim como nunca parecia realmente calorosa. Mas havia algo de diferente nela. Ela conhecia aquela pessoa.

– Yssa – disse o ograno. – Que surpresa encontrar você aqui.

– Fui enviada para ser embaixadora do nosso povo para os shotet – explicou ela. Definitivamente havia algo entre os dois, Akos concluiu. Havia muita familiaridade na maneira como falavam um com o outro. Ex-amantes, talvez? – E você está surpreso por me encontrar entre eles?

– Eu quis dizer aqui, com… dois oráculos de Thuvhe – disse o homem chamado Pary. – Mas talvez tenha sido tolice minha.

Akos sentiu Cyra deslocar-se em sua mão, ficando inquieta. Com certeza, já estava abrindo a boca.

– Poderia dizer a que veio? – perguntou ela. – Temos uma reunião familiar acontecendo aqui.

– Senhorita Noavek. A senhorita é um tanto apressada – disse Pary com um largo sorriso. – Vim em nome da oráculo de Ogra. Você… todos vocês… estão sendo convocados por ela, e tenho a tarefa de levá-los imediatamente. Ela fica do outro lado de Ogra, à beira do deserto, então devemos voar até lá para chegar a tempo.

Claro, Akos pensou com uma quantidade considerável de desprezo. Sua mãe e Eijeh tinham entrado na aldeia – aonde quase nunca iam – exatamente por esse motivo. Ele odiava essa sensação, todos os fios do destino se juntando e se emaranhando em um nó. As outras vezes em sua vida que sentiu isso acontecer seu pai acabou morto, ou ele acabou matando Vas…

Vas, seu rosto brilhando de suor, uma escoriação no canto do olho de quem sabe o quê…

– E se não quisermos ir? – perguntou Cyra.

– Seria imprudente – disse Pary. – De acordo com a lei ograna, a convocação dos oráculos deve ser obedecida. E, como uma exilada shotet, é obrigada a obedecer nossas mais altas leis, a menos que queira comprometer sua situação de refugiada.

Cyra olhou para Akos.

– Oráculos – disse ele com um dar de ombros, pois não havia muito mais a dizer.

O interior da nave ograna era extraordinariamente espantoso.

Era vivo de uma maneira que Akos nunca tinha visto, nem pensava que uma nave pudesse ser. A estrutura era de metal, mas havia plantas crescendo por toda parte, algumas por trás do vidro, outras do lado de fora. Reconheceu algumas delas pelo que Zenka lhe ensinara, embora só as tivesse visto enrugadas, desenhadas ou picadas. Uma das plantas atrás do vidro parecia um globo perfeito até que suas pétalas grossas e irregulares se abriram, revelando os mesmos dentes que ele aprendeu a moer até virar pó. Ela tentou mordê-lo quando ele passou.

Cisi foi até outra planta – uma videira florida que se contorcia em torno de uma das vigas de sustentação da nave – como se fosse puxada para lá por um ímã. Um tentáculo verde-escuro estendeu-se para o seu dedo e envolveu-o com suavidade. Akos correu para o lado dela e deu um peteleco na planta para afastá-la.

– Elas começam aparentemente amigáveis e ficam ferozes – ele lhe disse. – Mas, se você as ignorar, geralmente elas não fazem nada.

– Todas as plantas aqui tentam matar as pessoas? – perguntou Cisi.

– Quase todas – respondeu ele. – Algumas tentam fazer amizade para que você as defenda de outras plantas.

– Você vai notar que quase não há espécies de animais em Ogra – disse Pary, ao passar por eles. – Isso é porque as plantas são muito desenvolvidas. Há uma grande variedade de espécies de insetos para a propagação da vida das plantas, mas nós somos os únicos animais

de sangue quente que caminham sobre este planeta.

Pary se acomodou na cadeira do capitão. Não havia copiloto nem primeiro-oficial que Akos pudesse ver, apenas Pary e uma série de botões, interruptores e alavancas. No entanto, Yssa sentou-se ao lado dele. A fuselagem dianteira era grande o suficiente para caber todos eles em assentos com cintos de segurança. Considerando o que Akos sabia sobre a tendência do planeta de lutar contra tudo, em todo lugar, ele achava que precisariam de mais do que alguns *cintos* para lhes dar segurança, mas ninguém havia perguntado nada.

– A oráculo disse *por que* queria que fôssemos arrastados até ela? – questionou Cyra enquanto prendia o cinto. Terminou suas fivelas e depois esticou o braço, inconscientemente, ao que parecia, para ajudar Cisi com o dela. Akos sentou-se do outro lado, no final do banco.

– Não cabe a mim perguntar – disse Pary.

– A oráculo não é muito… – Yssa fez uma pausa, procurando a palavra em othyriano. Ela perguntou em shotet: – Como vocês dizem "direta"?

Akos repetiu a palavra em othyriano para Cisi.

– Não é tarefa de um oráculo responder a perguntas como essa – disse Sifa. – Temos apenas um trabalho, que é o de proteger esta galáxia. Não nos cabe examinar informações inconsequentes que outras pessoas acham essenciais.

– Ah, você quer dizer informações inconsequentes como "você, meu filho mais novo, vai ser sequestrado amanhã"? – retrucou Cyra. – Ou "Isae Benesit está prestes a matar seu irmão, Cyra, então talvez você queira fazer as pazes com ele"?

Akos agarrou a própria perna para se firmar. Ele queria dizer a Cyra para não usar sua dor como arma contra a mãe dele; queria dizer à mãe que Cyra tinha razão. Mas se sentiu tão pesado com a desesperança de tudo aquilo que desistiu antes de começar.

– Você exige saber coisas da oráculo ograna que descobrirá hoje ainda – ralhou Sifa. – Está com raiva porque não lhe dizem o que você quer saber exatamente no mesmo instante. Que existência frustrante deve ser essa sua, que não satisfaz todas as suas necessidades instantaneamente!

Cyra riu.

– *De fato*, acho isso frustrante.

Ela estava desse jeito desde o ataque da nave, Akos pensou. Preparada para uma luta, não importava de que forma ela aparecesse, não importava com quem fosse. Cyra era sempre espinhosa, e ele gostava disso nela. Mas ali era diferente. Como se ela continuasse

se jogando em uma parede na esperança de que um dia finalmente pudesse derrubá-la.

– Silêncio no convés! – anunciou Pary. – Não consigo me concentrar com todos vocês discutindo.

Yssa se juntou à dança de preparar a nave, e o modo como o fizeram juntos, Pary e Yssa, fez com que Akos pensasse que haviam feito isso antes uma centena de vezes. Seus braços cruzados, claros e sardentos contra o escuro e o imaculado, estendiam-se um após o outro sem entrar no caminho um do outro. A coreografia da familiaridade.

A nave balançou e estremeceu quando se ergueu do chão. Os motores rugiram, e as trepadeiras e plantas se contorceram e esvoaçaram como se o vento estivesse soprando. Akos observou a videira florida enrolar-se com mais força em torno de seu raio de sustentação; a planta atrás do vidro se enrolou e brilhou laranja como um aviso.

– Vamos voar sobre tempestades para evitar danos – disse Pary quando a nave alçou voo e seguiu adiante. – Vai ser difícil.

Akos não conseguiu evitar sua curiosidade. Estavam se escondendo das "tempestades" sempre que o alarme disparava desde que haviam chegado a Ogra; ao que parecia, quase todos os dias. Mas ele ainda não tinha ouvido uma boa descrição do que *eram* exatamente as tempestades.

O voo da nave não era tão suave quanto o de uma nave shotet. Estremecia e sacudia e, pelo que Akos podia dizer, era lenta. Mas eles se ergueram alto o bastante para que ele pudesse ver as pequenas manchas brilhantes das aldeias e a grande e brilhante mancha da capital de Ogra, Pokgo, onde os edifícios eram tão altos que deixavam o horizonte irregular.

A nave deles virou enquanto subia, longe da civilização ograna e em direção ao trecho de escuridão que formava as florestas do sul. Havia muitas coisas brilhantes lá, como em todos os outros lugares, mas estavam cobertas por vegetação densa; por isso, de longe, era difícil ver qualquer coisa além do vazio.

A nave sacudiu, o que fez Akos buscar cegamente a mão de Cyra. Não queria apertar com força, mas, a julgar pela risada dela, era o que estava fazendo. A visão clara que tinham da superfície de Ogra havia desaparecido, substituída pelo denso redemoinho de nuvens. E então, à frente, a cor e a luz se aglutinaram, exatamente como acontecera quando a nave de temporada passou através do fluxo-da-corrente.

Uma linha azul de relâmpago cruzou a camada de nuvens e se estendeu. A nave sacolejava a cabeça de Akos de um lado para o outro com tanta força que ele conseguia ouvir os próprios dentes batendo. Outro clarão, esse amarelo, parecia ter ocorrido bem ao

lado deles. Pary e Yssa estavam gritando coisas um com o outro em ograno. Akos ouviu a ânsia quando alguém – Eijeh, provavelmente, pois sempre se enjoou fácil – vomitou.

Akos observou quando Ogra tomou as cores brilhantes que o resto do planeta ostentava com tanto orgulho e as atirou de volta de forma brutal e implacável. Como Pary prometeu, avançaram sobre a tempestade, que sacudiu a todos, mas não derrubou a nave. O cheiro acre de vômito, combinado com o constante tremor de sua cabeça, o fez querer vomitar também, mas ele tentou se segurar. Até mesmo Cyra, que geralmente amava coisas que deixavam outras pessoas com medo, parecia saturada, seus dentes cerrados, embora ele estivesse cuidando de seu dom-da-corrente.

Levou muito tempo para Pary anunciar que estavam pousando. Ao lado dele, Cyra soltou um suspiro de alívio. Akos notou o deslocamento da nave na direção do solo, apontando para alguma floresta densa que para ele parecia igual a qualquer outro lugar.

Mas, ao se aproximarem, as árvores pareciam quase se separar, abrindo caminho para um aglomerado de edifícios. Eles estavam iluminados por poças de água brilhante – impregnadas pela mesma bactéria que deixava acesos os canais ao redor de Galo, Akos imaginou. Quando não, eram pequenos prédios de madeira com telhados altos e pontiagudos, conectados por caminhos que pareciam brilhantes contra o fundo sombrio. Pontos de luz moviam-se irregularmente por toda parte, traçando os caminhos dos insetos voadores.

A nave pousou dentro de uma muralha de pedra, em uma plataforma de pouso.

Estavam no templo de Ogra.

CAPÍTULO 24 | CYRA

Eu me inclinei para tocar o caminho sob nossos pés. Era uma pedra lisa e reta – branca, uma cor incomum para Ogra. O lugar estava cheio de coisas brilhantes, nos jardins, nas piscinas e voando pelo ar.

Pary nos levou em direção a um dos edifícios maiores. Tínhamos pousado no sopé de uma colina, então seria preciso uma escalada para chegar a qualquer lugar, e eu imaginei que a oráculo residisse no topo. O ar tinha um sabor doce depois do pânico rançoso dentro da nave de transporte (eu nunca mais queria viajar durante uma tempestade ograna), e eu o sorvi de uma vez, acompanhando Pary com os outros atrás de mim.

Ao passarmos por um dos jardins – a maioria das plantas era mantida longe de nós por uma cerca de alambrado que tinha corrente passando por ela, como eu notei –, Yssa falou atrás de mim, com um tom de medo controlado.

– Pary.

Voltei-me para ver um grande besouro, quase tão comprido quanto a palma da minha mão, rastejando na bochecha de Akos. Suas asas tinham marcas azuis brilhantes, e as antenas estavam acesas, procurando. Havia outro em sua garganta, e um terceiro no braço.

– Fique parado – Yssa lhe disse. – Todos os outros, se afastem dele.

– Merda – disse Pary.

– Pelo que entendo, esses insetos são venenosos – comentou Akos. Seu gogó balançou quando engoliu muito em seco.

– Muito – confirmou Yssa. – Nós os mantemos aqui porque são muito brilhantes quando voam.

– E eles evitam qualquer coisa que seja um canal especialmente forte de corrente – acrescentou Pary. – Tipo… pessoas. A *maioria* das pessoas.

Os olhos de Akos fecharam-se.

Franzindo um pouco a testa, dei um passo adiante. Pary agarrou meu braço para me impedir, mas não conseguia suportar me tocar; sua mão escorregou, e continuei andando. Cheguei mais e mais perto, até ficar *bem* na frente de Akos, seu hálito quente contra a minha têmpora. Levantei a mão para fazê-la pairar sobre o besouro no rosto e, pela primeira vez, pensei em meu dom-da-corrente como algo que poderia proteger em vez de ferir.

Um único tentáculo preto desenrolou-se de meus dedos – me obedecendo, *me obedecendo* –, e espetou as costas do besouro. A luz dentro dele se avivou, o bichinho se afastou dele, e os outros o acompanharam. Os olhos de Akos se abriram. Olhamos um para o outro, sem nos tocar, mas perto o suficiente para que eu pudesse ver as sardas em suas pálpebras.

– Tudo bem? – perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Fique perto de mim, então – falei. – Mas não toque minha pele, ou vai nos transformar em dois ímãs de insetos venenosos.

Quando me virei, meus olhos encontraram os de Sifa. Ela me lançou um olhar estranho, quase como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa. Senti Akos atrás de mim, aproximando-se. Ele segurou minha camisa entre dois dedos, bem no meio de minhas costas.

– Bem – disse Eijeh. – Isso foi emocionante.

Era o tipo de coisa que Ryzek poderia ter dito.

– Cala a boca – respondi, automaticamente.

Havia cômodos bonitos e amplos na colina. Espaços grandiosos, mobiliário coberto com panos de proteção, as tábuas dos pisos de madeira marcados em diferentes padrões, os azulejos pintados com desenhos geométricos em tons suaves de verde e rosa foscos. O ar quente ograno fluía facilmente através de cada espaço por onde passávamos, a maioria das paredes construídas era curvada. Mas Pary não nos levou a nenhum desses cômodos.

Em vez disso, nos levou até a série de edifícios onde passaríamos a noite.

– Ela quer ver cada um de vocês separadamente, então levará algum tempo – explicou ele. – Este é um lugar pacífico, então aproveitem a oportunidade para descansar.

– Quem vai primeiro? – perguntei.

– A estimada colega da oráculo, Sifa Kereseth, é claro – respondeu Pary, inclinando a cabeça para a mãe de Akos.

– Sinto-me honrada – disse Sifa, e eles foram embora juntos, deixando a mim, Akos, Eijeh, Cisi e Yssa para trás.

– Precisamos saber de alguma coisa? – perguntei a Yssa. – Você costumava viver aqui, suponho? Parece saber tanto sobre esse lugar quanto Pary.

– Sim. Pary e eu trabalhávamos aqui antes de eu ter sido enviada para ser embaixadora – disse ela. Então, mudou para a língua shotet. – Temo que eu não tenha nada de útil a dizer, exceto que a oráculo é muito mais do que ela pode parecer a princípio, e, se quer ver cada um de vocês separadamente, é porque tem algo diferente a dizer a cada um de vocês.

Akos repetiu isso em thuvhesita para Cisi com um ligeiro atraso. Nunca tinha visto Cisi daquele jeito; não exatamente assustada, mas tensa, como se estivesse se preparando para algo.

Não costumava pensar no destino de Cisi, mas então lembrei. *A primeira criança da família Kereseth sucumbirá à lâmina*.

Os pequenos edifícios onde Pary nos disse que poderíamos ficar eram distribuídos em um círculo em torno de um jardim, e todas as paredes eram abertas, então era fácil ver quem ia e vinha. Sifa não havia retornado da visita à oráculo, mas Pary veio buscar Eijeh, que cada vez mais me fazia sentir como se eu estivesse de novo na presença de Ryzek.

Akos juntou-se a mim no jardim, depois de garantir que não havia besouros assassinos voando por aí. Ainda assim, ficou perto de mim, mais perto do que normalmente ficaria.

– O que acha que ela vai dizer? –perguntei para ele.

Akos suspirou, e eu senti seu suspiro contra o cabelo.

– Não sei. Desisti de tentar saber o que as oráculos vão me dizer.

Eu ri.

– Aposto que você está cansado delas.

– Estou.

Ele se aproximou mais, seu peito tocou minhas costas e seu nariz se enfiou no meu cabelo, tão abaixado que pude sentir sua respiração contra minha nuca. Teria sido simples se afastar. Ele não estava me segurando ali; mal estava me tocando, na verdade.

Mas, juro, eu não queria me mexer.

– Estou cansado de tudo – disse ele. – Cansado o tempo todo.

Ele suspirou de novo, pesadamente.

– Principalmente – disse ele –, estou cansado de não estar perto de você.

Eu me vi relaxando, me movendo para trás de modo que apertei o corpo contra ele, uma parede de calor descendo pela minha espinha. Ele descansou as mãos nos meus quadris, os dedos correndo sob a bainha da minha camisa apenas o suficiente para aliviar minha dor. *Deixe os malditos besouros venenosos virem*, pensei quando senti um beijo no meu pescoço, logo atrás da orelha.

Aquilo era um convite para mais dor, e eu sabia disso. Sua fortuna não permitia que ele me escolhesse e, mesmo que não fosse esse o caso, eu suspeitava que o profundo sofrimento dele não o deixaria escolher absolutamente nada. Mas eu estava cansada de fazer o que era bom para mim.

Ele beijou o ponto onde meu pescoço encontrava meu ombro, demorando-se, a língua saboreando minha pele, que provavelmente estava salgada de suor. Estendi a mão e enterrei meus dedos em seus cabelos, segurando-o contra mim por um momento, e então torci meu pescoço para que nossas bocas colidissem. Nossos dentes se bateram, e normalmente nós nos afastávamos e ríamos, mas nenhum de nós estava de bom humor. Puxei seus cabelos, e as mãos dele apertaram meus quadris com tanta força que doeu, mas uma dor boa.

Eu havia me enterrado no ódio desde a destruição da nave e desde que as ilusões entre ele e mim ruíram. Agora eu me enterrava em meu desejo por ele, me contorcendo com ele, agarrando seu corpo onde quer que minhas mãos achassem espaço. *Me deseje*, eu disse a ele a cada aperto dos meus dedos. *Me escolha*. *Me queira*.

Eu me inclinei para trás por apenas um momento, apenas para olhá-lo. A linha reta do nariz e as sardas espalhadas. Sua pele era da cor de arenito, do pó que as pessoas usavam para evitar que a pele brilhasse e dos envelopes que minha mãe usara para enviar cartas. Seus olhos grudaram nos meus, a cor deles exatamente como uma tempestade rondando Voa, trazendo neles a mesma apreensão, como se mesmo naquele momento temesse que eu pudesse parar. Eu entendi. Eu também temia que eu pudesse parar. Então, apertei meu corpo contra o dele novamente antes que eu o fizesse.

Saímos aos tropeços juntos em direção a um dos quartos, tiramos os sapatos aos tropeços. Puxei uma cortina no espaço exposto ao pátio, mas, na verdade, não me importava se alguém visse, não me importava se fôssemos interrompidos, só queria ter, ter, ter o que ele me desse, sabendo que talvez fosse a última vez que me permitiria.

CAPÍTULO 25 | CISI

O SALÃO DA PROFECIA, para onde vou ao encontro da oráculo ograna, é imenso e grandioso, como o próprio nome sugere. É o que eu espero, já que é como o salão no Templo de Hessa, e eu costumava ir visitar minha mãe no trabalho o tempo todo.

Porém, o espaço ograno não é tão colorido quanto o de Hessa. As paredes são revestidas de madeira escura. Desenhos elegantes estão esculpidos na madeira e tomam a forma do que eu acredito serem plantas ogranas. Quase parecem estar se contorcendo e estalando bem diante de mim.

Há janelas perto do teto que não são coloridas e devem estar acesas pelo lado de fora, pois brilham com uma luz que não é natural para Ogra. O quarto em si é estreito e comprido, com esculturas a uma distância de um braço uma da outra. Algumas delas são tão cuidadosamente moldadas quanto os entalhes nas paredes, e outras são duras e grotescas, mas todas carregam uma espécie de ameaça. A maioria das coisas em Ogra carrega.

A própria oráculo está diante de uma das esculturas; uma das mais altas, feita de placas de metal que se arqueiam em direção ao teto e se contorcem uma ao redor da outra. São todas polidas de um lado, rústicas no outro e presas uma à outra com grandes parafusos do tamanho do meu punho. As mãos da oráculo estão cruzadas à sua frente. Suas vestes oraculares são de um azul profundo e forte, e ela está descalça. Mais robusta que minha mãe e mais baixa. Ela olha para mim e me abre um sorriso.

– Cisi Kereseth – diz ela. – Meu nome é Vaera. Venha, olhe isso aqui.

Sorrio também e me ponho ao lado dela, olhando para a escultura. Só faço isso por educação, pois não sou boa em admirar arte.

– Esta escultura foi feita há cerca de trinta temporadas, quando a cidade de Pokgo começou a se expandir. As pessoas estavam zangadas porque estávamos perdendo um

pouco do que chamavam de "humildade ograna". A crença tradicional ograna é que nosso planeta nos torna humildes, nos lembra que há algumas coisas que não podemos superar. – Vaera dá de ombros. – Que não devemos tentar controlar algumas coisas.

Ela me lança um olhar aguçado. Não sei ao certo o que fazer com ele. Meu instinto é acalmá-la. Tento a água, a mais útil de minhas texturas, mas percebo que não adianta muito com ela. Eu me pergunto o que deixa os ogranos confortáveis. O vento, o calor de uma fogueira, a suavidade de um cobertor? Vasculho algumas coisas em minha mente antes de encontrar uma que acho que parece certa; a sensação do vidro frio sob a palma da mão.

Vaera levanta uma sobrancelha.

– Muitas vezes imaginei como seria – diz ela. – É inebriante ser tocada pelo seu dom. É muito fácil sucumbir à sua influência.

– Desculpe. Eu não quis…

Vaera revira os olhos.

– Ora, garota. Você pode enganar pessoas que não a conhecem tão bem, mas eu, junto com todos os outros oráculos de minha geração, tenho visões suas desde o nascimento. Sei que seu controle é muito mais avançado que a maioria das pessoas que podem influenciar seus dons. Também sei que está tentando fazer o bem quando o usa nas pessoas. Então, vamos falar sobre Isae Benesit, Cisi.

A maneira como ela desvela tudo me deixa nervosa, e todas as palavras que eu poderia dizer para me defender ficam presas na garganta. Faço que sim com a cabeça, pois é tudo que posso fazer para indicar que ouvi o que ela disse.

–Você realmente se importa com ela? – pergunta a oráculo. – Ou apenas a manipula para alcançar seus objetivos?

– *Meus* objetivos… – eu engasgo.

– Sim, eu sei… você só está fazendo o que acha melhor. Mas o fato é que está tomando decisões sobre o futuro desta galáxia unilateralmente, então *são* seus objetivos, e de mais ninguém.

Não gosto de pensar no que estou fazendo com Isae como manipulação. Não é tão simples assim. Se ao menos Vaera soubesse o quanto Isae me preocupava às vezes. Como foi fácil para ela matar Ryzek e ordenar um ataque contra inocentes em Voa. O quanto seus olhos ficam selvagens quando se deixa desaparecer na fúria, o quanto parece tranquila quando eu a trago de volta. Ela precisa de mim.

O que me leva de volta à pergunta original de Vaera; se realmente me importo com

ela.

– Eu me importo com ela – digo. – Eu a amo, mas me preocupo com ela. Em um mundo justo, ela teria espaço para sentir sua dor, mas realmente não temos tempo para deixá-la processar o que está passando sozinha, não com uma guerra acontecendo.

Vaera aperta os lábios enrugados.

– Talvez você tenha razão. Nesse caso, devo lhe dizer para ter cuidado com o que eu vi em alguns de seus futuros… o filho do mecânico. Ast.

– Ele sente dons-da-corrente, não é? Sempre parece saber quando estou usando o meu, mesmo se eu estiver sendo realmente cuidadosa.

– Parece que sim – diz Vaera. – E ele está ficando cada vez mais desconfiado de você. E cada vez mais furioso que Isae *não* esteja desconfiada, eu acho.

Eu concordo com a cabeça.

– Obrigada pelo alerta.

– Tenha cuidado, menina – diz Vaera, pegando minha mão e apertando-a com força. Um pouco forte demais. Suas pupilas são grandes (as da maioria dos ogranos são, já que há tão pouca luz em todos os lugares), mas consigo ver um fino anel verde ao redor das dela que compõe sua íris.

– E não confie nos othyrianos. – Ela aperta ainda mais forte. – Não deixe que ela concorde com isso. Seja lá o que você faça.

Não sei ao certo o que ela quer dizer, mas sei que quer que eu concorde com a cabeça, então eu concordo.

CAPÍTULO 26 | AKOS

ERA TARDE NAQUELA NOITE em que a oráculo finalmente mandou chamá-lo – ou melhor, *chamá-los*, porque ela queria vê-lo ao mesmo tempo que Cyra.

Mais cedo, eles tinham adormecido enroscados um no outro, com a luz das plantas no jardim lançando um brilho suave através da cortina que Cyra tinha fechado. O prateado de um lado da cabeça dela tinha esfriado sobre seu peito, onde ela insistiu em se deitar para ouvir os batimentos de seu coração.

Ele não sabia o que tinha acontecido no jardim, com ele puxando-a para perto quando sabia que era egoísmo, que não podia dar a ela, Cyra, o que ela queria, por insistência dela. Deveria tê-la ouvido, talvez até ter terminado com ela de uma vez por todas, pois não havia como livrá-lo de sua fortuna e nenhuma maneira de convencê-los de que as coisas seriam as mesmas se ele não tivesse a morte a serviço da família dela com que se preocupar.

Mas o anseio por ela havia penetrado através da névoa que se instalara em sua mente nas últimas semanas, e ele estava muito aliviado por sentir *algo* que não tivera coragem de reprimir. E continuou desejando-a, mesmo enquanto se debatiam cada vez mais perto. Como se não houvesse o suficiente dela nem nunca haveria.

Ele não podia segurar a mão dela enquanto caminhavam – só atrairia os besouros, e ele não estava ansioso para ter um deles empoleirado no rosto de novo –, mas ficou perto, então quase conseguia senti-la. Suas sombras-da-corrente estavam se movendo mais rápido, correndo pela garganta e desaparecendo sob o colarinho, e ele desejou poder fazer mais por ela do que o medíocre analgésico que lhe dera antes de partirem.

Pary os conduziu ao topo da colina, mas não ao grande salão iluminado de dentro para fora – foram para baixo, para o nível mais baixo do lugar, onde o teto se inclinava perto demais do topo da cabeça, o que era um desconforto, e as tábuas do assoalho rangiam a

cada passo. Akos teve que se curvar para passar por uma porta e se viu no que parecia uma cozinha. Uma mulher não muito mais velha que sua mãe estava lá, as mãos enterradas em um monte de massa. Os braços eram sardentos, e os cabelos eram grisalhos e encaracolado em seu corte curtinho.

Ela sorriu para eles quando entraram, com todo o carinho que aprendeu a não esperar de oráculos, que sempre lhe pareciam desconectados e ríspidos, até mesmo o oráculo descendente de Thuvhe antes de sua morte.

– Cyra, Akos, sejam bem-vindos – disse ela. – Por favor, sentem-se.

Ela apontou para o banco do outro lado de sua mesa. Akos fez o que ela disse, mas Cyra ficou em pé, de braços cruzados.

– Você se sentiria mais confortável com as mãos ocupadas? – perguntou a Akos. – Sei que você tem predileção por fazer elixires. Há muito aqui para picar.

– Não – disse ele, o rosto corando com o calor. – Obrigado.

– A senhora tem um nome? – perguntou Cyra, direta como sempre. – Ou deveríamos chamá-la de "Oráculo"?

– Ah, perdoem minha grosseria. Meu nome é Vaera. Às vezes esqueço que as pessoas que conheço não me conhecem. Há algo que eu possa fazer para torná-la menos hostil, minha querida? – Ela meneou a cabeça para Cyra. – Ou você está contente em permanecer assim?

Um vinco fraco apareceu na bochecha de Cyra, do jeito que fazia quando estava reprimindo um sorriso.

– Tudo bem, vou me sentar – cedeu ela. – Mas não se empolgue com esse gesto.

– Eu não ousaria – disse Vaera enquanto Cyra se empoleirava na borda do banco ao lado de Akos. Mesmo sentados, os dois ficavam mais altos que Vaera, que era baixa e avantajada na cintura. Havia algo de familiar nela.

– A senhora tem algum parentesco com Yssa? – perguntou ele.

– Bem observado, querido, sim. Ela é minha filha. Um… envolvimento um tanto tardio na vida – disse ela. – Ela tem a estrutura do pai. Alta e de membros compridos. O restante veio de mim. – Ela puxou um pedaço da massa e o jogou na boca. – Agora – falou enquanto engolia: – Tenho certeza de que vocês estão se perguntando por que não coloquei minhas vestes ogranas tradicionais e os recebi no Salão da Profecia como cabe a um oráculo.

– Passou pela minha cabeça – comentou Akos.

– Eu não esperaria menos do filho de uma oráculo – disse Vaera, ainda com aquele

sorriso gentil. – Bem, de verdade, vamos manter isso entre nós, mas eu odeio aquele salão. Faz com que eu me sinta baixinha. As vestes também! Foram feitas para o último oráculo, e ele era muito maior que eu. Além disso, pensei que, dada a natureza do que tenho para discutir com vocês dois, talvez vocês apreciassem um ambiente mais confortável.

Akos sentiu como se, de repente, tivesse sido mergulhado em água fria. *Dada a natureza do que tenho para discutir com vocês.*

– Então, não é uma boa notícia – disse Cyra, irônica. Quando ela se apoiava no sarcasmo, quase sempre significava que estava morrendo de medo. Suas mãos segurando com força a beirada do banco sugeriam a mesma coisa.

Vaera suspirou.

– Ah, a verdade raramente é, querida. O que eu tenho para vocês hoje é algo que chamamos de "kyerta"… algum de vocês conhece a palavra?

Cyra e Akos negaram com a cabeça.

– Claro que não. Quem mais fala ograno além dos ogranos? – O riso de Vaera era como um fio fino de água. – Vejam, nós pensamos em oráculos apenas apresentando o futuro, e em geral é o que fazemos, sim. – Ela pegou um cilindro de metal grosso de uma prateleira atrás dela e usou-o para abrir a massa. – Mas é o passado que traz o futuro… muitas vezes ele permanece oculto, moldando nossas vidas em formatos que não entendemos. Mas, às vezes, precisa abrir caminho até o presente a fim de mudar o que está por vir.

Ela partiu a massa em três pedaços grandes e rolou-os entre as mãos até ficarem compridos e finos, como caudas. Então, ela começou a trançá-los.

– Kyerta – disse ela – é uma revelação que faz com que seu mundo se desloque no eixo. É uma verdade profunda que, uma vez que você a percebe, inevitavelmente altera seu futuro, embora já tenha ocorrido e, portanto, não deveria mudar nada.

Ela terminou a massa trançada e a colocou de lado com um suspiro. Limpando o pó das mãos, ela se sentou diante deles e se inclinou sobre os braços.

– No caso de vocês, essa kyerta vem na forma de seus nomes – disse ela. – Vocês passaram a vida como Akos Kereseth e Cyra Noavek, quando, na verdade, vocês são Akos Noavek e Cyra Kereseth.

Ela se sentou de volta da mesa.

Akos sentiu dificuldade para respirar.

Cyra soltou uma sonora gargalhada.

CAPÍTULO 27 | CYRA

BATI COM A MÃO NA BOCA PARA IMPEDIR O SOM, uma risada horrível e forçada, sem qualquer alegria.

Cyra Kereseth.

Não foi a primeira vez que pensei no nome. Sonhei acordada com isso uma ou duas vezes, deixando o nome Noavek para trás e assumindo o nome de Akos, em algum dia, em um futuro ideal no qual nos casávamos. Era costume que a pessoa de posição inferior em um casamento mudasse de nome em Shotet, mas poderíamos fazer uma exceção para me livrar do rótulo que eu odiava. O nome Cyra Kereseth havia se tornado, para mim, um símbolo de liberdade, assim como uma irrealidade açucarada.

Mas Vaera não quis dizer que meu nome era Cyra Kereseth por algum casamento hipotético e distante. Ela quis dizer que meu nome era Cyra Kereseth *agora*.

A parte difícil não era acreditar que eu não era Cyra Noavek. Eu suspeitava disso desde que meu irmão me disse que eu não partilhava de seu sangue, talvez até porque meu sangue não havia funcionado na fechadura genética que ele usava para manter seus aposentos seguros. Porém, acreditar que eu pertencia à mesma família que havia criado Akos para ter coração mole e conhecimentos de flor-do-gelo, isso era outra coisa totalmente diferente.

Não ousei olhar para Akos. Não tinha certeza do que veria quando olhasse.

Tirei minha mão do rosto.

– Como? – perguntei, abafando outra risadinha. – *Como?*

– Sifa contaria melhor a história – explicou Vaera. – Mas, infelizmente, essa tarefa agora cabe a mim, porque é o futuro de Ogra que está em jogo. Quando você nasceu, Akos, filho de Ylira e Lazmet Noavek, Sifa viu apenas caminhos sombrios à sua frente. E também Cyra, filha da própria Sifa e de Aoseh Kereseth, tinha apenas caminhos sombrios à

sua frente. Ela se desesperou por vocês dois.

"E então aconteceu algo que não acontecia havia algum tempo: uma nova possibilidade se apresentou. Se ela cruzasse seus caminhos, se ela os mudasse de lugar, novas possibilidades se abririam, e poucas, muito poucas é verdade, mas algumas, não levavam à desgraça. Então, ela procurou Ylira Noavek, uma mulher que nunca tinha visto antes e que nunca mais veria, para apresentar a solução para ela. Foi muito feliz de sua parte que Lazmet ainda não tivesse visto seu filho. Também foi uma sorte que as linhagens de sangue em ambas as famílias tenham uma variação tão rica que praticamente qualquer combinação de características e tons de pele não levantaria suspeitas.

"Elas se encontraram logo após a Divisão, o capim-pena que separa Shotet de Thuvhe, e elas trocaram seus filhos para que os dois pudessem ter uma chance de evitar seus caminhos mais sombrios", concluiu Vaera com um tom decisivo. Seus dedos estavam cobertos de farinha marrom, as unhas roídas nas pontas. "Disseram a Lazmet que ele havia sido mal informado sobre o sexo da criança. O mensageiro que entregou a notícia foi executado, mas Lazmet aceitou você como sua, Cyra, e todos procederam como Sifa esperava."

Fui pega imaginando o momento, minha forma pequena enrolada em panos passando às mãos de Ylira Noavek, com o capim-pena balançando ao fundo. Eu me arranquei da ficção, de repente me sentindo furiosa.

– Então a senhora está me dizendo – falei, debruçando sobre a mesa para apontar um dedo para ela. – A senhora está me dizendo que minha *mãe* me entregou para ser criada por um bando de monstros, e eu o quê? Deveria estar *grat*a, porque foi para o meu bem?

– Não cabe a mim dizer a você como vai se sentir – disse Vaera com seus olhos escuros e suaves. – Só me cabe contar-lhes o que aconteceu.

Eu me senti como uma panela fervendo, toda raiva e histeria borbulhando dentro de mim, irreprimíveis. Eu queria arrancar o olhar suave daqueles olhos, ou rir na cara dela; eu queria me *mexer*, acima de tudo, para escapar da dor que agora corria através de cada izito da minha pele, cobrindo-me de manchas escuras.

Quando finalmente ousei olhar para Akos, eu o vi com o rosto paralisado e completamente imóvel. Era enervante.

– Tenho certeza de que não preciso enfatizar a vocês que há um lado bom nisso tudo – disse Vaera. – Suas fortunas.

– Nossas fortunas – repeti, sentindo-me estúpida. – O que tem elas?

– Há um motivo para a fortuna não citar nomes – respondeu Vaera. – *A segunda criança*

da família Noavek cruzará a Divisão. A terceira criança da família Kereseth morrerá a serviço da família Noavek. Minha querida, *você* é a terceira criança da família Kereseth. E desconfio que sua fortuna já tenha sido cumprida.

Fiz uma grande cena, colocando os dois dedos na lateral do pescoço para verificar se havia pulso.

– Que boba eu, pensando que não *tinha morrido a serviço*…

Eu me interrompi.

Aquela não era a verdade, era?

Meu irmão tentou me fazer torturar Akos, lá na prisão subterrânea onde nos capturou e nos obrigou a ficar de joelhos. Eu puxei todo o meu dom-da-corrente para dentro de mim, confiando em minhas forças para me manter viva. Mas essa força vacilou, apenas por um momento, o suficiente para ser considerada uma morte. Meu coração parou e voltou a bater. Eu voltei.

Morri pela família Noavek… morri por Akos.

Eu o encarei, maravilhada. A fortuna que ele temia, a fortuna que ele havia permitido que o definisse desde que a ouviu pela primeira vez, proferida pelos lábios do meu irmão… era *minha*.

E havia sido cumprida.

CAPÍTULO 28 | AKOS

TODAS AS COISAS QUE ELE havia sido…

Traidor afortunado, Kereseth, thuvhesita…

Tinham sido arrancadas dele.

Ele não dissera uma palavra desde que a oráculo os convidou para tomar uma xícara de chá com ela e Cyra recusou. A verdade era que ele havia perdido todas as palavras. Nem sabia em que língua deveria falar. As categorias que usou para defini-las – thuvhesita, o idioma de sua casa e de seu povo; othyriano, a língua dos estrangeiros; shotet, o idioma de seus inimigos – não se encaixavam mais.

Cyra parecia saber que ele não conseguia falar. Talvez não tivesse entendido, e como poderia entender? Ela se iluminou como um pedaço de madeira em chamas quando Vaera lhes contou a verdade; era emocionalmente elástica, conseguia sair de um estado de fúria tão rápido quanto entrava nele. No entanto, embora ela não o entendesse, não o incomodava também.

Tudo o que ela fez foi tocá-lo, hesitante, no ombro, enquanto dizia:

– Eu sei. Também não queria partilhar do mesmo sangue que eles.

E era isso, não era? Ela dividia uma história com os Noavek, e ele partilhava do sangue. A pressão sobre ele para descobrir qual deles era pior era forte.

Akos não dormia. Apenas andava pelos caminhos ao redor do templo, nem mesmo se preocupando em evitar as plantas perigosas que estavam crescendo por toda parte ou os besouros que poderiam matá-lo com uma picada. Não reconhecia a maioria das coisas que crescia, mas algumas delas ele sabia o que eram, e ele as procurou apenas para ter outra coisa em que pensar, mesmo que por pouco tempo.

Os besouros iam e vinham, com exceção de um; um pequeno que se empoleirou em

sua mão, contorcendo as asas leves e balançando as antenas. Ele sentou em uma pedra em um dos jardins para olhá-lo.

Isso o lembrou, por algum motivo, do Encouraçado que havia matado para tomar sua pele. Ele saiu para os campos fora de Voa, onde os Blindados vagavam, mantendo-se isolados a maior parte do tempo. Levou um tempo para perceber que eles não o atacariam. Era a corrente que os enfurecia, não Akos; ele era um alívio para eles, assim como era para Cyra.

Talvez esse besouro fosse igual, evitando aqueles que canalizavam a corrente porque a energia era forte demais para ele aguentar. O padrão em suas costas era como tinta derramada, sem forma definida. Acendia verde-azulado, quando acendia, uma cor suave.

Depois de algum tempo, o arrepio das pequenas patas grudentas não mais o incomodava, nem a ameaça de suas grandes tenazes. Era um pequeno monstro, assim como ele. Não poderia fazer nada, tinha nascido assim.

A revelação da oráculo era como um pedaço de papel amassado que simplesmente não parava de se desdobrar. Primeiro mostrou para ele o que ele não era mais. Depois mostrou o que ele era: um shotet. Um *Noavek*.

O homem que havia tirado tudo dele – pai, família, segurança e lar – era seu irmão.

E o homem que fizera Ryzek: Lazmet. Ele era o pai de Akos. Ainda vivo, ainda tão alarmante para Cyra – Cyra inabalável e inalterável – que ela entrou em pânico só de ver o rosto dele.

– O que eu faço agora? – perguntou ao besouro em sua mão.

– Sem dúvida essa coisa não vai te responder – disse a voz de Pary atrás dele. – Mas não vou garantir que entendo o dom-da-corrente das outras pessoas.

Akos virou-se rapidamente. O besouro em sua mão ainda não se mexia, felizmente.

– Não chegue mais perto – disse ele. – Besouros assassinos e tudo o mais.

– Eles parecem gostar de você – disse Pary. – Seja lá o que você for, é uma coisa muito estranha.

Akos assentiu com a cabeça. Aquilo não estava em discussão.

Pary parou na frente dele – a uma distância segura – com as mãos nos bolsos.

– Ela deve ter lhe dito algo difícil.

Akos não tinha certeza se *difícil* era a palavra correta. O besouro rastejou do polegar até a manga, e era possível ouvir os estalos de suas tenazes. Felizmente não era o que ele fazia antes de atacar. No entanto, Akos não achava que o bicho o atacaria.

– Sabe, há muitas pessoas em todo o sistema solar que pensam que os oráculos são

elitistas – disse Pary. – Só definindo a fortuna e, portanto, a importância de certas famílias. Parece uma exibição desnecessária de favoritismo a pessoas que não entendem como as fortunas funcionam, como não permitem que um oráculo escolha nada. Mas aqueles que têm fortuna sabem muito bem disso.

Os olhos de Pary cintilaram com o brilho de uma flor do jardim, refletindo a cor laranja.

– A fortuna é uma gaiola – disse ele. – Quando se fica livre dessa gaiola, é possível escolher, fazer, ir… o que quiser, aonde quiser. De alguma forma, consegue finalmente saber quem você é.

Akos estava ocupado demais pensando sobre quem eram seus parentes para refletir sobre a fortuna, embora soubesse que era aonde a mente de Cyra fora. Talvez devesse estar feliz, pois sua fortuna não era mais morrer, mas estivera agarrado a ela com tanta força que era difícil ajustar. Era como se estivesse carregando um peso por tanto tempo que esquecera como era estar sem ele, e agora se sentia muito leve, como se pudesse flutuar.

E sua verdadeira fortuna? *A segunda criança da família Noavek cruzará a Divisão.*

Bem, já havia feito isso, atravessado o trecho de capim-pena que separava Thuvhe de Shotet. Tinha feito isso mais de uma vez. Assim, sua fortuna tinha sido cumprida, e naquele momento Pary tinha razão. Ele poderia escolher o que fosse. Fazer o que fosse.

Ir.

Aonde quisesse, aonde *precisasse* ir.

Uma decisão estava apenas se aproximando em sua mente quando ouviu o grito, alto e rouco. Um gemido juntou-se a ele e depois um grito mais baixo. Três vozes que se ergueram no reconhecimento da dor. Três oráculos.

A essa altura, ele sabia o que significava: houvera outro ataque.

O besouro fugiu de seu pulso enquanto ele subia a colina até o quarto onde seu irmão dormia. Puxou com tudo as cortinas e encontrou Eijeh sentado na cama, os dedos enfiados nos cabelos cacheados enquanto gemia. Fazia muito tempo que Akos não via Eijeh tão amarrotado, a camisa retorcida em torno do torso e metade do rosto marcado pelo vinco da fronha.

Akos hesitou no canto do quarto. Por que tinha ido até ali, em vez de ir ao quarto de sua mãe? Tinha perdido partes de Eijeh que estava muito determinado a salvar, e agora sabia que, de qualquer forma, o que havia sobrado de Eijeh não tinha nenhum parentesco com ele; então, o que o atraía até ele toda vez?

Eijeh levantou a cabeça, os olhos fixos no rosto de Akos.

– Nosso pai – disse Eijeh. – Ele os está atacando.

– Eijeh – disse Akos. – Você está confuso… nosso pai é…

– Lazmet – completou Eijeh, balançando para frente e para trás, ainda segurando a cabeça. – Shissa. Ele atacou Shissa.

– Quantos mortos? – Akos tocou o ombro de Eijeh, e seu irmão (seu irmão?) se afastou.

– Não, não preciso ver…

– Quantos? – exigiu Akos, embora, no fundo, ele soubesse que não importava se era um punhado ou dúzias ou…

– Centenas – respondeu Eijeh. – Está chovendo vidro.

Então Eijeh começou a chorar, e Akos se sentou na beirada da cama.

Não, não importava que fossem centenas. Seu caminho adiante permanecia o mesmo.

CAPÍTULO 29 | EIJEH

– Você tem que encontrar formas de se manter firme – Sifa nos disse. – Ou as visões vão assumir o controle. Você vai ficar preso em todas as possibilidades e não será capaz de ter uma vida normal.

Nós respondemos:

– Seria tão ruim? Viver mil vidas diferentes em vez da sua?

Ela estreitou os olhos para nós, essa mulher que era nossa mãe, uma oráculo e uma estranha ao mesmo tempo. Ordenamos a morte de seu marido; nós mesmos sofremos a perda daquele homem. Como era estranho ser responsável por tanta dor e ter sofrido como resultado direto dessa responsabilidade ao mesmo tempo. À medida que nossas identidades se fundiam cada vez mais, sentíamos mais profundamente as contradições inerentes à nossa existência, mas não havia nada a ser feito a esse respeito; as contradições existiam e tinham que ser abraçadas.

– Tudo o que fez você o fez com um objetivo – disse ela. – E não foi para se tornar um receptáculo para experiências alheias; era para ter suas experiências.

Nós demos de ombros, e foi quando as imagens chegaram.

Estamos no corpo de um homem: baixo, atarracado e em pé diante de um carrinho cheio de livros. O cheiro de poeira e de papel está no ar, e as estantes são mais altas que ele. Ele deixa um volume pesado em uma bandeja que se projeta da estante e digita um código no dispositivo que carrega. A bandeja afasta-se para a estante aonde o livro deve ir; um andar acima de sua cabeça e à esquerda.

Ele suspira e caminha até o final do corredor para olhar pela janela. A cidade – que reconhecemos como Shissa, em Thuvhe – é cheia de edifícios que pairam tão acima do solo que os campos de flores-de-gelo sob ela parecem meras manchas de cor em meio à

neve. Os edifícios parecem estar pendurados nas nuvens. Do outro lado há uma estrutura de vidro em forma de losango que brilha em um tom verde à noite, iluminada por dentro. À sua esquerda, outra estrutura gigantesca e curva se ilumina com um branco suave, como a paisagem abaixo dele.

É um lugar lindo. Nós o conhecemos.

Não somos mais um homem. Somos uma mulher, baixa e trêmula em um colete rígido de armadura shotet.

– Por que alguém vive neste maldito país? – pergunta para o homem que está ao lado dela. Dá para ouvir seus dentes batendo.

– Flor-do-gelo – responde o homem com um dar de ombros.

Ela abre e fecha as mãos na tentativa de sentir os dedos de novo.

– Psiu – diz ele.

À frente, um soldado shotet está com a orelha pressionada contra uma porta. Ela fecha os olhos por um momento, depois se afasta e acena para os outros avançarem. Eles batem um cilindro de metal na porta, várias vezes, para forçá-la a se abrir. A fechadura se solta e tilinta no chão de cimento. Além da porta há uma espécie de sala de controle, como o convés de uma nave de transporte.

Um grito atravessa o ar. Nós seguimos adiante, às pressas.

Estamos em pé diante de uma janela, uma das mãos pressionada contra o vidro frio, a outra puxando uma cortina para trás. Acima de nós fica a cidade de Shissa, um aglomerado de gigantes que sempre nos cobrem. Era nosso conforto colorido à noite desde que éramos crianças. O céu sem edifícios parece vazio, por isso não gostamos de viajar.

Desde que olhamos para eles, os edifícios não se movem, nem mesmo com o vento mais forte, graças à tecnologia de Pitha que os mantém em pé, controlados por pequenas torres no chão, próximas aos campos de flores-do-gelo. Não entendemos como funciona. Somos um trabalhador do campo. As botas – com ganchos na parte de baixo para se prender nas placas de gelo – ainda estão em nossos pés depois do dia de trabalho, nossos ombros ainda doloridos pelo equipamento de reboque.

Enquanto assistimos, o hospital – um cubo vermelho brilhante bem acima de nós – *se move*.

Estremece.

E despenca.

Cai, arrancando um suspiro de nossos pulmões. Como algo que caiu em um balde de

água, parece se mover lentamente, embora não possa ser verdade. Ele faz voar flocos de neve em uma faixa branca fraca enquanto cai. E, então, colide contra o chão.

Somos uma criança em uma cama de hospital. Nosso corpo é pequeno e magro. Nosso cabelo gruda na parte de trás do pescoço; está quente aqui. As grades estão erguidas ao lado da cama, como se fôssemos algum tipo de *criança pequena*, e não se pode confiar se vamos rolar para fora da cama durante o sono.

A cama se sacode embaixo de nós e nos assustamos, agarrando as grades. Só que não é a cama que está se movendo – é o *chão*. Está caindo embaixo de nós. A cidade desliza para longe, do lado de fora das janelas, e nós nos agarramos às grades, dentes cerrados…

E, então, gritamos…

A mulher shotet – nós – puxa as alças da armadura enquanto corremos. Nós as prendemos apertadas demais, e elas estão se enterrando em nossos flancos, impedindo que nos movamos tão rápido quanto gostaríamos.

O som enquanto o edifício cai não parece com nada que já ouvimos. O esmagamento, o impacto – o grito, o choro, a respiração ofegante – a lufada de ar ao redor dele –, tudo é ensurdecedor. Tampamos os ouvidos e continuamos correndo em direção à nave de transporte, em direção à segurança.

Vemos uma forma escura se projetando do teto do hospital.

Nossos joelhos estão enterrados na neve. O homem de antes está ao nosso lado, gritando algo que não podemos ouvir. Nossas bochechas estão quentes. Assustados, percebemos que o rosto da mulher shotet está molhado de lágrimas.

Essa é a retaliação que Lazmet Noavek ordenou. Mas parece mais o horror.

– Vamos! – o outro soldado está dizendo. – Temos de ir!

Mas como podemos ir, quando todas essas pessoas precisam de ajuda?

Como podemos continuar, quando tantos estão perdidos?

Como podemos continuar?

CAPÍTULO 30 | CYRA

NAQUELA NOITE, AKOS SAIU PARA CAMINHAR PELOS JARDINS, e eu me vi sozinha. O ar úmido de Ogra deixava minhas bochechas grudentas, e eu queria lavar o rosto. Saí aos tropeços até o banheiro, sentindo ferroadas e dores, e encostei minha testa contra a parede de azulejo quando liguei a torneira. Meus dedos sempre doíam mais que o restante do corpo, as sombras-da-corrente se aglutinavam em minhas extremidades como se estivessem ansiosas para escapar.

Joguei uma água no rosto e o sequei na frente da minha camisa. *Cyra Kereseth*, pensei, experimentando o nome. Soava falso, como se eu estivesse tentando colocar a roupa de outra pessoa. Mas estar nesse lugar, onde os cobertores ainda estavam revirados, onde Akos e eu tínhamos deitado entrelaçados, parecia tão errado quanto. Eu era outra pessoa quando descansamos aqui, com meu ouvido contra o peito dele.

De repente, precisei sair, me mexer. Andei até a nave de Pary, do outro lado da colina, longe dos jardins para não trombar com Akos. A escotilha da nave se abriu com o toque de um botão, as luzes interiores estavam acesas, guiando-me até um assento perto de todas as plantas contidas de Ogra.

Eu estava sentada lá na frente da planta que parecia uma boca gigante, a cabeça entre as mãos, quando a escotilha se abriu novamente. Levantei a cabeça, certa de que seria Akos, que poderíamos finalmente falar sobre o que tínhamos ouvido. Mas não era.

Era Sifa.

Ela não fechou a escotilha, então eu ainda conseguia ouvir o zumbido de insetos e o sussurro do vento enquanto ela estava ali, parada, me encarando. Encarei de volta. A dor que cresceu dentro de mim ao vê-la, ao pensar que ela me entregara quando criança, foi surpreendente. Fiquei parada para mantê-la sob controle. Sem vacilar, sem tremer, sem gemer. Nada que trouxesse conforto. Não queria que ela visse que podia me machucar.

– Você falou com Vaera – disse ela, por fim.

Sentei-me e empurrei minha trança sobre um ombro.

– Sim. Aliás, obrigada por isso – confirmei, me contorcendo um pouco por uma sombra-da-corrente correndo pelo rosto. – Nada como a notícia do próprio abandono vindo de um estranho.

– Você precisa saber… – começou ela, e então eu me levantei, botas plantadas no chão da grelha, uma linha de luz guia entre os meus pés.

– Sim, por favor, me diga o que eu *preciso saber* – retruquei. – É sobre como você se sentiu jogando a própria filha em uma família de monstros? Ou mentindo para o seu filho durante toda a sua vida? Como você fez isso para o bem de Thuvhe, ou de Shotet, ou da maldita corrente? Porque, sim, é tudo o que quero saber… o quanto isso foi difícil *para você*.

De repente, eu me senti enorme, como uma parede de músculos. Ela não era frágil, tinha uma certa força vigorosa nela, mas não era como eu, sólida nos quadris e ombros. Eu poderia tê-la derrubado com um soco, e parte de mim queria tentar. Talvez fosse a parte de mim que era Noavek, a parte que não existiria se ela tivesse me mantido segura em vez de me despachar.

Sifa ficou ao lado da escotilha, emoldurada pelas luzes da pequena pista de decolagem atrás dela. Seu cabelo estava empilhado de um lado da cabeça, desgrenhado, como se não o tivesse penteado por dias. Ela parecia muito cansada. Eu não me importava.

– O que você viu? – perguntei. – O que você viu em nossos futuros que fez você nos trocar? O que poderia ter sido tão ruim que foi melhor me entregar aos Noavek do que me deixar sofrer?

Ela fechou os olhos, o rosto ficando tenso, e eu senti um gelo descendo pela minha espinha.

– Não vou te contar – disse ela, abrindo os olhos. – Prefiro que você me odeie a saber o que eu vi de você, de Akos. Escolhi o melhor caminho para vocês, aquele que tinha o melhor potencial.

– Você não tem o direito – falei em voz baixa – de decidir meu caminho por mim.

– Eu faria de novo – disse ela.

Mais uma vez eu estava pensando naquele soco.

– Afaste-se de mim – eu disse.

– Cyra…

– Não – falei. – Talvez você tenha conseguido determinar o que aconteceu entre nós

quando eu era criança, mas você perdeu esse poder.

Eu me levantei. Ao me aproximar da escotilha para passar por ela, sua postura mudou. Ela tombou estranhamente contra a porta, a cabeça inclinada para baixo, o cabelo caindo ao redor do rosto.

E, então, sua voz se ergueu em um grito angustiante.

Ou seja, outra visão. Algo horrível.

No começo, eu parei diante dela, simplesmente ouvindo, sua voz raspando dentro da minha cabeça. E então me agachei diante dela enquanto ela deslizava pela parede até o chão, sem vontade de oferecer conforto, mas não querendo sair sem saber o que tinha visto.

Levou algum tempo para ela ficar quieta. O grito parou com um som de engasgo. Eu tinha aprendido que fazer perguntas diretas a Sifa raramente resultava em algo produtivo, então não falei. Minhas sombras-da-corrente queimavam pela minha barriga; eu esperei, curvada ali no escuro. Atrás de mim, a planta-boca estalava suas mandíbulas frágeis.

Demorou tanto para ela falar que minhas pernas ficaram dormentes.

– Houve um ataque em Shissa – respondeu ela, sem fôlego. – Cortesia de Lazmet Noavek.

Meu primeiro pensamento – embora tivesse me envergonhado um momento depois – foi: *e daí?*

Thuvhe nos atacou primeiro. Por mais alarmante que fosse pensar em uma força armada sob o comando de meu pai, aquilo era uma guerra, e os dois lados sofriam em uma guerra.

Mas eu não havia me esquecido de como me senti quando a nave se partiu ao meio sobre Voa. Onde quer que Akos estivesse, estava prestes a sentir a mesma coisa. Apesar da minha raiva contra nossos inimigos, não podia desejar isso a alguém que eu amava.

Deixei Sifa lá, a mulher que me deu a vida e depois me despachou. Eu não tinha como confortá-la e nem desejava fazê-lo. Corri pelo caminho de pedras brancas até os jardins para encontrá-lo. Mas aquele lugar estava vazio, os besouros zumbiam impassíveis. Então, corri para o quarto onde havíamos dormido. A cama estava vazia.

Fui de quarto em quarto, buscando a cama de Cisi: vazia. Mas no quarto que teria sido de Sifa, encontrei Yssa em seu lugar. Seu cabelo vermelho estava colado às bochechas, úmido, como se tivesse acabado de tomar banho.

– Desculpe – disse ela.

– Pelo quê, pelo ataque? – respondi. Era estranho se desculpar comigo por isso.

– Ataque? – perguntou ela. Então, ela ainda não sabia. – Que ataque?

Balancei a cabeça.

– Espere. Por que você sente muito, Yssa? – quis saber, impaciente. – Preciso encontrar Akos agora.

– É exatamente isso – respondeu ela. – Ele foi embora.

Senti como se pudesse explodir em chamas, como uma das videiras letais das florestas de Ogra, explodindo por um toque descuidado.

– Pary saiu há pouco com Cisi e Akos. Eles pretendem partir de Ogra na mesma nave em que Jorek Kuzar vai estar, voltando para Voa, no raiar do dia – continuou Yssa.

– Não deixaram recado – falei. Eu não estava perguntando.

– Eu queria saber mais. Pary não me contou nada. Sei que você deve estar confusa.

Mas eu não estava confusa. Talvez estivesse se eu fosse normal, se tivesse crescido com qualquer outro nome.

Akos foi liberado de sua fortuna e de sua obrigação para comigo. E assim ele foi embora, para casa. Por que ele sentiria necessidade de deixar uma mensagem de despedida, ou simplesmente de explicação, ao Flagelo de Ryzek? Seria atencioso demais. Era demais. Alguém como eu não podia esperar por isso.

Sentei-me pesadamente no baú que ficava ao pé da cama de Sifa. Minhas sombras-da-corrente corriam pela pele.

Ele foi embora.

E eu estava sozinha de novo.

3

Oruzo. Substantivo. Em shotet: "Um reflexo, como num espelho."

Oruzo. Substantivo. Em shotet: "Um reflexo, como num espelho."

CAPÍTULO 31 | CYRA

O SUOR CORREU PARA O CANTO DA MINHA BOCA. Lambi o gosto do sal e saí em disparada. Era um risco, mas achei que poderia surpreendê-lo com uma força para a qual ele não estava preparado.

Meu oponente era alto e magro. Ettrek, aquele que me chamara de "Flagelo de Ryzek" no santuário da tempestade quando cheguei, e insistia no nome sempre que me via. Mas agora era apenas um punhado de membros, uma densidade específica de carne. Joguei meu corpo sobre ele, levando os cotovelos para baixo, na direção de sua barriga.

A escola da mente – elmetahak – não aprovaria o risco que corri. *Um risco só deve ser assumido quando não há outra opção disponível*, diziam os ensinamentos. Nesse caso, estavam corretos. Eu calculei mal.

O braço de Ettrek bateu como um vergalhão contra meu peito e ombro, me derrubando de costas. Ao redor, a multidão rugia de prazer.

– Sangre, oruzo! – zombou alguém na multidão.

Ouvi, em seus gritos, uma lembrança. De estar ajoelhada em uma plataforma com uma faca contra a garganta. Meu irmão pairava sobre mim com raiva e medo misturado nos olhos. Meu povo me chamando de "traidora", meu povo cantando e pedindo meu sangue. A pele-prata na minha cabeça arrepiou.

Ainda pediam meu sangue, mesmo aqui, em Ogra. Para eles, eu ainda era uma Noavek, melhor morta do que viva.

Olhei para a parede, para Ettrek, prestes a se abaixar para dar o golpe final. Eu o conhecia. Ele me chamava de "aliada", lutava comigo por esporte, mas, no fundo do coração, ainda queria que eu me ferisse.

Então, deslizei a mão atrás de sua cabeça, com a ternura de uma amante, e o puxei para mais perto. *Me machuque mais*, o movimento dizia. *Vá em frente.* Ele recuou como se meu

toque fosse venenoso – e era – e caiu para trás, desequilibrado. Rastejei para cima dele, prendi-o, fiz que lhe daria uma cotovelada no rosto, mas parei antes de atingi-lo com as sobrancelhas levantadas.

– Está bem, está bem, eu me rendo – disse Ettrek, e a multidão vaiou. Eles estavam cansados de me ver vencer. Cansados de ver *Noaveks* vencer.

Que o sangue de Lazmet não corria em minhas veias, que eu tecnicamente talvez não fosse *shotet*, não importava para eles.

Importava para mim?

Mais tarde, quando os líderes dos exilados de Shotet me pediram para representar meu povo frente à liderança ograna – sem saber, claro, que eu não era a verdadeira herdeira do trono de meu irmão –, pensei em como me sentira, com as costas no chão, com aquelas pessoas torcendo pela minha dor e derrota.

Eles me odiavam. Não me aceitavam. Não queriam que eu os representasse.

– O mais tradicional dos dois líderes ogranos valoriza muito a lei, e você é a herdeira legal da soberania – disse-me a líder do exílio, Aza, com uma ponta de desespero.

Teka acrescentou:

– Precisamos de sua ajuda, Cyra.

Olhei para ela – o cabelo pálido e liso por causa da umidade ograna, um círculo escuro sob o olho que restava, revelando sua fadiga – e, de repente, Shotet não era a multidão sem nome que havia me cercado mais de uma vez. Shotet era ela. E Jorek. E até Yma. Pessoas que haviam sido pisoteadas pelos poderosos, assim como eu fui. Pessoas que precisavam desse pequeno ato para revidar.

E eu devia isso a eles. Eu havia dito às pessoas para evacuar. Eu tinha deixado escapar que os exilados estavam em Ogra. Eu carregava o legado de Noavek, mesmo que não carregasse seu sangue. Devia isso, no mínimo, pelo que fiz.

– Tudo bem – concordei.

– Estou ridícula – falei para o meu reflexo. Ou, na verdade, disse isso para Teka, que estava em pé atrás de mim com os braços cruzados, fazendo bico e formando uma covinha na bochecha.

Eu usava um sobretudo com ombros pontudos, apertado no peito e que caía reto até o chão. Todas as costuras tinham sido feitas com fios brilhantes, o que me fez sentir mais como uma espaçonave ograna do que como uma pessoa. O colarinho – feito inteiramente de tecido luminoso – iluminava meu rosto por baixo, fazendo com que minhas sombras-

da-corrente ficassem especialmente apavorantes quando fluíam pela minha pele.

O que era constante. O pouco controle que mantive quando aterrissamos pela primeira vez em Ogra tinha ido embora, como se Akos o tivesse levado quando partiu.

– Aza queria ter certeza de que você se parecesse com uma soberana, mesmo que não seja realmente uma. E agora você sabe – disse Teka. – Além disso, todo mundo aqui parece ridículo, então você se encaixa.

Ela apontou para si mesma. Estava vestida como eu, só que seu sobretudo era cinza – para complementar sua coloração, a costureira ograna tinha dito – e ia até os joelhos, e não até os tornozelos. Usava uma calça para combinar, e seu cabelo claro estava amarrado para trás em um coque elegante. O meu estava penteado em uma trança grossa sobre um ombro, no lado oposto à pele-prata.

Estávamos prestes a participar de uma reunião com representantes de Ogra em Pokgo, capital de Ogra. Tinham nos convidado para discutir o "pedido" – mais uma exigência – expedido pelo governo de Thuvhe para que os ogranos não mais abrigassem os exilados de Shotet, na esteira do ataque a Shissa.

Eu me sentia mal. A única razão pela qual Thuvhe sabia que podia fazer essa exigência a Ogra era porque eu tinha dito a Isae que estávamos aqui. Minhas sombras-da-corrente estavam densas e rápidas, e a roupa apertada não estava ajudando. Porém, não dava para negar que ela enfatizava o comprimento do meu corpo de um jeito maneiro.

– Você vai sem nada na cara? – perguntei a Teka, afastando-me do espelho. – Podia ao menos passar algo no olho, sabe?

– Toda vez que tento acabo parecendo uma idiota – disse ela.

– Posso tentar – falei. – Minha mãe me ensinou quando eu era nova.

– Só não me machuque com o seu dom-da-corrente – disse Teka, um pouco rabugenta.

Eu tinha encontrado um pequeno lápis de olho preto em uma das lojas em Galo. Tentei negociar um desconto com a esperta ograna que cuidava da loja, mas ela fingiu não entender meu sotaque, então acabei desistindo da barganha e comprei pelo preço que pediam. Tirei a tampa e fiquei na frente de Teka, inclinando-me para que nossos rostos ficassem no mesmo nível. Eu não podia me apoiar nela, então apoiei as mãos uma contra a outra para firmá-las.

– Nós podemos falar sobre isso, sabia? – comentou Teka. – Ele foi embora desse jeito? Sem nem dizer adeus? Poderíamos esperar isso de você, caso… você sabe. Fosse necessário.

Sem nem dizer adeus. Ele havia decidido que eu não era digna daquela gentileza básica.

Cerrei os dentes.

– Não – respondi –, não podemos.

Se eu falasse sobre essa questão, ia querer gritar, e esse casaco estava apertado demais em volta das minhas costelas. Era a mesma razão por que agora eu evitava Eijeh e Sifa – sempre andando juntos naqueles dias e conversando com os exilados sobre o futuro quase de hora em hora. Eu não conseguia suportar a sensação.

Na luz, com traços curtos e pausas quando meu dom-da-corrente avançava e recuava como uma maré, pintei as pálpebras de Teka de preto, usando a outra ponta do lápis para esfumaçá-las. Quando a conheci, ela teria me esfaqueado antes de me deixar chegar tão perto dela, então, embora ela negasse se eu perguntasse, sabia que estava baixando a guarda comigo, já que eu já havia baixado a guarda com ela.

Um coração tranquilo era um presente, fosse dado com facilidade ou com grande relutância. Eu nunca mais contaria com isso como certo.

Ela abriu os olhos. Seu azul parecia ainda mais brilhante com o preto para emoldurá-lo. Ela estava usando o que chamava de "tapa-olho chique" no outro olho – era liso e preto, e se prendia ao rosto com uma fita, em vez de um elástico.

– Pronto – falei. – Quase indolor.

Ela se olhou no espelho.

– Quase – concordou ela. Mas deixou como estava, então eu soube que havia gostado.

Tentei não pensar em Akos, sonhar com ele ou imaginar conversas que poderíamos ter sobre o que eu estava vivenciando. Já mal estava contendo minha raiva contra Thuvhe; não precisava de algo para atiçar ainda mais essa chama.

No entanto, no voo para Pokgo, eu me permiti apenas um momento de fraqueza antes de me repreender.

Enquanto a nave deslizava entre prédios altos – mais altos que os de Voa, tão altos que podiam ter raspado o fundo daqueles que caíram em Shissa –, imaginei o olhar de admiração que tomaria seu rosto se os tivesse visto.

E eu teria dito algo como: *Os ogranos permitiram que uma certa porcentagem de árvores fosse preservada quando construíram Pokgo, e é por isso que ainda parece uma floresta lá embaixo.*

Ele teria sorrido, divertindo-se como sempre com o conhecimento que eu guardava.

Mas não se divertindo o suficiente comigo para me dar uma droga de explicação antes…

Pare, eu disse a mim mesma, piscando para refrear as lágrimas. Meus joelhos, quadris,

cotovelos e ombros doíam, dor em todos os espaços entre meus ossos. Eu não podia ceder.

Tinha trabalho a ser feito.

A nave atracou em um prédio perto do centro de Pokgo, onde todos os edifícios ficavam tão próximos que eu conseguia espiar os escritórios e a moradia de estranhos e ver como eles os decoravam. Os ogranos gostavam do excesso, então, a maioria desses recintos estava repleta de objetos de importância pessoal ou de qualidade excelente. Todos pareciam ter as mesmas caixas decorativas feitas de madeira polida com pequenos padrões esculpidos nelas.

Quando a escotilha se abriu, estremeci um pouco porque o vento que soprava era forte e deixava claro que estávamos mais altos do que eu imaginara, considerando a queda de temperatura. Alguém na estação de ancoragem guiou uma ponte motorizada até a escotilha. Não tinha corrimãos nem nenhum tipo de segurança à prova de falhas visível para manter uma pessoa sobre ela. Nosso capitão ograno, um homem corpulento com uma barriga considerável, atravessou-a com a graça de uma bailarina. Yssa seguiu, e eu estava logo atrás dela, forçando meus olhos a ficarem erguidos e concentrada na porta aberta que era meu destino.

Se Akos estivesse ali, eu teria segurado sua mão, meu braço estendido atrás de mim como uma bandeira.

Mas Akos não estava ali, então eu cruzei a ponte sozinha.

Os ogranos eram governados por duas pessoas, uma mulher e a outra sema, palavra em shotet para alguém que não é mulher nem homem. Eu sabia que havia duas grandes facções políticas em Ogra, uma receptiva à mudança e outra não. Cada uma apresentava um candidato viável a cada dez temporadas, e elas governavam juntas, por compromisso ou negociação. Para mim, parecia impossível que algo assim pudesse funcionar, mas aparentemente não era, pois o sistema já havia durado duzentas temporadas até então.

A liderança sema apresentou-se como "Rokha" e tinha cabelos curtos da cor da areia de Urek, uma camada de sardas na pele e lábios delicados e franzidos. A mulher – "Lusha" foi como se chamou, enquanto apertava meu braço em saudação – era mais alta, mais corpulenta e vários tons de pele mais escura que eu. O lápis acima de seus cílios tinha um leve brilho, iluminando seus olhos de cima para baixo, e ficava bem nela.

– Você é Cyra Noavek – disse Rokha para mim enquanto todos estávamos em um grupo antes da reunião ser iniciada. Lusha estava conversando com Yssa e Aza atrás de mim; eu consegui notar porque sua risada forte continuava enchendo minha cabeça com

uma alegria que eu não conseguia sentir.

– É o que dizem – respondi, porque não pude evitar.

Rokha riu.

– Você é mais alta do que eu pensava – disse Rokha. – Acredito que qualquer um pareça pequeno ao lado de Ryzek Noavek.

– Parecia – corrigi. Para mim foi apenas um erro gramatical, uma cortesia para alguém que não fala shotet como nativo. Mas seu rosto se contraiu em reconhecimento da insensibilidade.

– Me desculpe. Você o perdeu tão recentemente.

– Eu diria que não perdi nada.

Rokha ergueu uma sobrancelha. As sardas em suas pálpebras me fizeram pensar em Akos, e uma rede de sombras-da-corrente se espalhou sobre a órbita de meu olho, fazendo-me estremecer.

– Não consigo dizer se você está brincando ou não – comentou Rokha.

– O que deveria agradar você. Ogranos amam mistérios, não é? – respondi de um jeito azedo, e Rokha estreitou os olhos para mim, como se estivesse em confusão, quando Lusha iniciou a reunião.

– Vamos direto ao ponto – disse Lusha, e Rokha bufou.

Lusha franziu o nariz, como uma criança faria com um irmão. Ela era a mais tradicional dos dois líderes ogranos, eu sabia, então tinha uma tendência a pontificar e a manter cerimônia. Reprimi uma risada quando Rokha piscou para mim do outro lado da mesa baixa. Estávamos sentados em bancos ao redor dela. O tecido pesado que me cobria da garganta até o tornozelo se amontoou ao redor, brilhando com o fio luminoso que o mantinha unido.

– Tudo bem – disse Aza. – Então, indo direto ao ponto, ficamos surpresos que Ogra tenha considerado nos expulsar quando coexistimos de forma confortável por tanto tempo neste planeta.

– Não consideraríamos se a pressão estivesse vindo apenas de Thuvhe – comentou Lusha com um suspiro. – Mas Thuvhe tem apoio da Assembleia, e eles estão buscando alianças poderosas. Nossa inteligência informa que a chanceler está a caminho de Othyr neste exato momento.

Olhei para Teka. Ela parecia tão perturbada quanto eu, com a boca repuxada para baixo em direção ao queixo. Se Thuvhe fez uma aliança com Othyr a guerra efetivamente

acabou. Ninguém se posicionaria contra Othyr, a não ser que fosse uma causa maior do que "impedir que os shotet fossem aniquilados".

Até onde eu sabia, Othyr sempre foi o planeta mais rico e poderoso da galáxia. Em algum momento, fora rico em recursos naturais, mas, à medida que nossa raça avançava, eles se voltaram para atividades mais intelectuais do que a mineração ou a agricultura. Agora, desenvolviam tecnologia e conduziam pesquisas. Quase todo avanço feito no campo da medicina, das viagens espaciais, da tecnologia de alimentos ou conveniências pessoais procedia de Othyr. Se um planeta se desligasse de Othyr, perderia o acesso a tudo com que todos nós contávamos, inclusive os shotet. Um líder seria louco se arriscasse.

– Por que a Assembleia está apoiando Thuvhe em vez de manter a neutralidade, como no passado? Será que não é mais uma "disputa civil", como eles vêm insistindo há mais de dez temporadas? – perguntou Teka.

– Eles sentem que somos vulneráveis – respondeu Aza. – Eles, sem dúvida, veem isso como um esforço de limpeza. Livrar-se do lixo de Shotet. Explodi-lo no espaço.

Gostei da raiva na voz de Aza, muito parecida com a minha.

– Isso pode ser um exagero – corrigiu Lusha. – A Assembleia certamente não se envolveria em um conflito a menos que considerasse…

– Então, me diga por que… – A voz de Aza tremeu quando interrompeu Lusha. – Me diga por que um ataque contra inocentes fugindo para uma nave de temporada em Voa não foi considerado um crime de guerra, e um ataque contra inocentes em Shissa foi. Não é porque as crianças de thuvhesitas são consideradas inocentes e as crianças shotet não? Não é porque o povo thuvhesita é considerado produtivo, e os shotet são caracterizados como coletores brutais?

– Pensei que você não apoiasse as ações de Lazmet Noavek contra Thuvhe – disse Rokha com voz firme. – Afinal, você divulgou uma declaração condenando o ataque imediatamente após tomar conhecimento.

– Mantenho essa declaração. Lazmet Noavek recrutou um exército composto de partidários de seu falecido filho. Suas ações contra Shissa não tiveram nada a ver conosco, e certamente não faríamos algo tão cruel – disse Aza. – Mas isso não significa que Thuvhe não mereça algum tipo de retaliação pelo que nos fizeram.

Eu não precisava ser especialista nesse tipo de reunião para saber que aquela não estava indo bem. O estilo de comunicação preferido de um ograno era como um martelo acertando um prego, e era o mesmo para os shotet. De fato, nossas culturas tinham muito em comum: valorizávamos a resiliência, ocupávamos planetas que nos desafiavam,

reverenciávamos os oráculos…

Se eu pudesse fazê-los ver o quanto estávamos conectados, talvez concordassem em nos ajudar.

– Por que eles nos odeiam? – perguntei com a cabeça inclinada. Elevei minha voz, então parecia que eu estava genuinamente confusa.

– O que quer dizer com *por quê*? – Aza fez uma careta para mim. – Sempre nos odiaram! Seu ódio não tem base nem fundamento…!

– Nenhum ódio é maquinal, não de acordo com a mente daquele que odeia – comentou Teka, meneando a cabeça para mim. – Eles nos odeiam porque acham que somos atrasados. Nós seguimos a corrente, nós honramos oráculos.

– E os oráculos, ao nomear a fortuna da família Noavek, afirmaram o lugar de Shotet na galáxia – eu disse. – Mas a Assembleia não deu ouvidos. Não nos deu soberania. Querem limitar o poder dos oráculos, não querem ampliá-lo ao honrar as fortunas. E nos odeiam por reverenciarmos aquelas pessoas de quem eles querem tomar o poder.

– Essa é uma afirmação ousada – disse Lusha. – É um absurdo, alguns talvez digam, sugerir que a Assembleia quer tirar poder dos oráculos.

– A única traição que reconheço – falei – é traição contra os oráculos. E não cometi esse crime nenhuma vez. O mesmo não pode ser dito de nosso corpo governante.

Aza disse:

– Duas temporadas atrás, Ogra estava à beira da guerra porque a Assembleia queria liberar a fortuna das famílias afortunadas ao público, não é? Eu li a transcrição. Você mesmo, Lusha, parecia particularmente irritada com a escolha deles.

– Não vi motivo para romper com nossas tradições – retrucou Lusha, rígida.

– Esse ato – disse Teka – de declarar desnecessariamente todas as fortunas ao público resultou no sequestro de um oráculo de nosso planeta e culminou na própria guerra em que estamos agora. A Assembleia lançou as sementes para esta guerra, desafiando os oráculos. E agora querem nos esmagar por causa disso?

Eu não sabia se ela estava fazendo algum avanço. Eu não era boa para ler rostos. No entanto, ela persistiu:

– A Assembleia está ameaçada por qualquer planeta que seja fiel à fortuna. Começou com a gente, mas não pensem que vai acabar com a gente. Tepes, Zold, Essander, Ogra, todos os planetas fiéis ao destino estão em risco. Se podem nos chamar de atrasados e orquestrar uma guerra para se livrarem de nós, podem fazer isso com vocês. Temos que nos unir se quisermos manter o poder deles limitado, como deveria ser.

Tentei ler a linguagem corporal de Rokha e Lusha – nisso eu não era tão ruim –, mas era difícil por desconhecer a cultura ograna. As mãos de Rokha estavam fechadas sobre a mesa à sua frente. Os braços de Lusha estavam cruzados. Certamente não era um bom sinal em nenhuma cultura.

Pigarreei.

– Tenho uma ideia antes mesmo de chegar a esse ponto.

Todos se viraram para mim, Teka com a boca franzida.

– Eu conheci Isae Benesit, Chanceler de Thuvhe. Ela passou dias com renegados shotet quando esteve em Voa. Ela *acabou* de enviar uma pessoa a Ogra para falar sobre uma aliança. Sabe que não somos iguais a Lazmet Noavek. – Ergui meu ombro. – Não é Shotet seu problema, é o regime atual. E estamos de acordo nesse sentido.

– Primeiro você diz que a Assembleia está travando esta guerra, e depois apenas Isae Benesit? – questionou Lusha. – Quem está?

– As duas – respondi. – A Assembleia está usando Isae Benesit por um motivo: quer seguir a lei. Não atacará sem razão. Portanto, se Thuvhe não nos atacar, a Assembleia não terá intermediários para travar uma guerra. O conflito se dissipa. Apazigua Isae e apazigua a Assembleia. Destronar Lazmet apaziguaria Isae.

– Deixe-me adivinhar – interveio Teka. – Sua proposta é matá-lo.

Não sabia como responder, então nem tentei.

– Vocês, Noavek – disse ela. – Ansiosos para arrancar sangue.

– Eu me recuso a escolher uma solução complicada só porque ela deixa minhas mãos limpas – retruquei. – Tenho pedido a todos vocês que levem Lazmet Noavek a sério desde que seu rosto apareceu pela primeira vez nas telas da galáxia. Ele é poderoso e detém metade de Shotet na mão. Se estiver morto, podemos reclamar nosso povo e negociar a paz. Enquanto estiver vivo, a paz será impossível.

Percebi que eu estava sentada como minha mãe. Costas retas, mãos juntas, tornozelos cruzados. Talvez ela não fosse minha mãe de sangue, mas eu carregava mais dela em mim do que da oráculo que me trocara por causa da fortuna. Eu não havia deixado de ser uma Noavek. Nem sempre isso era um conforto, mas, nessa situação, onde a força era necessária, não o menosprezei.

Rokha balançou a cabeça algumas vezes.

– Acho que há uma solução aqui que serve a todos nós – disse Rokha. – Senhorita Noavek, como a ideia é sua, providenciaremos para que apresente sua solução à própria chanceler Benesit em um canal seguro. Enquanto isso, abriremos as discussões, tanto

Shotet quanto Ogra, com Tepes, Zold e Essander. Apenas para explorar nossas opções. Lusha?

– Apenas *discussões* – disse Lusha, batendo na mesa à sua frente com um dedo. – Secretas. Não queremos que a Assembleia pense que estamos planejando algum tipo de rebelião.

– Podemos enviar nossos emissários em naves de entrega quando elas saírem da atmosfera do planeta – sugeriu Aza. – A Assembleia dificilmente presta atenção em Ogra, para começo de conversa. Não vão verificar seus registros de voo.

– Justo – falou Lusha. – Estamos de acordo, então. Senhorita Noavek, vamos providenciar para que fale com a chanceler de Thuvhe dentro de uma semana.

Senti meu pulso na ponta dos dedos. Eu precisava de tempo, mais tempo do que poderia pedir, mais tempo do que poderiam me dar. E, mesmo com tempo, poderia realmente planejar assassinar meu próprio pai, poderia ser bem-sucedida, dado o que aconteceu quando atentei contra a vida de Ryzek?

Se não puder fazer isso, ninguém poderá, lembrei a mim mesma. *Se não puder fazer isso, será nosso fim de qualquer jeito, então é melhor que tente*.

Quando me levantei, fiquei sobre pés firmes e com as mãos firmes. Mas eu não sentia firmeza nenhuma.

CAPÍTULO 32 | CYRA

TEKA E EU VOLTAMOS AO PEQUENO APARTAMENTO que Aza nos havia designado. Era um cômodo único, com um fogão com a metade da largura do que usei na nave – pensei em seus respingos permanentes com uma pontada aguda que me fez hesitar com os botões da jaqueta – e um banheiro onde não conseguíamos ficar juntas ao mesmo tempo. Ainda assim, havia uma pequena escrivaninha onde eu lia tarde da noite, quando Teka se afastava da luz. Ela guardava ferramentas, fios e peças de computador em uma caixa no canto e construía coisinhas em seu tempo livre, pequenos veículos de controle remoto com rodas ou um enfeite pendurado que brilhava quando o vento soprava.

Ela tirou a jaqueta assim que entramos pela porta e a jogou na cama com as mangas pelo avesso. Fui mais cuidadosa com a minha, abrindo cada botão de metal com as duas mãos. O fio luminoso era costurado em torno de cada casa de botão, impedindo-o de rasgar – era uma coisa feita com esmero, que eu esperava conseguir manter.

Teka estava na minha mesa, tocando a página que eu deixara aberta com um caderno ao lado.

– A família Kereseth é uma das mais antigas das famílias afortunadas; sem dúvida a primeira, embora nunca tenham expressado muito interesse em debater essa questão. Suas fortunas raramente, ou nunca, os guiam para posições de liderança, mas sim de sacrifício ou, ainda mais misteriosamente, fortunas aparentemente banais. – Teka franziu o cenho. – Você está traduzindo isso do ograno sozinha?

Dei de ombros.

– Eu gosto de idiomas.

– Você *fala* ograno?

– Estou tentando aprender. Alguns estudiosos dizem que é mais poético do que a maioria das línguas… tem mais rimas ou rimas próximas. Pessoalmente, prefiro shotet

para poesia, pois não gosto de rimas, mas…

Ela estava me encarando.

– … eu gosto do desafio disso. O quê?

– Você é estranha.

– Você acabou de construir uma maquininha que pia e, quando eu perguntei o que era, você disse "piados". E eu sou a estranha?

Teka abriu um sorrisinho.

– Pois é.

Seu olhar retornou ao livro. Eu sabia que ela estava prestes a me perguntar por que eu estava traduzindo a seção sobre a família Kereseth, e talvez ela soubesse que eu também sabia, porque ela não fez a pergunta.

– Não é o que você está pensando. Não estou pesquisando isso por causa *dele*. É que…

Eu não tinha contado a ninguém o que Vaera havia dito para mim. Meu sangue Kereseth parecia um segredo que devia ser guardado. Afinal de contas, foi o nome Noavek que me tornou útil aos exilados naquele momento. Sem ele, talvez se livrassem de mim.

Mas eu cometi crimes piores na frente de Teka do que ter o nome errado, e ela ainda estava aqui. No passado, a ideia de confiar em outra pessoa teria me aterrorizado. Mas não senti esse medo agora.

– A oráculo me disse uma coisa – falei.

E eu contei a história para Teka.

– Tudo bem, então você está me dizendo que não se incomoda *mesmo* que Akos tenha acabado se sentindo atraído por alguém que compartilha genes com uma pessoa que ele acreditava ser sua irmã. E mãe. – Teka estava caída no chão, quebrando as cascas de algum tipo de castanha ograna (assada para se livrar de suas propriedades venenosas, é claro) com as unhas.

– Eu vou dizer mais uma vez. Ele. E eu. Não somos. Parentes. Em nada! De jeito nenhum!

Eu estava encostada ao lado da cama, meus braços cobrindo os joelhos dobrados.

– Que seja – disse Teka. – Bem, pelo menos você não está planejando cometer parricídio, já que Lazmet não é realmente seu pai.

– Você tem mesmo fixação nessa coisa de parentesco consanguíneo – falei. – Só porque não somos tecnicamente aparentados não significa que ele não seja meu pai. E digo isso como alguém que realmente gostaria que ele não fosse meu pai.

– Tudo bem, tudo bem. – Ela suspirou. – Provavelmente deveríamos começar a planejar toda essa coisa de assassinato se você tem menos de uma semana até falar com Isae.

– Nós? – Levantei as sobrancelhas. – Fui eu quem me ofereci para esta missão estúpida, não você.

– Obviamente vai precisar da minha ajuda. Aliás, você consegue mesmo voar de volta a Thuvhe?

– Eu sei pilotar uma nave.

– Através da atmosfera de Ogra? Acho que não.

– Tudo bem – cedi –, então preciso de um piloto. E de uma nave.

– E precisa descobrir onde Lazmet está. E entrar invisível. E descobrir como vai matá-lo. E como vai sair depois. – Ela se sentou e jogou a polpa da noz sem casca na boca. Encaixando a polpa na bochecha, ela disse: – Encare os fatos, você precisa de ajuda. E não vai conseguir muitos voluntários. Talvez tenha observado que os exilados não são exatamente loucos por você.

– Ah, sério? – eu disse, indiferente. – Eu não tinha notado.

– Bem, eles são estúpidos assim – disse Teka, me dando um tapinha. – Vou pegar as pessoas de que precisa. Eles gostam de mim.

– Não consigo imaginar o porquê.

Ela jogou a casca quebrada em mim, me acertando na bochecha. Eu me senti melhor do que não me sentia havia muito.

Mais tarde naquela noite, depois de horas conversando sobre o plano de assassinato sem chegar a lugar algum, Teka adormeceu completamente vestida em sua cama. Recolhi as cascas, que agora cobriam o chão, e me sentei diante do livro de famílias afortunadas para retomar minha tradução.

A visão da palavra *Kereseth*, escrita em ograno, fez meus olhos arderem. Peguei minha caneta, parando a cada segundo para enxugar as lágrimas ou limpar o nariz escorrendo.

Para Teka, eu havia fingido que estava traduzindo essa parte do livro para aprender mais sobre minha família, que não tinha nada a ver com Akos.

Mas a infeliz verdade era que eu ainda o amava.

CAPÍTULO 33 | AKOS

ALGUMAS ESTAÇÕES ANTES, ele fora arrastado para a cidade de Voa por soldados de Ryzek Noavek, espancado, com seu irmão assustado no seu encalço. O ar quente e empoeirado o sufocava. Não estava acostumado com as multidões, nem com as gargalhadas das pessoas reunidas em volta das barracas de comida, ou com todas as armas, tocadas casualmente no meio da conversa, como se não fossem nada.

Agora, ele andava com a palma da mão equilibrada no cabo da faca embainhada em sua cintura, sem pensar muito nisso. Amarrou um pano em volta do nariz e da boca e cortou o cabelo bem curto para não ser reconhecido pelas pessoas erradas. Mas não parecia provável que isso acontecesse. A maioria das pessoas por quem passou estava concentrada demais em chegar aonde iam para lhe lançar mais que um rápido olhar.

Não havia mais multidões nas ruas. Aqueles que estavam andando o faziam de cabeça baixa, as bolsas presas nos flancos. Soldados vestidos com armaduras estampadas com o selo de Noavek caminhavam pelas ruas, mesmo os mais pobres na periferia da cidade onde Akos havia saído da pequena nave de transporte que o carregara até ali. Metade das pequenas lojas estava condenada com tábuas nas portas ou tinham sido fechadas. Obviamente houve alguns saques e vandalismo após a morte de Ryzek – o que não surpreendia –, mas as coisas pareciam estar sob controle agora. Muito controle, com Lazmet sentado no trono.

Akos estava se habituando aos caminhos de Voa, pelo menos na parte de Voa onde Ara – a mãe de Jorek – e Jorek viviam. Se a cidade era organizada em círculos concêntricos ao redor da mansão Noavek, Ara e Jorek viviam com o irmão de Ara em um dos anéis centrais, o lugar perfeito para desaparecer. Os apartamentos estavam lotados, cada um com um estilo diferente, com uma porta em um lugar diferente, formando um labirinto. Akos tinha tropeçado em dois pátios naquela manhã quando saiu, e, a cada vez, teve que

recuar para onde havia começado.

Ara o enviara ao mercado para procurar farinha para seu assado, e ele voltou de mãos vazias. O mercado tinha um canal de notícias em uma das barracas, então ele foi ver se havia alguma notícia sobre Ogra.

Ele deixara Ogra sem dizer nada a Cyra, sabendo que isso a faria odiá-lo – foi esse o motivo. Se ela o odiasse, não procuraria por ele. Acreditaria que ele voltara a Thuvhe e o deixaria em paz.

Akos teve que manter sua atenção no caminho que estava trilhando, e não naquilo que estava ao redor. Passou por uma fila de pessoas tão longa que não conseguiu ver o que estavam esperando até duas quadras depois, quando enxergou um consultório decadente com o caractere shotet para "medicina" acima dele. Uma clínica de saúde. Em um beco adjacente, duas crianças brigavam por uma garrafa de algo que Akos não reconheceu.

Muitas pessoas ficaram feridas no ataque, e suprimentos básicos como antisséptico ou pele-prata eram limitados. Os entes queridos estavam sempre esperando em clínicas de saúde ultimamente, na esperança de que pudessem chegar mais perto do que precisavam. Outros ainda compravam "curas" no mercado negro, que ou não adiantavam nada ou pioravam as coisas. Ara e sua família, felizmente, passaram incólumes pela explosão.

Akos avistou a parede de grafite que usou como referência. As cores eram brilhantes, a maioria dos símbolos ainda ininteligíveis para ele, embora reconhecesse o de Noavek destacando-se no centro. Bateu à porta de madeira logo adiante, olhando para a esquerda e para a direita para garantir que estava sozinho. Ainda conseguia ouvir o barulho das crianças no beco atrás dele.

A casa do irmão de Ara era cheia de lixo, como muitas casas shotet, todos os móveis montados a partir de outras coisas. Os puxadores da gaveta da cozinha eram feitos de partes de um flutuador, e os botões do forno eram garras de robôs de brinquedo com que as crianças shotet lutavam.

Sentados à mesa baixa do outro lado da sala estavam Ara Kuzar, um xale azul brilhante em volta dos ombros, e Jorek. Ele havia deixado a barba crescer, irregular em alguns lugares, e usava uma armadura com o selo Noavek debaixo do ombro. Parecia exausto, mas ainda abriu um sorriso para Akos quando ele entrou.

– Sinto muito, sra. Kuzar… nada de farinha – disse Akos para Ara. – Nem notícia de Ogra. Acho que a máquina de propaganda do Noavek está forte.

– Essa afetação de me chamar de "sra. Kuzar" foi bonitinha no começo – disse Ara ironicamente. – Mas está ficando alarmante. Sente-se. Você precisa comer alguma coisa.

– Desculpe – murmurou ele, sentado diante de Jorek. Puxou o lenço em volta do pescoço e passou a mão pelos cabelos cortados, ainda surpreso por estar tão curto. Espetava atrás da cabeça. – Como está a mansão?

– Chata – disse Jorek. – Vi a lateral da cabeça de Lazmet hoje. A maioria dos guardas de nível superior está posicionada perto das salas seguras de Ryzek… você sabe, aquelas onde não conseguimos entrar com o sangue de Cyra. Mas ele entrou pela porta dos fundos hoje.

Akos registrou essa informação, junto com tudo o que ouviu sobre Lazmet desde que chegara a Voa, o que não era muito. Mais que um homem, era um mito na mente das pessoas, então o que conheciam soava como lendas e contos populares em vez de fatos.

– Pelo menos não tenho que lutar em Thuvhe nem nada disso – comentou Jorek. – Não que eu fosse. Esse ataque foi… – Ele balançou a cabeça. – Desculpa. Não quis trazer isso à tona.

Akos enfiou a mão no bolso e tirou uma tira de pétala de flor-sossego seca. Estava mascando mais do que deveria naqueles dias. Logo ficaria sem. Mas a tensão em sua mandíbula e ombros lhe causava dores de cabeça, e ele precisava ser capaz de pensar claramente se quisesse enfrentar o que viria a seguir.

Ele estava aqui, em Voa, para matar Lazmet Noavek. E não seria fácil.

– Tem algo que preciso falar com você – disse Akos.

– Eu estava imaginando quando você falaria – comentou Jorek.

Ara colocou um prato na frente de Akos. Não havia muita coisa: um pãozinho, provavelmente um pouco duro, um pouco de carne seca, um pouco de fruta-sal em conserva. Ela limpou as migalhas dos dedos e se sentou ao lado do filho.

– O que Jorek quer dizer é que gostamos de ter você aqui, mas sabemos que não faz nada sem um bom motivo – falou Ara, dando um peteleco na lateral do nariz do filho para castigá-lo. – E atravessar a galáxia não é pouca coisa.

Jorek esfregou o nariz.

– Nem todo mundo pode ficar em Ogra esperando que as coisas aconteçam. Alguns de nós precisam sujar as mãos – afirmou Akos.

– Mas aqueles que podem ficar em segurança deveriam ficar – retrucou Ara.

Akos fez que não com a cabeça.

– Tive que sujar as mãos também. Chamem de… fortuna.

– Eu chamo isso de escolha – disse Jorek. – E uma idiota.

– Como deixar para trás sua namorada, e sua mãe e irmão, sem uma palavra de

explicação – interveio Ara e estalou a língua.

– Minha mãe e meu irmão não precisam que eu deixe mensagens para saber onde estou. E é assim que as coisas são entre mim e Cyra – disse Akos, na defensiva. – Ela conspirou por semanas para me mandar embora sem me contar. É diferente o que fez?

– Não é muito diferente – respondeu Ara. – O que não faz dessa uma atitude correta, em momento nenhum.

– Não o repreenda, mãe – pediu Jorek. – Ele basicamente nasceu se repreendendo.

– Podem me repreender o quanto quiserem – disse Akos. – Ainda mais que estou prestes a pedir algo de que vocês não vão gostar.

O braço de Jorek serpenteou pela mesa, e ele roubou um pouco de carne do prato de Akos.

– Quero que me deixe entrar pelo portão dos fundos da mansão Noavek – falou Akos.

Jorek se engasgou com a carne que estava mastigando, o que levou Ara a bater nas costas dele com o punho.

– O que vai fazer quando estiver lá dentro? – perguntou Ara, estreitando os olhos.

– É melhor não saber – respondeu Akos.

– Akos. Acredite em mim. Até mesmo você, pupilo de Cyra Noavek, não tem a menor chance contra Lazmet – explicou Jorek, depois de engolir. – Não há um único fragmento de decência nele. Nem acho que ele tenha capacidade para isso. Se ele te encontrar, vai fazer uma droga de cozido com você.

– Ele não vai me matar – disse Akos.

– Por quê, por causa de sua beleza estonteante? – bufou Jorek.

– Porque eu sou filho dele – respondeu Akos.

Ara e Jorek ficaram olhando para ele em silêncio.

Akos empurrou o prato sobre a mesa, na direção de Jorek.

– Quer meu pãozinho? – perguntou ele.

CAPÍTULO 34 | AKOS

AKOS LIVROU-SE DA PESADA TÚNICA que usara para chegar lá, jogando-a em um beco. Ela apenas o atrasaria e, de qualquer forma, ele estava encoberto pela noite.

Manteve os passos tão silenciosos quanto pôde enquanto se arrastava ao longo da alta muralha atrás da mansão Noavek. Ainda se lembrava de como havia encarado aquela parede quando era prisioneiro, ensinando Cyra a fazer analgésicos. Tinha sido sua saída: atravessar os corredores ocultos. Chegar a Eijeh. Sair pelo portão dos fundos, usando o código que Cyra lhe mostrara sem querer.

Ele mesmo poderia ter aberto o mecanismo de trava e enfiado os dedos lá dentro, interrompendo a corrente, mas o risco de ser pego era muito alto. A vigilância mudava com muita frequência. Então, em vez disso, ficou ao lado da porta dos fundos e esperou que Jorek a abrisse.

Foi preciso muita discussão para que Jorek concordasse com aquilo. Não apenas com Jorek, mas com Ara. Eles suspeitavam, claro, do que Akos tinha ido fazer e não queriam que ele assumisse o risco. Pensavam que era bravata, estupidez ou instabilidade absoluta.

No fim das contas, foi o lembrete do que Akos fez por Jorek que o levou a concordar. O anel que pendia em volta do pescoço e a marca precisa em seu braço. Jorek lhe devia um favor. Dos grandes.

A pesada porta se abriu em uma fresta, mostrando um pedacinho de homem: botas, armaduras, pelos faciais e um olho escuro e brilhante.

Jorek inclinou a cabeça para o lado, acenando, e Akos abriu a porta apenas o suficiente para passar. Assim que a fechou atrás de si com um clique, soube que não teria mais como voltar. Então, embora tivesse pensado que perdera a cabeça, seguiu em frente.

Conforme combinado, Jorek levou-o para a cozinha. Akos encontrou a borda do painel da parede que permitiria que entrasse nas passagens ocultas da mansão e a puxou para trás.

O mofado cheiro familiar tomou conta dele, trazendo lembranças. Aterrorizado e desesperadamente esperançoso, com Eijeh em seu encalço. E então, aquela pequena poça de calor em seu interior enquanto ele seguia uma Cyra pintada para o Festival da Temporada, aquela que dizia que ele gostava dela, não importava o quanto ele fingisse o contrário.

Gostou dela, então a amou. Em seguida, a abandonou.

Jorek puxou-o para um abraço, rápido e firme, antes de deixar Akos entrar sozinho na passagem escura.

Ele parou nos cantos onde as paredes se dividiam, sentindo os símbolos que havia aprendido com Cyra. Um X para um beco sem saída. Um círculo com uma seta para cima para subir escadas e um círculo com uma seta para baixo para descer as escadas. Um número para o andar em que estava.

Tinha seguido por esse caminho quando foi libertar Eijeh. Tudo o que tinha que fazer era chegar àquela parte da casa novamente, e daí estaria perto dos aposentos com fechaduras genéticas que confundiram os renegados quando vieram aqui matar Ryzek. O sangue de Cyra não abrira as fechaduras, mas o de Akos sim, se Vaera não estivesse ferrado com os dois.

Akos chegou à saída que tinha usado quando libertou Eijeh. Sabia que estava tropeçando nos mesmos sensores que fizeram sua tentativa de fuga falhar naquele dia fatídico, mas realmente não importava; não estava tentando passar despercebido ali. Deixou o painel aberto atrás dele e passou pela porta que antes fora de Eijeh com um pequeno arrepio.

Mesmo no escuro, aquela parte da casa era grandiosa. Madeira escura, quase preta, no chão e nas paredes. Luminárias cheias de fenzu, sedados agora enquanto dormiam durante a noite. Vasos decorativos e esculturas feitos de metal morno ou pedra polida com veios de cor passando por eles, ou vidro entalhado. Não conseguia se imaginar correndo por esses corredores quando criança, passando os dedos pelos painéis de madeira. Provavelmente não teria permissão para correr, nem tocar as paredes, nem cair sobre o irmão às gargalhadas, ou para qualquer coisa que tornou seus anos de juventude ricos e amorosos.

Chegou à porta trancada, teve certeza de que era a que levava aos antigos aposentos de Ryzek e levantou a mão sobre o mecanismo de trava. Seus dedos tremiam.

Ele enfiou a mão na fechadura, encolhendo-se ao espetar o dedo, tirando sangue.

Um clique, e a porta se abriu.

Se havia alguma dúvida na mente de que ele era um Noavek, ela desapareceu nesse

momento.

CAPÍTULO 35 | CYRA

TALVEZ NÃO TIVESSE SIDO A MELHOR IDEIA Teka se aproximar de mim durante o café da manhã, antes de meu cérebro acordar.

Eu estava encurvada sobre minha tigela de grãos e frutas, observando Eijeh. Ele havia se sentado a duas mesas de distância, de frente para mim, com seu prato de comida diante dele. Mas havia algo estranho nele. Estava remexendo os grãos com a colher, escolhendo os mais escuros e colocando-os em uma linha ao longo da borda de sua bandeja. Quando vi Eijeh pela primeira vez, algumas temporadas antes, fungando no Salão de Armas diante do meu irmão, ele era encorpado e alto; parecia forte, mas sem excesso de peso. Mas aquele Eijeh estava enrolando no café da manhã, e ainda havia cavidades em suas bochechas.

– Hum – disse Teka. – Por que está olhando tanto para o Kereseth?

Ela parou na minha frente, bloqueando parcialmente minha visão do novo oráculo. Porém, não desviei o olhar, ainda observando Eijeh fuçar em sua tigela.

– Minha mãe me disse uma vez que costumava repreender Ryzek por ser fresco para comer – respondi. – Ele comia frutas, não muito mais que isso. E não importa o que ela colocasse na frente dele, ele encontrava um jeito de separar as coisas. Ela esperava que melhorasse quando ele crescesse, mas… – Dei de ombros. – Não acho que realmente tivesse melhorado.

– Certo – disse Teka. – Algum ograno te deu peçonha de xofra? Ouvi dizer que bagunça a mente.

– Não. Não é nada, deixa pra lá – falei e olhei para ela. – Sabe, quando você fica desse jeito, parece ainda mais baixa.

– Cala a boca – disse Teka. – Encontrei alguns voluntários. Vamos lá.

Suspirei e peguei minha tigela. Minhas botas ainda estavam desamarradas, então os cadarços batiam a cada passo. Teka me levou até uma mesa no canto, onde estavam

sentadas mais duas pessoas: Yssa e o homem com quem eu lutara semanas atrás, com os cabelos amarrados em um nó no alto da cabeça. Ettrek.

– Ei, Flagelo – ele me disse. Tinha o tipo de rosto que não revelava a idade, a pele macia, mas não recoberta com o viço da juventude, olhos escuros brilhando com malícia.

Eu não gostava dele.

– Não – falei para Teka. – Não vou trabalhar com este idiota.

– Meu nome se pronuncia "Ettrek" – disse ele, sorrindo.

– Olha só, você não vai ter um grupo grande de candidatos aqui – disse-me Teka. – Ettrek conhece pessoas em Voa que podem nos fornecer qualquer material que precisarmos, bem como nos dar um lugar para pousar.

– E você? – perguntei a Yssa. – Você é ograna. Por que quer se meter nisso?

– Sei pilotar – disse Yssa. – Bem, por que eu quero estar envolvida? Tenho vivido entre pessoas afetadas por Lazmet Noavek há várias temporadas e, se houver algo que eu possa fazer para ajudar a finalmente derrotá-lo, vou fazer.

Olhei para eles. Teka, seus cabelos loiros frisados pela umidade ograna. Yssa tinha pulseiras brilhantes até a altura de um cotovelo, e havia pintado os olhos com lápis luminoso, então brilhavam estranhamente. Ettrek fez subir e descer as sobrancelhas escuras para mim. Seria essa a tripulação com quem eu voltaria a Voa, triunfante?

Bem. Era o melhor que eu conseguiria.

– Tudo bem – assenti. – Quando partimos?

– Vou verificar o cronograma de lançamento, mas é melhor que seja em algum momento desta semana – respondeu Teka. – Levará alguns dias até chegar a Urek. Assim que passarmos pela atmosfera, posso enviar uma mensagem para Jorek em Voa e ter uma noção melhor da situação. E Ettrek pode falar com seus contatos. Mas não podemos fazer nada disso daqui.

– Tudo bem – concordei.

– Espere aí – interrompeu Ettrek. – O que a qualifica para ser responsável por esta missão, afinal?

– Sou melhor que você – respondi. – Em tudo.

Teka revirou os olhos.

– Ela conhece o alvo, Trek. Você quer invadir Voa para matar um homem que você não entende ou conhece?

Ettrek deu de ombros.

– Acho que não.

– Todo mundo vai tirar esta semana para fazer o que precisar fazer – disse Teka. – Vou começar a preparar a nave agora. Talvez eu precise de um novo compressor gravitacional, e sei que precisamos de comida.

– E – falei, pensando no que Isae havia usado para matar meu irmão – talvez algumas facas de cozinha novas.

Teka franziu o nariz, provavelmente lembrando a mesma coisa.

– Sem dúvida.

– De qualquer forma, talvez a gente não volte, então… – Dei de ombros. – Dizer adeus às pessoas.

– Você está simplesmente transbordando otimismo, não está? – comentou Ettrek.

– Você esperava que a pessoa que lidera uma missão de assassinato estivesse alegre? – questionei. – Se for assim, acho que você está no lugar errado. – Abaixei minha tigela de café da manhã e puxei a faca do meu quadril. Inclinei-me sobre a mesa e apontei a lâmina para ele. – E, a propósito, se você me chamar de "Flagelo" de novo, eu vou cortar esse coque idiota no topo da sua cabeça.

Ettrek lambeu os lábios, observando minha faca.

– Tudo bem – disse por fim. – Cyra.

CAPÍTULO 36 | CISI

OBSERVO NOSSA DESCIDA através das nuvens fofas de Othyr como se estivesse ainda mais longe do que estou, vagando pelo espaço e olhando o planeta inteiro de uma só vez. Eu me sinto assim desde que Akos e eu nos separamos, a meio caminho entre Ogra e Thuvhe. Ele não quis voltar comigo à Sede da Assembleia, e eu não o culpava muito por isso, então me atrelei ao cargueiro seguinte da Assembleia em algum posto avançado da lua e o deixei na autonavegação de volta para casa. Verdade seja dita, estou com inveja dele, arrumando nossa cozinha quente, atiçando as pedras ardentes no fogão do pátio.

Ast vem ficar ao meu lado de braços cruzados.

Estamos em uma grande nave da Assembleia, do tipo bonito e elegante que reservam para chanceleres, regentes e soberanos. Não dá para ver nada das entranhas da nave, ficam escondidas atrás de painéis feitos de um metal pálido que parece quase branco. Tropecei mais cedo e, quando bati minha mão contra a parede para me equilibrar, deixei uma marca de mão. Fico imaginando: *Quem tem o trabalho de polir todas as paredes?*

Ast e eu estamos bem arrumados, ou tão "arrumados" quanto Isae conseguiu nos deixar. Uso um vestido de manga comprida – assim pareço thuvhesita, acho, porque os othyrianos não são tão determinados em abotoar tudo até a garganta como nós – de um cinza suave. Ast está de calça e uma camisa de gola. O robô-guia gira em torno de sua cabeça, estalando para que ele possa ouvir sua localização.

– Isae está fazendo aquilo de novo – diz ele. – Dê um jeito nela.

– Não posso pará-la o tempo todo – comento. – Está me esgotando.

Desde o ataque a Shissa, Isae repassou em sua tela cada uma das pessoas que morreram no ataque. Ela continua cuspindo fatos para mim também. *Shep Uldoth, trinta e quatro. Era pai de dois filhos, Cisi. Sua esposa também morreu, então agora as crianças são órfãs*. Por mais que eu tenha dito a ela que ela não podia se prender às vidas perdidas para sempre, ela não

parava. Ela dizia que gostava da raiva que sentia quando lia os nomes. Isso a lembrava do que tinha que fazer.

Tenho certeza de que está apenas exausta de seu luto por Ori e precisa de outra coisa para se concentrar, mas isso eu não digo.

– Eu realmente não me importo se você está esgotada – diz Ast com frieza. – Não acha que isso está deixando *Isae* esgotada? Sabe, é mais importante que ela esteja descansada do que você.

Quero xingá-lo, mas meu dom-da-corrente me impede. Então, simplesmente o ignoro até ele se afastar.

A nave atravessa a camada de nuvens, e não consigo evitar de me aproximar do vidro. Nunca tinha estado em Othyr antes.

A maior parte da superfície do planeta é coberta de cidades. Há alguns grandes parques que cultivam a vida selvagem do planeta – fraca em grande parte, motivo pelo qual os othyrianos não se importavam muito com ela –, mas o restante é vidro, metal e pedra. Corredores de vidro estendem-se de um lado para outro, ligando os prédios, e pequenos flutuadores, muito mais bonitos que aqueles com que voamos em Thuvhe, entram e saem de tubos de metal que controlam o tráfego.

Então é difícil explicar para mim mesma, considerando todo esse caos sintético, por que Othyr é bonita. Talvez seja apenas o grande céu azul, a luz do sol brilhando nos edifícios em dourado, verde, azul e laranja. Talvez sejam os pequenos parques que mostram todas as flores e árvores de cores diferentes, as plantas mais bonitas de todos os outros planetas, menos deste. Mas há algo de bom em como é agitado, uma espécie de produtividade alegre.

Cerro os punhos à minha frente enquanto ando pelo corredor, assim não esbarro em nenhuma das paredes. Isae está sentada em uma sala de espera, empoleirada na beirada de um sofá cinza. Uma visão de Othyr se mostra através de uma janela do chão ao teto, mas ela nem sequer olha para ela. Seus olhos estão fixos na tela portátil em suas mãos.

– Arthe Semenes. Cinquenta anos de idade. Ela estava visitando seu filho no hospital após uma cirurgia. Os dois estão mortos agora. – Ela balança a cabeça. – Um hospital, Cisi. Por que tiveram que atacar um hospital?

– Porque Lazmet Noavek é mau – respondo. – Sabíamos disso antes, sabemos disso agora e nunca vamos nos esquecer.

Estou enchendo a sala com água calmante. Deixando-a bater suave nos tornozelos, nos dedos dos pés.

– Ele não é o único que fez isso acontecer – diz ela. – Todo shotet que estava junto com ele e não impediu também é culpado.

– Estamos pousando – informei. Ela não está errada, mas o fervor com que ela diz isso me deixa nervosa. Imagino meu corpo se arrastando pela água até a cintura, correndo meus dedos pelo seu peso suave.

– Quando é a reunião?

– Durante o jantar – respondo. – Ao que parece, eles não gostam de reuniões de negócios rigorosas aqui.

– Não gostaria de deixar uma pessoa se concentrar nos problemas em questão – comenta ela. – Tenho que encantá-los a fazer o que quer que você diga.

– Exatamente – digo. Ela já parece mais consigo mesma. Levanta-se, deixa a tela de lado e atravessa a saleta para ficar na minha frente.

– Ast gritou com você de novo? – pergunta ela, passando os dedos pelo meu rosto. – Ele parecia chateado quando saiu. Não sei por que ele desconta em você.

Eu dou de ombros. É o melhor que consigo fazer.

– Vou falar com ele de novo – promete ela. – Confio em você e nele também, mesmo que ele não goste de seu dom-da-corrente. Eu sei muito bem quando você está usando seu dom.

Eu sorrio. Ela não sabe, claro, quando uso. Mas é bom que pense assim.

CAPÍTULO 37 | AKOS

OS APOSENTOS além da fechadura genética cheiravam a fruta. Akos deixou a porta fechar atrás de si, respirando a doçura ácida. Não era o quarto de Ryzek, era um gabinete. E a escrivaninha tinha algum tipo de casca, verde e enrugada, a fonte do cheiro. Ao lado havia uma tela inativa sobre uma pilha de papel. Os livros estavam empilhados aqui e ali, com títulos que quase não conseguia ler, a menos que estivessem em othyriano. Esses eram todos sobre história.

O tapete sob seus pés era alto e denso. Confortável para ficar em pé. Havia pegadas neles, de um lado ao outro, como se alguém tivesse andado ali pouco tempo antes. Crescendo em um vaso no canto havia uma pequena árvore, o tronco da mesma cor escura das tábuas do assoalho. Uma árvore nativa da faixa de florestas ao norte de Voa, suas folhas robustas e saudáveis.

Akos sentiu um aperto na cabeça, como se estivesse com dor, e ignorou. Moveu-se na direção do mapa que estava pendurado na parede atrás da mesa, um mapa do sistema solar. O planeta deles estava marcado como "Urek" em vez de "Thuvhe", então ele sabia que era um mapa desenhado por shotet. As linhas eram cuidadosas, precisas e desbotadas para iluminar marcas de esboço nas bordas, marcando os limites até onde os shotet tinham ido. Eram mais largas do que Akos esperava. De alguma forma, nunca lhe ocorreu que, antes de os shotet terem se tornado coletores e guerreiros, haviam sido exploradores.

Ele sentiu o aperto em sua cabeça novamente e fez uma pausa. Tinha ouvido alguma coisa. Um movimento, talvez, alguém andando em outro quarto, em outro andar.

Não, não um movimento, mas uma respiração. Um exalar.

Akos sacou a lâmina e girou com o braço estendido. Encostado na parede atrás dele estava um homem alto, magro e envelhecido.

Lazmet Noavek.

– Meu dom-da-corrente não funciona em você – disse Lazmet.

A boca de Akos ficou seca.

– Nenhum dom-da-corrente funciona em mim – ele se forçou a dizer. As primeiras palavras que disse ao *seu pai*.

Lazmet afastou-se da parede. Estava segurando uma lâmina-da-corrente. Enquanto Akos observava, ele a equilibrou na palma da mão e girou, pegando-a pelo cabo. Então, Ryzek tinha aprendido aquele pequeno hábito com seu pai.

– Foi assim que você entrou aqui? – inquiriu Lazmet.

Akos fez que não com a cabeça. Lazmet aproximou-se, e Akos se moveu para o lado, mantendo uma distância entre eles. Sentiu como se estivesse na arena novamente, lutando contra outro homem até a morte. Só que estava muito menos preparado para essa luta do que estivera com Vas ou Suzao.

Nunca deveria ter ido até ali. Sabia disso agora. Só de olhar para Lazmet em pessoa, com aqueles olhos vazios, calmos e até achando um pouco de graça… dava para saber que algo não estava certo com ele. Algo que Akos não entendia.

– Então, admito que estou um tanto confuso, porque sou a única pessoa que consegue acessar esses aposentos – disse Lazmet. – Sei que, embora alguém possa ter deixado você entrar na mansão, não poderia ter permitido sua entrada aqui.

– Meu sangue me deixou entrar – disse Akos.

Os olhos de Lazmet estreitaram-se. Ele se aproximou mais. Akos ficou sem espaço atrás dele, então se moveu novamente, a faca ainda estendida. Lazmet olhou para a lâmina com curiosidade; provavelmente não estava acostumado a ver uma lâmina-da-corrente sem os tentáculos pretos atados à mão da pessoa.

– Comecei a suspeitar quando minha filha mais nova ficou mais velha, que não era realmente minha – disse Lazmet calmamente. – Achei que talvez a mãe dela tivesse sido infiel comigo, mas agora vejo que não é o caso. Era apenas a criança errada o tempo todo.

Akos não entendia por que ele não havia ficado mais chocado. Mais *surpreso*, pelo menos.

– Como você se chama? – perguntou Lazmet, girando sua lâmina-da-corrente.

– Akos.

– Esse é um bonito nome shotet – comentou Lazmet. – Creio que minha esposa o escolheu para você.

– Não sei. Não a conheci.

Lazmet aproximou-se mais e depois atacou. Akos estava pronto para aquilo, esperava

desde que viu o homem contra a parede. Mas não estava pronto para a rapidez de Lazmet, que o agarrou e torceu o braço de Akos com tanta força que ele não teve escolha a não ser soltar a lâmina. O treinamento de Akos entrou em ação, e ele fez uma finta, fingindo fraqueza enquanto balançava o punho ao lado de Lazmet. Lazmet grunhiu, seu aperto ainda forte ao redor do pulso de Akos, e Akos o chutou com tudo na altura do joelho.

Lazmet soltou-o, cambaleando um pouco. Mas não o suficiente. Ergueu-se e avançou, batendo Akos na parede com a lâmina-da-corrente em sua garganta. Akos ficou paralisado. Tinha certeza de que Lazmet não o mataria, pelo menos não até que ouvisse uma explicação, mas aquilo não era garantia de que não cortaria Akos nesse meio-tempo.

– É uma pena você não a ter conhecido. Era uma mulher e tanto – disse Lazmet casualmente. Ergueu a mão livre e passou a ponta do dedo pelo lado do nariz de Akos, em sua bochecha. – Você se parece comigo – comentou Lazmet. – Alto, mas não largo o bastante, com essas *sardas* malditas. Qual a cor de seus olhos?

– Azul-cinzentos – disse Akos, e ele se sentiu compelido a acrescentar "senhor" ao final, embora não tivesse certeza do motivo. Talvez tivesse a ver com a faca na garganta e a força substancial do homem pressionando-o contra a parede. Parecia zumbir nos ossos de Lazmet como um trecho da própria corrente.

– Vem do lado materno da família – comentou Lazmet. – Meu tio escrevia poemas de amor sobre os olhos tempestuosos da minha tia. Minha mãe matou os dois. Mas tenho certeza de que você já ouviu essa história. Entendo que é uma história popular em Shotet.

– Ouvi falar. – Akos lutou para manter a voz firme.

Lazmet soltou-o, mas não foi longe, então Akos não conseguiu mergulhar sobre a arma que estava no chão.

– Sabe se meu filho está morto? – perguntou Lazmet. Ele arqueou as sobrancelhas. – Digo, meu *outro* filho.

– Sim, ele está morto – respondeu Akos. – Seu corpo está no espaço.

– Creio que foi um enterro bem decente. – Lazmet girou a lâmina novamente. – E você veio me matar? Seria uma grande tradição da nossa família, entende? Minha mãe matou seus irmãos. Minha suposta filha matou o irmão dela. Meu filho primogênito não teve estômago para me matar, no fim das contas… ficou contente em me prender em uma cela por várias estações. Mas você tem algumas marcas, então talvez não seja tão fraco.

Akos pôs a mão em torno do pulso para encobrir as marcas de morte ali. Foi um instinto que pareceu confundir Lazmet, que inclinou a cabeça para a cena.

Akos não sabia mais qual era a resposta. Sabia que Lazmet precisava morrer, baseado

apenas no jeito como Cyra reagia ao vê-lo e em tudo que ouvira desde então. Mas não tinha certeza, no fundo, se poderia fazer isso ou não. Ainda não tinha certeza. Independentemente disso, não admitiria isso a Lazmet.

– Não – disse Akos. – Não vim para matá-lo.

– Então, por que veio? – perguntou Lazmet. – Correu grandes riscos para vir. Suponho que tenha um motivo.

– O senhor é… o último parente de sangue que me resta – disse Akos.

– Isso é motivo? Se for, é uma estupidez. O que é sangue, exatamente? Apenas uma substância, como água ou poeira estelar.

– É mais do que isso para mim. É… esse idioma. É a fortuna.

– Ah! – Lazmet sorriu. Um sorriso maldoso. – Então, agora você sabe que a fortuna dolorosamente chata da pequena Cyra na verdade te pertence. "A segunda criança da família Noavek cruzará a Divisão." – Sua sobrancelha arqueou-se. – E você, acredito eu, nascido shotet, nunca passou pelo trecho de capim-pena que nos separa de nossos inimigos thuvhesitas.

Lazmet analisou-o, fazendo suposições. Elas estavam incorretas, mas Akos não viu necessidade de corrigi-lo. Ainda não, de qualquer maneira. Quanto menos Lazmet soubesse sobre ele, melhor.

Lazmet continuou:

–Você fala com a dicção de alguém que vem de baixo. Talvez pense que vou mandá-lo para Thuvhe com meu exército para algum propósito maior. Que elevarei você além de seu alcance.

Akos manteve sua expressão neutra, embora a ideia de marchar até Thuvhe e travar uma guerra apenas para atingir uma posição social mais elevada o deixasse enojado.

– Se vou ajudá-lo com isso ou não, depende, suponho, de você valer alguma coisa para mim ou não – explicou Lazmet. – Sei que pode matar, o que é animador. Não imagina o quanto foi difícil treinar Ryzek para tirar vidas. Ele vomitou depois da primeira vez. Repugnante. E minha esposa me proibiu de tentar o mesmo com Cyra, embora eu saiba que, no fim das contas, ela tenha uma capacidade maior para isso.

Akos abriu e fechou os olhos algumas vezes para ele. O que dizer a um homem que estava decidindo se sua vida valia ou não a pena bem na sua frente?

– Você parece ter pouca habilidade de luta. É ousado, embora insensato, na melhor das hipóteses, e estúpido na pior. – Lazmet bateu a ponta de sua lâmina contra o queixo. – Sua oferta atual me intriga, mas é… preocupante em alguns aspectos. Me conte sobre suas

marcas, garoto.

A parte de Akos que estava parada, como um motor defeituoso, começou a barulhar novamente.

– Acha que terá alguma informação útil sobre mim com base em quem eu matei e como? – questionou Akos. – E se… e se eu julgasse o seu valor com base no fato de que seu filho fraco conseguiu prendê-lo sei lá onde por estações?

Os olhos de Lazmet estreitaram-se.

– Meu filho foi treinado por sua mãe para ganhar a lealdade de alguns soldados estrategicamente posicionados – disse Lazmet. – Jamais tive habilidade de conquistar corações, admito. Eles mantiveram minha prisão em segredo e me vigiaram fielmente… de longe, pois assim eu não poderia usar meu dom contra eles. Mas o caos em Voa após o assassinato de meu filho resultou em uma perda de poder em alguns setores, e aproveitei a oportunidade para escapar. Todos os meus ex-vigias estão mortos. Pus os olhos deles em uma jarra para me lembrar da minha fraqueza. Foi o meu fracasso que resultou em meu cativeiro, não o sucesso do meu filho. – Ele recuou. – Agora, me diga os nomes que você carrega no braço, garoto.

– Não – disse Akos.

– Você está me entediando. E, acredite em mim, você não vai querer que eu fique entediado. Mesmo sem meu dom-da-corrente, seria simples matar você.

– A última vida que tirei foi a de Vas Kuzar – revelou Akos.

Lazmet assentiu com a cabeça.

– Impressionante – disse ele. – Você sabe, claro, que posso procurar a morte dele nos registros da arena e descobrir o nome que você usou? – Ele se aproximou novamente e estendeu a faca entre eles. – Também deve ter percebido que, fora dessa porta, muitos guardas estão à sua espera. Você não vai sair desta casa vivo se tentar ir embora. E, considerando como você entrou nesta sala, na calada da noite, com uma faca, dificilmente vou permitir qualquer liberdade dentro dessas paredes. O que significa que será aprisionado aqui, e eu terei tempo suficiente para descobrir tudo o que preciso saber sobre você.

– Sei de tudo isso – disse Akos. – Mas não lutei contra Vas na arena. Lutei com ele durante o caos, enquanto seu filho morria. Não há registro de sua morte em lugar nenhum.

Lazmet sorriu.

– E você tem mais de uma marca no braço. Que animador perceber que você não é um

completo idiota. Parabéns, Akos Noavek. Você não é entediante.

Lazmet avançou e abriu a porta antes que Akos pudesse mover-se. Guardas com armaduras encheram o pequeno gabinete.

– Levem-no para um aposento seguro – ordenou Lazmet. – Não o machuquem por diversão. Ele é sangue do meu sangue.

Akos saiu em silêncio, a expressão vazia de Lazmet seguindo-o por todo o corredor.

CAPÍTULO 38 | CYRA

TIVE QUE DEIXAR a relativa segurança de Galo ocupada por exilados shotet e voltar a Pokgo para a conversa com Isae Benesit. Aquela que eu prometi aos líderes ogranos que teria em troca de eles atrasarem nossa deportação. Em outras palavras, o futuro imediato dos shotet estava nas minhas mãos.

Não que eu tenha sentido alguma pressão ou qualquer coisa.

Em Pokgo, na floresta fora dos limites da cidade, havia uma torre alta construída dentro do tronco de uma árvore gigantesca, o único lugar onde uma pessoa podia fazer transmissões para fora do planeta. Durante a viagem, infernizei o assistente de Lusha para obter informações sobre como aquilo era possível, por que naquele local e em nenhum outro, e tudo o que ele sabia era que havia um "ponto fraco" na atmosfera de Ogra ali.

– Isso é um termo científico? – perguntei. – "Ponto fraco"?

– Não, obviamente – retrucou o homem. – Tenho cara de um cientista atmosférico para você?

– Tem *cara* de uma pessoa com cérebro que mora neste planeta – respondi. – Como você não fica curioso?

Ele não tinha a resposta, então me levantei e caminhei pelo perímetro da nave, parando em cada planta atrás do vidro para examiná-la. Havia a fruta ondulante, semelhante a um cérebro, que pendia pesada de vinhas robustas; o aglomerado de folhas púrpura que tinha duas fileiras de dentes logo depois de suas bordas; os minúsculos fungos em forma de estrela que brilhavam roxos e aderiam à pele quando eram tocados, sugando nutrientes de seu corpo. Gostaria de saber se, nas profundezas das selvas aqui, havia plantas que ainda não haviam sido descobertas; quantas possibilidades havia nesse planeta inexplorado, repleto até a borda com coisas grotescas e ferozes?

Chegamos à torre durante o dia, a nave pousando em uma pista de aterrissagem entre

dois galhos enormes. Parei do lado de fora da nave, olhando para a larga árvore com torre embutida em seu tronco oco. Nunca tinha visto uma planta tão grande em minha vida; era tão grande em circunferência quanto os prédios mais altos em Voa, mas aqueles tinham sido construídos por nossas mãos, não pela agitação da vida natural que alguns diziam ter vindo da corrente.

Atravessei a plataforma que levava do ponto de aterrissagem até a torre. Ela balançou um pouco sob o meu peso, e dois fios eram as únicas coisas que me impediam de cair dela. Minha boca ficava mais seca a cada passo, mas me forcei a continuar andando. O assistente de Lusha me deu um sorriso sabichão quando se apresentou à guarda ao lado da porta.

Para entrar na sala de transmissão, tive que me submeter a uma breve revista – a guarda parecia não querer tocar em mim, e não a tranquilizei – e subir vários lances de escada. No topo da escada, parei para enxugar a testa – úmida de suor naquele momento – com o avesso da manga de minha camisa e segui o assistente de Lusha para dentro.

A sala de transmissão estava cheia de gente – de pé em frente a monitores, debruçada sobre painéis de interruptores e botões, pegando pedaços de penugem do tapete redondo do meio da sala. Câmeras fixas, como globos oculares presos a hastes, pendiam de cabeça para baixo no teto, bem no centro do ambiente. O tapete era escuro e não tinha um padrão – presumi que estivesse lá para amortecer o som, como qualquer superfície reflexiva talvez tivesse ecoado. Era o último andar da torre, de modo que as janelas davam para o topo da árvore, onde as enormes folhas – maiores do que eu – batiam contra o vidro. Eram roxo-escuras, quase pretas, e presas em trepadeiras musgosas.

– Ah, aí está você – uma pessoa sema de cabelos compridos com o que parecia ser um tufo de nuvem na mão me disse. Era o tipo de coisa que uma pessoa dizia para alguém que já conhecia, mas eu não conhecia aquela sema, então olhei com curiosidade até que me desse uma explicação. – Não tinha certeza se você saberia como pintar o rosto ou não – disse em othyriano. – Parece que tudo que precisa é um pouco de pó para não brilhar. Ótimo.

A pessoa deu batidinhas com aquela coisa fofinha e branca no meu rosto, e a poeira pálida irrompeu em uma nuvem ao redor, me fazendo espirrar. Levantou um espelho para que eu pudesse ver que o pó tinha deixado meu rosto fosco e uniforme.

– Obrigada – falei.

– Fique no X – disse a sema. – Estão saudando a nave Assembleia neste momento.

– Bom – disse, embora não tivesse certeza se acreditava que era bom. Afinal, eu estava prestes a falar com uma mulher que achava que eu era cúmplice no assassinato de sua irmã

gêmea. E eu ia pedir a ela que cooperasse? Chegasse a um acordo?

Não ia acabar bem.

Ainda assim, fui até o pequeno X marcado no tapete com fita iridescente e olhei para as câmeras. Alguém perto da parede tocou um botão algumas vezes para abaixá-las, de modo que ficassem no nível dos meus olhos. Uma tela desceu na minha frente para me mostrar Isae Benesit quando ela aparecesse. Por ora a tela estava branca, esperando para ser preenchida com uma imagem.

Logo, a assistente de Lusha anunciava que haviam feito a conexão com Othyr e estavam prestes a transmitir. Ela fez uma contagem regressiva em othyriano, e então o rosto marcado de Isae Benesit acendeu diante de mim. A dor percorreu minhas mãos, intensificando-se em meus dedos, que pareciam estar quebrando. Pisquei para refrear as lágrimas.

Por um momento, ela apenas olhou para mim, e eu para ela.

Ela parecia… indisposta. Estava mais magra do que da última vez que a vi, e a pele sob os olhos tinha se arroxeado, mesmo com uma camada de maquiagem que certamente estava usando para encobrir. Além desses sinais óbvios, porém, havia algo… *estranho*. Havia uma selvageria em seu olhar que não estava lá da última vez que tinha olhado para mim, como se estivesse prestes a desmoronar.

Essa era a mulher que matou centenas de meu povo – uma casca de mulher com um desejo de fuga nos olhos.

– Chanceler Benesit – falei por fim com os dentes cerrados.

– Senhorita Noavek – respondeu ela em um tom formal que não lhe pertencia. – Suponho que não devo dizer "soberana", uma vez que o seu povo não consegue se decidir por um, certo?

Decidi não dizer que nem os exilados me queriam como líder; que me chamavam de oruzo, "sucessora"; que me culpavam por todas as pessoas que *ela* matou; que eu estava aqui apenas para corrigir alguns dos meus erros. Mas senti essas verdades pulsando dentro de mim como um segundo coração. Eu não era soberana.

Eu disse:

– Meu povo está dividido, como saberia se nos considerasse com alguma decência. Quanto à minha legitimidade, sou um dos dois herdeiros viáveis da soberania. Fique à vontade para negociar com o outro se preferir.

Ela olhou para mim por um momento, quase como se estivesse considerando aquela ideia. Mas a resignação ficou evidente em seu rosto. Por mais que me odiasse, eu era a

única suposta Noavek que oferecia a qualquer das nossas nações uma esperança de paz.

Fortalecida por essa confiança, me endireitei.

Isae pigarreou e disse:

– Concordei com essa transmissão porque me asseguraram de que a senhorita tinha uma oferta válida para eu considerar. Sugiro que faça isso antes de eu decidir que não vale o meu tempo.

– Não estou aqui para implorar a seus pés – retruquei. – Se você preferir continuar seu caminho de destruição desenfreada, não há realmente nada que eu possa dizer para impedi-la, então…

– *Meu* caminho de destruição desenfreada – disse ela com uma risada sem alegria. E então outra gargalhada mais longa. – Centenas de pessoas do *meu povo*…

– Foram mortas pelo meu pai e seus partidários – eu disse em voz alta. – Não por mim. Nem por nenhuma das pessoas daqui.

– E, no lugar dele, você teria feito… o quê? – ralhou ela. – Esquece-se de que eu a conheci antes, Cyra Noavek. Conheço seu talento para a diplomacia.

– Eu teria selecionado um alvo militar, de acordo com as leis da nossa galáxia. É claro que também teria esperado para negociar termos de paz razoáveis, em vez de atingir centenas de refugiados em fuga com armas avançadas de Pitha…

– Eu não sabia que havia refugiados a bordo – disse ela, a voz subitamente sussurrada.

Antes disso, eu pensava que Isae me lembrava o xisto, duro e irregular. E ela tinha sido xisto naquele momento também, facilmente estilhaçada. Antes de continuar, ela estremeceu, como se aquele instante estilhaçado não tivesse acontecido.

– Eu lhe ofereci termos de rendição, como você se lembra. Você os recusou.

– O que você ofereceu – falei, minha voz trêmula de raiva – foi insultante e desrespeitoso, e você sabia que não aceitaríamos.

Olhei para a câmera em vez de para a imagem dela na tela, embora pudesse ver sua expressão empedernida logo além daqueles olhos.

– Sua oferta, senhorita Noavek – disse ela por fim.

– O que eu quero é que você retire este *pedido* para os ogranos nos expulsarem de seu planeta, o que forçaria os antigos inimigos de Lazmet Noavek a voltar para uma zona de guerra – retruquei. – E, em troca, vou matá-lo.

– Por que não estou surpresa que a solução que propõe envolva assassinato – disse ela, secamente.

– A originalidade de seus insultos é verdadeiramente impressionante. Sem Lazmet para

liderá-los, a facção de soldados dele será facilmente subjugada. Por nós. Os exilados assumirão o controle de Shotet, e poderemos negociar a paz em vez de nos matarmos mutuamente.

Ela fechou os olhos. Percebi que tinha se esforçado muito para parecer mais velha do que era, assim como eu fizera. Usava uma jaqueta cortada no estilo tradicional hessano, preta e abotoada diagonalmente no peito até a lateral do pescoço. Seus cabelos estavam puxados para trás com força, deixando os ângulos do rosto em grande relevo. As cicatrizes também lhe davam uma maturidade que a maioria das pessoas de nossa idade não tinha. Diziam que ela havia sobrevivido a alguma coisa, suportado algo que nunca deveria ter suportado. Mas, apesar de todas essas coisas, era jovem. Era jovem e queria que tudo isso parasse.

Mesmo que nunca tivesse entendido o que fez para mim, para meu povo, pelo menos nós duas tínhamos isso em comum: queríamos que parasse.

– Tenho que tomar uma atitude – disse ela, abrindo os olhos. – Meus conselheiros, meu povo, meus aliados estão exigindo.

– Então, só me dê tempo. Algumas semanas.

Ela balançou a cabeça.

– O hospital de Shissa *caiu do céu*. Pessoas que precisavam de ajuda, pessoas que… – Ela engasgou e parou.

– Não fui eu que fiz isso – falei com firmeza. – Nós não fizemos isso.

Percebi, tarde demais, que talvez não fosse o momento de insistir em minha inocência. Talvez pudesse ter ido mais longe com um tanto de comiseração.

Mas ela destruiu a nave de temporada. Ela nos atacou. Ela merece fúria.

Mas talvez eu me saísse melhor com misericórdia.

– Uma semana – disse ela. – Isso lhe dá três dias depois que fizer a viagem de Ogra para Thuvhe.

– Uma semana – repeti. – Para ir de Ogra a Urek, planejar um assassinato e executá-lo. Você ficou louca?

– Não – respondeu simplesmente. – Essa é minha oferta, senhorita Noavek. Sugiro que aceite.

E se eu tivesse sido mais suave, mais gentil, talvez a oferta dela fosse mais generosa. Mas eu era quem eu era.

– Tudo bem – falei. – Mando uma mensagem quando terminar.

E saí imediatamente do enquadramento da câmera.

CAPÍTULO 39 | CISI

OS OTHYRIANOS TÊM MÃOS SUAVES. Essa é a primeira coisa que noto.

Mãos suaves e corpos macios. A mulher que nos recebe nos elegantes apartamentos onde ficaremos para esta breve visita carrega mais peso em torno dos quadris e coxas do que a maioria das mulheres thuvhesitas. Algo nisso me agrada. Me pergunto como seria tocar um corpo com tanto a oferecer.

A julgar pelo olhar que me dá, ela está se perguntando algo semelhante sobre mim. Na verdade, não pareço uma garota de Hessa; a maioria das pessoas de Hessa trabalha nas fazendas de flor-do-gelo ou faz algum outro tipo de trabalho duro, então são musculosas e magras. Minha constituição é mais como a das pessoas de Shissa, onde frequentei a escola, estreita com uma quantidade de carne ao redor da cintura. Às vezes, as pessoas brincavam: *é para os meses mais frios*.

A maioria dessas pessoas está morta agora.

A othyriana nos diz, com uma voz melosa, onde vamos jantar e como devem ser nossos "trajes". Quase troco um olhar com Ast nesse momento, então lembro que ele não enxerga e, provavelmente, não gostaria de compartilhar um momento como esse comigo de qualquer forma.

Ainda assim, ponho meu vestido formal para o jantar. A única coisa formal que tenho. É de estilo hessano, o que significa que parece quase um uniforme militar na parte de cima, abotoado sobre o peito do ombro até o flanco. Fica justo no meu corpo até a cintura e depois flui em uma saia mais suave até o chão. A cor é carmesim. Vermelho flor-sossego para dar sorte.

No corredor, Ast está se esfalfando com os botões dos punhos. São pequenos e feitos de vidro, escorregadios. Não penso muito quando pego seu pulso e abotoo para ele. No entanto, fico surpresa que ele me deixe fazê-lo.

– Ela me disse que estou sendo muito duro com você – ele me diz, sua voz ríspida. O besouro que usa para guiá-lo faz um círculo rápido ao redor da minha cabeça e ombros, perto o suficiente para roçar minhas roupas com suas perninhas, estalando o tempo todo.

– Disse? – pergunto, indiferente, pegando o outro pulso.

– A questão é… – Ele agarra minha mão, de repente, e me segura forte. Forte demais. Inclinando-se tão perto que consigo sentir o cheiro de algo forte em seu hálito. – Não acho que sou duro, Cisi. Acho que você é esperta demais, motivada demais e também demasiadamente… *doce*.

Termino de fechar os botões e saio sem responder. Na verdade, não há muito a dizer.

Isae espera perto das portas, onde a mulher othyriana disse que nos encontraria. Isae se vira, e a imagem dela me atinge com força, como se eu tivesse esbarrado nela. Suas pálpebras estão pintadas com linhas pretas perfeitas, os lábios cobertos com batom rosa claro. Seu cabelo está puxado para trás e brilha como vidro polido. Está vestida ao estilo Osoc, uma camada justa ao corpo – azul-escura – com um tecido solto sobre ela, dando indícios das curvas dos quadris quando ele se prende aqui ou acolá.

– Uau – eu lhe digo.

Ela revira os olhos um pouco, fazendo um rápido gesto cortante com um dos dedos para apontar as cicatrizes que cruzam seu rosto. Eu as noto, claro, toda vez que olho para ela, mas, para mim, não diminuem sua beleza. São apenas diferentes, como uma marca de nascença ou um pouquinho de sardas. Eu me inclino para tocar meus lábios em uma das cicatrizes acima de sua sobrancelha.

– Ainda assim, uau – repito.

– E você – diz ela, olhando para Ast. – Ast, você nunca pareceu tão desconfortável.

– Então, minha aparência é como eu me sinto agora – diz ele, tenso.

As portas deslizam para se abrir à nossa frente, e logo atrás delas está a othyriana de antes. Não lembro seu nome. A maioria dos nomes othyrianos tem pelo menos três sílabas, o que significa que eu os esqueço imediatamente.

Nós a seguimos até um flutuador que paira perto da beirada da varanda. É diferente dos que existem em Thuvhe – parece mais uma plataforma fechada que um veículo. Estamos juntos dentro dela, e a mulher – Cardenzia? Algo com "zia", penso eu – nos guia, quer dizer, ela aperta um botão, e seguimos a um destino pré-programado. O flutuador não balança nem sacode, desliza sobre parques bem-cuidados e edifícios reluzentes. Ele nos eleva através de uma camada de nuvens finas e, em seguida, faz uma pausa em uma doca de carga; não sei ao certo como chamá-la, embora nunca tenha visto uma doca de carga tão

chique na minha vida. Também é fechada, já que estamos no alto, e o piso é de azulejos pretos espelhados, como se naves espaciais pesadas não precisassem pousar em cima deles o tempo todo.

Cardenzia, como agora decidi chamá-la, nos leva pela doca vazia até um labirinto de corredores largos, revestidos com retratos de antigos líderes othyrianos ou bandeiras emolduradas de todas as províncias othyrianas. Porteiros usando luvas pretas abrem um conjunto de portas duplas douradas para nós no final de um desses corredores.

Eu pensei que estava pronta para mais extravagâncias othyrianas, mas preciso parar e olhar com admiração para o salão ao lado. Alguém havia cultivado um jardim dentro deste lugar. Acima de nós, a luz do sol brilha através das claraboias, lançando listras cor de laranja nas folhas escuras de trepadeiras que envolvem as pernas das cadeiras e rastejam pelas bordas da mesa. As árvores alinham-se de um lado do salão, com folhas roxas e azul-escuras, com veios mais leves passando por elas. Faixas de luz pendem do teto – suas "faixas" reais são quase invisíveis, criando a ilusão de orbes brilhantes que pendem como pingos de chuva caindo parados no ar por todo o salão.

Uma mulher vem nos cumprimentar. Sei, pelo diadema de ouro sobre sua cabeça, que ela é uma regente de Othyr, e seu nome foge da minha cabeça, como minhas maneiras. Um homem a segue, usando um diadema semelhante, e outro homem vem atrás dele. Todos os três têm pele e cabelos perfeitos e dentes brancos. Os homens têm pelos faciais que parecem ter sido desenhados com uma caneta de ponta fina.

– Bem-vindos a Othyr! – diz a mulher, abrindo aquele sorriso branco, branco. – Chanceler Benesit, é um prazer finalmente conhecê-la. É a primeira vez que visita nosso lindo planeta?

– Sim, é – responde Isae. – Obrigada por nos receber, intendente Harth. Estes são meus conselheiros, Cisi Kereseth e Ast.

– Ast, sem sobrenome? – pergunta a intendente Harth.

– Não precisamos de sobrenomes na borda – responde Ast. – Não rastreamos nossas dinastias ou coisas do tipo, Vossa Excelência.

– A borda! – berra um dos homens. – Que encantador. Isso deve ser bem diferente para você, então.

– Pratos são pratos, sejam eles brilhantes ou não – responde Ast. É o que mais gosto nele.

– Meu nome é intendente Sharva – diz o mais baixo dos dois homens. Seu cabelo é preto, o bigode enrolado nas pontas. Ele tem um nariz grande, perfeitamente reto e

estreito entre as sobrancelhas. – E este é o intendente Chezel. Nós três somos responsáveis pela cooperação e ajuda interplanetária. – Eles querem que usemos seus sobrenomes, então. Acho que é isso que faz desta uma reunião de negócios em vez de uma reunião casual. Ele continua: – E você, Cisi… você também vem da borda?

Uma mulher usando as mesmas luvas pretas que os homens que abriram as portas antes distribui pequenos copos com algo que não reconheço. Tem cheiro picante e travoso. Espero que os othyrianos bebam antes de mim para que eu possa ver como eles fazem. Eles dão golinhos delicados nos copos, que têm tamanho suficiente apenas para se encaixar entre dois dedos. E têm gravados desenhos de turbilhão.

– Não – respondo. – Sou de Hessa, em Thuvhe.

– Kereseth, não é? – A intendente Harth dirige-se a mim. – Onde já ouvi esse nome antes?

– Minha linhagem familiar é afortunada – explico. – E minha mãe é a oráculo de Thuvhe.

Todo mundo fica quieto. Até a mulher com a bandeja de copos – vazia agora – faz uma pausa para me olhar antes de sair do salão. Sei que os othyrianos não reverenciam os oráculos, mas não sabia que ser parente de um deles fosse tão escandaloso.

– Ah – diz Harth com lábios franzidos. – Você deve ter tido uma educação… muito interessante.

Eu sorrio, embora meu batimento cardíaco esteja acelerado. Não vou entrar em pânico. Se alguém puder fazer essas pessoas amarem a filha de um oráculo, esse alguém sou eu.

– Falar com minha mãe é um pouco como tentar agarrar um peixe – digo. – Eu a amo muito, claro, mas estou sempre aliviada por conversar com pessoas que não sejam alérgicas à especificidade.

Chezel ri pelo menos, e eu envio a todos uma sensação tão boa quanto o tecido mais macio para deslizar sobre eles. Eu ficaria surpresa se não funcionasse. Os othyrianos irritam-me, mas não são complicados; não são protegidos contra pessoas como eu, pessoas com vozes gentis e títulos como "conselheiro".

– Então, você não é fanática – comenta Chezel. – Isso é um alívio. Não queria mesmo ouvir a discussão sobre como devemos elevar a posição dos oráculos em vez de supervisioná-los.

Quero dizer para ele ir à merda. Quero dizer que ver toda a minha comunidade descobrindo que minha fortuna é ser fatiada ou esfaqueada algum dia foi um pesadelo, que a política de "transparência" da Assembleia foi a razão pela qual meus irmãos foram

sequestrados e meu pai morto. Mas meu dom-da-corrente não permite, e eu realmente não tento forçá-lo. Eles querem que eu seja dócil e doce, então é isso que serei.

E se Ast me encarar o tempo todo, bem, vai ser só mais uma coisa a ignorar.

– Você apareceu do nada, minha querida – diz Harth para Isae. – Onde sua família a escondeu?

– Em uma nave-pirata – responde Isae. Harth solta uma risada tilintante.

Chezel vem na minha direção, e eu entendo a estratégia. Sharva está inclinado em direção a Ast, Harth está cuidando de Isae e Chezel está em cima de mim; eles estão nos dividindo para não podermos nos ajudar. Com que finalidade, não sei.

– O que está achando de Othyr até agora? – Chezel me pergunta.

Dou um gole na minha bebida.

– É… bem-construído – respondo.

– Como assim?

– É projetado para deslumbrar, e deslumbra. Venho de um lugar onde a beleza é mais difícil de se ver. Meus olhos estão treinados para buscá-la, mas aqui acho que posso dar um descanso aos olhos.

– Eu nunca fui a Thuvhe, confesso. É tão frio como dizem?

– Mais frio que isso. Especialmente em Hessa, de onde venho.

– Ah, Hessa – diz ele. – O coração de Thuvhe. Não é assim que chamam?

Ele diz a frase "o coração de Thuvhe" em um thuvhesita forçado, mas preciso.

Eu sorrio.

– Mas o senhor deve saber o resto da citação?

Ele faz que não com a cabeça.

– "Hessa é um lugar de amantes da terra mal-educados, malvestidos e desarticulados que cospem nas mãos para lavá-las" – eu digo. – "No entanto, é o coração de Thuvhe."

Chezel para por um instante e solta uma gargalhada alta. Na pausa, inclino minha cabeça em direção a Isae para ouvir um pouco de sua conversa com Harth. Harth está oferecendo condolências pelo ataque a Shissa. Pedindo detalhes.

– Acha que isso é verdade? – pergunta Chezel.

– Ah, eu não sei – respondo, suavemente. – Às vezes usamos água para lavar as mãos nos meses mais quentes.

Chezel ri de novo. Eu tento de novo ouvir o que Harth está dizendo a Isae. Mas a voz dela é muito baixa, mais como um murmúrio. Estou me esforçando tanto para prestar atenção nela que esqueço de meu dom e consigo sentir a tensão na sala subindo como uma

temperatura que ninguém mais sente além de mim.

– O que perguntei – diz Chezel com a voz um pouco mais dura agora – é se você acha que Hessa é um lugar atrasado? Afinal, você é filha de uma oráculo.

– Não tenho certeza se entendi a conexão – digo com algum esforço. Se ele ficar mais hostil, não vou conseguir falar nada, vou ficar aqui só com a boca abrindo e fechando como um peixe.

– É simples: os oráculos são uma relíquia do passado, não um reflexo de nosso presente – comenta ele. – As pessoas em Othyr fazem sua fortuna, seu destino. Sua importância é determinada por sua indústria, não por serem afortunadas.

– Nenhum de seus colegas conselheiros são de famílias afortunadas? – pergunto.

Seus olhos se movem um instante para o lado.

– Pelo contrário, nosso representante eleito é primo da intendente Harth. Sua parte da família Harth não era "favorecida pela fortuna", como dizem. A fortuna desse homem não é garantia de seu valor nem de sua aptidão, mas as tradições levam algum tempo para morrer.

Concordo com a cabeça. Entendo agora. A intendente Harth quer estar no poder, mas, em vez disso, foi dado poder a seu primo. Ela culpa a fortuna dele; e talvez ela esteja certa, ou talvez ele realmente tenha sido o escolhido para o trabalho, nunca saberei. Mas, de qualquer forma, ela tem inveja, e parece que Chezel também.

– Deve ter sido difícil para a intendente Harth. Como alguém que busca influência, ver essa posição concedida a outro em sua família.

– Ainda há tempo para que todos tenham o que merecem – comenta Chezel.

Uma sineta toca do outro lado da sala, sinalizando para irmos à mesa de jantar. As placas douradas têm cartões sobre eles marcando lugar. Isae e eu temos Harth entre nós, mas Isae arranca o cartão de Harth de seu lugar e o troca pelo meu, com um sorriso. Pega minha mão, cruzando nossos dedos. É um sinal claro de que estamos juntas, mas também é uma desculpa para mudar o assento, tenho certeza. Correspondo com meu sorriso tímido e olhos baixos.

Nós nos sentamos, folhas emoldurando nossos ombros e luzes dançando no ar. Uma fileira de serviçais sai de uma porta escondida, coberta de hera, do outro lado da sala e traz os pratos até nós. É como uma dança, todos os movimentos sincronizados. Eu me pergunto se precisam praticar.

– Esqueci de perguntar, chanceler, se você ou seus conselheiros gostariam de aproveitar os excelentes médicos de Othyr enquanto estiverem aqui. Oferecemos exames de saúde

como cortesia a nossos ilustres convidados – diz Harth, como se eu fosse uma janela entre eles, e não um corpo.

– Por mais que os médicos de Thuvhe sejam medíocres –, diz Isae com voz firme –, não precisamos, obrigada.

Seu sotaque está começando a vazar em sua voz treinada, e eu sei que ela odeia. Divido meu foco, enviando água para ela e envolvendo os outros com delicadeza. Tenho que forçar bastante para sentir a tensão nas condições da sala, mas ela resiste. Ast olha para mim.

– Eu não sei se Isae… ah, quero dizer, a chanceler Benesit. – Eu paro, deixando-me corar. Uma bela exibição para os othyrianos. – Não sei se a chanceler Benesit lhe contou, intendente Harth, mas fui para a escola de química antes de ser conselheira de Sua Alteza. Sou razoavelmente boa em preparar flores-do-gelo como remédio.

– É mesmo? – diz Harth, parecendo entediada. – Que fascinante.

– Minha pesquisa foi na área de decompor flores-do-gelo em seus elementos básicos – digo, colocando sobre Harth, em especial, camadas de um tecido pesado, firme. Ela parece precisar de mais do meu dom-da-corrente. – Tenho certeza de que seria útil para Othyr, já que depende muito de nós para obter seus ingredientes mais potentes.

– Sim – diz Isae. – Presumo que vocês ainda não tiveram sucesso em cultivar flor-do-gelo aqui em Othyr?

– De fato, não tivemos – admite Harth. – Parece que só crescem em seu planeta. É muito estranho.

– Ah, bem, Thuvhe é um lugar estranho, sempre mudando – digo. – Ficamos muitos lisonjeados por vocês se interessarem por nós.

Isae olha para mim de esguelha, como se não tivesse certeza do que eu estava planejando. Deixei meu comentário pendendo, desajeitado, entre mim e Harth.

– Claro – diz Harth. – Só desejamos oferecer nosso apoio.

– O que a senhora quer dizer quando fala em "apoio"? – pergunta Ast e, pela primeira vez, fico feliz por ele estar aqui. Ele pode fazer as perguntas que meu dom-da-corrente não me permite. – Desculpe – continua ele, apoiando os cotovelos na borda da mesa. – Não sou bom com boas maneiras, ou o que quer que seja… quando quero saber de algo, simplesmente pergunto.

– Uma qualidade admirável, Ast – diz Harth. Provavelmente uma indireta para mim, e me magoa. – Nossa intenção era, na verdade, perguntar à chanceler Benesit o que Thuvhe precisa nessa luta contra Shotet. Temos uma grande quantidade de recursos à disposição.

Ast olha para Isae e dá de ombros.

– Armas – diz ele.

– Ast – Isae diz seu nome como um alerta. – Ainda não concordamos que seja necessário.

– Quer dizer, continue hesitando o quanto quiser, Isae – retruca ele. – Mas, no fim das contas, precisaremos revidar. Pitha nos deu um canhão anticorrente, e talvez precisemos de outro para começar. Naves melhores também, provavelmente, já que as de Thuvhe estão desatualizadas e são lentas… e não podem nem carregar a maldita arma.

Harth ri. Chezel e Sharva se juntam.

– Bem – diz Chezel. – Esses pedidos não parecem muito difíceis de atender, certo, intendente?

– Não – responde ela com um sorriso. – Ficaremos felizes em lhes dar o que precisam, desde que a chanceler Benesit concorde.

– Embora eu prefira que meus conselheiros lidem com as coisas com mais delicadeza – fala Isae em tom agudo –, Thuvhe precisa se proteger. Seria útil ter outra arma de longa distância para usar contra Shotet, para evitar ter que lutar em uma guerra em terra ou no ar… como último recurso, entende? As habilidades de combate deles são bastante avançadas, como todos sabemos. E nenhuma de nossas naves está equipada para usar uma arma assim.

– Então, está resolvido – diz Chezel, erguendo seu copo.

Minha garganta parece apertada. Eu me esforço contra esse aperto, lutando para fazer um som, qualquer som. Finalmente, a única coisa que consigo pensar é em bater com o punho na mesa. Aperto a mão de Isae com tanta força que estalo os nós dos dedos.

– Espere um momento – diz Isae. – O dom-da-corrente de Cisi infelizmente a impede de falar livremente em algumas situações, e ela claramente tem algo a dizer.

– Obrigada – consigo falar. – Estou curiosa com uma coisa.

– O que é, querida? – pergunta Harth. Não gosto de seu tom, que faz com que me sinta com um izito de altura.

– Meu pai me dizia para não confiar em nenhum acordo em que uma pessoa ganha mais que a outra – respondo e levanto a sobrancelha. Não consigo fazer a pergunta, mas sinto que já cheguei perto o suficiente.

– Boa observação – diz Isae em voz baixa. – O que Othyr espera em troca por sua generosidade?

– A derrota de uma praga que se espalha em toda a galáxia não é recompensa

suficiente? – questiona Harth.

Faço que não com a cabeça.

– Não há precedente para este nível de cooperação entre nós – diz Isae. – Mantemos uma relação neutra porque dependemos uns dos outros para o bem de othyrianos e thuvhesitas, mas…

– Mas muitas vezes estamos em lados diferentes de questões específicas, sim – completa Harth.

– De forma mais observável… – diz Sharva, falando pela primeira vez. Sua voz é um estrondo, mas fina, nada encorpada. – De forma mais observável na decisão de liberar as fortunas das linhagens afortunadas ao público.

– Sim – diz Isae. – Uma decisão que afetou meu planeta desproporcionalmente, já que não temos uma, mas *três* famílias afortunadas.

– No entanto, Othyr mantém sua decisão – diz Sharva. – E deseja pressionar para uma supervisão ainda maior dos avanços dos oráculos.

Ast se recosta. Seu rosto é ilegível, mas, para mim, ele não parece desconfortável. Acho que sempre presumi que ele não gostava de mim por causa de meu dom-da-corrente, mas talvez tenha a ver com o fato de minha mãe ser uma oráculo também. Talvez ele esteja do lado de Othyr nesse sentido.

– E vocês querem o apoio de Thuvhe – falo. – Em troca de armas.

Está claro para mim agora o que a oráculo Vaera queria dizer. *Não confie nos othyrianos. Não deixe ela concordar com isso, não importa o que vai fazer*. Tem que ser o "isso" que ela estava falando, uma promessa de apoio.

– Esperávamos que o apoio a Thuvhe agora encorajasse vocês a repensar sua posição sobre os oráculos – esclarece Sharva. – Sabemos que Thuvhe não é um planeta-nação extremamente fiel à fortuna; que também deseja abraçar o futuro desta galáxia e prepará-la para o sucesso, e não para o fracasso.

– De que tipo de supervisão dos oráculos vocês estão falando? – pergunta Isae.

– Simplesmente queremos estar cientes do que os oráculos discutem e dos planos que fazem, considerando o futuro que estão vendo – responde Harth. – Eles tomam decisões regularmente que afetam a todos nós. Queremos saber quais são essas decisões. Queremos ter acesso às informações que eles possuem.

Eu me sinto… silenciosa. Nada diferente do jeito que me sinto quando Akos segura minha mão, como se toda a corrente ficasse silenciosa ao meu redor. Nas últimas semanas, vi minha mãe manipular Akos para matar uma pessoa só porque ela queria que o homem

desaparecesse. Eu a vi deixar minha mais antiga amiga morrer quando provavelmente poderia tê-lo evitado. Ela diz que essas ações foram para o bem maior. Mas e se não concordarmos com o que é esse "bem maior"? Ela deveria decidir sem ninguém acompanhar essa decisão?

Até mesmo o aviso que a oráculo Vaera me deu é manipulação. Que futuro Vaera está testando? Está trabalhando pelo meu melhor interesse, pelo de Thuvhe, de Ogra ou dos oráculos? *Não deixe ela concordar com isso*. Eu deveria ouvir ou não?

Mordo o lado de dentro da bochecha.

– Quem poderá acessar essas informações? Qualquer um que deseje? – pergunta Isae. – A ampla divulgação da fortuna não foi boa para muitos em meu planeta.

– Serão limitadas, claro, à Assembleia – explica Harth. – Não queremos pôr o público em perigo.

A cabeça de Isae sobe e desce lentamente.

– Gostaria de pedir um tempo para conversar com meus conselheiros – diz Isae. – Se vocês não se importarem.

– Claro – concorda Harth. – Vamos comer e passar a tópicos mais leves. Podemos conversar de manhã, quando você tomar sua decisão.

Isae inclina a cabeça, assentindo.

CAPÍTULO 40 | CISI

– NÃO SEI POR QUE PRECISAMOS CONVERSAR SOBRE ISSO – diz Ast, grosseiro.

Estamos nos aposentos temporários de Isae, em Othyr. Ele está em pé contra uma parede de luz; uma janela tão larga e limpa que parece nem estar lá. O Sol está se pondo atrás dos prédios de vidro de Othyr, a luz refletindo uma dúzia de vezes para que toda a cidade brilhe em laranja. Quando chegamos aqui, Ast desabotoou os punhos de sua roupa, então eles agora batem nos pulsos sempre que ele gesticula.

Suspiro e esfrego minhas têmporas com as duas mãos. Por mais que Ast finja ser um mecânico de classe baixa da borda, ele não é idiota; ele sabe que não é uma troca simples, a ajuda othyriana em troca de uma promessa. É um ponto de inflexão para o tipo de nação que vamos ser. Inimigos de Othyr… ou inimigos dos oráculos.

E, então, há a questão das armas.

– Acabei de me comprometer com Cyra Noavek antes de pressionarmos Ogra para a deportação dos shotet – comenta Isae. – E agora você quer que eu busque uma resposta agressiva em vez de diplomática. É por isso que precisamos conversar.

– Diplomacia. – Ast bufa. – Shotet recorreu a uma solução diplomática em Shissa?

O quarto já está tão tenso que não consigo falar. Sinto a tensão como ar úmido de uma estufa preenchendo minha boca. Tento contê-lo com uma pressão desajeitada do meu dom-da-corrente, enviando a sensação de água para todos os lugares como um balde virado. A boca de Ast se contorce de repulsa, e eu recuo um pouco.

– Deixando de lado a questão do armamento por um momento – digo com gentileza –, há também a questão da supervisão dos oráculos.

– Não dou a mínima se Othyr quiser ficar de olho nos oráculos – diz Ast. – Por que você se importa?

– Esse é o problema: *Othyr* vai ficar de olho neles, e mais ninguém – diz Isae. – Você

não conhece essas pessoas como eu. Othyr exerce uma quantidade extraordinária de controle sobre a Assembleia. Se a informação reunida pela supervisão dos oráculos for liberada apenas para a Assembleia, ela estará essencialmente dando a Othyr controle sobre as fortunas, e não aos oráculos, o que significa trocar um problema por outro.

– Você está indecisa – comenta Ast. – Tem sido assim desde que éramos crianças. Não quer fazer nada, a menos que possa praticamente garantir o resultado.

Abro minha boca, mas não sai nada. Nem uma palavra, nem um som. Isae está muito focada em Ast para notar minha dificuldade. *Não permita*, vem a voz de Vaera em minha mente. *Caramba, o que devo fazer para impedi-la?*, pergunto para ela na minha cabeça. *Não consigo nem falar!*

– Pedi a você para vir aqui porque pensei que se manteria honesto comigo – diz ela para Ast. – Mas precisa reconhecer que não tem experiência com tudo isso.

– É porque não tenho experiência que posso deixar claro para você – diz ele, aproximando-se.

Água, água, penso. Lembro-me de afundar no fundo da piscina aquecida do templo quando minha mãe me ensinou a nadar, como a pressão da água ao redor da minha cabeça fora agradável. Um aperto suave.

– Não sei de política, é verdade – diz ele, mais calmo agora. – Mas eu conheço os shotet, Isae. Nós dois conhecemos.

Ele toca a ponta dos dedos na chave de fenda que mantém ao seu lado como uma faca.

– Eles tiraram minha família de mim – continuou ele –, e eles tiraram sua família de você. Prometeram uma limpeza pacífica e depois recorreram a assassinato e roubo. Isso é quem eles são.

Ele estende as mãos, palmas para cima, e ela coloca as dela em cima das dele, deixando-o apertar seus dedos com suavidade.

– Você prometeu dar à Noavek uma semana antes de agir. Não prometeu que ação tomaria – diz ele. Ast criou uma espécie de bolha em volta deles, e eu não estou dentro dela. – Se ela não conseguir matar Lazmet Noavek, você terá de agir, e a deportação de exilados shotet não será suficiente. Lembra-se dos nomes? Os nomes que você vem recitando?

Isae pisca para refrear as lágrimas.

– Tantas pessoas – diz ela.

– Sim – confirma ele. – Muitas pessoas. Não pode acontecer de novo, Isae. Você não pode permitir.

Meu rosto está quente de raiva. Ele está usando a dor dela, a tristeza pela perda que Thuvhe sofreu, assim como a perda que ela mesma sofrera. Ela não está bem desde a morte de Ori. Está se afogando em mágoa. E ele está se aproveitando disso.

– Precisamos de armas mais fortes – insiste ele. – Não podemos nos envolver em uma guerra terrestre com os shotet, porque vamos morrer. Sei que apoiar Othyr pode levar a algo que você não gosta. Mas nem terá a chance de lutar essa batalha se não vencer a primeira.

Ela está meneando a cabeça para Ast quando escapo do quarto. Tenho que fazer alguma coisa. E se meu dom-da-corrente não me deixa falar, terei de arranjar outra maneira.

Entrar em contato com Ogra não é difícil. É só uma questão de encontrar Cardenzia. Espero até a tarde virar noite antes de procurá-la. Toco seu braço, gentilmente, enquanto explico que minha mãe está em Ogra visitando a oráculo ograna e quero ter certeza de que ela está bem. Mantenho meu sorriso largo e uso meu dom-da-corrente para envolvê-la em um tecido fino, do tipo que desliza sobre a pele.

Eu devo estar ficando mais forte com toda essa prática, porque ela relaxa imediatamente sob a influência do dom-da-corrente e me leva à torre de comunicação. Seu código de segurança me dá acesso ao satélite, e eu ofereço minha gratidão – com outro toque de tecido.

Sento-me na cadeira de transmissão, que é de metal com espaldar fixo para impedir que as pessoas fiquem se mexendo enquanto enviam mensagens. A sala está cheia de técnicos, mas isso não importa. Eles não falam thuvhesita. Os othyrianos aprendem línguas mais comuns, como pithariano ou trellano, não nossa língua sedosa e soprada.

– Esta mensagem é para Cyra Noavek – digo para a câmera que captura meu rosto e voz. – Isae Benesit está considerando uma ação agressiva. Othyr pretende fazer uma jogada contra os oráculos e irá solicitar o apoio de Thuvhe em troca de armas. Ela… ela está enlutada. Está desesperada. Todos nós estamos. E, no fundo, não acho que ela vá acreditar na palavra de uma shotet.

Olho para baixo.

– Você não pode falhar. Mate Lazmet Noavek. Não falhe. Transmissão encerrada.

Toquei na tela à minha frente para começar a comprimir a gravação ao menor arquivo de dados possível. A nave-satélite ograna entrega dados para a superfície de Ogra uma vez por dia, então Cyra o receberá até amanhã, se é que vai vê-lo.

– O que foi aquilo?

É o Ast.

Uso o espaldar fixo da cadeira para firmar minhas mãos quando fico em pé. Não sei quanto de minha mensagem ele ouviu.

Aliso minha saia e me viro para ele. Ele está desgrenhado, como se tivesse corrido até aqui, o besouro zumbindo em um círculo rápido em torno de sua cabeça antes de descer pelo perímetro da sala e voar em um círculo apertado ao redor do meu corpo.

Seus olhos estão desfocados e imóveis, como sempre, mas sua testa está franzida.

– Porque parecia que você estava dando aos nossos inimigos informações confidenciais sobre as negociações de Thuvhe com Othyr – disse ele. Sua voz treme de raiva. Preciso ter cuidado.

– Você… – começo, mas não consigo ir mais longe. Ele está com muita raiva. Meu dom-da-corrente é forte demais. Eu luto contra ele, trabalhando com os músculos da garganta, com a boca. Na minha cabeça há uma série de xingamentos silenciosos. Por que esse dom, por que agora, por que…

– Cancele essa mensagem! – grita ele para uma técnica. – Ela contém informações confidenciais que não devem ser compartilhadas.

A técnica olha de Ast para mim.

– Sinto muito, mas seja o que for – diz ela –, não quero estar no meio disso.

Com o toque de uma tela e a pressão de um botão, minha mensagem, meu último chamado desesperado para Cyra, desapareceu.

Tento pensar em uma textura atual que eu não usei contra ele antes. Cobertores e suéteres nunca funcionavam nele. Delicadeza é uma perda de tempo. A água não o afeta. Eu gostaria de saber mais sobre a borda, ou sobre a nave onde ele cresceu para que eu pudesse descobrir o que o acalma.

– Você tenta controlá-la com o poder maligno que chama de dom – diz ele. – E agora você a trai com as pessoas contra as quais ela está lutando?

Você também tenta controlá-la, quero dizer.

Ela poderia combatê-los sem explodir a cidade deles, quero dizer.

Ele dá uma ordem ao besouro em uma língua que não conheço, e o bichinho pousa no meu ombro, soltando seu assobio agudo. Ele segue o som, agarrando meu braço. Eu recuo, mas ele é muito forte.

– Ei – diz um dos técnicos. – Solte-a ou terei que chamar a segurança.

Ast me solta, e eu saio cambaleante da sala e entro no corredor, trêmula. Meio que caminho, meio que corro de volta ao quarto de Isae, que fica bem ao lado do meu. Estou

prestes a bater quando vejo que a luz dela já está apagada; ela está dormindo.

Quero chegar até ela antes de Ast. Encontre uma maneira de explicar o que eu fiz que faz Ast parecer irracional e paranoico. Se eu falar com ela primeiro, talvez eu possa desestabilizar qualquer que seja o argumento que ele tenha, talvez…

Preciso pensar nisso. Vou para o meu quarto, para jogar água no rosto, tomando o cuidado de trancar a porta.

Vou até o banheiro anexo ao meu quarto e enfio a cabeça na pia. Bebo direto da torneira, e a água corre para dentro do meu ouvido. Quando minha garganta se alivia, tateio cegamente em busca da toalha e a aperto contra o meu rosto. Acho que estou ouvindo alguma coisa. Estalando.

Quando puxo a toalha para baixo, Ast está em pé atrás de mim.

– Você sabe o que os filhos do mecânico aprendem a fazer? – diz ele em voz baixa. – Abrir fechaduras.

Meu dom-da-corrente me sufoca. Não importa que eu esteja em perigo; não importa se o caso é de sobrevivência. Apenas me estrangula, me impedindo de gritar. Pego o copo perto da pia para que eu possa quebrá-lo, fazer um barulho. Enquanto me apresso para fazer isso, ele se lança sobre mim. Algo reluz prateado em seu punho.

Ele é forte. Sua mão é grande o suficiente para segurar meus dois pulsos. As mãos tateiam sobre mim, encontram meus ombros. Eu derrubo o copo, e ele não se quebra. Ele me levanta até eu ficar na ponta dos pés, e eu o mordo, encontrando a carne de seu braço. Eu mordo o mais forte que consigo, com tanta força que ele geme quando sua pele se rasga.

Uma dor quente se espalha na lateral do meu corpo. Minha camisa se agarra, molhada, às minhas costelas. No espelho vejo um vermelho feroz se espalhando pelo meu corpo da mesma forma que se espalhara pela cabeça do meu pai. É a cor das flores-sossego, a cor dos vestidos do Florescimento e da cúpula de vidro do Templo de Hessa. Vermelho, a cor de Thuvhe.

Ele me apunhalou.

É isso. *A primeira criança da família Kereseth sucumbirá à lâmina.*

Essa é minha fortuna, finalmente.

Ele me deixa cair, gemendo sobre o braço, que sangra em um meio círculo onde eu o mordi. Caio pesadamente no chão. Não fiz nenhum som. Ninguém virá me pegar se eu não fizer nenhum barulho. Alcanço o copo caído enquanto Ast tenta estancar o fluxo de sangue de seu braço.

Vou desmaiar. Mas ainda não. Levanto o copo e, usando toda a força que me resta, bato contra o chão de pedra o mais forte que consigo. Ele se quebra.

4

Ogra. Substantivo. Em ograno: "A escuridão viva."

Ogra. Substantivo. Em ograno: "A escuridão viva."

CAPÍTULO 41 | AKOS

Ninguém lhe trouxe comida.

A cela era luxuosa, o máximo que celas conseguiam ser. Uma cama macia com cobertor pesado. Uma banheira no banheiro, bem como chuveiro. Um tapete grosso no chão de madeira. Em princípio, era apenas um quarto com uma fechadura sofisticada, uma que Akos sabia que poderia desmontar se tivesse tempo, mas em seguida teria uma casa cheia de soldados para enfrentar.

Bebeu água da torneira quando precisou, mas a comida não vinha, e ele não era estúpido a ponto de pensar que não tinha sido de propósito. Se Lazmet o quisesse alimentado, teria sido alimentado. Estavam exaurindo seu dom-da-corrente.

De manhã, depois que acordou, a porta finalmente se abriu. Akos estava de pé junto à janela, pensando em como seria ruim se ele saltasse por ela e fugisse. Não era uma decisão inteligente, ele sabia: quebraria as duas pernas e seria pego por uma dúzia de guardas, mesmo que conseguisse se afastar.

Um homem alto com rosto marcado e uma mulher baixa de cabelos brancos entraram na sala. O homem era Vakrez Noavek, o comandante das Forças Armadas shotet, que tinha providenciado a educação de Akos como soldado. A mulher parecia familiar para Akos, mas ele não se lembrava de seu nome.

– Não entendo – disse Vakrez, estreitando os olhos para Akos.

– Ah, você entende, Vakrez – disse a mulher com humor na voz. – Só os Noavek são tão altos e magros assim. Como vidro quente esticado. Obviamente é filho de Lazmet.

– Olá, comandante – disse Akos a Vakrez, meneando a cabeça.

– Vou dizer para ele seu nome e de onde você veio, sabe? – disse Vakrez. – Então, para começar, por que evadir?

– Ganhei tempo – respondeu Akos.

– Então, vocês dois se conhecem – comentou a mulher, sentada em uma cadeira junto à lareira. Akos pensou em escalar a chaminé para sair, mas, depois de investigar, descartou a possibilidade. Era muito estreita para ele caber.

– Ele era soldado. Não foi um soldado muito bom – explicou Vakrez com um grunhido.

A mulher levantou uma sobrancelha.

– Meu nome é Yma Zetsyvis, garoto. Acho que não fomos formalmente apresentados.

Akos franziu o cenho para ela. Ele a conhecia. Seu marido e sua filha foram submetidos ao dom-da-corrente de Cyra antes de morrerem, e ela ficou colada a Ryzek depois disso.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele. – Pensei que fosse leal a Ryzek. E agora simplesmente… muda para o lado de seu pai antes que o corpo do outro esfrie?

– Eu sou fiel à minha família – disse Vakrez.

– Por quê? – disse Akos. – A mãe de Lazmet não matou sua mãe? – Ele fez uma pausa. – Por que ainda está vivo? Pensei que ela havia matado todo mundo, inclusive os primos.

– Ele é útil – respondeu Yma, empurrando uma mecha de cabelo branco sobre o ombro. – Por isso está vivo. Assim são os Noavek. É por isso que estou viva, e também é por isso que *você* está vivo, garoto.

Vakrez franziu o cenho para ela.

– Que serventia tem para um homem como Lazmet Noavek, senhor? – Akos não pôde deixar de acrescentar o tratamento formal. Estava acostumado a ver Vakrez Noavek como essa coisa blindada e autoritária. Alguém a ser temido.

– Eu leio corações – explicou Vakrez, parecendo desconfortável. – Lealdades. Outras coisas. É difícil de explicar.

– E você? – Akos perguntou a Yma.

– Ele lê corações, e eu os arranco. – Yma examinou as unhas. – Fomos enviados para avaliar você, se pudermos.

– Estenda a mão, garoto – ordenou Vakrez. – Tenho outro trabalho a fazer hoje.

O estômago de Akos roncou de fome, mas ele não conseguia sentir o zumbido da corrente, então sabia que seu dom não havia falhado ainda. Estendeu a mão e Vakrez o agarrou pelo pulso, puxando-o para mais perto. Ele fitou nos olhos de Akos, estreitando os olhos, apertando. Sua pele era quente e áspera.

– Nada – disse Vakrez. – Vai precisar de mais tempo de fome. Talvez uma surra ou duas, se Lazmet estiver impaciente.

– Eu disse a ele que era cedo demais – comentou Yma. – Ele não deu ouvidos, claro.

– Ele só ouve as pessoas que ele respeita – falou Vakrez. – E ele só respeita a si mesmo.

Yma levantou-se, endireitando o vestido. Usava um cinza-claro, um pilar pálido contra a madeira escura da mansão Noavek. Não tinha certeza do que fazer com ela, o jeito com que seus olhos brilhantes se demoravam nele, o jeito com que ela franzia os lábios enquanto o olhava. Como se quisesse dizer alguma coisa, mas não conseguisse descobrir o que era.

– Descanse um pouco, garoto – sugeriu ela. – Você vai precisar estar descansado.

Ele não comeu durante dias.

Vakrez o visitava de vez em quando para ver se o dom-da-corrente de Akos havia sido interrompido. Mas ainda se agarrava a ele, mesmo agora, quando estava fraco demais para fazer algo além de se sentar ao lado do fogo da lareira até que ele diminuísse e atiçar as chamas novamente.

Era onde ele estava quando Yma entrou em seu quarto novamente. Ela usava um traje azul tão pálido quanto seus olhos, envolto artisticamente em torno de seu corpo magro. O efeito combinado de seu cabelo claro, pele pálida e roupas claras quase a fez brilhar no escuro. Ele não se levantou para acender as luzes, então apenas o fogo iluminava o quarto.

Ela se sentou na cadeira ao lado dele, cruzando as mãos sobre o colo. Parecia confiante quando estivera ali com Vakrez antes, mas agora se balançava para frente e para trás um pouco, enroscando os dedos no colo. Não olhou para Akos quando começou a falar.

– Ele me tirou de casa quando desenvolvi meu dom-da-corrente – disse ela. Não havia dúvida de que o "ele" de quem ela falava era Lazmet.– Eu tinha uma irmã e minha mãe vivas – continuou. – Tinha uma posição baixa. Uma ninguém. Ele me deu roupas, comida e vacinas… só por essas coisas eu não o teria recusado, mas também ninguém recusa Lazmet Noavek, ou acaba…

Ela estremeceu ligeiramente.

– No entanto, como ele me forçou a me distanciar da minha família, eu estava protegida quando se voltaram contra ele, por assim dizer. Minha irmã Zosita ensinava línguas, sabe, em segredo. – Yma riu baixinho. – Imagine isso. Tornar-se um inimigo do Estado só porque você *ensina* alguma coisa.

Akos olhou para ela.

– Eu não sou bom fisionomista – disse ele –, mas *conheço* você de algum lugar? Digo, além de ver você ao lado de Ryzek.

– Você conhece minha sobrinha, Teka – comentou Yma, ainda sem olhar para ele.

– Ah.

– Francamente, estou surpresa que a senhorita Noavek não tinha falado de mim para você. Ela é mais confiável do que eu acreditei ser, suponho. Ela me descobriu na noite anterior, quando derrubou seu irmão. Fui eu que envenenei Ryzek antes de seu confronto no anfiteatro.

– Cyra "descobriu você"? – perguntou Akos. – Como espiã, você quer dizer.

– De certa forma. Estou singularmente posicionada de modo que posso amolecer o coração de uma pessoa a meu favor, se eu ficar perto dela e fizer meu trabalho sutilmente, devagar. É por isso que Ryzek me manteve por perto mesmo quando minha família inteira estava contra ele. Mas é muito mais difícil com o Lazmet. Seu coração é… desconectado de todos, de tudo. Por mais que eu tente, não consigo fazer com que ele se mova um izito em qualquer direção.

Ela se virou para ele finalmente. Akos notou que seus lábios estavam descascando, como se ela o tivesse mordido muitas vezes. A pele ao redor das unhas também estava em carne viva. Ela estava ficando esgotada tentando manter Lazmet ao seu alcance, isso estava claro.

– Você parece decente – comentou ela. – Mesmo com seu afeto pela senhorita Noavek. Mas não confio em outras pessoas. Não confiaria em você se não estivesse desesperada.

Ela fuçou nas dobras do tecido que a envolvia e tirou um saquinho de cordão, do tipo que as pessoas chiques usavam para carregar fichas da Assembleia, a moeda geral do sistema, que as pessoas de Shotet raramente usavam. Ela entregou para ele e, quando ele abriu, sua boca se encheu de água.

Ela lhe trouxera carne seca. E pão.

– Temos que encontrar o equilíbrio certo – explicou ela. – Você não pode parecer estar com saúde vigorosa, ou ele vai suspeitar de alguém. Mas precisa que seu dom-da-corrente funcione. E, neste momento, ele está em frangalhos.

Foi necessária toda a força de vontade de Akos para não enfiar o pedaço inteiro de carne seca na boca de uma só vez.

– Vou te ensinar o que fazer com ele quando eu vir aqui. Vou ensiná-lo a fingir para ele que o que estou fazendo com o seu coração está funcionando – disse ela. – Ultimamente tenho sido boa em fingir.

– Por que está fazendo isso?

– Você é a única pessoa que já conheci que ele não consegue controlar com seu dom-da-corrente. O que significa que você é a única pessoa que pode matá-lo.

Os olhos dela estavam arregalados. Ela agarrou o braço dele antes que ele pudesse levar

o primeiro bocado aos lábios.

– Preciso da sua palavra de que você estará comprometido com isso. Sem titubear – disse ela. – Vai fazer o que eu digo, exatamente como eu digo, mesmo que o que eu lhe disser o horrorize.

Akos estava desesperado demais por comida para realmente pensar naquilo e, além disso, ele não tinha muitas opções.

– Sim – confirmou ele.

– Sua palavra – disse ela, sem soltá-lo.

– Dou a minha palavra – prometeu ele. – Farei o que for preciso para matá-lo.

Ela afastou a mão.

– Bom – disse ela e voltou a olhar para o fogo enquanto ele comia desesperado.

CAPÍTULO 42 | CYRA

AQUELES QUE VENDIAM SUAS MERCADORIAS em carrinhos ao longo da rua principal de Galo estavam arrumando as coisas para o dia. Parei para observar a mulher que vendia esculturas de vidro soprado – pequenas o bastante para caber na palma da mão – envolvê-las em tecido e colocá-las em uma caixa de um jeito carinhoso. As tempestades logo viriam, mas eu não veria outra tempestade em Ogra.

Segui em frente, em direção ao estaleiro onde Teka havia deixado sua embarcação de transporte para guarda e conserto. Passei por um homem acenando carne defumada na minha cara e vendendo mudas que avançavam e mordiam o que quer que chegasse perto delas. Eu sentiria falta da agitação deste lugar, assim como das ruas de Voa, mas sem a sensação de medo que eu tinha lá.

Passei o último dos carrinhos – cobertos com cestos de castanhas torradas de todas as variedades, inclusive algumas de outros planetas – quando vi um homem agachado no meio da rua, segurando a cabeça. Sua camisa estava esticada sobre os ombros, mostrando os ossos da coluna. Não o reconheci como Eijeh até já ter me aproximado. Recuei ao reconhecê-lo, puxando a mão de volta de seu ombro mesmo antes de tocá-lo.

– Ei – falei em vez disso. – *Kereseth*. O que foi?

Ele se contorceu ao ouvir seu nome, mas não respondeu, então segurei seu ombro e o empurrei um pouco.

– Eijeh – chamei.

O nome ainda era difícil de dizer, o único padrão de consoante e vogal em thuvhesita com o qual ainda tinha dificuldade. Embora parte de mim soubesse que Eijeh Kereseth era de fato meu irmão, eu estava igualmente certa de que nunca poderíamos ser irmãos, porque eu mal conseguia dizer seu nome.

Ele levantou a cabeça, seus olhos marejados. Isso, pelo menos, era uma visão familiar.

Eijeh sempre tinha propensão a chorar, ao contrário do irmão.

– O que foi? – perguntei a ele. – Você está mal?

– Não – ele se forçou a falar. – Não, nós nos perdemos. No futuro. Eu sabia que iria… eu sabia que era o pior resultado, mas eu tinha que ver, tinha que saber…

– Vamos – falei. – Vou te levar para sua mãe. Tenho certeza de que ela pode ajudar.

Eu não podia tocá-lo – não em Ogra, onde meu dom-da-corrente ficava mais forte –, mas peguei um pedaço de sua camisa, para puxá-lo. Ele se pôs de pé, enxugando os olhos com as costas da mão.

– Sabe – falei –, minha mãe costumava me dizer que aqueles que procuram a dor…

– Sempre vão encontrá-la, eu sei – completou ele.

Fiz uma careta.

Era algo que só Ryzek saberia.

Certamente tinha sido em uma das memórias que Ryzek deu a Eijeh.

Enquanto ele limpava os olhos, vi que suas unhas estavam roídas até o limite e as cutículas estavam mastigadas e não tinham conserto. Também um hábito do meu irmão. Ele poderia ter aprendido um hábito a partir de lembranças?

Puxei-o pela manga da camisa até a acomodação temporária que eu sabia que os ogranos tinham dado a ele e a Sifa. Era melhor do que o que eu compartilhava com Teka, porque abrigava *oráculos* e ficava bem no meio da cidade. Eu a reconheci pela bandeira – bordada com uma flor vermelha – pendurada na janela que dava para a rua.

Havia uma porta estreita e rangente entre duas lojas que levavam ao local. Tinha sido pintada tantas vezes que nos locais onde a tinta descascava mostrava cores diferentes – laranja, vermelho, verde. A camada superior era azul-escura. Eu a empurrei e puxei Eijeh pelos degraus estreitos até o apartamento acima.

Eu teria batido, mas a porta já estava entreaberta. Sifa estava sentada na sala de estar decorada com tecidos pendurados, alguns grossos e confortáveis, outros finos e transparentes. Suas pernas estavam cruzadas, os pés descalços, os olhos fechados. A própria imagem de um místico.

Minha mãe.

Eu não tinha falado com ela desde a manhã posterior ao encontro com Vaera. Eu a evitei, na verdade, fingindo que conhecer minhas origens não tinha nenhum impacto sobre quem eu era agora. Minha mãe ainda era Ylira Noavek, meu pai ainda Lazmet Noavek, meu irmão ainda Ryzek Noavek. Reconhecer a verdade das minhas origens significava admitir que eles tinham poder sobre mim. E eu não podia admitir.

Eu não admitiria.

Bati na porta, empurrando-a. Sifa se virou.

– O que aconteceu? – disse ela, ficando de pé. Estava olhando para o rosto de Eijeh coberto de lágrimas.

– Eu não… não fiz o que você me disse – respondeu ele, enxugando os olhos novamente. – Não me mantive firme. Isso foi…

Antes que pudessem se perder em suas esquisitices de oráculo, como sempre pareciam fazer quando estavam juntos, eu o interrompi.

– Você é Ryzek? – perguntei a Eijeh.

Eijeh e Sifa me encararam, pálidos.

– Quando você acordou da primeira vez, você disse "nós". "*Nós*" nos perdemos no futuro – falei.

– Não sei do que você está falando – disse ele.

– Ah? – Andei na sua direção. – Então, esse não era o meu irmão delirante e egocêntrico referindo-se a si mesmo com um nobre "nós"?

Eijeh começou a negar com a cabeça.

– Não é meu irmão quem está roendo as unhas, remexendo na comida, girando a lâmina, lembrando de nossa mãe? – questionei.

Eu sabia que minha voz estava alta, talvez alta o suficiente para se ouvir através das paredes, mas não me importei. Eu tinha visto o corpo do meu irmão. Eu o tinha empurrado para o espaço. Tinha limpado o sangue dele do chão. Enterrei minha raiva, minha tristeza, minha pena.

Minhas sombras-da-corrente estavam agora descendo pelos braços, enrolando-se nos dedos e deslizando entre as costuras de minha camisa.

– Ryzek? – perguntei.

– Não exatamente – respondeu ele.

– O quê, então?

– Somos um *nós* – disse ele. – Um tanto de nós é Eijeh, e um tanto de nós é Ryzek.

– Você foi… – Eu me esforcei para encontrar o jeito de dizê-lo. – … parte Ryzek esse tempo todo e não disse nada?

– Depois de ter sido assassinado? – retrucou ele. – Mantenha seu dom-da-corrente longe de mim. – As sombras estavam embaixo e em cima da minha pele ao mesmo tempo, estendendo-se em direção a ele, ansiosas para ser compartilhadas. – E você se pergunta por que as pessoas não gostam de você?

– Eu nunca imaginei isso uma única vez – falei. – E você. – Virei-me para Sifa. – Você não parece surpresa, como de costume. Sabia o tempo todo que talvez houvesse um espião entre nós…

– Ele não tem interesse em espionar – disse Sifa. – Só quer ficar em paz.

– Não faz nem um ciclo que ele assassinou Orieve Benesit para manter Ryzek no poder – falei em voz baixa. – E agora você me diz que ele quer ficar em paz?

– Enquanto o corpo de Ryzek existia, estávamos presos onde estávamos – respondeu Eijeh, Ryzek, o que quer que fosse, inclinando-se para perto. – Sem ele, ficamos livres. Ou ficaríamos, se não fosse por essas malditas visões.

– Essas malditas visões. – Eu ri. – Você, Ryzek, torturou Eijeh, trocando lembranças com ele para conseguir essas visões, se bem me lembro. E agora você as odeia? – Eu ri novamente. – Parece bem adequado.

– As visões são uma maldição – disse ele, parecendo desconfortável. – Elas continuam nos jogando para dentro da vida de outras pessoas, da dor de outras pessoas…

Minha mente parecia um bicho de pelúcia cheio demais, todo o enchimento estourando pelas costuras. Nunca me ocorreu que Ryzek, fosse lá a forma que ele tivesse agora, pudesse não querer o poder que possuía. Mas quando pensei no Ryzek que conheci, aquele que cobria meus ouvidos em corredores escuros e me carregava nas costas por entre multidões de shotet a caminho da nave, não parecia tão estranho.

Mas aquilo não estava certo. Nem Ryzek Noavek nem Eijeh Kereseth mereciam estar livres das consequências do que haviam feito.

– Bem, agora não são apenas as visões que o jogam na dor de outras pessoas – falei. – Porque você vem comigo para Urek.

– Não, não vamos.

Inclinei-me para perto, tão perto que estávamos compartilhando a respiração, e levantei as duas mãos, segurando-as sobre o rosto de Eijeh. Minhas sombras-da-corrente estavam tão densas agora que não tive nenhum problema em mostrar meu poder em todo o seu horror, os tentáculos escuros ondulando sobre minha pele e embaixo dela, me manchando e me envolvendo. A dor gritava através de cada izito meu, mas ter um objetivo sempre me havia me ajudado a pensar dentro da dor.

– Venha comigo – pedi em um sussurro rouco. – Ou eu mato você agora mesmo, com minhas mãos. Você pode ter um pouco da habilidade aprendida de Ryzek, mas ainda está no corpo de Eijeh Kereseth, e ele não é páreo para mim em uma corrida a pé, em uma luta ou mesmo em um maldito enfrentamento.

– Ameaças – rouquejou ele. – Eu diria que seria baixo demais da sua parte, mas nunca foi, não é?

– Eu prefiro pensar nelas como promessas – falei, sorrindo com todos os dentes à mostra.

– Por que você quer que a gente vá?

– Estou fazendo algo que requer conhecimentos sobre os hábitos de Lazmet Noavek – respondi –, e sua mente é uma arca do tesouro.

Ele abriu a boca para contestar, e Sifa o interrompeu.

– Ele vai. E eu também vou. Nosso tempo aqui terminou.

Eu queria discutir, mas meu lado lógico não conseguia administrar aquilo. Não faria mal não ter apenas um, mas dois oráculos a bordo para ajudar em nosso plano de assassinato. Mesmo se fossem meu irmão maligno e a mãe biológica que me abandonou.

Era ridículo.

Assim como grande parte da galáxia.

CAPÍTULO 43 | AKOS

– O MAIS IMINENTE DE NOSSOS PROBLEMAS É VAKREZ – disse Yma.

Akos estava deitado no chão junto à lareira, com a barriga resmungando. Ele havia desmaiado mais cedo enquanto voltava do banheiro e, em vez de se levantar quando Yma entrou, apenas se virou de barriga para cima. Ela deixou outro saquinho de comida na mão dele, e ele a pegou, não de forma tão ansiosa quanto da última vez que ela trouxera. Ele descobriu que metade de uma refeição era quase pior do que nenhuma refeição.

Ainda assim, ele comeu, dessa vez andando de um lado para o outro para poder saborear cada mordida.

– Você não tem controle sobre seu dom-da-corrente?

– Não – respondeu Akos. – Nunca pensei nele como algo que pudesse ser controlado.

– É possível – disse Yma. – Eu estava com Ryzek quando ele ordenou que definhassem seu dom-da-corrente. Ele não tinha certeza de que funcionaria, mas sempre vale a pena tentar se o desejo é desativar o dom de alguém.

– Funcionou – disse Akos. – Essa foi a primeira vez que senti o dom-da-corrente de Cyra.

O pensamento trouxe uma sensação rápida e quente em sua garganta. Ele engoliu.

– Bem – disse Yma. – O fato de ter sido possível desligar o seu dom sugere que você pode ser capaz de ter mais domínio sobre ele agora.

– É? – Ele rolou a cabeça para o lado. – E como é isso?

– Eu lhe disse que minha família veio de baixo. Bem, o que os Noavek parecem entender que os outros na galáxia não entenderam é que pessoas de posição baixa têm tanto valor quanto as outras. Temos histórias longas, linhagens registradas, receitas… e segredos. – Ela rearranjou a saia quando cruzou as pernas para o outro lado. O fogo crepitou. – Ensinamos alguns exercícios que ajudam a pessoa a aprender a controlar seu

dom-da-corrente. Para alguns, obviamente, esses exercícios não funcionam, mas posso ensiná-los a você, se prometer praticar. Dessa forma, vai poder desligar o seu dom-da-corrente para permitir que Vakrez leia seu coração e ligá-lo novamente para resistir ao controle de Lazmet quando chegar a hora.

– O que exatamente Lazmet quer? O que ele disse para você fazer comigo?

– Ele me chama de Vira-Coração – disse ela. – O que eu faço é abstrato demais para se pôr em palavras. Mas consigo mudar a lealdade de uma pessoa ao longo do tempo. Consigo pegar o sentimento cru que está lá, seu amor pela família, por seus amigos ou sua namorada, e mudá-lo de forma a levá-lo a um destino diferente, por assim dizer.

– Isso – disse Akos, fechando os olhos – é horrível.

– Ele quer que eu vire seu coração para ele – disse ela. – Levante-se. Você está gastando meu tempo, e não há muito para desperdiçar.

– Não consigo. Minha cabeça dói.

– Não me importo que sua cabeça doa!

– Você está quase me matando de fome há dias! – ralhou ele.

– Estou – retrucou ela. – Nem todo mundo cresceu rico, sr. Kereseth. Alguns de nós estão familiarizados com a fraqueza e as dores que vêm da fome. Agora. Levante-se.

Akos não podia dizer muito sobre aquilo. Ele se sentou, a escuridão cobrindo sua visão, e ele se virou para ela.

– Melhor – disse ela. – Temos que falar sobre seu jogo do fingimento. Da próxima vez que estiver diante dele, ele espera ver algum tipo de mudança. Você deve se comportar como se esse fosse o caso.

– Como faço isso?

– Finja que sua determinação está enfraquecendo. Não deve ser muito difícil. Deixe-o tirar alguma coisa de você. Algum tipo de informação que ele queira, que não comprometa sua missão. Me conte qual é sua missão.

– Por quê? – Akos franziu a testa. – Você conhece a porcaria da minha missão.

– Você deveria estar repetindo a si mesmo sua missão a cada momento, todos os dias, para não pôr tudo a perder! Me conte qual é sua missão!

– Matá-lo. Minha missão é matá-lo.

– Sua missão é ser fiel à sua família, aos seus amigos, à sua nação?

Akos olhou para ela.

– Não. Não é.

– Ótimo! Agora, o exercício.

Ela levou Akos até uma cadeira e lhe disse para fechar os olhos.

– Crie uma imagem para seu dom-da-corrente – disse ela. – O seu separa você da corrente, então pode pensar nele como uma parede ou uma placa de armadura, algo assim.

Akos nunca tinha pensado muito no poder que vivia por dentro de sua pele, principalmente porque parecia menos a presença do poder do que a ausência dele. Mas tentou pensar nele como uma armadura, do jeito que ela disse. Ele se lembrou da primeira vez em que jogara uma armadura sobre a cabeça – o tipo mais fraco e sintético, quando foi enviado pela primeira vez para treinar no campo de soldados. O peso o surpreendeu, mas, de certa forma, foi reconfortante.

– Pense nos detalhes da aparência. Do que é feita? Sua armadura é feita de diferentes placas costuradas ou é uma peça sólida? De que cor é?

Ele se sentiu estúpido, pensando em uma armadura imaginária, escolhendo cores como se estivesse decorando uma casa em vez de tentar planejar um assassinato. Mas fez o que ela disse, invocando uma armadura azul-escura, porque era a cor de sua armadura shotet, e revestida pelo mesmo motivo. Pensou nos arranhões e amassados de sua armadura real, os sinais de que ele a colocara em bom uso. E os dedos ágeis de Cyra quando ela prendeu as correias pela primeira vez.

– Como se sente? É lisa ou áspera? É rígida ou flexível? Está fria ou quente?

Akos franziu o nariz para Yma, mas não abriu os olhos. Lisa, rígida e quente como o pelo de kutyah que ele usava no passado para se proteger do frio. O pensamento naquele velho casaco, com o nome dele escrito na etiqueta para que ele não se misturasse com o de Cisi, o fez sentir dor.

– Guarde a imagem mais vívida que puder de seu dom-da-corrente. Vou colocar a mão em você em três… dois… um.

Os dedos frios dela pressionaram o pulso dele. Ele tentou pensar em sua armadura shotet de novo, mas foi difícil, com suas lembranças todas confusas, Cisi tentando enfiar seus longos braços no casaco de uma criança, Cyra segurando seu ombro firme enquanto puxava as tiras da armadura.

– Você não está focado – comentou Yma. – Não temos tempo para trabalhar nisso, então você terá que praticar sozinho. Tente imagens diferentes e um pouco de autodisciplina.

– Eu sou disciplinado – retrucou ele, abrindo os olhos.

– É fácil ser disciplinado quando se está bem alimentado e saudável – retorquiu ela. –

Agora você precisa aprender quando seu cérebro mal está funcionando. Tente de novo.

Ele imaginou, dessa vez, seu casaco de pele de kutyah, em Thuvhe, que era outro tipo de armadura contra o frio. Sentiu cócegas na nuca, onde o casaco terminava e o chapéu começava. Tentou essa imagem mais duas vezes antes de Yma verificar o relógio delicado que usava em volta do pulso e anunciou que tinha que ir embora.

– Prática – ela lhe disse. – Vakrez virá até você mais tarde, e você precisa ser capaz de fingir.

– Eu preciso dominar isso até *hoje à tarde*? – questionou ele.

– Por que você tem essa expectativa de que a vida lhe fará concessões? – Ela franziu o cenho. – Não temos promessas de tranquilidade, conforto ou justiça. Apenas de dor e morte.

Com isso, ela foi embora.

Os discursos dela são quase tão encorajadores quanto os seus, disse para Cyra em sua mente.

Ele tentou praticar o que Yma lhe ensinara. Tentou. Só que não conseguia se concentrar em uma coisa por mais do que alguns minutos de cada vez. Então, não demorou muito para que vacilasse.

Andou ao redor da sala, parando para observar as ripas nas coberturas das janelas, que eram da mesma madeira escura do chão. Eram barras elegantes para um prisioneiro, pensou.

Não pensara muito em seu pai desde sua morte. Toda vez que surgiam pensamentos sobre ele, eram uma intrusão, e ele voltava seu foco para a missão maior de resgatar Eijeh, como havia prometido. Mas naquele lugar, faminto e confuso, ele não podia fazer muito para impedi-los. O jeito que Aoseh gesticulava – grande e desajeitado, derrubando coisas da mesa ou batendo na cabeça de Eijeh por engano. Ou como cheirava a folhas queimadas e óleo das máquinas nos campos de flor-do-gelo. Na única vez que gritou com Akos por ter tido um resultado ruim em uma prova e desmoronou em lágrimas quando percebeu que tinha feito o filho mais novo chorar.

Aoseh era grande e confuso com suas emoções, e Akos sempre soube que seu pai o amava. Ele se perguntou mais de uma vez, no entanto, por que ele e Aoseh não eram parecidos em nada. Akos mantinha tudo em segredo, até coisas que não precisavam ser secretas. Esse instinto de contenção, percebeu, o tornava mais parecido com os Noavek.

E Cyra – quase explodindo com energia, opiniões e até raiva – era mais parecida com o pai dele.

Talvez por isso fosse tão difícil não a amar.

Vakrez entrou, e Akos não sabia ao certo quanto tempo o comandante ficou lá antes de pigarrear. Akos ficou piscando para ele por alguns instantes, depois se sentou pesadamente na beira da cama. Queria pensar em uma imagem melhor para seu dom-da-corrente. Não tinha feito isso. Agora, Vakrez descobriria que Akos estava recuperando sua força, e ele ficaria desconfiado.

Merda, pensou Akos. Yma sugerira uma armadura, uma parede – uma barreira protetora entre Akos e o mundo. Nenhuma dessas coisas parecia correta quando ela as disse, mas o que mais havia lá?

– Você está bem, Kereseth? – perguntou Vakrez.

– Como vai seu marido? Malan – disse Akos. Tinha que ganhar um pouco de tempo.

– Ele está… bem – disse Vakrez, estreitando os olhos. – Por quê?

– Sempre gostei dele – falou Akos com um dar de ombros. O gelo podia ser uma barreira protetora? Ele conhecia muito bem o gelo. Mas era uma coisa com que se precisava ter cautela, em casa, não algo protetor.

– Ele é melhor do que eu – disse Vakrez com um grunhido. – Todo mundo gosta dele.

– Ele sabe que você está aqui? – Que tal um invólucro de metal, como uma cápsula de fuga ou um flutuador? Não, ele não conhecia essas coisas de verdade também.

– Sabe, e me disse para ser mais gentil com você. – Vakrez sorriu. – Disse que poderia ajudá-lo a se abrir mais. Muito estratégico.

– Não achei que precisasse que eu me abrisse – falou Akos, sombrio. – Só tem que fuçar meu coração, não importa o que eu diga, não é?

– Acho que sim. Mas, se não estiver intencionalmente ofuscando suas emoções, será mais fácil interpretá-las. – Vakrez fez sinal para ele. – Estique o braço, vamos acabar com isso.

Akos enrolou a manga, expondo as marcas azuis que tinha cravado em sua pele com o ritual shotet. A segunda tinha uma linha cruzada em cima e indicava a perda do Encouraçado, que ele havia matado em busca de uma posição mais elevada.

Ele se viu voltando àquele lugar. Aos campos além do capim-pena, onde as flores silvestres eram frágeis e moles, e os Encouraçados vagavam, evitando qualquer coisa que transmitisse corrente demais. O que ele matou ficara aliviado ao encontrá-lo. Era um alívio da corrente.

Akos sentira uma espécie de parentesco com ele naquela época e encontrou esse parentesco de novo agora. Imaginando-se monstruoso, com pernas demais e um lado duro

e chapado. Seus olhos, escuros e brilhantes, escondidos sob uma saliência de exoesqueleto rígido.

Então, com um choque de violência, imaginou aquele exoesqueleto dividido em dois. E sentiu o segundo em que a corrente ressoou através dele de novo, zumbindo nos ossos. Vakrez assentiu para si mesmo com os olhos fechados, e Akos se concentrou em manter a ferida aberta, por assim dizer.

– Yma me disse que usaria seu dom para encorajá-lo a se debruçar sobre a devoção a seu pai… quer dizer, o Kereseth, não o Noavek – disse Vakrez. – Vejo que ela foi bem-sucedida.

Akos piscou para ele. Yma tinha feito algo para ele quando esteve lá para levá-lo a pensar em Aoseh? Ou foi apenas uma coincidência que ele tenha pensado? De qualquer forma, foi sorte.

– Você não parece bem – comentou Vakrez.

– É o que acontece quando seu pai biológico aprisiona você em sua casa e faz você passar fome por dias – retrucou Akos.

– Acho que tem razão. – Vakrez franziu os lábios.

– Por que você faz o que ele diz?

– Todo mundo faz o que ele diz – respondeu Vakrez.

– Não, algumas pessoas deixam de ser covardes e *vão embora* – retrucou Akos. – Mas você… fica. E fere as pessoas.

Vakrez pigarreou.

– Vou contar para ele sobre o seu progresso.

– Vai ser antes ou depois de se prostrar diante dele e beijar seus pés? – provocou Akos.

Para sua surpresa, Vakrez não disse nada. Apenas se virou e saiu.

Lazmet estava sentado em uma mesa perto da lareira quando Akos foi escoltado de novo até seus aposentos. O quarto parecia aquele que Akos havia destrancado quando chegou àquele lugar: painéis de madeira escura, refletindo a luz inconstante dos fenzu, tecidos suaves em cores escuras, livros empilhados em quase todas as superfícies. Um lugar confortável.

Lazmet estava comendo. Pássaro-morto assado, temperado com capim-pena chamuscado, conchas de fenzu fritas acompanhando. O estômago de Akos roncou. Não seria tão difícil arrancar um pouco da comida da mesa e enfiá-la na boca, seria? Valeria a pena provar algo que não estivesse em conserva ou seco ou sem graça. Fazia tanto

tempo…

– Isso é um pouco infantil, não acha? – ele conseguiu dizer, depois de engolir um bocado de saliva. – Me provocando com comida quando está me deixando faminto?

Akos sabia que aquele homem não era realmente seu pai. Não do jeito que Aoseh Kereseth tinha sido, ensinando-o a abotoar o casaco, a pilotar um flutuador ou a costurar uma bota quando a sola se soltasse. Aoseh o chamava de "Criança Menor", antes de saber que Akos acabaria sendo o maior, e morrera sabendo que não poderia impedir Akos de ser sequestrado, mas tentando – lutando – de qualquer maneira.

E Lazmet apenas olhava para ele como se quisesse desmontá-lo e remontá-lo. Como se fosse algo que se dissecava em uma aula de ciências para ver como funcionava.

– Queria ver como você reagiria à presença de comida – disse Lazmet, dando de ombros. – Se você era animal ou homem.

– Você trouxe Yma Zetsyvis com o propósito específico de alterar o que sou, o que quer que eu seja – retrucou Akos. – O que importa o que o "antes" é quando se está controlando o "depois"?

– Eu sou um homem curioso.

– Você é um sádico.

– Um sádico *se delicia* com o sofrimento – disse Lazmet, levantando um dedo. Seus pés estavam descalços, os dedos dos pés enterrados no tapete macio. – Eu não me delicio. Sou um pupilo. Tenho satisfação em aprender, não na dor apenas pela dor.

Ele cobriu o prato com o guardanapo que estava no colo e afastou-se da mesa. Era mais fácil para Akos negar a si mesmo o impulso de atacar o prato quando não podia mais vê-lo.

Yma dissera a Akos para fingir que sua determinação estava enfraquecendo. Esse era o objetivo daquela reunião – provar a Lazmet que seus métodos estavam funcionando, mas não ser muito óbvio nesse sentido para que Lazmet não ficasse desconfiado.

Yma ajudou-o a reencontrar o caminho. Ele estava sem rumo desde que Ryzek havia morrido; e desde que sua esperança pela restauração de Eijeh também morrera. Não tinha tido um lado, uma missão, um plano. Mas Yma o ajudou a reencontrar o caminho e o mesmo foco estreito que ele havia dedicado ao irmão desde sua chegada a Shotet. Ele mataria Lazmet. Nada mais importava.

Ele havia traído Thuvhe. Havia abandonado Cyra. Havia perdido seu nome, seu destino, sua identidade. Não tinha para onde voltar quando aquilo tudo acabasse. Precisava ser bem-sucedido.

– Então, soube que você é um thuvhesita – disse Lazmet. – Sempre achei que a língua

reveladora fosse uma lenda. Ou, no mínimo, um exagero.

– Não. Eu encontro palavras que nem sabia que existiam.

– Sempre imaginei. Se você não tem uma palavra para uma coisa, ainda pode saber o que é? É algo que vive em você que não é articulado ou desaparece completamente de sua consciência? – Ele pegou seu copo, que continha algo roxo e escuro, e bebeu dele. – Talvez você seja uma das únicas pessoas que poderiam saber, mas não parece ter a capacidade de responder.

– Acha que sou idiota – afirmou Akos.

– Acho que você se programou para sobreviver e tem pouca energia para qualquer outra coisa. Se não tivesse que lutar para viver, talvez pudesse se tornar uma pessoa mais interessante, mas é o que temos.

A única razão pela qual eu me importo em ser "interessante" para você, pensou Akos, *é porque tenho certeza de que vai me matar se eu não for.*

– Tem uma palavra em ograno. Kyerta – comentou Akos. – É... uma verdade que muda a vida. Foi o que me trouxe até aqui. A informação de que você e eu éramos parentes.

– Parentes – disse Lazmet. – Porque fiz sexo com uma mulher e ela te entregou a uma oráculo? Todos na maldita galáxia têm pais, rapaz. Não é nem de perto uma conquista exclusiva.

– Então, por que se importou com a cor de meus olhos? – questionou Akos. – Por que me trouxe aqui para falar comigo de novo?

Lazmet não respondeu.

– Por que você se deu ao trabalho – disse Akos, dando um passo em direção a ele – de transformar Ryzek em um assassino?

– A palavra "assassino" é reservada a pessoas de quem não gostamos – disse Lazmet. – Para qualquer outro, é guerreiro, soldado, combatente da liberdade. Treinei meu filho para lutar por seu povo.

– Por quê? – questionou Akos, inclinando a cabeça. – Por que se importa com o povo dele, com seu povo?

– Somos melhores do que eles – respondeu Lazmet, batendo o copo na mesa ao lado de sua cadeira. Ele se levantou. – Conhecemos os recônditos desta galáxia quando eles nem sequer tinham criado nomes para si. Sabemos o que é valioso, o que é fascinante, o que é importante, e eles jogam tudo fora. Somos mais fortes, mais resistentes, mais engenhosos... e eles, de alguma forma, conseguiram nos manter inferiores desde que se

tornaram conscientes de nós. Não continuaremos inferiores. Eles não merecem estar acima de nós.

– Você pensa nos shotet como *você* – comentou Akos. – Entendi.

– Você tem seus ideais, tenho certeza, tem aquele brilho nos olhos – Lazmet escarneceu um pouco. – E eu tenho outra coisa.

– E… o que é? – perguntou Akos. – Crueldade? Curiosidade?

– Eu quero – respondeu Lazmet. – Eu quero e vou ter tudo o que eu puder botar as mãos. Mesmo que seja você.

Lazmet avançou na sua direção. Não tinha notado antes que ele era mais alto que seu pai. Não muito, porque Lazmet ultrapassava a maioria das pessoas, mas o suficiente para ser perceptível.

Akos imaginou-se como o Encouraçado e eviscerou a si mesmo pela décima vez naquele dia. Estava praticando desde que Vakrez saíra no dia anterior. Mal dormira, pois insistia em praticar. Aprendera a reprimir rapidamente seu dom-da-corrente e a retomá-lo com a mesma rapidez. Requeria toda a sua energia, mas ele estava melhorando.

Ele sentiu a pressão do dom de Lazmet contra sua mente e cedeu a ela. Era estranha a sensação de alguém sacudir um fio dentro da cabeça e tocá-lo, levemente, na parte do cérebro que controlava os movimentos. Seus dedos contraíram-se, depois se encontraram sem que ele mandasse. A boca de Lazmet contorceu-se quando ele registrou o movimento, e Akos sentiu o fio imaginário se retrair.

– Vakrez me fez relatos fascinantes sobre o estado de seu interior, Akos – comentou Lazmet. – Nunca o vi ficar tão perplexo com alguém. Diz que você está avançando na direção certa.

– Vá à merda – retrucou Akos.

Lazmet abriu um sorrisinho.

– Você deveria se sentar. Tenho certeza de que está cansado.

Lazmet entrou na sala de estar. Era uma sala simples, com um tapete macio junto a uma lareira e estantes cheias de livros em todas as línguas. Lazmet sentou-se na poltrona ao lado da lareira e enterrou os dedos no tapete felpudo. Akos seguiu, hesitante, e ficou ao lado da lareira. Estava cansado, mas queria levar suas pequenas rebeliões até onde conseguisse. Em vez de se sentar, ele se apoiou na prateleira da lareira e olhou as chamas. Alguém os havia salpicado com algum tipo de pó que as tornou azuis, apenas nas bordas.

– Você cresceu com uma oráculo – disse Lazmet. – Sabe que passei grande parte da minha vida adulta tentando encontrar um oráculo?

– Você tentou procurar em um templo? – perguntou Akos.

Lazmet riu um pouco.

– Você entende, claro, que não é simplesmente uma questão de ir aonde eles estão. Capturar alguém que sabe que você está a caminho é quase impossível. Por isso confesso estar confuso sobre por que sua mãe deixou você e seu irmão serem sequestrados. Devia saber que vocês seriam levados.

– Tenho certeza de que sabia – Akos disse amargamente. – Também deve ter acreditado que era necessário.

– Isso é cruel. Você deve estar com raiva.

Akos não sabia ao certo como responder. Não era Cyra, cravando suas garras onde podia, embora definitivamente entendesse o impulso.

– Olha, não sei bem se entendi sua estratégia aqui – disse ele por fim. – E existe uma, por isso não insulte minha inteligência fingindo que não.

Lazmet suspirou.

– Está sendo entediante de novo. Mas talvez tenha razão… tem algo que quero de você. E algo que estou disposto a negociar.

Ele atravessou a sala de novo, indo à mesa onde havia coberto sua refeição. O cheiro ainda permanecia no ar, carne suculenta e molho encorpado, com o capim-pena queimado até que suas qualidades alucinógenas tivessem desaparecido e ficasse apenas seu sabor picante.

Lazmet moveu-se para o assento seguinte na mesa e levantou uma cúpula de metal que cobria o lugar. Revelando outro pássaro-morto assado. Outro acompanhamento de conchas fenzu fritas. E uma fruta-sal cortada em cubos.

– Esta refeição será sua – disse Lazmet. – Se me disser como entrou nesta mansão.

– O quê? – Akos estava com os olhos grudados na comida. O restante do aposento escureceu ao redor dele. Seu estômago começou a *doer*.

– Alguém deve ter ajudado você a entrar nesta casa – afirmou Lazmet, pacientemente. – Nenhuma de nossas fechaduras externas foi desabilitada ou adulterada, e você não poderia ter escalado a parede sem que alguém percebesse. Então, me diga quem foi que deixou você entrar e poderá comer esta refeição.

Jorek. Braços longos e magros e barba em tufos. Tinha levado o anel que Akos usava em volta do pescoço antes de eles deixarem seu tio, por segurança. Ele ofereceu o braço à sua mãe para equilibrá-la nas pedras de calçamento. *Jorek é um bom homem*, ele recordou. *Nem queria deixar você entrar na mansão, você o manipulou para fazê-lo.* Não poderia dar o nome de

Jorek a Lazmet em troca de uma refeição.

Me conte sua missão.

Não, ele pensou para a Yma que vivia em sua cabeça. *Isso não. Não vou fazer isso.*

Yma lhe dissera para procurar uma oportunidade de dar informações a Lazmet. De mostrar a ele que algo estava mudando. De evitar que ele ficasse entediado. Bem, era isso, dado de bandeja.

– Eu não acredito em você. – Akos fechou os olhos. – Vai levar a comida embora no segundo que eu disser o que você quer saber.

– Não vou – falou Lazmet. Ele se afastou do prato. – Aqui, vou até recuar. Confie em mim neste simples pedido, Akos. Não me delicio com a dor. Quero ver o que você vai fazer, e de nada me serve impedir que você tenha algo assim que tiver feito o que pedi. Certamente você vê a lógica disso.

Os olhos de Akos encheram-se de lágrimas. Ele estava com muita fome. Estava tão cansado. Precisava fazer o que Yma havia dito.

Sua missão é ser fiel à sua família, aos seus amigos, à sua nação?

Não.

Essa não era sua missão.

– Kuzar – disse ele, engasgado. – Jorek Kuzar.

Lazmet assentiu com a cabeça. Ele se afastou da mesa e se sentou na poltrona, deixando Akos com sua refeição.

O capim-pena tinha azedado em seu estômago. Voltava a todo momento em arrotos, o sabor subindo no fundo da garganta. Fazendo com que se lembrasse.

Akos tocou a pequena cavidade embaixo do gogó, onde o anel da família de Ara pousava. Não o veria de novo. Aquilo não o incomodava tanto, nunca havia visto sentido em ter ganhado em primeiro lugar. Matar um homem não devia fazer com que passasse a ser bem recebido em uma família, ele sabia. Mas a ideia de como Ara olharia para Akos se ele saísse dali…

Ele apertou a mão sobre a boca quando outro arroto subiu.

Veio uma batida no painel da parede ao lado da lareira. Ele o deslizou para trás e deixou Yma entrar. Ela parecia mais casual do que de costume, os cabelos brancos amarrados para trás, vestida com roupas escuras de treinamento e sapatos macios. Os estranhos olhos azuis fixos nele.

– Me conte – pediu ele, a voz vacilante.

– Você fez o que foi necessário – disse ela.

– Diga o que *aconteceu* – insistiu ele, explosivo.

Ela suspirou.

– Jorek foi preso – respondeu ela.

Akos sentiu o gosto de bile e correu para o banheiro. Mal havia chegado ao banheiro quando começou a ter ânsia, vomitando tudo o que havia comido na sala de estar de Lazmet. Esperou os espasmos estomacais terminarem com a testa contra o assento, lágrimas escorrendo do canto dos olhos.

Uma coisa fria pousou na parte de trás do pescoço. Yma puxou-o para trás e deu descarga. Pegou o pano úmido de seu pescoço e usou-o para enxugar o rosto, ajoelhando-se ao lado dele. Seu rosto geralmente passivo parecia cansado agora, as linhas na testa e em torno dos olhos mais aparentes do que de costume. Não ficava ruim.

– Na noite em que meu marido, Uzul, e eu decidimos que eu o entregaria a Ryzek, eliminando prematuramente sua vida pelo bem de nossa causa, chorei tanto que repuxei um músculo em meu abdômen. Doeu ficar de pé por uma semana – disse ela. – Ele tinha apenas alguns meses de vida, sabe, mas esses meses…

Ela fechou os olhos.

– Eu queria esses meses – disse ela alguns instantes depois.

Ela enxugou o canto da boca de Akos.

– Eu o amava – ela simplesmente acrescentou e jogou o pano na pia.

Ele esperava que ela se levantasse, agora que havia limpado o rosto dele, mas não. Yma sentou-se no chão, bem ao lado da privada, com o ombro encostado no assento. Depois de um instante, pousou uma das mãos no ombro dele, e o peso e a presença silenciosa dela bastaram para confortá-lo.

CAPÍTULO 44 | CYRA

MINHA ÚLTIMA VISÃO AÉREA de Ogra foi de uma luz cintilante.

Então, Yssa ordenou que nos preparássemos. Sifa e Ettrek estavam sentados mais perto da escotilha de saída. Yssa e Teka no convés de navegação, e eu estava com Eijeh-Ryzek – quem quer que ele fosse agora –, mais perto deles. Olhei para Eijeh para ter certeza de que ele havia se prendido corretamente, e as correias estavam cruzadas sobre o peito, bem em cima do esterno, onde deveriam estar. A subida através da atmosfera de Ogra exigia uma explosão de energia, seguida de um rápido desligamento, para romper a densa camada de sombra que vinha debaixo. Yssa guiou a nave até a elevação correta, nos inclinou apropriadamente e apertou o botão no painel de navegação.

Avançamos com tudo, a força repentina fez meu corpo se chocar contra as correias que me seguravam. Cerrei os dentes contra a pressão. Yssa desligou o motor da nave, e nós fomos engolidos por uma escuridão tão completa, que poderíamos muito bem ter desaparecido.

E então tudo – a escuridão, a pressão, o terror e até um pouco da minha dor – desapareceu imediatamente quando Yssa ligou o motor da nave de novo, e nos afastamos entre as estrelas.

Eu pensava que Teka, que havia voado da última vez comigo através da galáxia, e pilotava bem, mas Yssa era uma artista. Seus dedos longos dançavam sobre o painel de navegação, fazendo pequenos ajustes nas configurações de Teka, e ela nos guiou com uma suavidade sem precedentes em direção à corrente para que pudéssemos viajar ao lado dela. Tinha um tom amarelo frio agora, com toques de verde, um sinal de que mais tempo se passou do que eu percebi desde que aterrissei em Ogra.

– Você não se importa que Yssa fique fuçando no seu painel de navegação? – perguntei

a Teka, cutucando-a com meu ombro. Estávamos no convés de navegação (era seguro andar por ali, pois estávamos na atmosfera), olhando a escuridão sem profundidade em nosso caminho.

Às vezes eu me referia a ela como "nada", como a maioria das pessoas fazia, mas, na maior parte do tempo, eu não pensava assim. O espaço não era um recipiente finito, mas não significava que estivesse vazio. Asteroides, estrelas, planetas, a corrente; detritos espaciais, naves, luas fragmentadas, mundos não descobertos; era um lugar de infinitas possibilidades e liberdade insondável. Não era nada; era *tudo*.

– O quê? Ah, não, sem dúvida eu quero afastar aquelas mãozinhas a tapa – disse Teka, estreitando os olhos para Yssa, que ainda estava ocupada com os controles. – Mas a nave gosta dela, então fico de boca fechada.

Dei uma risadinha.

Demorei alguns instantes para perceber a fonte do meu súbito alívio: minhas sombras-da-corrente, que tinham se afundado novamente em minha pele quando desembarcamos em Ogra, agora pairavam sobre ela. A dor e a ardência ainda estavam presentes, mas tão reduzidas que quase fiquei tonta. De certa forma, para quem tem dor o tempo todo, até as pequenas diferenças podem ser milagres.

– Acabamos de ser acionados por uma patrulha da Assembleia – anunciou Yssa.

Teka e eu trocamos um olhar alarmado.

– Dizem que têm um mandado antigo sobre uma embarcação que corresponde a essa descrição – disse Yssa, lendo a tela de navegação.

– Mandado de quê? Por ser shotet? – questionou Ettrek.

– Pode ser por drogar e despachar Isae Benesit para o espaço quando não queríamos ir com ela até o Quartel-General da Assembleia – sugeriu Teka.

– Vocês fizeram *o que* com Isae Benesit? – perguntou Yssa.

– Ela havia acabado de assassinar meu irmão no porão, o que mais eu deveria fazer? – questionei.

– Ah, eu não sei… dar uma medalha para ela! – disse Ettrek, agitando os braços.

Olhei para Eijeh. Ele estava olhando Ettrek como se estivesse prestes a bater nele.

Estava ficando mais fácil pensar em Eijeh como duas pessoas em um corpo – ou uma nova pessoa mesclada – desde que vi muito de meu irmão, mas tão pouco dele ao mesmo tempo. Foi o orgulho de Ryzek que o fez se irritar com Ettrek aplaudindo seu assassinato, mas foi a passividade de Eijeh que moderou sua reação. Eles juntos se tornavam… outra coisa. Novo, mas não necessariamente melhor.

O tempo diria.

– Diga a eles que os ogranos nos emprestaram esta embarcação e não conhecemos a tripulação original – disse Teka a Yssa. – Talvez seja convincente se você gravar sua imagem pelas câmeras. Você não parece uma shotet.

– Tudo bem – disse Yssa. – Então saiam do enquadramento.

Nós nos afastamos enquanto Yssa ativava as câmeras na tela de navegação para registrar sua mensagem em um othyriano entrecortado. Para uma ograna, era uma mentirosa de talento.

Levaria dias para ir de Ogra a Urek. Passei a maior parte do tempo debruçada sobre a mesa da cozinha, desenhando um mapa da mansão Noavek, andar por andar. Percorri as passagens dos serviçais em minha memória várias vezes, tateando no escuro por entalhes, círculos e painéis falsos. Disse a mim mesma que seria útil para a missão vindoura, além de ser uma boa maneira de evitar Sifa, mas essas não foram as únicas razões pelas quais fiz isso. Senti que recriar o lugar no papel era uma maneira de me purgar dele, cômodo por cômodo. Quando eu terminasse, esse lugar não existiria mais para mim.

Pelo menos essa era a teoria.

Quando terminei, chamei Eijeh – comecei a me referir a ele com esse nome, porque aquele era o corpo em que ele estava e ele ainda não havia contestado – na cozinha. Os outros ficaram confusos com a inclusão de Eijeh em nosso pequeno grupo, mas apenas disse a eles que queria trazer os oráculos para o nosso lado, e ninguém fez mais perguntas.

Ele entrou na cozinha com uma desconfiança em sua expressão que me fez pensar, inesperadamente, em Akos. Ignorando a sensação forte que me veio à garganta, apontei para os desenhos da mansão Noavek, identificados por andar com minha caligrafia irregular e instável.

– Quero que verifique a precisão deles – falei. – É difícil recriar um lugar de cabeça.

– Talvez você queira passar seus dias revirando as lembranças da mansão Noavek – disse Eijeh, parecendo mais Ryzek naquele momento –, mas nós não.

– Não dou a mínima para o que você quer – retruquei. – Esse é o seu problema, o problema que sempre teve. Acha que se machucou mais do que qualquer outro na galáxia. Bem, ninguém liga para sua história de infortúnio! Há uma *guerra* em curso. Agora, verifique! Os malditos! Desenhos!

Ele me encarou por alguns instantes, depois se aproximou da mesa e se inclinou sobre os desenhos. Examinou o primeiro brevemente, depois pegou a caneta que eu tinha

deixado na borda da mesa e começou a redesenhar as linhas ao redor da sala dos troféus.

– Eu não conheço Lazmet tão bem quanto você – falei quando me acalmei um pouco. – Tem alguma coisa que você consiga lembrar sobre ele que possa nos ajudar a alcançá-lo? Hábitos estranhos, propensões particulares…?

Eijeh ficou em silêncio por um tempo, dando um passo à direita para olhar o próximo desenho. Imaginei se eu precisaria intimidá-lo para responder à minha pergunta do jeito que havia feito para verificar meus mapas, mas ele falou.

– Ele lê principalmente história – disse com uma voz estranha e suave que eu não tinha ouvido nele antes. – É obcecado por texturas, todos os tapetes e roupas precisam ser macios. Uma vez eu o ouvi repreendendo uma das serviçais por ter engomado demais suas camisas. Ela as deixava duras demais. – Ele engoliu em seco e riscou uma das portas que eu havia marcado, puxando-a para o outro lado do quarto. – E ele ama frutas. Costumava enviar um de seus transportes para contrabandear uma espécie particular de Trella, a altos arva. Muitas vezes é fervida e usada em pequenas quantidades como adoçante, porque a maioria das pessoas não consegue lidar com sua doçura quando crua. O restante do mapa me parece bom.

Ele deixou a caneta de lado e se endireitou.

– Sabe que só vai ter uma chance com ele, certo? – perguntou Eijeh. – Pois, assim que ele souber que você está lá, assim que souber o que você está tentando fazer…

– Ele vai me controlar com seu dom-da-corrente. Eu sei.

Eijeh confirmou com a cabeça.

– Estou autorizado a sair agora, ou você vai me ameaçar de morte novamente?

Estendi a mão para a porta. Um plano estava começando a se formar na minha mente. Eu me recostei no balcão e olhei para os desenhos, esperando ter inspiração.

Tivemos que esperar até chegarmos no perímetro de recepção de Thuvhe para entrar em contato com Jorek, o que levou quatro dias na jornada.

Quando chegamos lá, eu estava cansada do cheiro da água reciclada – cheiro de química do processo de purificação – e da comida enlatada que estávamos reaquecendo no pequeno fogão da cozinha, e do tecido que cobria meu colchonete. Também estava cansada das lembranças que tive aqui, de me deitar com Akos sobre cobertores, bater as mãos no balcão da cozinha enquanto pegávamos tigelas e trocar olhares maliciosos sobre Teka sempre que ela ficava entre nós.

Foi a primeira vez que considerei – e só por um momento – que a destruição da nave

talvez tivesse um lado positivo. Pelo menos eu não seria capaz de voltar às minhas lembranças dele lá.

Eu me senti enjoada mesmo com esse desvio momentâneo de meus pensamentos. Não havia nada de positivo na destruição da minha casa e nas vidas perdidas que a acompanharam. Eu estava ficando louca, presa dentro daquela nave.

Eu estava penteando meus cabelos molhados com os dedos quando ouvi passos fortes no corredor do lado de fora e enfiei a cabeça pela porta do banheiro para ver quem era. Teka estava tropeçando na minha direção, descalça e mais pálida que o normal.

– Quê? – perguntei.

– Jorek – respondeu ela. – Jorek foi preso.

– Como? Ele não estava trabalhando como guarda na mansão? Ele é um Kuzar!

– Conversei com a mãe dele. – Teka entrou no banheiro e começou a andar de um lado para o outro sem se importar com as poças de água que eu havia deixado enquanto me secava. Ela deixou pequenas pegadas em seu rastro. – Ara disse que eles foram contatados por *Akos* na semana passada.

Ouvir o nome dele foi como um chute no estômago.

– Quê? – questionei. Akos estava em Thuvhe. Akos estava em casa, fora de Hessa, fingindo que a guerra não existia. Ele era…

– Ele convenceu Jorek a deixá-lo entrar na mansão Noavek. Jorek não queria, mas devia um favor a Akos. – Teka andou para lá e para cá mais rápido.

– E *o que* ele pretendia fazer na mansão Noavek? – questionei. – Ela sabe?

– Ela suspeita do óbvio – disse Teka. – Que ele foi fazer a mesma coisa que estamos prestes a fazer.

Eu recuei. Me recostei à parede.

Odiei. O momento em que a raiva se afastou. Era mais fácil ferver de raiva por Akos ter me abandonado sem uma palavra, mais fácil deixar esse ato confirmar o que eu suspeitava sobre mim mesma, que ninguém poderia me aguentar por muito tempo. Mas sabendo que ele havia me deixado assim por um *motivo*…

Teka continuou:

– Uma semana depois que Akos chegou à mansão, Jorek foi preso. Ara acha que…

– Akos não teria dado o nome de Jorek – falei, distante, balançando a cabeça. – Deve ter acontecido alguma coisa.

– Todo mundo tem um limite – disse Teka. – Isso não significa que Akos quisesse…

– Não. Você não o conhece como eu. Ele simplesmente… não faria isso.

– Tudo bem, não importa – disse Teka, erguendo as mãos. – Mas provavelmente Jorek será executado, porque você e eu sabemos que Lazmet Noavek não prende pessoas e as solta!

– Eu sei, eu sei. – Balancei a cabeça. O pensamento de Akos na mansão Noavek novamente me fez sentir como se estivesse gritando. Ele não podia estar lá.

– Ela sabe se Akos está morto? – perguntei baixinho.

– Uma de suas fontes diz que não. Diz que ele está sendo mantido prisioneiro, mas ninguém sabe por quê… que serventia ele tem para Lazmet?

Era justamente o quanto eu temia meu pai que não me deixava ficar aliviada. As razões de Lazmet para querer as pessoas vivas eram piores que suas razões para querer que elas morressem. Eu tinha visto o trabalho que ele tinha feito no meu irmão, o trabalho lento de destruí-lo e reconstruí-lo. A maneira como garantiu seu futuro, seu legado, construindo o filho à própria imagem e semelhança. Agora que Ryzek tinha partido, ele faria o mesmo com Akos?

Quanto mal ele já havia feito?

– Não sei – respondi. – Mas seja lá o que for, não é bom.

Teka parou de andar.

Ficamos de frente uma para a outra com a perda quase certa de dois amigos entre nós.

Esperei sentir a dor aguda da tristeza, mas não aconteceu. O buraco negro no meu peito tinha devorado cada última sensação em meu corpo, deixando-me vazia, apenas um saco de pele sustentado por ossos e músculos.

– Bem – disse Teka. – Então vamos matar seu pai.

CAPÍTULO 45 | CYRA

A PARTIR DO MOMENTO EM QUE UREK entrou em nosso campo de visão, um globo de um branco torvelinhante, senti como se uma contagem regressiva começasse. Tínhamos três dias. Três dias para terminar de planejar um assassinato e executá-lo. Três dias para pôr fim à guerra antes que ela destruísse Thuvhe e Shotet.

Nunca tinha visto os céus de Voa tão vazios. A distância havia uma nave-patrulha do governo pintada com o selo da família Noavek. Era uma das mais novas, toda em linhas diagonais, como se estivesse mergulhando continuamente. Brilhou na luz nebulosa do dia.

Era a única nave à vista.

– Não se preocupe – disse Teka, provavelmente percebendo que todos ficamos em silêncio. – Estamos disfarçados. Parecemos uma nave de patrulha para eles.

Naquele exato momento, uma luz vermelha piscou no painel de navegação. Yssa olhou para Teka com as sobrancelhas erguidas. Era uma chamada, provavelmente da nave-patrulha.

– Conecte-se a ela – disse Teka, soltando seu cinto e movendo-se para ficar ao lado de Yssa.

– *Aqui é a nave-patrulha XA774. Por favor, identifique-se.*

– Nave-patrulha XA993. O que estão fazendo, XA774? – disse Teka sem vacilar nem por um momento. – Não vejo vocês no cronograma atualizado.

Ela estava fazendo um gesto para Yssa, apontando o local onde o pessoal de Ettrek havia nos dito para pousar, insistindo para que ela se movesse rápido.

– *A que horas seu cronograma foi expedido, 993?*

– 1440 – respondeu Teka.

– *Vocês estão desatualizados. O novo foi expedido às 1500.*

– Ah – disse Teka. – Erro nosso. Vamos voltar à nossa estação de ancoragem.

Ela colocou a mão sobre o interruptor para desligar nosso comunicador.

– Vai!

Yssa empurrou com força o acelerador com o punho, e nós nos aproximamos da pista de pouso. Teka quase caiu pelo movimento súbito, então se agarrou à parte de trás da cadeira de Yssa quando perdemos altitude. Yssa baixou a nave até o pedaço de telhado vazio na borda externa de Voa que os contatos de Ettrek haviam indicado.

– Existe realmente uma nave-patrulha XA993? – perguntei.

Teka abriu um sorrisinho.

– Não. Elas só vão até 950.

Logo depois de pousarmos, antes que Yssa pudesse desligar o motor, um grupo de pessoas correu em direção à nave carregando um enorme pedaço de tecido entre eles. Observei pela janela da nave enquanto eles jogavam o tecido sobre ela, puxando-o com longos cordões. Quando a escotilha se abriu atrás de mim, eles haviam coberto completamente a janela da navegação.

Ettrek desembarcou primeiro, cumprimentando um homem com cabelo preto longo até os ombros com um aperto de mão. Quando me aproximei, percebi que provavelmente eram irmãos, talvez até gêmeos.

– Uau, você não estava brincando – disse o irmão. – Cyra Maldita Noavek está com você.

– Como sabia meu nome do meio? – perguntei.

Ele sorriu e me ofereceu a mão.

– Meu nome é Zyt. Abreviação de algo tão longo que nem sequer me lembro. Sou o irmão mais velho de Ettrek.

– Acho que você não vai querer apertar minha mão – falei. – Mas pode apertar a da Teka duas vezes.

– Não me faça de voluntária para apertos de mão extras – disse Teka. – Oi. Teka Surukta.

– Aqui estão alguns oráculos – falei, apontando atrás de mim para Eijeh e Sifa. Zyt ergueu as sobrancelhas.

Fizemos o restante das apresentações embaixo da capa de pano que tinham jogado sobre a nossa nave, que parecia resistente e provavelmente servia como uma boa camuflagem. Então, Zyt nos levou até a porta de acesso do telhado e por vários lances de escada abaixo. A escadaria não tinha janelas e cheirava a lixo, mas fiquei feliz por nos abrigar.

Eu me afastei do meu irmão – e nem sabia qual deles eu quis dizer – para ficar alguns degraus à frente.

– Como estão as coisas lá fora? – perguntei a Zyt, ficando ao lado dele.

– Bem, no começo houve muitos saques – respondeu Zyt. Uma mecha de cabelo caiu sobre sua bochecha. – Bom para os negócios. Mas daí Lazmet tomou o poder, e isso assustou praticamente todo mundo. Ele impôs um toque de recolher, começou a cercar as pessoas e prendê-las, coisas assim. Ruim para os negócios.

– Quais são exatamente seus negócios?

– Contrabando – disse Zyt. Suas pálpebras caíram pesadamente, estreitando um pouco os olhos, e ele tinha um sorriso fácil. Ele me abriu um nesse momento. – Principalmente remédios, mas contrabandeamos coisas lucrativas, suprimentos, armas, o que for.

– Já contrabandeou frutas?

– Frutas? – Zyt ergueu as sobrancelhas.

– Sim, preciso conseguir um pouco de altos arva. É trellana – expliquei. – E como as importações de Trella são ilegais…

– O contrabando é a única opção. Entendi. – Zyt bateu com o dedo no queixo. Havia um roxo embaixo da unha. – Vou descobrir como conseguir.

Se tivéssemos altos arva, poderíamos usá-la para entrar na mansão Noavek sem sermos detectados, fingindo que o embarque costumeiro de Lazmet havia chegado adiantado. Os guardas provavelmente não ousariam deixar que Lazmet não tivesse o que queria. Permitiriam nossa entrada.

– Ei – disse Zyt –, acho que você deveria cobrir a cabeça. Essa pele-prata é… evidente.

– Certo.

Eu estava preparada para esconder meu rosto quando chegássemos a Voa, então usava um longo casaco preto de capuz. Era feito de um material leve e resistente chamado marshita, importado, como a maioria dos tecidos à prova d'água de Pitha. Puxei o capuz sobre a cabeça, e Zyt abriu a porta no fim da escadaria para deixar entrar luz do dia.

O vento fez as dobras do meu casaco estalarem e inflarem enquanto eu andava. As ruas de Voa estavam mais vazias do que eu jamais vira antes, cheias de homens e mulheres que corriam encolhidos, com os olhos baixos. Nunca foi tão fácil desaparecer entre eles.

– Não é longe – disse ele. – Todo o seu pessoal está acompanhando?

Olhei para trás. Todos estavam de capuz, então era difícil dizer quem era contrabandista e quem não era. Contei uma mecha brilhante de cabelo – Teka – e um nó no topo da cabeça – Ettrek –, a ponte de um nariz sardento – Yssa – e um andar lento – Sifa – e

voltei a olhar para frente.

– Parece que sim – falei.

Zyt nos conduziu por duas ruas antes de se aproximar de um pequeno prédio de apartamentos caindo aos pedaços. Uma luz acima de nós cintilou quando ele girou a chave na fechadura. O apartamento depois da porta – no térreo – era apertado e bagunçado. Havia mesas, armários e cadeiras encostadas nas paredes do corredor.

Fiquei de lado quando os outros entraram, contando Teka, Ettrek e Yssa antes de perceber que tinha esquecido de procurar Eijeh. Assim que senti o começo do pânico, eu o vi correndo em direção à porta.

– Por que ficou para trás? – ralhei.

– Sapato desamarrado.

– Você sabe que pode andar com um sapato desamarrado por uma rua ou duas, certo? Não há nenhum risco de morte nisso.

Eijeh apenas revirou os olhos e fechou a porta.

O apartamento não era grande. Um dos cômodos servia de sala de estar, sala de jantar e dormitório, o chão coberto com colchonetes finos, um dos quais tinha um buraco com o enchimento saindo dele. Havia um banheiro, mas o chuveiro era apenas um tubo saindo do teto, e não havia pia. Ainda assim, Zyt estava esquentando água para o chá quando fui até a cozinha.

– Vamos descansar aqui esta noite – disse Zyt quando enfiei minha cabeça na cozinha.

– Precisa de ajuda?

– Não, a menos que você seja habilidosa na perigosa arte de cortar flor-sossego.

Levantei uma sobrancelha para ele.

– Sério? Você é cheia de surpresas. Venha cortar, então.

Duas pessoas na cozinha já lotavam, mas fui até a tábua de cortar, e ele ficou junto ao fogão. Ele me entregou a flor-sossego fresca – dentro de uma jarra – e as luvas que eu precisaria para prepará-las sem me envenenar, e me apontou a gaveta de facas.

Deixei a flor-sossego sobre a tábua de cortar, de cabeça para baixo, e apertei a lâmina da faca no lugar onde as pétalas se juntavam para separá-las. Em seguida, cortei a linha vermelha no centro de uma das pétalas, e ela ficou plana como por mágica.

– Legal – disse Zyt. – Como aprendeu?

Parei. Fiquei tentada a chamar Akos de amigo, mas parecia simples demais para o que ele tinha sido para mim, uma palavra muito pequena.

– Ah. Esqueça que perguntei – se apressou Zyt e pegou um pote de outra coisa no alto

das prateleiras inclinadas.

– Este apartamento é seu? – perguntei. – Ou de outra pessoa?

– Era da minha mãe antes de ela morrer. Febres e hemorragias a levaram. Isso foi antes de descobrirmos como contrabandear remédios. – Zyt inclinou a cabeça sobre o pote de água que pusera no único queimador e deu batidinhas no pote que segurava para espalhar concha de fenzu em pó na água.

Eu continuei cortando a flor-sossego. Era culpa da minha família que sua mãe não tivesse tido acesso a remédios; Lazmet começara a prática de acumular remédios doados de Othyr, e Ryzek continuara com isso. Eu tinha conseguido a cara inoculação quando era criança.

– Eu estava apaixonada por ele, por aquele que me ensinou a preparar flor-sossego – comentei. Não sabia por que estava lhe dizendo, exceto porque havia compartilhado comigo um pouco de sua dor, e eu quis fazer o mesmo. A troca de sofrimento não precisava ser igual, mas era uma espécie de moeda, sua tristeza pela minha. Um caminho na direção da confiança. – Ele me abandonou. Sem nenhuma explicação.

Zyt fez um ruído exagerado de nojo no fundo da garganta, e eu sorri.

– Que idiota.

– Na verdade, não – falei. – Mas é legal da sua parte dizer isso.

Tomamos chá e comemos pão quente para o jantar. Não foi a melhor refeição que já tive, mas não foi a pior. Os outros contrabandistas ficaram isolados, menos Zyt, que se sentou ao lado de Ettrek e contou histórias da infância deles por horas. Logo eles nos fizeram rir das tristes tentativas de Ettrek de brincar com o irmão mais velho e das retaliações selvagens de Zyt.

Então, todos encontraram um lugar para dormir – não é uma tarefa fácil, em um cômodo tão pequeno – e, um por um, nos afastamos. Nunca fui boa para dormir, especialmente em lugares com os quais eu não estava familiarizada, então logo me vi deslizando pela porta dos fundos para me sentar nos degraus de trás, de frente para o beco.

– Vi você se levantar. – Teka se sentou ao meu lado no degrau. – Você não é muito de dormir, não é?

– Perda de tempo – declarei.

Teka assentiu com a cabeça.

– Demorei muito tempo para voltar a dormir depois de… – Ela apontou o tapa-olho

com a mão. – Tipo uma lembrança horrível.

– Tipo – falei com uma risadinha. – Não sei o que é pior. – Fiz uma pausa, pensando na execução pública de sua mãe. – Não quis dizer… desculpe.

– Não precisa ser tão cuidadosa comigo – afirmou Teka, olhando para mim de soslaio. – Quando não gostava de você, foi porque fiz muitas suposições. Depois que as deixei de lado… bem, estou aqui na sua missão maluca, não estou?

Eu abri um sorriso largo.

– Sim. Você está.

– Então, quando trago alguma coisa à tona, não quero que você leve muito para o lado pessoal – disse ela, cautelosa. – Akos.

– Sim? – Fiz uma careta. – O que tem ele?

– Sinceramente? – Ela suspirou. – Estou um pouco preocupada, pois, quando chegar a hora, você vai priorizar salvá-lo a matar Lazmet, agora que sabe que ele está aqui e vivo. Estou preocupada desde que te contei sobre ele.

Sentei por um momento, ouvindo o ar da noite. Era barulhento naquela parte da cidade, apesar do toque de recolher e da aura de depressão que se instalara em toda Voa. As pessoas discutiam, riam e tocavam música em seus apartamentos a qualquer hora, ou assim parecia. Mesmo no beco, vi o brilho de lanternas ainda acesas, desafiando a noite.

– Você teme que eu vá fazer o que fiz da última vez, quando não matei Ryzek.

– Sim – confirmou Teka, inabalável. – Temo.

– É diferente desta vez. Tem mais… desta vez.

– Mais?

– Mais daquilo com que me importo – expliquei. – Antes tudo o que eu tinha, a única coisa boa que eu tinha, era ele. E agora isso não é mais verdade.

Ela sorriu, e eu dei um empurrãozinho nela com o ombro.

Então, ouvi algo atrás de mim. Um guincho. A pressão de um pé contra uma tábua velha de assoalho. Virando, vi uma figura escura na sala de estar, a silhueta de um homem – um soldado, a julgar pela estatura – segurando uma lâmina-da-corrente. Embaixo dela, o espaço onde Eijeh estivera, um montinho embaixo de um cobertor, vazio.

Eijeh havia partido. E outra pessoa estava aqui.

Eu me virei, me levantei, corri e gritei de uma só vez. Quando a forma se curvou com a lâmina erguida, pisei na perna de alguém e me lancei com força sobre o intruso. Minhas mãos encontraram armadura com um estalo. Cerrei os dentes contra a dor do impacto e me dobrei para evitar a lâmina que atacava.

Alguém havia dito à polícia shotet para vir aqui.

Bati com o cotovelo por baixo, na borda inferior do colete da armadura, e acertei o homem na virilha. Ele gemeu, e eu peguei sua arma. De soslaio, vi os cabelos de Teka balançando quando ela pulou na pessoa atrás do primeiro. Os contrabandistas, bem como Ettrek, Sifa e Yssa, estavam agora acordados e lutando.

A dor do meu dom-da-corrente desapareceu com minha adrenalina, mas eu não a esqueci. Enquanto arrancava a lâmina da mão do homem, cedi ao desejo de compartilhar minha dor com ele, e as sombras-da-corrente se arrastaram ao redor de seu pulso, fundindo-se com as que envolviam a lâmina-da-corrente. Observei as duas se juntarem e se enterrarem em sua carne, agora em uma cor preta mais forte e escura.

Ele gritou.

Continuei avançando. Pulei para a próxima mulher de uniforme que vi, agarrando seu rosto em vez de sua garganta, lançando sombras-da-corrente para dentro dela até que ela sufocasse com a minha dor, até que enchesse sua boca aberta, ofegante. Bati sua cabeça no meu joelho, que ergui alto o suficiente para os dois colidirem, quase na minha altura.

Não estava com medo da quantidade. Não tinha medo de ninguém, não mais. Era o que fazia de mim uma Noavek – não que eu fosse tão poderosa que não pudesse ser ameaçada, mas já havia sobrevivido a horrores o suficiente, a dores o suficiente para me acostumar com a inevitabilidade dos dois. Mas eu *era* poderosa; disso eu sabia.

Continuei avançando, agarrando o homem seguinte no qual eu pude botar as mãos. Tinham cometido um erro ao invadir através daquele corredor estreito, porque criava um funil pelo qual apenas um deles podia atacar de cada vez. Então, peguei um de cada vez até que não restasse mais nenhum. Atrás de mim permaneceu o silêncio. Achei que os outros tinham saído.

Virei para chegar à porta dos fundos. Não sabia quantos policiais eu tinha matado e quantos simplesmente tinha incapacitado, mas, de qualquer forma, eu precisava fugir. No entanto, quando tomei o caminho de volta à sala de estar, vi Zyt, Sifa, Ettrek, Yssa e Teka esperando por mim, cada um deles parecendo um pouco surpreso.

– Vão! – gritei.

E todos corremos.

– Olha, sua turma não perde tempo para fugir, não é, Zyt? – bufou Teka, encostando-se à parede.

Decidimos, no meio do caminho, chegar ao prédio semidestruído onde os renegados

haviam acampado quando eu estive pela última vez em Voa. Era outro lugar seguro que conhecíamos. Teka assumiu a liderança, percorrendo as ruas sinuosas aparentemente de cabeça. As margens da cidade estavam se desgastando como punhos de uma camisa, mais danificadas e alquebradas que na área mais próxima do centro. Havia grafites rabiscados na lateral de todos os prédios: caracteres simples escritos em preto, em alguns lugares, e em outros, murais de personagens tão altos quanto um homem, preenchidos com cores tão brilhantes quanto o fluxo-da-corrente. O grafite cobria as rachaduras nos prédios, as tábuas onde as janelas estavam, a sujeira marrom que cobria cada parede. Mas fiquei mais fascinada com uma simples declaração, escrita ordenadamente embaixo de uma janela: *Os Noavek nos devem*.

– O que você esperava? – respondeu Zyt. – São contrabandistas, não são muito ambiciosos.

– Não precisamos deles de qualquer maneira – disse Ettrek. – Zyt é quem tem os contatos.

– Sim, os contatos para o contrabando de… frutas, aparentemente? – Zyt levantou uma sobrancelha para mim.

– Sim – confirmei sem oferecer mais explicações.

– Agora, talvez seja um bom momento para explicar por que você precisa de um monte de frutas – sugeriu Zyt.

– *Talvez* seja um bom momento – retruquei. – Mas como podemos ter certeza?

Peguei um frasco de analgésico da bolsa ao meu lado e derramei na garganta. Era um dos lotes "medíocres" de Akos; e ele não estava errado em chamá-los assim, pois não eram tão eficazes quanto a maioria de seus analgésicos, mas eram melhores que nada.

As plantas que cresciam entre as rachaduras no chão rompido se espalharam muito mais durante o tempo que estivemos longe desse lugar. Trepadeiras estavam começando a subir pelas paredes e, para todo lugar que eu olhava, havia salpicos de cor das flores silvestres. *Do tipo que vira mingau*, pensei, e era um pensamento de Akos, não meu.

De repente, precisei ficar sozinha. Fugi para a escadaria, onde mostrei a Akos pela primeira vez que podia controlar meu dom-da-corrente. Com as costas contra uma das paredes de pedra, escorreguei até o chão e deixei as lágrimas caírem.

Mais tarde, Teka encontrou uma garrafa de suco de frutas fermentado nos armários de alguém que havia morado nesse lugar antes de ser destruído, e todos pegamos um copo para nos acalmarmos antes de tentar dormir mais.

Sifa propôs um brinde, traduzindo de thuvhesita para shotet:
– Ao que fizemos, ao que estamos fazendo e ao que faremos.
E eu bebi.

CAPÍTULO 46 | AKOS

SUAS OUTRAS LEMBRANÇAS DE DOR envolviam o tempo se esvaindo. Óleo virando pérolas na água. A repentina falta de presença em sua vida, a deriva autoprotetora.

Desejou ter isso agora.

Naquele momento, sentia cada instante e cada hora. Vakrez viera naquela manhã com um olhar inexpressivo, fechou os dedos sobre o pulso de Akos e saiu. As mãos de Vakrez estavam frias e úmidas e depois se afastaram.

Alguns dias se passaram até ser convocado de novo para ficar ao lado de Lazmet. Dessa vez, foi levado ao Salão de Armas, o lugar onde ficara sabendo de sua fortuna. Claro, não era realmente sua fortuna, mas ele a carregou por temporadas de qualquer forma. *Não confie em seu coração*, aquela fortuna lhe dizia, e ele a odiava por esse motivo.

Naquele momento, achou que talvez ela tivesse razão.

Lazmet estava olhando para a parede de armas, batendo com o dedo no queixo. Era como se estivesse escolhendo um queijo, Akos pensou, e ele imaginou se estava prestes a experimentar algum tipo de horror novo, no qual seu próprio pai sistematicamente quebraria seus ossos ou arrancaria pedaços de sua carne. Parecia o tipo de coisa que Lazmet faria. Por curiosidade.

Apenas quando ela saiu das sombras que ele viu que Yma estava lá. Ela lhe lançou um olhar de alerta. E então sua máscara voltou, aquele sorriso enigmático, a postura elegante. Sabendo o que agora ele sabia sobre ela, reconheceu que ela nunca se sentiu confortável assim, em um vestido, em uma mansão, jogando com a realeza.

– Obrigado por seu relatório, Yma – declarou Lazmet. – Você pode ir.

Yma inclinou a cabeça, embora Lazmet não estivesse olhando, ainda enfeitiçado pela parede de armas. Ela passou raspando pelo braço de Akos em sua saída, o breve toque que dava algum tipo de conforto. E um lembrete.

– Venha cá – disse Lazmet para ele. – Quero te mostrar uma coisa.

Akos deveria estar agindo como se estivesse escorregando para as mãos de Lazmet, pedaço por pedaço, então subiu os degraus até o tablado. A sala tinha um estranho tom verde, uma luz brilhando através da fileira de frascos nas prateleiras que passavam da cabeça de Akos. Orbes brancos flutuavam nos frascos, suspensos em líquido verde. Conservante.

Eram olhos. Akos tentou não pensar nisso.

– Não somos uma cultura que guarda recordações. Afinal, isso sugere que confiamos em algum tipo de permanência, e os shotet sempre souberam que objetos, lugares… eles podem ser perdidos em um instante. – Lazmet apontou para a parede de armas. – No entanto, nos permitimos passar armas adiante. Veja, ainda são úteis. Então, é possível traçar a história de nossa família aqui, nesta parede.

Ele pegou uma machadinha na extrema esquerda. A lâmina estava enferrujada pela falta de uso, a alça de metal ainda coberta de impressões digitais.

– Somos uma família shotet antiga, mas nem sempre tivemos dinheiro – continuou Lazmet, tocando o dedo na lâmina da machadinha. – Meu avô cometeu assassinatos para abrir caminho até a proeminência em nossa sociedade. Este machado foi obra dele. Era um fabricante de armas. Não era especialmente talentoso. O que lhe faltou em arte ele compensou em brutalidade, quando serviu no exército de Shotet.

Ele deixou a machadinha de lado, indo até um cajado. Em cada extremidade havia mecanismos que Akos reconhecia das alças das lâminas-da-corrente. Quando Lazmet segurou-o, tentáculos escuros de corrente envolveram a primeira ponta do cajado e depois a outra.

– Projeto da minha esposa – disse Lazmet com um sorriso que parecia quase apaixonado. – Não era uma lutadora talentosa, mas era teatral. Sabia como ser bonita, encantadora e intimidadora, tudo ao mesmo tempo. É uma pena que sua vida tenha sido tirada por alguém… indigno.

Akos havia educado suas feições para ficarem indiferentes.

– Eu trouxe você aqui para comer – explicou Lazmet. – Na sua… dieta restrita… reconheço que não posso negar comida a você por completo. Então pensei que poderíamos jantar.

Havia uma mesa no tablado, encostada na parede oposta. Não parecia grande o bastante para o tipo de jantar grandioso que Lazmet provavelmente tinha, mas era longa, mais ou menos da largura dos braços estendidos de Akos, e tinha uma cadeira em cada

extremidade. Akos pensou que provavelmente era parte da estratégia de Lazmet, forçá-lo a comer à luz esverdeada sob os frascos de globos oculares, à vista de todas as armas que a família Noavek usara para abrir caminho até o topo da sociedade shotet. Era para ele ficar incomodado com aquilo.

– Realmente, não estou em posição de recusar o jantar – disse Akos.

– Não, certamente não está – concordou Lazmet, sorrindo, enquanto colocava o cajado em seu lugar. Perto da borda da parede de armas havia um sino embutido. Ele tocou e apontou a mesa para que Akos se sentasse. Akos se sentou, a cabeça rodando. A comida que Yma lhe dera era apenas o suficiente para sentir fome o tempo todo. Ele bebia um copo de água atrás do outro apenas para dar a seu corpo a impressão de que estava cheio.

Os fenzu, que geralmente se aglomeravam no lustre globular, estavam meio-mortos e precisavam ser substituídos. Akos conseguia ver as cascas de seus corpos reunidas no fundo de cada globo de vidro, pequenas pernas espinhosas no ar.

– Vakrez me disse que você está muito consumido pela autodepreciação para ele conseguir uma leitura significativa – disse Lazmet. – Yma me garante que você está progredindo. Que um coração vulnerável é mais fácil de dobrar.

Akos não respondeu. Às vezes, ele imaginava se Yma estava brincando com ele. Desfrutando do desejo dele de matar seu pai enquanto se preparava para fazer seu trabalho. Ele não tinha como saber se ela estava do seu lado, não de verdade, exceto por sua palavra.

Um painel de parede atrás de Lazmet recuou, e três serviçais entraram no Salão de Armas carregando pratos cobertos com cúpulas de metal reluzente. Pousaram um prato na frente de Lazmet, um na frente de Akos e um terceiro no centro da mesa, depois recuaram. Akos não viu se saíram ou se simplesmente recuaram para as sombras.

– Tenho familiaridade com o pensamento de pessoas culpadas, embora eu mesmo ache a culpa uma emoção inútil – disse Lazmet. – Afinal, por que se sentir mal por uma coisa que se fez com plena convicção? – Ele não havia se sentado ainda. Estalou os dedos, e uma serviçal veio à frente com uma xícara feita de vidro esculpido. Ela derramou alguma coisa nela, algo roxo escuro e espesso, e Lazmet bebeu. – Sei que você está pensando que talvez ainda haja tempo para desfazer o que fez com seu amigo – continuou Lazmet. – É um último esforço para manter a parte de sua identidade que eu mais preciso que você libere. Você é uma pessoa que pensa em extremos e colocou a mim, a minha família, e talvez todos os shotet em um lugar intocável, inacessível dentro de você que rotulou como "ruim".

Ele estendeu a mão através da mesa até a cúpula no centro e levantou-a. O prato estava vazio, exceto por uma jarra, uma versão menor das que forravam as paredes. Também tinha conservante esverdeado. E, balançando dentro dela, havia dois globos brancos.

Akos sentiu o gosto de bílis e pássaro-morto assado. Poderia ter desviado o olhar. Já sabia o que estava na jarra. Não precisava ficar olhando…

Um dos globos se virou, mostrando uma íris escura.

– Tiro um olho quando pretendo deixar alguém viver – explicou Lazmet. – Tiro os dois se é executado, como Jorek Kuzar foi à meia-noite de hoje.

Akos engoliu por reflexo e se forçou a fechar os olhos. Se continuasse olhando, vomitaria. E não daria a Lazmet a satisfação de vê-lo vomitar.

– A verdade – disse Lazmet com suavidade – é que você não pode desfazer o que fez. É tarde demais. Nunca poderá voltar às pessoas com quem você contava como amigos. Então, você também pode relaxar, Akos.

Havia horror em algum lugar nas margens de sua mente, tão perto que podia tocá-lo sem dificuldade se ousasse. Ele respirou e se afastou dele. Agora não, ainda não.

Qual é a sua missão?

Akos abriu os olhos, encarando o homem cujos sangue, osso e carne haviam conspirado para criá-lo.

Matar Lazmet Noavek, veio a resposta, mais clara agora do que nunca.

Lazmet sentou-se à frente dele e descobriu seu prato, estendendo a cúpula ao serviçal atrás dele. Em seu prato havia um pãozinho, um pedaço de carne cozida e uma fruta inteira, ainda com a casca. Lazmet franziu o cenho para ela.

– Achei que esta remessa chegaria apenas daqui a uma semana – disse ele, pegando a fruta. Akos reconheceu a casca de quando invadiu o escritório de Lazmet.

Um brilho verde chamou sua atenção por cima do ombro de Lazmet. O painel da parede havia deslizado para trás, silencioso, e uma cabeça escura se projetou para fora da abertura. A cabeça ergueu-se, mostrando um laivo de pele prateada e um par de olhos escuros e penetrantes.

Atrás de Lazmet, Cyra levantou uma lâmina-da-corrente com mais ou menos o comprimento de seu antebraço e tentou apunhalá-lo pelas costas. Akos não se mexeu um izito.

Lazmet, no entanto, ergueu a mão como se estivesse pedindo outro copo de qualquer coisa que estivesse bebendo. E a mão de Cyra parou, bem no meio de seu golpe descendente.

– Cyra – disse Lazmet. – Que gentil de sua parte se lembrar da minha fruta favorita.

CAPÍTULO 47 | CYRA

MEU PAI NUNCA HAVIA USADO SEU DOM-DA-CORRENTE em mim. Exigiria que ele reconhecesse minha existência, o que preferia não fazer. Então, eu não sabia como seria estranho ser alvo de seu poder único. Eu o senti se contorcendo dentro da minha cabeça, uma pressão desconfortável no córtex central primário de meu cérebro, que desencadeava o movimento. Bem, presumi que essa fosse a área que ele manipulava. Também poderia ter sido meu cerebelo.

Não é hora de um debate sobre anatomia, me repreendi.

Independentemente de onde ele focalizasse seu dom-da-corrente, funcionava. Meus dedos, mão e braço estavam completamente rígidos, segurando a lâmina a meio caminho entre o local onde eu a levantara e onde eu pretendia cravá-la. O restante de meu corpo também parecia incapaz de se mover; não que estivesse exatamente adormecido, mas era como uma pilha de gravetos que se recusava a acender com uma faísca. Tudo parecia igual, mas eu não conseguia me mexer.

Ele parecia querer que eu respondesse, porque o pequeno movimento que eu *era* capaz de canalizar era da minha boca e mandíbula.

– De nada – falei, sentindo-me estranhamente lúcida, embora soubesse que estava prestes a morrer. Minha última chance de matá-lo tinha sido um instante antes, e então se foi. O controle de Lazmet sobre meu corpo foi absoluto a partir do momento em que percebeu a minha presença.

Exceto, pensei, *se Akos o tocar*.

Tentei fazer Akos me olhar para comunicar de alguma forma o que eu queria que ele fizesse, mas não conseguia me mexer.

O zumbido no meu cérebro ficou mais profundo, e senti uma repulsa extrema. Meus dedos separaram-se do cabo da faca, e a lâmina caiu no chão. Lazmet levantou-se, me

encarou e pegou-a, examinando o cabo.

– Não é uma faca feita com requinte – comentou Lazmet.

– Teria cumprido sua função – retruquei.

– Qualquer idiota com um martelo pode esmagar um crânio, filhinha – disse ele. Tinha esquecido o quanto ele era alto. Embora eu fosse mais alta que a maioria das mulheres, ele ainda me ultrapassava, como Ryzek. E com a pele pálida tingida de verde pela luz que passava pelos frascos de conservante, ele parecia um cadáver putrefato. – Pensei que você fosse mais refinada, considerando apenas sua educação.

– Meu acesso era limitado. Acredite em mim, eu teria envolvido a lâmina da minha mãe em seda e cravado no seu olho se tivesse recursos ilimitados.

Ele me soltou no meio do caminho, então meu braço caiu para o meu lado e minha postura se endireitou. Recuperei o uso de meus olhos, então podia piscar e olhar para Akos, que estava sentado, imóvel, à mesa.

Ele só estava aqui há duas semanas, se as informações que recebemos de Ara estivessem corretas, mas havia mudado. Sempre fora magro, mas seu rosto agora estava emaciado, e se ele tivesse ficado em pé, eu tinha certeza de que não veria a pancinha que deixava sua cintura macia. Os ossos dos pulsos destacavam-se como pequenas pedras embaixo da pele. Estava mais que pálido, tão verde àquela luz quanto meu pai, e desmazelado, como se não tivesse se importado em tomar banho por vários dias.

Eu sofria de desejo, de pena e, sim, de saudade, mesmo ali, enquanto olhava para ele. Saber que não havia me abandonado apenas para voltar para casa e esperar a guerra acabar dificultava manter a raiva contra ele. Chegar ali tinha sido estúpido, mas ao menos fora por um propósito maior.

Eu o encarei, tentando obter algum tipo de reconhecimento de que eu estava bem à sua frente, e ele me encarou de volta, mas sem me reconhecer. Quase parecia Eijeh depois que Ryzek trocou sua primeira lembrança com ele, como se não soubesse quem eu era ou onde ele estava. Como se alguém o tivesse desmontado e remontado incorretamente.

– Há um ditado de um clérigo shotet que parece apropriado, considerando a situação – comentou Lazmet. Ele girou a faca na palma da mão e agarrou-a pela lâmina, estendendo-a com o cabo voltado para mim. Cerrei os dentes quando o zumbido no meu cérebro começou novamente, e minha mão se estendeu, meus dedos se fechando ao redor do cabo. – Use uma lâmina apenas se você estiver preparado para morrer por ela.

Estremeci, rígida, quando percebi o que ele estava prestes a fazer. Lutei contra a *coisa* no meu cérebro com cada centímetro de minhas forças enquanto minhas mãos apertavam

o cabo, virando a lâmina na direção da minha barriga. Ele havia deixado minha boca solta para que pudesse me ouvir gritar, disso eu tinha certeza.

– Akos! – gritei. – Encoste nele!

– O dom-da-corrente de meu filho não está ativo no momento – esclareceu Lazmet. – Mas, claro, ele pode tentar se quiser.

Akos não se moveu. Observei quando ele engoliu em seco e fixou seu olhar em mim.

– Não – disse ele, baixinho. – Não tem sentido.

Minhas mãos aproximaram-se, e a ponta da lâmina tocou minha barriga; e, de alguma forma, eu sempre soube que a morte me encontraria assim, nas mãos da minha família e na ponta da minha faca…

Porém, embora parecesse familiar e até esperado, me recusei a aceitá-lo.

Não me ocorrera até então que, embora Lazmet controlasse meus músculos, não necessariamente controlava meu dom-da-corrente. E, embora eu também não conseguisse controlá-lo tão bem, sabia que ele estava com fome de ser compartilhado; como sempre, queria devorar tudo em seu caminho, mesmo que o que estivesse em seu caminho fosse eu. O médico ao qual minha mãe me levara quando eu era jovem me contara que meu dom-da-corrente era uma expressão do que eu achava que merecia, e o que eu achava que as outras pessoas mereciam: dor. Talvez houvesse verdade nisso. Talvez agora eu estivesse aprendendo que não merecia tanto quanto eu pensava. Mas, independentemente disso, eu sabia de uma coisa: não havia outro homem na galáxia que merecia mais dor do que aquele que estava à minha frente.

Não mandei apenas um tentáculo hesitante, imaginando se funcionaria. Joguei meu dom-da-corrente inteiro com toda a minha força sobre Lazmet Noavek, e uma nuvem preta o envolveu como um enxame de insetos. Ele gritou, descontrolado, sem o luxo do orgulho. A faca parou de se mover na direção de minha barriga, mas eu também não consegui soltá-la.

Então, ouvi um estalo agudo quando um dos frascos nas prateleiras que cobriam as paredes estourou, como um balão, seu conteúdo se derramando pelo chão. Outro quebrou logo em seguida, e outro. Logo o ar estava cheio com o odor de carne conservada, e a luz estava mudando de esverdeada para branca. O chão ficou escorregadio, e grumos brancos rolavam de um lado para o outro. O zumbido em meu cérebro diminuiu, e mãos agarraram meus ombros por trás, me arrastando para trás.

Eu gritei:

– Não! – Eu estava tão perto, tão perto de matá-lo…

Mas as mãos me puxaram para o corredor escondido atrás de mim, e, assim que me vi no escuro, soube que era melhor não tentar correr de volta para lá. Em vez disso, avancei, observando o movimento de um coque que me indicava ter sido Ettrek quem me agarrara. Corremos, o grito de meu pai nos perseguindo pelas sombras. Saltei metade de um lance de escadas que eu sabia estar chegando e virei uma esquina fechada, apenas para encontrar Yma Zetsyvis parada na saída da cozinha, seus olhos azuis selvagens.

– Venha depressa! – disse ela, e juntos corremos até o portão dos fundos, onde Teka estava esperando, acenando para sairmos.

Correndo pelas ruas ao redor da mansão Noavek, lembrei-me do Festival de Temporada. Minha mão envolvendo a de Akos, meu rosto coçando pela tinta azul. Correndo atrás dele com a água nas minhas mãos em forma de concha, embora estivesse chovendo. E a quietude de depois, quando tirei minhas roupas manchadas de azul no banheiro e percebi um tanto de calma e tranquilidade dentro de mim que não me acometia assim desde antes de minha mãe morrer.

Desde que ele me beijara na cozinha da nave de transporte, eu vinha pensando sobre o momento exato em que me apaixonei por ele. Agora, puxando o ar com dificuldade para os pulmões enquanto me esquivava por esquinas e sob tetos baixos nos túneis da mansão Noavek, eu me perguntava se tinha me apaixonado por ele enquanto ele mentia para mim, se fazendo de gentil para que eu revelasse como sair da mansão. E se tivesse sido durante esse tempo, significava que eu amava alguém que não existia? Um pretenso Akos, como uma das imagens de fumaça do Contador de Histórias?

Um grupo de pessoas correndo atrairia mais atenção do que qualquer coisa, então, quando estávamos a algumas ruas de distância da mansão Noavek, ergui meu capuz e diminuí a velocidade dos passos. Yma também enfiou os cabelos loiros sob um lenço preto, embora a cor pálida do vestido – lavanda naquele dia – ainda tornasse sua riqueza óbvia demais. Teríamos que resolver aquilo antes de chegarmos à periferia da cidade.

Teka enganchou o braço no meu, garantindo que minha pele ficasse coberta, assim como a dela. Mas era instinto afastar minhas sombras-da-corrente dela, concentrando-as no lado esquerdo do meu corpo, em vez de no direito. Encarar meu pai havia me lembrado de como era estar no controle; não como controlar as sombras em si, mas como envolver meu corpo com armaduras para que elas não pudessem me tocar e deixar que fluíssem em outro lugar.

– Assim, somos apenas um par de amigas voltando do mercado juntas – disse ela,

inclinando a cabeça para mim. – Ninguém espera que Cyra Noavek tenha uma amiga.

Às vezes, ela ainda dizia coisas que me magoavam. E não porque fossem mentiras.

Andamos assim algumas dezenas de passos atrás de Ettrek e Zyt, e uns cinco passos à frente de Yma.

– Você ficaria bem melhor andando com ela – falei, inclinando a cabeça ligeiramente para trás. – Vocês duas poderiam ser mãe e filha.

Teka apenas deu de ombros.

Quando as ruas foram de pedra para pedra quebrada, e daí para terra, paramos para ver o que fazer com as roupas de Yma. Teka emprestou para ela uma capa com capuz e amarrou o lenço escuro em volta da cintura para cobrir a maior parte da saia. Apenas um pouco de lavanda espreitava do fundo quando ela estava em movimento. Ainda assim, fizemos nosso caminho rapidamente para o esconderijo, com pelo menos um de nós olhando para trás a cada poucos passos, como se isso por si só não fosse suspeito.

Quando nos escondemos dentro do enorme espaço, Ettrek se virou para mim.

– Sabe, me custou muito quebrar todos aqueles jarros – disse ele. – O mínimo que você pode fazer é não parecer tão brava por ter sido resgatada.

Agora que estávamos seguros, me deixei desmoronar. Desta vez, eu ruí aos berros.

– Eu o tinha nas mãos! Estava prestes a matá-lo! E você decidiu me resgatar?

Sifa emergiu de uma escadaria, as mãos entrelaçadas à sua frente. Ela sabia que falharíamos? Eu nem queria considerar a ideia.

– Matá-lo! – O cabelo de Ettrek estava sujo de terra, como açúcar sobre um bolo. – Você estava prestes a enterrar uma lâmina-da-corrente na própria barriga!

– Essas sombras-da-correntes não são boas apenas pra me fazer me contorcer o tempo todo, sabia? – Avancei na direção dele, esmagando um pedaço de flores frágeis com o salto do meu sapato. – Eu o envolvi com elas. Eu o teria matado.

– Talvez não antes de ele te matar – disse Ettrek com calma.

– E daí? – questionei. Ele recuou, batendo as costas contra o peito de Zyt, e eu continuei: – Quando alguém lhe pede para trocar a vida do Flagelo de Ryzek pela chance de matar Lazmet Noavek… – e depois gritei: – … *você troca!*

O eco no espaço parcialmente detonado durou muito tempo.

– Você e o menino Kereseth me exasperam – disse Yma, abrindo o fecho do manto que havia pegado emprestado e abaixando o capuz. – Tão ansiosos para jogar sua vida fora.

– Não é apenas a vida dele que ele está disposto a jogar fora – retruquei. – É a minha também.

– Sim, foi um choque ele não ter te salvado – comentou Yma. – Não tinha certeza se ele teria coragem. Eu estava tão preocupada que pensei em criá-la dentro dele, mas fiquei com medo do dano que poderia causar no processo.

– Criá-la?

– Sim. A razão pela qual sua família me manteve viva por tanto tempo é que desvio corações do jeito que desejo.

– Isso explica muita coisa.

– Pois é. – O tom de Yma era irônico. – De qualquer forma, você é incrivelmente coerente, senhorita Noavek. O rapaz foi deixado à míngua, foi aprisionado, espancado, manipulado, ameaçado, e ainda mostraram para ele os globos oculares de seu amigo em uma jarra no jantar, e ainda assim você está pensando no que ele permitiu que acontecesse com *você*.

– Yma – disse Teka, parecendo enojada.

– Não, não. Deixe que ela desabafe. – Abri os braços. – O que eu sou, então? Irritantemente abnegada ou chocantemente egocêntrica?

– Preciso escolher? – Ela levantou as sobrancelhas, que estavam tão pálidas que quase se misturavam à pele. – Você morreria para que todos nós tivéssemos que honrá-la. É orgulhosa demais para desaparecer lentamente na obscuridade, também conhecida como vida normal. Uma coisa que vou dizer de seu ex-namorado é que ao menos, ao contrário de você, ele não tem sede de glória.

Eu estava prestes a responder quando percebi que Teka havia coberto o rosto. Ouvi um som agudo, abafado pelas palmas de suas mãos. Um soluço.

– Jorek – disse ela.

Aquilo arrancou a raiva de mim, como se sugasse o veneno de uma picada. Eu havia esquecido. Yma também se esquecera, ou talvez não tivesse escolhido palavras tão específicas – *mostraram para ele os globos oculares de seu amigo em uma jarra*. Jorek não apenas morreu, como também sofreu o mesmo horror que Teka. Não era assim que alguém deveria morrer.

Yma foi até ela do jeito que só a família podia, envolvendo a sobrinha em seus braços e apertando com força. Eu estava por perto, sem vontade de sair, mas sem saber como ficar. Por vários motivos.

Sifa aproximou-se. Seus cabelos estavam presos em uma trança irregular, com a mesma textura ondulada e grossa que a minha.

– Você sabia? – perguntei. Poderia estar questionando uma porção de coisas, mas não

me preocupei em esclarecer.

– Suspeitava. Ainda não sei exatamente o que está chegando ou como nos orientar. A situação ficou… exponencialmente mais complicada.

Meu queixo tremeu quando falei em seguida:

– Se não sabe como nos orientar… por que veio?

– Você não vai gostar da minha resposta.

Como se isso tivesse alguma importância.

Sifa deu de ombros.

– Eu vim para ficar do seu lado.

Sifa – a mulher que havia abandonado o marido e os filhos ao horror do assassinato e do sequestro, a mulher que persuadira seu filho a matar Vas Kuzar e permitira que Orieve Benesit morresse em nome da fortuna – tinha vindo aqui não para manipular, mas apenas para… ficar ao meu lado?

Eu não sabia se acreditava nela ou não, então apenas assenti, bruscamente, e me afastei.

A luz inclinada que entrava pelo teto quebrado tinha assumido uma cor queimada, como brasas ainda esfriando. Significava que o dia havia terminado, sem plano, sem caminho, sem maneira de voltar a Lazmet Noavek. A manhã chegaria, e o tempo que Isae Benesit nos dera acabaria.

CAPÍTULO 48 | CISI

ACORDO COM UM GOSTO AMARGO NA BOCA. Não sei ao certo onde estou. Da última vez que soube de alguma coisa, eu estava no banheiro com sangue encharcando a lateral do meu corpo, pois Ast tinha acabado de me esfaquear. Pensei que morreria. Mas, onde quer que eu esteja, não pareço estar morta.

Parece que há uma penugem sobre minha língua. Eu me encolho um pouco com essa sensação. Alguém enfia um canudo entre meus lábios, e eu bebo. A água enche minha boca, e eu faço um leve bochecho antes de engolir.

E, ai, engolir *dói*. Não na garganta, mas no estômago. É como se alguém tivesse rasgado o meu abdômen.

Abro os olhos. Não sei ao certo por que espero ver a grande rachadura que fica em cima da minha cama em casa. Quando eu era criança e ficava doente, costumava pensar em sua forma. Era um flutuador? Um pássaro? Nunca consegui decidir.

Porém, não há rachaduras neste teto. O teto aqui é uma imagem em movimento, como as das paredes da sede da Assembleia. Mostra um céu azul com nuvens fofas flutuando por ele.

Levanto a mão. Há um dispositivo logo abaixo de meus dedos. Posso senti-lo pinicando um pouco quando os mexo. Provavelmente está monitorando meus sinais vitais, frequência cardíaca, temperatura e açúcar no sangue. Há um pequeno ponto de saída sobre ele, preso a um tubo com líquido claro que passa por ele. Mantendo-me hidratada, presumo, embora não esteja servindo para nada pelo gosto que tenho na boca.

– Senhorita Kereseth?

Pisco para afastar a película que cobre meus olhos e vejo uma mulher vestida com uniforme branco – camisa e calça – e um avental azul-escuro por cima. Seus cabelos estão amarrados e presos com presilhas. Ela usa luvas de borracha.

Eu me sinto à deriva. Na cabeça, listo as coisas que sei. Não estou em casa. A julgar pelo teto, estou em um lugar rico. Sede da Assembleia? Não, Othyr – estávamos em Othyr da última vez. Estou ferida. Minha barriga. É como se alguém tivesse rasgado meu abdômen…

Eu me lembro do rosto dele no espelho, bem ao lado do meu. Alguém que fez exatamente isso.

– Ast – rouquejo.

– Como? – A enfermeira franze a testa. – Ele não está aqui agora… ele veio ontem para verificar como a senhorita estava.

Ele veio ver como eu estava? Não, ele veio para garantir que eu ainda estava inconsciente ou na esperança de que eu estivesse morta. Um arrepio percorre meu corpo. Ele esteve aqui enquanto eu estava inconsciente – e se ele fizesse outra coisa, e se tentasse terminar o que começou? Imagino um travesseiro pressionado na minha boca, um frasco de veneno na minha garganta, pontos puxados da ferida no meu abdômen até minhas entranhas se espalharem…

– Não – falo em um grunhido. – Não, foi Ast quem fez isso, Ast me apunhalou…

– Senhorita Kereseth, eu acho que a senhorita está confusa, esteve inconsciente por alguns dias…

– Não estou…

– A filmagem de segurança do seu quarto não estava lá – diz ela com suavidade.

Claro que não, penso eu, mas não posso dizer. *Ast encontrou uma maneira de apagar a evidência!*

– Mas eles encontraram a arma sem impressões digitais – continua ela – na casa de um homem cuja corrente permite que ele apresente rostos diferentes. A polícia othyriana suspeita que ele estava tentando matar a chanceler e pegou a senhorita no lugar dela.

Fecho os olhos e os aperto. Claro. Ast finge ser simples demais para a política, sente os dons-da-corrente, cresceu com inteligência e contatos do mundo real com reputações obscuras, sem dúvida… claro que ele sabia como encobrir seus rastros. Apagou as imagens, enganou a polícia, encontrou um provável suspeito para culpar pelo crime, plantou a arma…

Mas *por qu*ê? Por que assumiria esse risco? Apenas para que fizessem tudo do jeito dele? Por que se importava tanto com o que acontecia com Thuvhe nessa guerra?

– Foi ele – digo com alguma dificuldade.

Talvez, penso quando começo a cair no sono de novo, *ele não esteja preocupado com*

Thuvhe, mas com Shotet.

Certa vez, Isae me contou a história de suas cicatrizes. Nunca perguntei, porque não era o tipo de coisa que simplesmente se *perguntava*. Mas ela me contou mesmo assim.

Estávamos sentadas no sofá velho e sujo do meu apartamento escolar. Havia potes fervendo em queimadores em todos os lugares, por isso os cantos da sala estavam cheios de vapor. Estávamos em Shissa, então, através das janelas do chão ao teto na parede oposta, tudo que eu via eram montes de neve bem lá embaixo. Meu quarto mal tinha largura suficiente para eu esticar meus braços, mas tinha uma bela vista.

Ela estava com um travesseiro bordado no colo, um que eu havia comprado em uma lojinha em Hessa onde trabalhava uma amiga do ensino fundamental. Usava meias que eu lhe emprestara porque as dela não eram quentes o bastante. Eram marrons amareladas ou amarelas acastanhadas, nunca consegui decidir, e tinham um calcanhar irregular, pois eu havia errado nos remendos.

Ela me disse que não havia crescido em uma nave pirata. Era só o que ela dizia às pessoas para assustá-las. A nave de transporte em que ela trabalhava quando criança fazia algum negócio obscuro de vez em quando, ela disse, mas nada que causasse indignação.

E, acredite em mim, ela disse, *se houvesse alguma coisa que causasse indignação, meus pais ficariam indignados.*

Eles desembarcaram em Essander para despejar as mercadorias de seu trabalho mais recente, e por acaso era o planeta onde os shotet estavam fazendo sua coleta de temporada. Só que as coletas não deveriam incluir roubo e assassinato, de acordo com as diretrizes éticas com as quais os shotet haviam concordado quando a Assembleia foi formada.

Os shotet embarcaram na nave transportadora, do jeito que piratas teriam feito. E vasculharam a nave, sala por sala, revirando tudo para encontrar objetos de valor e matando quem quisessem. Um dos coletores ameaçou a mãe de Isae e, quando seu pai foi defendê-la, os dois acabaram mortos. Então, Isae foi até o homem com um martelo de carne.

Um… martelo de carne?, perguntei para ela, tão chocada que não pude deixar de sorrir. E tudo bem. Ela sorriu também.

Ela bateu com força na cabeça de um deles, disse ela, mas martelos de carne são inúteis contra um soldado shotet. Na verdade, quase tudo era, segundo ela. Eles eram letais. E a líder do grupo deve ter admirado a iniciativa de Isae, porque, em vez de matá-la, prendeu

Isae no chão e rasgou seu rosto, dizendo: "*Lembre-se de mim.*"

Ela não havia mencionado Ast na época, exceto para dizer que alguns de seus amigos foram feridos ou mortos também. Agora, porém, eu sabia que ele estava lá, e que um soldado shotet havia matado seu pai e metade de seus amigos.

Sim, havia muitas razões para Ast se importar com o que acontecia com os shotet nessa guerra.

– Ci?

A voz de Isae soa tensa. Ela está exausta, com o cabelo caindo ao redor do rosto. Ela pega minha mão e aperta. Acho que Ast não deve ter dito a ela que tentei mandar uma mensagem aos exilados shotet, ou ela teria mandado me prender em vez de ficar sentada ao lado da minha cama.

– Você fez… – Minha voz soa rangente como uma porta velha. – Você fez a aliança com Othyr?

– Não precisa se preocupar com isso agora. Apenas se concentre em se curar, tudo bem? Nós quase perdemos você. Eu quase perdi você.

– Estou bem – digo. Toco no botão para levantar a metade superior da cama. Quando estou parcialmente erguida, a dor queima minhas costas, mas não quero me deitar de novo. – Me conte.

– Sim, fiz a aliança. Antes de dizer qualquer coisa… nós precisávamos dessa arma, Ci. A pressão para retaliar é intensa.

– Pressão de onde? De Ast?

Ela franze a testa para mim.

– De todos os lugares. Da minha cabeça, por um lado. De Shissa, Osoc, Hessa. Do líder da Assembleia. De todas as partes. Eles mataram pessoas inocentes. O que eu deveria fazer?

– Mostrar misericórdia – respondo, e é o suficiente para afastá-la.

– Misericórdia? – questiona ela. – *Misericórdia?* Onde estava a misericórdia dos shotet quando destruíram um hospital? Onde estava quando aquela mulher me prendeu e cortou meu rosto? Onde estava para minha mãe, para o meu pai… para *Ori*?

– Eu…

– Othyr nos deu um canhão anticorrente, e vou usá-lo assim que puder. Nesse ponto, espero que você me diga que seu cérebro foi afetado por analgésicos, porque não há como uma pessoa com a cabeça no lugar pedir misericórdia agora.

Ela sai tempestuosa, com a coluna reta. A postura que algumas estações na Assembleia a ensinaram para que ela se encaixasse.

Eles mataram pessoas inocentes, ela disse, quase na mesma respiração em que falou sobre fazer o mesmo. E esse é o problema, porque, para ela, nenhum shotet é inocente. E essa é a grande diferença entre nós.

Olho para as nuvens projetadas no meu teto. Estão mais grossas agora, mais próximas.

Estou presa aqui e sem opções. Sem tempo.

Sonho com a oráculo Vaera, mostrando-me as esculturas no Salão da Profecia em Ogra. Cada um é um membro da minha família feito de vidro. Até mesmo Cyra está entre eles.

E acordo com o rosto de Ast pairando sobre o meu.

– Não estou aqui para te machucar – diz ele quando o besouro assobia, sinalizando para ele, com certeza, que me mexi. – Isae vai estar aqui em breve. Só queria conversar com você antes.

Ele puxa o banquinho até a cabeceira da minha cama e se senta, o besouro empoleirado em seu ombro.

– Você deve ter notado que não falei a Isae que você tentou contatar nossos inimigos. Que tentou entrar em contato com *Cyra Noavek*.

Meu rosto está quente. Minha garganta queima. Quero falar. Gritar. Envolver minhas mãos em torno de sua garganta.

– Não achei que fosse inteligente despertar suspeitas nela… você a trai e, na mesma noite, é atacada? Mas deve saber que, se eu decidir contar para ela, tenho certeza de que ela terá mais empatia por mim do que por você. Atacar a mulher que ela ama porque se tornou traidora de seu país… é perdoável. O que você fez não é.

– Você… – Cerrei meus dentes. A palavra sai como um grunhido, com um esforço além do que consigo com as limitações da minha garganta e boca.

– Então, não pise fora da linha, Cisi – diz ele. – O que está feito, está feito. O ataque foi ordenado, e acho que agora podemos começar a nos entender.

Quero gritar por aquela injustiça, meu silêncio forçado pela corrente, que supostamente dá toda a vida. Se é tão boa, por que me sufoca? Por que tortura Cyra? Por que afasta meu irmão, fortalece ditadores e bagunça a mente da minha mãe?

Ouço o tom agudo e entrecortado da voz de Isae do lado de fora da porta. Sei, então, o que preciso fazer.

Se meu dom não puder ser superado, talvez seja necessário usá-lo.

Afasto minha raiva, minha tristeza, minha preocupação. Deixo de lado minha dor também, tanto quanto posso. Lembro-me de mergulhar no fundo da piscina no porão do templo quando aprendi a nadar. A maneira como a água ardeu em meus olhos no começo. Como ela ergueu meus cabelos e fez com que parecessem macios. Como acariciava e pulsava em seu próprio ritmo. Como eu podia ouvir meu batimento cardíaco.

Isae me contou que o pai de Ast atendia pelo nome de "Grifo". Ele fazia a manutenção de sua pequena nave. Então, talvez não sejam coisas confortáveis que suavizam Ast, mas coisas rígidas: a alça de metal quente de uma ferramenta que seu pai acabou de largar. A vibração do motor da nave na parede. A sensação de uma grade sob pés descalços.

Ast pisca lentamente.

– Ei – diz ele. – Pare.

– Não – digo. Ao menos ele está confortável o bastante agora para que eu possa falar. – Você vem me criticando pelo uso do meu dom-da-corrente desde que chegou. Vê como ele me sufoca e não faz nada para garantir que eu seja ouvida. Bem, agora vou fazer com que ele sufoque você.

– Você a está controlando – diz Ast. – Não posso permitir.

A manga áspera dos macacões de um trabalhador de manutenção, levemente desgastada. O óleo do motor esfregado entre dois dedos, liso e ligeiramente pegajoso. Um parafuso sendo posto no lugar e apertado, giro após giro.

– Você tenta fazer do seu jeito, e eu tento fazer do meu, mas nenhum de nós a controla.

– Não, você está… – Ele se inclina para trás e fecha os olhos. – É diferente.

– Você tem razão, meus métodos são muito mais eficazes – digo baixinho. – Acha que uso meu dom de forma imprudente. Você não tem ideia do quanto eu me seguro.

Eu o atinjo novamente: o estremecimento do assento embaixo dele enquanto sua nave atravessa uma atmosfera. A ruga do invólucro que envolve um bolo de proteína pré-embalado em uma estação de abastecimento. Envolvo texturas ao redor dele, metal e plástico e vapor e graxa, até que ele consiga reviver aquela nave.

Ele se recosta à parede e apenas olha para mim.

– Você não vai mais ficar no meu caminho – digo. – Vou nos guiar para longe da catástrofe, e você vai permitir que eu faça isso.

A porta se abre, deixando Isae entrar, vestida com suas roupas de ginástica. Seu rosto brilha de suor. Ela sorri para mim e Ast, provavelmente pensando que estamos fazendo as pazes. Como se paz fosse o que eu poderia ter com alguém que me ataca, ameaça e tira proveito da minha incapacidade de falar.

– O que foi? – questiona ela, seu rosto se fechando enquanto observa a cena, eu tensa e erguida, as mãos cerradas em punhos. Ast descaído, ombros curvados, pálpebras semicerradas.

– Conte para ela – falo para ele. – Conte para ela o que você fez comigo.

Ele encara com os olhos vazios.

– Conte. Para ela – digo devagar.

– Eu ataquei você – diz ele para mim. Então, para Isae: – Fui eu, eu a ataquei.

– Você… O quê? – pergunta Isae. – Por quê?

– Ela estava interferindo – responde ele.

Não posso sustentar esse nível de energia por muito mais tempo. Recuo com meu dom-da-corrente com um suspiro. Quando Ast volta a si, seu rosto se contorce de raiva. Isae parece fulminada.

– Me desculpe, eu… – Finjo engasgar com as palavras. Faço que estou hesitante e cubro minha barriga com o braço, estremecendo. Deixo que ela me veja fraca, fora de controle. – Eu não queria – falo. – Mas precisava… precisava que você acreditasse em mim.

– Ela está mentindo para você! – ralha Ast. – Não consegue enxergar? Está usando o dom-da-corrente para manipular você, para controlar você! Está fazendo isso o tempo todo!

– Olhe, olhe para o braço dele – peço. – Há uma marca de mordida, de quando revidei.

Isae cerra os dentes. Caminha até ele e agarra seu braço, fazendo com que ele se levante. Ele vai até onde ela o conduz, talvez sabendo que não pode lutar contra uma chanceler ou que eu finalmente o derrotei. Ela puxa a manga dele para cima e lá está ela: uma marca perfeita dos meus dentes, um meio-círculo irregular.

Ela deixa cair o braço dele com um gemido suave.

– Eu… ela estava tentando entrar em contato com os shotet – diz ele. – Ela tentou enviar uma mensagem para…

– Cala a boca – diz Isae. Ela pisca rapidamente. – Confiei em você. Você mentiu para mim. Você… eu quero você preso. Quero que você *suma*.

Estou apagando. Cansada demais para ficar acordada. Mas, antes de dormir, olho para Ast e, embora saiba que ele não enxerga, sorrio.

CAPÍTULO 49 | AKOS

AKOS ESTAVA ENCARANDO O FOGO quando a porta se abriu na manhã seguinte.

Ele esperava, quando Cyra escapou sem sua ajuda, desmoronar por completo. Em vez disso, sentiu que todo o excesso de sua vida – a agonia sobre sangue e cidadania, família e fortuna – foi cortado, como carne cozida arrancada do osso. E, nesse momento, tudo que estava confuso ficou claro.

Ele não era thuvhesita nem shotet, Kereseth ou Noavek, terceiro ou segundo filho. Ele era uma arma contra Lazmet Noavek.

O tormento da fome não o incomodava mais, somente deixava sua mente e corpo fatigados e menos úteis para ele. Yma não veio lhe trazer mais comida, por isso ele soube que provavelmente ela havia ajudado Cyra a escapar, e ele ficava grato por isso de um modo distante que cabia a outra vida. Nesta vida, ele não queria nada mais além de realizar seu objetivo.

– Akos?

A voz pertencia a Vakrez. Akos levantou-se de seu lugar perto da lareira, reprimindo um arrepio pelo ar frio que encontrou longe dela. Vakrez estava de testa franzida para ele.

– Você está bem? – perguntou ele com mais gentileza que de costume.

– Estou bem – respondeu Akos enquanto esticava o braço para Vakrez.

– Não é por isso que estou aqui. Não haveria muito sentido, com a Yma desaparecida – disse Vakrez. – Lazmet me convocou para discutir estratégias e me pediu para buscar você antes.

Akos procurou seus sapatos e os encontrou embaixo do pé da cama. Enfiou os pés nele e levantou as sobrancelhas para o comandante quando ele não se afastou da porta.

– Quê? – perguntou ele.

– Você parece… – Vakrez franziu o cenho. – Deixa pra lá.

Caminharam lado a lado até a sala que Lazmet estava usando para a reunião. Seu gabinete, ao que parecia, porque subiram uma escada com paredes revestidas de madeira em vez de irem até o Salão de Armas. Akos teve que parar no topo da escada para recuperar o fôlego, e Vakrez esperou por ele sem reclamar.

Seu pai cumprimentou-o com a cabeça inclinada quando entrou no escritório, com seu tapete macio e seus volumes de história empilhados. A casca da fruta que havia dado a pista a Lazmet da invasão de Cyra na mansão estava enrolada sobre a mesa dele.

Quando Lazmet gesticulou para que ele se sentasse, desta vez Akos aquiesceu, sentando-se na ponta do sofá mais próximo do fogo. Baixou o olhar para os próprios dedos. Seus nós dos dedos haviam engrossado? Ou o restante de sua mão simplesmente começara a desaparecer, seu corpo devorando as últimas reservas de força e energia que tinha?

– Akos – disse Vakrez, empurrando seu ombro.

– Hein? – Akos levantou a cabeça.

– Preste atenção – pediu ele com as sobrancelhas levantadas.

Ele havia repreendido Akos por estar desatento mais de uma vez. A última vez, lembrou-se Akos, tinha sido no acampamento dos soldados, depois que ele ganhara sua armadura e, talvez, uma pequena quantidade de respeito de seu comandante. Vakrez estava falando sobre estratégia. Algo sobre como o soldado que estava em seu território sempre tinha vantagem porque conhecia o território. Os soldados shotet, portanto, precisavam se adaptar rapidamente, já que nunca estariam em seu território. *Mesmo Voa*, ele disse, *não é a sua casa. Os shotet não têm casa.*

– Ora, não o repreenda, Vakrez – disse Lazmet, recostando-se na cadeira com um livro no colo. Akos não conseguia ver a lombada. – Ele não está operando em plena capacidade agora.

– Por que estou aqui? – perguntou Akos, piscando lentamente para Lazmet.

– Eu estava esperando que você me contasse algumas coisas sobre sua cidade natal – revelou Lazmet. – Pelo que entendo, você vem de Hessa.

Ele estava prestes a perguntar por que Lazmet queria saber sobre sua cidade natal; suas lembranças, afinal, eram do tipo com que uma criança se importaria, como onde ficavam os melhores doces, ou qual loja Eijeh gostava de ver apenas para poder olhar a garota que trabalhava atrás do balcão. Mas a resposta, quando refletiu um pouco mais, era óbvia.

– Você vai atacá-la – disse Akos. O pensamento dos shotet invadindo as ruas íngremes de Hessa, invadindo a loja de doces, talvez matando a garota que trabalhava atrás do

balcão, fez com que ele se sentisse mal.

Lazmet não respondeu.

– Não é difícil de imaginar – disse Akos. Ele se sentia longe de tudo. – Existem apenas três grandes cidades em Thuvhe. Você já atingiu Shissa. Então, a próxima é Osoc ou Hessa.

– Você não parece incomodado – falou Lazmet. – Você espera que eu acredite que não sente nada pelo lugar onde passou a maior parte da sua vida?

Ele não se permitiu pensar na pequena loja de especiarias que o fazia espirrar, ou na mulher que vendia elaboradas flores de papel nos meses quentes, quando não nevava. Ou na viela que subia diretamente a colina, a melhor – e mais perigosa – pista de trenó em toda Thuvhe. Ele não pensaria ou seria engolido pelo pensamento.

Lazmet queria que ele traísse seu lar. *Os shotet não têm casa*, pensou Akos, lembrando-se da palestra de Vakrez sobre estratégia.

Mas ele tinha uma casa. Tinha um lar, um lugar que ninguém conhecia tão bem quanto ele.

– Não é que eu não sinta nada – respondeu ele, segurando-se tanto quanto podia. – É que tenho uma oferta para você.

– Ah, é? – Lazmet pareceu se divertir com a frase. Bem, tudo bem, pensou Akos. Melhor ele se divertir e subestimar Akos do que desconfiar.

– Você vai me levar para Hessa com você e, depois que seu ataque terminar, vai me deixar lá, na minha casa – sugeriu Akos. – Depois disso, eu não venho atrás de você, e você não irá atrás de mim.

– E em troca?

– Em troca, eu o ajudarei a destruir o templo de Hessa.

Lazmet olhou para Vakrez. O comandante parecia estar trabalhando a ideia na mente com entusiasmo. Ele se sentou na outra extremidade do sofá, conseguindo, de algum jeito, fazer o afundar nas almofadas parecer gracioso.

– O templo de Hessa. Por que isso importaria para mim?

– A julgar pelo seu ataque a Shissa, você quer ser teatral. Gestos grandes e destrutivos são desmoralizantes, além de custarem muitas vidas – respondeu Akos. – Mas Hessa não tem prédios grandes e flutuantes para derrubar do céu. Mas tem o templo. Está gravado em nossa antiga moeda, antes de a Assembleia ter sido formada. Não há mais nada para atacar em Hessa, *exceto* o templo.

O estranho era que ele sabia que os dois homens já sabiam disso. Lazmet tinha idade

suficiente para lembrar-se do cerco que sua mãe liderou contra Hessa, aquele do qual Hessa ainda mantinha janelas quebradas e pedras riscadas. Aquela avó de Akos tinha entrado com nada além de um cutelo de carne, se as histórias fossem verdadeiras.

Então, Lazmet provavelmente só queria ver se Akos o convenceria ou se se incomodaria em tentar. Mais "curiosidade", mais experimentação. Isso nunca parava.

– É um templo, não um labirinto – disse Lazmet. – Realmente não preciso da sua ajuda para atacá-lo, agora que você me disse que é o que eu deveria fazer.

Akos sentiu a pontada de pânico no peito. Mas conhecia o templo de Hessa melhor do que a maioria dos thuvhesitas, e isso tinha que valer alguma coisa. Precisava valer.

– Segundo todos os relatos, pode muito bem ser um labirinto, por mais que seu mapa faça sentido. Você teria dificuldade para encontrar um mapa dele também – disse Akos. – Mas se você e sua força de combate quiserem fugir como um bando de idiotas, dando aos oblatos bastante tempo para convocar todo o exército de Hessa, o melhor exército de todos em Thuvhe, devo acrescentar, então vá em frente.

– Então, a planta é absurda, não há mapas, e só você sabe como perambular por ele – disse Lazmet com um sorriso de escárnio. – Que conveniente.

– Nada disso é *conveniente* – retrucou Akos, franzindo o cenho. – Você me trouxe aqui porque pensou que eu tinha algo útil para contar sobre Hessa, e agora eu digo que sei de algo útil, e você se recusa a acreditar? – Akos soltou uma risada curta. – Eu traí meu país, matei meu amigo, não tenho nada para que voltar, nada mais no mundo, exceto aquela casa, onde as pessoas me deixarão em paz. Você garantiu que fosse assim. Então, faça seu ataque, faça sua guerra, faça o que quiser, mas me *deixe em paz* e te darei tudo o que tenho.

Os olhos de Lazmet estavam fixos nos dele, investigando, calculando. Akos imaginou a si mesmo como o Encouraçado, rasgando seu abdômen para abrir espaço para Lazmet entrar. Sentiu o fio sacudindo em sua cabeça, e a contração involuntária de seus dedos significava que Lazmet o estava testando. Desconfiado, como sempre, mas Akos já esperava por aquilo.

Lazmet pegou seus dedos se contorcendo. Akos sentiu o golpe de algo como esperança em seu íntimo, e então…

– Vakrez, me dê uma leitura sobre ele – ordenou Lazmet.

Akos sabia que seria mais suspeito contestar do que calar, então esticou o braço para Vakrez tomá-lo. Estava ficando cada vez mais fácil imaginar-se como o Encouraçado, quanto mais ele queria estar longe de tudo e de todos. Os Encouraçados quanto eram solitários, apartados de tudo o que canalizava corrente. Solitários, mas impenetráveis,

assim como ele era. Sabiam que a maioria das pessoas que os matava tinha que encontrar uma maneira de enfiar uma faca embaixo de sua perna dianteira ou na articulação da traseira, onde havia um espaço entre as placas grossas que cobriam seu corpo. Essas pessoas tinham que chegar fundo o suficiente para fazer a coisa sangrar até a morte. Foi assim que Cyra matou, ele tinha certeza. Era o jeito dela – encontrar a fraqueza, explorá-la, acabar com ela. Era mais honroso do que o modo como ele fizera, acalmando a fera até ela adormecer, dando-lhe alívio, como se fosse alguém em quem se confiasse, e depois envenenando-a.

Mas esse era o jeito *dele*.

Tirando aquele momento, não havia nada que ele pudesse fazer a não ser baixar o escudo do dom-da-corrente para que Vakrez pudesse entrar no coração de Akos. E o que veria era intenção pura, o desejo inconfundível de matar Lazmet.

Vakrez tocou-o, sua mão fria e áspera como sempre, e fechou os olhos por alguns instantes. Akos esperou pelo golpe, esperou pelo seu fim.

– Muito mais claro agora – disse Vakrez. Ele abriu os olhos e se voltou para Lazmet. – Tudo o que ele quer é fugir.

Akos tentou não olhar. Era mentira.

Vakrez estava mentindo para Lazmet.

Ele não se atreveu a olhar para o comandante. Não podia se dar ao luxo de se entregar agora.

– Então, meu filho – disse Lazmet para ele –, parece que temos um acordo. Você me leva para Hessa. E eu deixo você ir para casa.

Vou levá-lo ao meu lar, pensou Akos, *e é lá que você vai morrer.*

CAPÍTULO 50 | CYRA

NA MANHÃ SEGUINTE, não havia mais nada a fazer a não ser sair do esconderijo. Deixar para trás Voa, Lazmet e Akos.

Em outras palavras, desistir.

Vasculhamos as gavetas de um dos apartamentos abandonados para encontrar uma muda de roupa para todos, depois saímos do esconderijo. Tínhamos prometido a Yssa, que estava esperando na nave pelo sinal para nos buscar, que a encontraríamos se conseguíssemos escapar.

Fiquei irritada enquanto caminhávamos, o tecido áspero das calças mal ajustadas raspando minhas coxas. O cobertor velho de alguém tinha se tornado um lenço para cobrir meu rosto, e isso também irritava. Zyt e Ettrek iam à frente, o nó sobre a cabeça de Ettrek balançando a cada passo, então Yma e Teka, a uma distância respeitável, e Sifa e eu, seguindo atrás. Quando passamos por baixo de janelas pregadas com tábuas, escutei a conversa de Yma e Teka.

– Abandonei minha casa à ruína – Yma estava dizendo. – De qualquer forma, é longe demais para a maioria dos ladrões se dar ao trabalho de invadir.

– Quando isso acabar, vou ajudá-la a botar em ordem – comentou Teka.

– De qualquer forma, aquele lugar está cheio de lembranças de Uzul – lamentou Yma, balançando a cabeça. Havia colocado o cabelo atrás das orelhas e embaixo da gola do casaco, por isso não mostrava tanto, mas não havia como disfarçar aquele branco impecável.

O som do nome de Uzul me incomodou, embora não tanto quanto doeu em Yma, eu tinha certeza. Eu não o havia matado, não da maneira que poderia, mas a dor o levara à morte, e eu tinha gerado aquela dor. Cyra Noavek, provedora de dores, agente da agonia.

Chegamos ao prédio onde a nave esperava, enfiada sob a lona no teto com Yssa dentro

dela. Zyt enviara-lhe um sinal na noite anterior só para lhe dizer que, pelo menos, alguns de nós estávamos vivos, para que ela não fugisse da cidade ainda. Subimos as escadas, que ainda cheiravam a lixo, e eu me vi ao lado de Zyt de novo, diante do grupo, minhas longas pernas me pondo em vantagem.

Ele lançou um olhar suave para mim.

– Eu…

– Ah, não. – Eu suspirei. – Não lido bem com compaixão.

– Posso oferecer um tapinha de apoio nas costas? – perguntou Zyt. – Uma tranquilização rude, talvez?

– Você tem algum doce? Eu aceitaria um doce.

Ele sorriu, enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de plástico brilhante enrolado do tamanho de um dedo. Estreitei os olhos para ele, mas puxei o invólucro com minha unha e descobri um pequeno pedaço rígido de mel de fenzu, reconhecível devido à sua cor amarela brilhante.

– Por que você está carregando um doce no bolso?

Zyt deu de ombros. Empurrou a porta para o telhado aberto, deixando a luz nebulosa de Voa entrar na escadaria. O céu estava coberto de nuvens, e a cidade tinha um tom amarelado, uma tempestade se formando. O tecido grosso que cobria a nave ainda estava amarrado, frouxamente, então Yssa poderia ter liberado a nave facilmente se precisasse. Eu me abaixei e quase engasguei com o doce duro.

Eijeh estava nos degraus que se estendiam da escotilha da nave.

– O que você está fazendo aqui? – questionei.

– Eu não vou ficar – avisou ele. Parecia desajeitado, todo o peso em uma perna, uma das mãos segurando a bainha da jaqueta.

– Isso não responde à pergunta dela – disse Teka atrás de mim.

– Estou aqui para avisar todos vocês – falou Eijeh.

– Por quê? Você informou à polícia shotet de novo? – perguntou Zyt.

– Não – respondeu Eijeh. – Eu só queria fugir. Ficar livre dela. – Ele meneou a cabeça para mim. – E aí algumas das minhas visões… convergiram. Sobrepostas.

– As minhas não – interveio Sifa, com a testa franzida.

– Isae Benesit partilhou um pouco de si mesma quando nos forçou, forçou Ryzek, quero dizer, a ver suas lembranças antes que fosse morto – explicou Eijeh. – Então, eu tenho uma compreensão melhor sobre ela do que você. Eu a conheço de dentro para fora.

Senti Teka me encarando, intrigada, mas não consegui desviar o olhar. Os olhos verdes

pálidos de Eijeh estavam estranhos. Mais claros do que haviam ficado por muito tempo.

– Sei que estamos sem tempo – falei. – Isae Benesit prometeu não pressionar Ogra para deportar os exilados até depois de a minha semana acabar.

– Deportação não é o que ela tem em mente agora – disse Eijeh. – Está preparando outro canhão anticorrente, como o que destruiu a nave de temporada.

Sifa levou a mão à boca para cobri-la e, pela primeira vez, eu soube – não por lembrança ou adivinhação, mas *vendo*, com meus olhos – que éramos iguais. O mesmo nariz forte. A mesma sobrancelha feroz. A família Kereseth, minha família.

– Anticorrente – falei, redirecionando meu foco. Eu não era uma garotinha desejando uma mãe. Eu tive uma. Eu a tinha matado.

– É como a arma é chamada – falou Eijeh. – A corrente é uma energia criativa, e a anticorrente é o oposto. Quando as duas colidem, resulta em… uma força intensa.

Eu bufei. *Força intensa, claro.*

Yssa saiu da escotilha e se aproximou de Sifa. Correu em direção a Ettrek, abraçando-o, depois a Teka e depois a mim – rapidamente e com uma careta, mas ainda assim um abraço.

– Vocês sobreviveram – disse ela, afogueada.

– Fale por si mesma – retruquei. – Sou apenas uma aparição.

– Se fosse verdade, provavelmente não doeria tocar em você – comentou ela, sem um traço de humor. Olhei para Teka, que deu de ombros.

– Quando essa explosão vai nos atingir? – Teka perguntou a Eijeh.

Lancei um olhar ríspido a Eijeh.

– Somente respostas concretas.

Eijeh suspirou e disse:

– Esta noite.

E foi então que uma pequena frota de naves se ergueu da área ao redor da mansão Noavek como bolhas flutuando até a superfície de um copo de água. Pairaram juntas por um momento e, se o céu não estivesse tão vazio, ou se elas não carregassem o símbolo Noavek em suas asas, talvez eu não as notasse. Mas aquelas eram as naves de Lazmet Noavek, e elas estavam seguindo diretamente para oeste, na direção da Divisão. Na direção de Thuvhe.

– A explosão anticorrente vai acontecer esta noite – repeti.

Todos estavam sentados no convés principal da nave de transporte. A maioria estava no

banco ao longo de uma parede, onde as alças para nos afivelar pendiam da parede, mas Teka estava nos degraus que conduziam ao convés da nave, e Yssa na cadeira da capitã, mexendo no mapa da nave. Minhas sombras-da-corrente que avançavam e a dor que as perseguia de um lado para o outro de meu corpo não me permitiam tal tranquilidade. Eu estava andando de um lado para o outro.

– Sim – confirmou Eijeh. – Visões não vêm com um relógio, então o tempo não é exato, mas, baseado na cor da luz, será à noite.

Olhei para ele.

– Isso é verdade ou é apenas algo que você está me dizendo para me manipular a fazer o que você quer?

– Vai mesmo acreditar na minha resposta a essa pergunta?

– Não. – Parei por um momento diante dele. – Por que agora? Você só se importou consigo mesmo durante toda a vida. Então, o que deu em você? Parasita cerebral?

– Isso é realmente construtivo? – questionou Teka. – Deveríamos descobrir como salvar o máximo de vidas possível. O que significa ativar o alerta de evacuação de emergência novamente.

– O protocolo de evacuação é fugir em direção à nave de temporada – comentei. – Para onde as pessoas iriam se soássemos esse alarme?

– Posso codificar o alarme com uma mensagem. Dessa forma, pessoas com telas em suas casas pelo menos saberão o que está por vir – disse Teka. – Podemos dizer a eles para saírem da cidade da maneira que puderem.

– E as pessoas que não têm telas em suas casas? – questionou Ettrek. – As pessoas que mal têm energia elétrica para ligá-las? E elas?

– Eu não disse que o plano era perfeito. – Ela fechou a cara para ele. – E não ouvi você sugerindo nada de útil.

– Se fizermos isso – disse Yma a Teka –, talvez nós mesmos não possamos fugir. Talvez a gente morra aqui.

Sobreveio um silêncio. Tinha aceitado a probabilidade da morte quando decidi matar meu pai, mas agora que tive minha vida poupada, queria mantê-la de novo. Mesmo sem Akos, mesmo sem família, mesmo com a maior parte dos shotet me odiando, o que eu havia dito a Teka antes estava correto. Eu tinha mais agora. Eu tinha amigos. Esperança pelo meu futuro e por mim mesma.

Mas eu também tinha amor pelo meu povo, por mais que um tanto dele possa ter sido derrubado. Aquela vontade teimosa de sobreviver. A maneira como eles olhavam objetos

descartados, não como lixo, mas como possibilidades. Eles aterrissaram através de atmosferas hostis. Eles costearam ao longo do fluxo-da-corrente. Eram exploradores, inovadores, guerreiros, andarilhos. E eu pertencia a eles.

– Sim – falei. – Vamos fazer isso.

– Como?– perguntou Yssa. – Onde você ativará o alarme?

– Um entre dois lugares: a mansão Noavek e o anfiteatro. O anfiteatro é mais fácil de acessar – respondi. – Não precisamos ir todos. Então, quem vai e quem fica?

– Eu vou embora deste planeta – disse Eijeh.

– Sim, tive essa impressão com base em sua insistência de que não vai ficar – retruquei.

– Vou tirar você do planeta, Eijeh – Yssa lhe disse. – Você é um oráculo e, como tal, sua vida é valiosa.

– Minha vida não é valiosa? – perguntou Ettrek.

Yssa lançou um olhar para ele.

– Vocês dois devem ir – falei para Zyt. – Vocês só vieram contrabandear, não arriscar a vida.

– Sim, nenhum de nós aqui faria isso – retrucou Ettrek, revirando os olhos. – Você se lembra de que a maioria de nós veio aqui para matar Lazmet Noavek, certo?

Olhei para Teka e Sifa, uma por vez.

– Você é oráculo também – falei para Sifa.

– Não tenho medo – disse Sifa calmamente.

Eu tinha. Parte de mim queria roubar um flutuador e fugir de Voa o mais rápido que conseguisse, sair do caminho da explosão. Mas a melhor parte – a parte que tomava as decisões agora, ao que parecia – sabia que eu tinha de ficar, tinha de lutar pelo meu povo ou, pelo menos, permitir que ele tivesse uma chance de lutar por si.

E talvez Sifa fosse tão destemida quanto aparentava. Talvez conhecer o futuro force a pessoa a ficar em paz com tudo. Mas eu não achava que fosse o caso.

Ela estava com medo, assim como eu estava, assim como qualquer pessoa estaria. Foi isso que, talvez, me fizera aceitar o fato de ela estar aqui. Era o maior perdão que eu podia oferecer para ela no momento.

– Cyra deve liderar a ida até o anfiteatro – disse Yma, e eu olhei para ela, surpresa. Era raro ela me dar crédito por qualquer coisa. Sempre. Ela acrescentou: – Acredito que você esteja familiarizada com a prisão subterrânea.

– Não tão familiarizada como estou com a sua inteligência deslumbrante – retruquei com um sorriso.

– Você morde a isca toda vez, não é? – disse Teka para mim.

Eu considerei isso por um momento.

– Sim – respondi. – É parte do meu charme.

Ettrek bufou. E começamos a planejar.

Algum tempo depois, ficamos no telhado e observamos Eijeh e Yssa embarcarem em uma nave contrabandista, cortesia das conexões de Zyt com o submundo criminoso de Voa.

Eijeh não se despediu de mim. Mas olhou para trás antes de desaparecer dentro da nave. Seus olhos encontraram os meus e ele meneou a cabeça, apenas uma vez.

E assim meu irmão se foi.

CAPÍTULO 51 | AKOS

O DESPERTAR EM HESSA NUNCA TINHA sido o momento favorito de Akos – ele gostava da escuridão silenciosa do Apagamento, com seus fornos quentes e brilhantes, flores-sossego abertas –, mas tinha certos encantos. Bem no início, nas semanas que antecediam a perda dos botões das flores-sossego, um enxame de pássaros-mortos voava sobre Hessa todas as manhãs e noites em uma grande nuvem, assobiando em uníssono. Sua música era brilhante e doce, e as partes inferiores de suas asas eram rosa, como o rubor de Akos.

Eram chamados de pássaros-mortos porque hibernavam durante todo o inverno, e a primeira pessoa a encontrar um grupo deles durante a hibernação achou que todos estavam mortos. Mal tinham batimentos cardíacos. Mas quando o Despertar chegava, eles voavam o tempo todo, deixando cair penas cor-de-rosa em todos os lugares. Seu pai as recolhia para sua mãe e os colocava em uma jarra na mesa da cozinha para decorar.

Quando a nave de Lazmet Noavek pousou logo após o capim-pena a norte de Hessa, ela fez subir uma nuvem de penas cor-de-rosa.

Pelo menos não vão passar pela casa, pensou Akos. A casa de sua família ficava longe de onde haviam pousado, embora na mesma faixa de capim-pena. Eles se aproximariam de Hessa por trás, onde não havia casas, e degraus esculpidos na rocha os levariam até o portão dos fundos do templo.

Os shotet gemeram e estremeceram quando a escotilha da nave se abriu. Até mesmo Lazmet pareceu ficar tenso. Mas Akos bebeu do ar gelado como se fosse a melhor coisa que já havia provado. Os soldados riram dele quando entrou a bordo pela primeira vez, enfiado em meia dúzia de suéteres e jaquetas, incapaz de abaixar os braços. Mas nenhum deles estava rindo agora.

Akos puxou a tira que havia arrancado de seu cobertor sobre o rosto, de modo que

apenas seus olhos apareciam. Viu a alça de uma lâmina-da-corrente no quadril de um soldado descuidado, e se perguntou se poderia agarrá-la, apunhalar Lazmet agora antes que alguém atacasse Hessa. Mas o soldado se afastou, a oportunidade desapareceu.

Lazmet acenou, e Akos foi à frente do grupo que se juntou, os soldados ficando próximos no frio. Vakrez e Lazmet, ao menos, tinham vestido mais de uma camada de roupa.

Akos foi para a frente do grupo e olhou para a colina de Hessa. Dissera a Lazmet para voar pelo norte até onde pudesse ir, pairar baixo próximo ao capim-pena e à terra, e entrar a pé. Com certeza, ele não ouviu as sirenes que soariam por toda a cidade se alguém tivesse visto soldados shotet. Era estranho como esperava ter sucesso e esperava fracassar ao mesmo tempo.

Havia dois caminhos até o sopé da colina, um que era um declive na terra e os protegia do vento forte, e outro que não. Akos escolheu o último. Esperava que metade dos soldados congelasse até a morte ao entrar, ou pelo menos que ficasse com dedos tão frios que não pudessem usar com suas lâminas-da-corrente.

Akos apontou o nariz para as planícies nuas e começou a andar.

Infelizmente, não foi uma caminhada longa o bastante para qualquer um dos soldados shotet congelar até a morte. Mas, no momento em que chegaram ao sopé da colina, as pessoas atrás dele já tinham criado estratégias próprias para se manter aquecidas, algumas melhores que outras. Estavam mastigando a ponta dos dedos – não era a melhor ideia – ou envolvendo as mãos e o rosto em lenços e panos. Estavam amontoados em grupos, alternando-se para que uma pessoa tomasse a força do vento de cada vez. Os cílios de Akos estavam foscos e a pele ao redor dos olhos entorpecida, mas, tirando isso, se sentia bem. O truque para andar no frio era apenas deixar o frio acontecer, confiando que seu corpo se cuidaria. Se a vontade de viver falhasse, o corpo ainda lutaria.

O vento diminuiu. Estavam protegidos agora por enormes penhascos feitos por avalanches e promontórios naturais, já que aquele era o lado irregular da colina de Hessa. Ainda assim, encontrar os degraus não era fácil – você tinha que saber onde estavam, e a memória de Akos, entorpecida por tudo que tinha feito, se mantinha forte. Contornou uma das maiores formações rochosas e lá estavam eles, recortes vagos com a largura apenas da ponta dos pés.

– Pensei que você havia dito que tinha degraus – disse Vakrez para ele.

– Pensei que você havia dito que os shotet eram adaptáveis – retrucou Akos, sua voz

abafada pelo tecido, e ele começou a subir a encosta.

Lazmet insistiu que Akos fosse à frente, o que descartava a chance de empurrá-lo no penhasco. Akos começou com saltos rápidos, o que facilitava subir os degraus, só que não conseguiu. Havia sido privado de comida por muito tempo para dar mais que um único salto. Caiu contra a lateral da colina – mais uma montanha para os shotet, ele percebeu – para se manter equilibrado enquanto avançava.

– Você o esfomeou por semanas e agora quer que nos lidere para subir uma montanha? – pergunta Vakrez a Lazmet.

– Levante-se e o ajude, então, se está tão preocupado – ralhou Lazmet.

Vakrez passou por Lazmet e, evitando os olhos de Akos, colocou um braço nas costas dele. Akos ficou surpreso com a força de Vakrez, pois o homem mais velho o levantou quase até ele ficar na ponta dos pés enquanto caminhavam juntos nas escadas estreitas. O vento uivava tão alto que Akos não conseguiria ouvi-lo nem se ele sussurrasse em seu ouvido, então os dois homens subiram em silêncio, Vakrez parando todas as vezes que notava a respiração de Akos dificultada.

Depois de um tempo, os degraus ficaram maiores e mais planos, cortando um caminho sinuoso na encosta da montanha. Afinal, tinham sido feitos para oráculos, não para atletas.

O sol estava se pondo, e a neve brilhava à luz, cintilando enquanto voava sobre a pedra. Era uma visão bastante simples, e uma que Akos tinha visto milhares de vezes durante a infância. Mas nunca amou tanto como naquele momento, no comando de um grupo de soldados invasores, à beira do assassinato.

Acabou cedo demais. Chegaram ao topo, onde algumas árvores esparsas cobriam a aproximação, tortas e encurvadas pelo vento constante. Akos teve que parar no primeiro degrau, e Lazmet acenou para os outros em direção à porta, enquanto Vakrez o segurava em pé.

Ele estava em pé sozinho de novo quando Vakrez girou, sua estrutura larga protegendo Akos da visão de Lazmet.

– Ei – disse Vakrez –, não caia, garoto.

E ele levantou algumas das camadas de roupa de Akos, empurrando uma lâmina no cós da calça do rapaz e cobrindo a alça com um suéter.

– Só por precaução – disse Vakrez tão baixinho que sua voz quase se perdeu no vento.

Akos não pretendia usar uma lâmina, mas, de qualquer forma, agradeceu pelo gesto.

Por pouco o cheiro de incenso hessano não fez Akos desmoronar. Era à base de ervas –

quase como o remédio que sua mãe o forçava a tomar para tosse crônica quando era criança, mas não igual – e picante, fazendo o nariz arder quando já não estava entorpecido pelo frio. Cheirava a uma dúzia de Florescimentos e a um punhado de visitas depois da escola, quando esperava Sifa se reunir com alguém no Salão da Profecia, e tardes de risadas com os oblatos mais jovens, que olhavam para Eijeh e coravam depois que ele deixou de ser criança e virou adolescente. Cheirava a lar.

Akos juntou-se aos soldados ao retirar algumas camadas de roupas, embora tivesse o cuidado de proteger a lâmina que Vakrez lhe dera toda vez que levantava os braços. Acabou apenas com um suéter azul-escuro e macio e manteve vários pares de meias. Estavam mantendo as botas grandes demais no lugar. O suor pontilhava sua nuca; sentiu o ar quente quando tirou o chapéu. Suas pernas ainda pareciam amolecidas pela escalada, ou talvez fosse ansiedade pelo que viria a seguir.

– Antes de qualquer coisa, talvez você queira desativar a energia do prédio – disse ele a Lazmet. – Há a fonte principal de energia e um gerador. Leve a maior parte dos soldados até a fonte principal, fica do outro lado do prédio, e encontrará os guardas do templo. O gerador está perto e ninguém o guarda.

Ele pegou o mapa grosseiro do templo que havia desenhado – apenas o caminho da porta dos fundos até a sala de manutenção no porão estava marcado – e o deixou na mão de Lazmet.

– Você só deu nome a um desses dois aqui – disse Lazmet, olhando o mapa.

– Sim. Tive que segurar algumas coisas, ou não vou poder segurá-lo até o fim do nosso acordo. Vou levá-lo eu mesmo até o gerador.

Ele não ficou surpreso quando Lazmet não ficou com raiva. Teria sido uma reação normal: você entra no caminho de uma pessoa em um momento crucial, e a pessoa fica com raiva. Mas Lazmet não era normal. Queria que seu mundo o interessasse. E Akos, pensando dois passos à frente, claramente o deixou assim.

Deve ter sido assim que criou Ryzek, pensou Akos. Sua desaprovação veio na forma de horror após horror, globos oculares em frascos e pessoas caídas sobre as próprias lâminas. Mas quando uma pessoa finalmente o deixava orgulhoso, mesmo que o motivo a enojasse, a pessoa tinha o desejo de fazê-lo novamente. E de novo. E de novo.

– Comandante Noavek, você levará o pelotão para a fonte principal de energia. Você e você. – Ele apontou para dois soldados, um de pele escura, cabelo grosso puxado para trás, e a outra, magra e de cabelos loiros, com a pele quase tão pálida quanto a de Akos. – Vocês vêm com a gente.

Não seria fácil dar cabo disso com dois soldados, Akos sabia, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito, de jeito nenhum poderia insistir para que Lazmet viesse sozinho sem fazer o homem suspeitar. Se tivesse que matar todos eles, ele mataria. Já havia falhado em sua ética de todas as maneiras possíveis. Que mal faria outra, marca em seu braço?

O metal frio da lâmina de Vakrez apertava-se nas costas de Akos enquanto ele andava. Ele conduziu o pequeno grupo por um corredor de pedra, passando pelo memorial de oráculos passados, onde uma longa fila de nomes estava gravada em uma laje de pedra plana. Sua mãe não escreveria seu nome até que previsse a própria morte, que era a maldição que todos os oráculos tinham que suportar.

No final do corredor havia uma lanterna que brilhava em cor-de-rosa fraco, resultado do pó de flor-sossego desbotado. Ele virou bem ali, guiando-os para longe do Salão da Profecia. Achava que era seguro conduzi-los pelos dormitórios dos oblatos que moravam no templo, mas calculara mal; no final da fila de portas havia uma jovem com o cabelo preso no alto da cabeça, bocejando enquanto puxava o suéter para trás por cima do ombro.

Seus olhos se encontraram. Akos sacudiu a cabeça, mas já era tarde demais; Lazmet já a havia visto.

– Não a deixe correr – disse ele, parecendo entediado.

A soldada de cabelos loiros passou por Akos com a lâmina estendida, cordões negros da corrente enrolados no punho cerrado. Ela golpeou com um braço e pegou a garota com o outro. Um som gorgolejante saiu da boca da menina, um grito abortado antes que pudesse tomar forma.

Akos estremeceu.

Me conte sua missão, ele repetiu a si mesmo enquanto sentia o gosto da bílis.

Matar Lazmet Noavek.

– Fique aqui – disse Lazmet ao soldado em voz baixa. – Garanta que ela não faça barulho. E que ninguém mais interfira.

Engolindo em seco, Akos continuou, passando pela garota, que ofegava com o que lhe restava de sua vida, e a soldada, limpando sua lâmina ensanguentada na parte de trás da calça.

Era uma noite clara, então a Lua, ainda na escalada até toda sua altura, brilhava através das janelas estreitas pelas quais eles passavam. Ainda havia cicatrizes nas paredes de pedra do cerco shotet que havia acontecido antes de Akos nascer. Ele se lembrava de passar os dedos sobre elas quando criança, esticando-se alto para tocar a violência que ainda não

vira.

Essa violência vivia em seu sangue, não porque ele fosse shotet, mas porque era um Noavek. O bisavô tinha sido um ferreiro medíocre e um assassino cruel. A avó assassinara seus irmãos. O pai colocara um torniquete ao redor da cidade de Voa. O irmão deturpou e deformou Eijeh.

Isso terminaria ali. Imediatamente.

Akos chegou à porta que procurava, estava procurando desde que aterrissaram. Não levava a um gerador. Não havia nenhum gerador reserva no templo, um fato que causara problemas durante mais de uma tempestade de neve, forçando-os a abrigar um pequeno grupo de oblatos em sua casa até que o vento acabasse.

Não, aquela porta levava ao pátio onde as flores-sossego cresciam. Um pequeno campo de veneno mortal, bem ali no templo.

Akos abriu, gesticulando para Lazmet entrar.

– Depois de você – disse ele.

Akos entrou na frente do soldado antes que ele pudesse seguir Lazmet até o pátio, trazendo a porta atrás de si. O movimento surpreendeu o homem; ele nem se opôs quando Akos bateu a porta entre eles e girou o ferrolho para que ele não pudesse entrar.

– Se sua intenção era me enganar e me envenenar, parece que é tarde demais – disse Lazmet.

Akos se virou. As flores-sossego – com as quais ele estava contando para facilitar as coisas, suas flores venenosas capazes de derrubar Lazmet, mesmo que ele, Akos, não conseguisse – não estavam lá. Seus talos estavam vazios. As flores já haviam sido colhidas.

A faca ainda estava fria contra as costas de Akos. Se Vakrez não tivesse dado a ele, Akos já estaria morto naquele momento.

Lazmet abriu as mãos, apontando para todas as folhas mortas que o rodeavam. Ele estava no meio do caminho estreito de pedra que atravessava o pátio, que afastava os guardiões das flores mortais. Pétalas de flor-sossego morriam no auge do Despertar, quando o clima era mais quente, embora as raízes permanecessem viáveis por toda a vida se bem cuidadas. Então, toda a vegetação ao redor do pai de Akos estava murcha e cheirava a podridão e sujeira, pronta para ficar em pousio até o próximo Florescimento. Não havia mais veneno para matar Lazmet.

– Isso é inconveniente – disse Akos. – Mas tenho um plano B.

Ele ergueu a camisa e puxou a lâmina-da-corrente de Vakrez.

– Vakrez. Ora, que surpresa. Não achei que seu coração tivesse ficado tão mole na minha ausência – comentou Lazmet.

Sua voz havia perdido a qualidade untuosa que costumava ter quando falava com Akos, como se recorresse a uma cantilena para um garoto teimoso. Aquele não era o Lazmet que o achava divertido. Era aquele que forçava pessoas a arrancar os próprios olhos.

– Vou ter que puni-lo assim que acabar com você. – Ele estava dobrando os punhos das mangas da camisa, uma volta após a outra, até que chegassem aos cotovelos. – Me diga, Akos – falou Lazmet. – Como acredita que isso vai acabar para você? Está faminto, exausto e brigando com um homem que pode controlar cada movimento do seu corpo. Não há chance de você sair vivo deste lugar.

– Bem – disse Akos –, vá em frente e me mate, então.

Ele sentiu o aperto em torno da cabeça, o que significava que o dom-da-corrente de Lazmet estava tentando entrar ali, procurando pontos fracos. Mas Akos era o Encouraçado, e não havia como passar por seu dom-da-corrente.

Ele começou a andar em direção a Lazmet, esmagando as folhas sob as botas enquanto avançava. Sabia que não deveria demorar mais. Antes que todo o peso da situação pudesse atingir Lazmet, Akos atacou.

Seu braço colidiu com a armadura de pulso de Lazmet. Akos ofegou com a dor da colisão, mas não cedeu. Estava de volta à arena, só que dessa vez não havia multidões zombeteiras, nenhum Suzao Kuzar sedento por seu sangue. Apenas os dentes de Lazmet cerrados no escuro e as lições de Cyra ecoando em sua cabeça, dizendo-lhe para pensar. Abandonar pensamentos de honra. Sobreviver.

Sentiu a pressão do dom-da-corrente de Lazmet novamente, afundando-se com mais força de ambos os lados de seu crânio.

Eles se separaram. Lazmet usava armadura nos dois pulsos, no peito, nas costas. Teria que mirar baixo ou alto.

Akos curvou-se, correndo para cima de seu pai como se quisesse atacá-lo e esfaqueá-lo por baixo, nas pernas. Ele sentiu uma linha de calor cruzando a nuca enquanto cravava a faca na coxa de Lazmet. Lazmet o havia cortado.

Ele ignorou o sangue correndo pelas costas, encharcando sua camisa, e o latejar de dor. Lazmet estava gemendo, segurando a perna com a mão.

– Como? – rosnou o homem.

Akos não respondeu. Sentiu-se instável, as semanas de alimentação limitada cobrando seu preço. Nem tudo podia ser soterrado pela adrenalina. Ele seguiu, tropeçando em

direção a Lazmet de novo, usando a imprevisibilidade de seu movimento a seu favor, do mesmo jeito que Cyra havia feito quando, sofrendo de uma perda de sangue grave, teve que lutar contra Eijeh na arena. Enquanto seu mundo inclinava, ele acompanhava, e então golpeou para cima, na direção da garganta de Lazmet.

Lazmet agarrou seu braço e puxou-o com força para o lado. A dor reavivou-se no ombro de Akos e se espalhou por todo o corpo. Ele gritou, e a faca caiu de suas mãos para dentro das folhas podres. Ele caiu também, esparramado aos pés de Lazmet.

Lágrimas rolaram pela lateral de seu rosto. Todo esse planejamento, toda essa mentira – a traição contra seus amigos, sua família, seu país… contra Cyra – para isso.

– Você não é o primeiro filho a tentar me matar, você sabe – falou Lazmet. Ele levantou o pé e pressionou-o na articulação do ombro machucado de Akos. Só o toque da bota do homem fez Akos gritar de novo, mas ele pisou mais forte, lentamente colocando todo o seu peso. A visão de Akos ficou preta, e ele lutou para permanecer presente, ficar consciente, *pensar*.

Ele desejou ter pensado em perguntar a Cyra como ela conseguia, como pensava no meio da dor, porque para ele parecia impossível; tudo o que restava dele eram as faíscas incandescentes de agonia.

Lazmet se inclinou mais perto, sem mover o pé.

– Ryzek me surpreendeu também, enquanto fazíamos uma temporada juntos. Nosso mais sagrado rito, a coleta, e ele se *atreveu* a me atacar, a me aprisionar… – Lazmet parou, seu queixo em movimento. – Mas eu não morri naquela época, Ryzek foi fraco demais! E não vou morrer agora, vou?

Ele torceu a ponta do pé como se estivesse esmagando um inseto particularmente teimoso. Akos gritou novamente, lágrimas escorrendo em seus cabelos, circulando em torno das orelhas. Ele ouviu um lamento distante, a sirene de Hessa soando, convocando o exército às armas. Era tarde demais, tarde demais para ele, tarde demais para a oblata no corredor e no templo de Hessa.

Aquele momento tinha todo o peso do destino, o peso da inevitabilidade, posto em movimento a partir do momento em que Vaera, a oráculo, lhe contara sua *kyerta*, sua verdade que alterava a vida. A revelação de seu parentesco não o libertara do futuro, ela o *guiara* para ele, puxando-o para o lado de seu pai como um peixe fisgado pela boca. *Aguente sua fortuna*, disse a voz de sua mãe a ele, *pois tudo o mais é ilusão*.

Ele entendeu agora como Cyra se sentiu quando ela exigiu que ele a escolhesse, mesmo que não soubesse, à época, que realmente podia. *Não quero ser algo que você "aguenta"*, ela

lhe disse. Havia algo poderoso nessa qualidade dela, sua recusa em aceitar o que não escolheu, a força do seu *querer*.

Não quero, dissera ela, e ele sentia isso agora.

Ele não queria que aquele fosse o fim, a fortuna que ele aguentaria.

E, na confusão de toda aquela dor, Akos *pensou*.

Ergueu o joelho alto contra o peito e chutou com força o ferimento na perna de Lazmet. Lazmet grunhiu, tomado pela surpresa, e soltou um pouco o ombro de Akos. Com um grito, Akos se empurrou do chão com a perna livre até que suas costas raspassem o chão, metade sobre as folhas e metade no caminho de pedra, e ele ergueu o braço ileso, a mão procurando pelos talos a faca de Vakrez.

Lazmet recuou, agarrando a perna com uma das mãos. Akos sentiu o metal do cabo da faca e a agarrou. Ele sentiu a pulsação na garganta, na cabeça, no ombro. E, tremendo e latejando e cedendo sob seu peso, ele se pôs de pé.

Não foi a fortuna que o trouxera até ali. Ele havia escolhido. Ele que quis assim.

E agora queria Lazmet morto.

A sirene de Hessa uivava. Ele e Lazmet colidiram, armadura contra carne. Eles despencaram, caindo com um baque sobre o chão congelado e as folhas de cera. Akos sentiu outra explosão de dor no ombro e teve ânsia, seu estômago vazio demais para vomitar qualquer coisa. Seus braços ficaram cruzados entre eles, as duas mãos de Lazmet em torno do pulso, tentando empurrar a faca para longe.

Não há lugar para honra, pensou Akos, *na sobrevivência*.

Ele inclinou a cabeça e mordeu o braço de Lazmet. Ele cerrou os dentes o mais forte que pôde, provando sangue, rasgando carne. Lazmet abafou o grito. Akos empurrou a faca contra a pressão que o distanciava e sacudiu a cabeça, arrancando pele e músculo do braço de Lazmet.

A faca foi direto para o pescoço de Lazmet.

Tudo parou.

Aoseh Kereseth estragava coisas com o seu dom-da-corrente. Assentos de flutuadores. Almofadas de sofá. Mesas. Canecas. Pratos. Uma vez quebrou um dos brinquedos de Akos por engano e sentou seu filho menor no colo para mostrar como poderia consertar, como mágica, com o mesmo dom que havia quebrado. O brinquedo nunca mais ficou perfeito de novo, mas Aoseh fizera o seu melhor.

Ele havia perseguido a mãe em volta da cozinha com as mãos cheias de farinha para

deixar marcas de dedos em suas roupas. Era o único que conseguia fazer Sifa rir, uma gargalhada completa. Ele era aquele que a mantinha presente e com os pés no chão; ao menos o tanto quanto isso era possível para uma oráculo.

Aoseh Kereseth era barulhento, confuso e afetuoso. Tinha sido o pai de Akos.

E aquele homem ali – esse homem armado, frio e cruel a um braço de distância – não era.

Akos ficou deitado ao lado de Lazmet quando ele morreu, segurando o braço que seu pai havia ferido contra o peito e, finalmente, sentindo novamente o querer.

Era uma coisa pequena – apenas um leve desejo de sobrevivência –, mas era melhor que nada.

CAPÍTULO 52 | CYRA

Corri os dedos sobre a pele-prata na minha cabeça. Ela havia começado a gerar impulsos elétricos semelhantes aos dos nervos reais, então pude sentir uma leve batida onde toquei. Era reconfortante, como estar sob a chuva quente de Pitha.

– Pare com isso, Cabeça-de-Bandeja – ralhou Teka. – Você está chamando atenção.

Ficamos na praça do lado de fora do anfiteatro. Sob o reinado de meu irmão, esse lugar estaria cheio de vendedores, alguns de outros planetas – proibidos de nos instruir no uso de suas línguas, naturalmente – e alguns shotet. O ar cheirava a fumaça e carne chamuscada, e a ervas queimadas das tendas de Essander, onde todos pareciam especialmente sintonizados com aromas. Eu enfiava minhas mãos em mangas para não tocar em ninguém, temendo o empurra-empurra da multidão. Meu irmão tinha sido um tirano tanto quanto Lazmet, mas parte dele ansiava por adoração, e isso o inspirava a fazer concessões de vez em quando. Lazmet não tinha tal desejo.

Considerando isso, a praça não estava lotada de pessoas gritando números umas às outras. Soldados não caminhavam entre as barracas, na esperança de pegar alguém falando uma palavra em outra língua para que pudessem extorquir dinheiro ou fazer ameaças de punição. Havia algumas mesas montadas com mercadorias – comida, em sua maioria, marcada com preços altos – e todas eram shotet. Eu duvidava que muitos estrangeiros quisessem estar em um país envolvido na guerra, por mais lucrativo que pudesse ser.

– É menos uma bandeja e mais uma tigela – falei a Teka, segurando as mãos em um formato curvo, como o do meu crânio.

– Quê?

– A pele-prata – expliquei, mostrando-lhe as minhas mãos de novo. – Se for algum tipo de recipiente, é uma tigela, não uma bandeja.

– Eu não quis dizer "bandeja" como "bandeja de servir" – explicou Teka, franzindo o

cenho. – Eu quis dizer uma bandeja de metal, como em um motor de nave… sabe? Isso é ridículo. Você é ridícula.

Abri um sorrisinho.

Achei que sofreríamos pela falta de uma multidão para nos disfarçar, mas havia poucos soldados que eu pudesse ver. Guardas ao lado de entradas e saídas usuais, mas era fácil lidar com eles. E não da minha maneira típica, embora tenha sido minha sugestão inicial.

Sifa havia proposto um caminho mais pacífico para o anfiteatro. Ela e Yma se aproximariam dos guardas na entrada e os convenceriam a deixá-las visitar a arena. Yma usava o vestido de lavanda para a ocasião, para parecer rica, importante, que valesse a pena lhe fazer concessões. Isso afastaria a atenção dos guardas de nós, ao mesmo tempo que dava a Yma e Sifa a chance de entrar por conta própria.

Zyt e Ettrek haviam se comprometido a criar algum tipo de grande distração perto da porta lateral para afastar os guardas de lá. Teka e eu tínhamos que entrar por aquela porta enquanto os guardas lidavam com fosse lá o que Ettrek e Zyt tivessem feito. Era fácil demais nos reconhecer.

– Lá vai ela – eu disse a Teka, acenando para a entrada com sua grande arcada. A saia lavanda de Yma tremulava ao vento. Ela apertou o xale mais perto dos ombros e começou a atravessar a praça.

Eu havia passado pela arcada do anfiteatro a caminho de desafiar meu irmão. Tinha sido mais simples naquele momento. Um único inimigo, um único caminho adiante. Agora, havia tiranos, chanceleres, exilados e inúmeras facções entre as pessoas que serviam cada um deles.

E havia Akos.

Fosse lá o que significasse.

– Sifa disse que ele não está aqui – disse-me Teka. Como uma leitora de mentes. – Lazmet o levou. Sei que não é tão reconfortante, mas… melhor para ele não ser atingido pela explosão, certo?

Certo. Significava que eu poderia pensar claramente. Mas não queria admiti-lo. Dei de ombros.

– Eu perguntei por você – falou Teka. – Sabia que você seria orgulhosa demais para fazer isso.

– Hora de ir – falei, ignorando-a.

Começamos a cruzar a praça, mantendo o ritmo com Sifa, que estava fazendo sua parte para parecer casual e familiar. Ela parou em uma das mesas para olhar por cima de um

prato de capim-pena frito; Teka e eu paramos na fileira seguinte, observando-a através da névoa de fumaça que subia da oficina anunciando reparos gratuitos das lâminas-da-corrente com compra.

Eu vi Sifa e Yma aproximarem-se do guarda de entrada a distância. Eu tinha certeza de que a língua de Yma poderia ser tão rápida e persuasiva quanto ela precisava para entrar naquele anfiteatro. Afinal, ela passou a vida mentindo.

Quando os guardas estavam ocupados o bastante para se afastar, segui o caminho até a porta lateral em uma rápida caminhada. Ficava na parede em um ângulo que criava um espaço para um guarda ficar em pé, mas não visível da rua. Saquei minha lâmina-da-corrente.

O soldado era jovem e alto, então, por um momento, vi Akos em seu lugar, vestindo sua armadura shotet pela primeira vez e aparecendo, para mim, como a imagem exata do que eu talvez tivesse querido, se tivesse permissão para querer coisas normais. Mas, no momento seguinte, o soldado ficou mais baixo, mais magro e mais claro; não era Akos.

Pouco antes de poder atacá-lo, ouvi gritos atrás de mim. À margem da praça, uma nuvem de fumaça subiu de uma das barracas. Não, não uma nuvem de fumaça, mas uma de *insetos*, todos alçando voo de uma só vez. Os gritos vieram do vendedor, perdendo toda a sua mercadoria de uma só vez. Ele avançou em Zyt, que estava rindo, e lhe deu um soco forte no queixo.

Embainhei minha lâmina-da-corrente e disse:

– Guarda!

O guarda de cabelos cor de areia saiu de sua alcova para me olhar.

– Briga – falei, apontando com meu polegar por sobre o ombro.

– De novo, não – gemeu ele e saiu correndo.

Teka entrou sem cerimônia, tirando a pequena chave de fenda do bolso e fuçando na fechadura da porta. Olhei para a praça para garantir que ninguém estivesse nos observando. Havia apenas vendedores descaídos e shotet de aparência furtiva fazendo suas compras, e a briga crescente que Zyt e Ettrek haviam causado.

– Olá, querida – disse Teka com a suavidade na voz que ela usava para falar com fios. – Você se abriria para mim? Não, não é sua função? Ah.

Ouvi um clique. A porta se abriu, e Teka e eu passamos por ela. Ela se trancou automaticamente atrás de nós, e algum instinto em mim me disse que não era bom para fugas rápidas, mas não havia nada a ser feito agora. Avançamos às pressas pelo corredor escuro com seu teto de pedra arqueado, em direção à luz no final que nos levaria ao nível

inferior dos assentos.

Sifa já estava andando no chão da arena, arrulhando como um passarinho sobre o quanto o lugar era grande e como não parecia tão grande quando esteve sentada na plateia, e o que mais ela pudesse pensar em dizer. Sua voz, com sua leve rouquidão, ecoou uma dúzia de vezes antes mesmo de chegarmos ao final do corredor. Yma estava ao lado dela, fazendo pequenos "hums" de concordância.

Teka imediatamente começou a subir os degraus em direção à sala de controle, que ficava atrás dos assentos do segundo nível, mas fiquei no muro baixo que separava a primeira fila do chão da arena e fechei os olhos. Pude ouvir o cântico que acompanhara a ponta da faca de Ryzek quando ele a enterrou em mim, os gritos de "Traidora!" que me encontraram quando o desafiei novamente.

– Cyra? – A voz de Teka me libertou das reviravoltas das minhas lembranças.

Abri os olhos enquanto o céu escurecia.

Podia ter sido algo tão comum quanto uma nuvem passando diante do sol, mas já estava nublado quando fechei os olhos, um cinza pálido uniforme em todas as direções. Em vez disso, quando levantei a cabeça, vi uma nave vasta, muito maior que qualquer nave de transporte, flutuador ou embarcação militar que os shotet possuíam. Era tão grande quanto a nave da temporada, mas perfeitamente redonda, mais parecida com o flutuador de passageiros thuvhesita que Sifa havia guiado até o esconderijo dos renegados.

A parte de baixo da nave era lisa e polida, como se nunca tivesse sido usada antes, nunca tivesse sido atingida por detritos espaciais, asteroides e atmosferas adversas. Pontilhando sua barriga havia pequenas luzes brancas que marcavam portas e escotilhas, pontos de fixação importantes e estações de ancoragem, além do contorno imenso da nave. Era uma nave othyriana. Eu tinha certeza. Ninguém mais teria a vontade e a vaidade de tornar algo bastante funcional tão bonito.

– Cyra. – A voz de Teka novamente, com medo dessa vez.

Troquei olhares com Sifa, parada no meio da arena. Eijeh havia avaliado o momento de sua visão com base na cor da luz, dissera ele. Bem, com essa nave cobrindo o sol de Voa, parecia muito com o crepúsculo.

O ataque estava acontecendo naquele momento.

– Eu não me incomodaria mais com a sala de controle – falei, surpresa de quanto minha voz soou distante para mim.

Os soldados que tinham levado Sifa até a arena fugiram, como se fossem conseguir ultrapassar uma nave tão grande antes que a explosão anterior acontecesse. E talvez não

houvesse vergonha nisso, em morrer com esperança.

Saltei sobre a barreira que me separava da arena e caí perfeitamente na terra batida embaixo. Não sabia por que, exceto que eu não queria estar em pé na parte superior da arena quando a explosão anticorrente nos atingisse. Eu queria estar onde era meu lugar: ali, com areia na sola das botas, onde as pessoas que amavam lutar resistiam.

E eu amava lutar.

Mas eu também amava viver.

Eu não diria que nunca havia pensado na morte como uma espécie de alívio, quando a dor ficava pior, quando perdi minha verdadeira mãe para a escuridão que ainda não entendia. E não diria que viver sempre foi ou era, com frequência, uma experiência agradável para mim. Mas a descoberta e a redescoberta de outros mundos, o queimar e o doer dos músculos acumulando força, a sensação do corpo quente e forte de Akos contra o meu, o brilho da armadura decorativa de minha mãe à noite na nave de temporada – eu amava tudo isso.

Parei no meio da arena, ao alcance de Sifa e Yma, mas sem tocá-las. Ouvi os passos leves de Teka atrás de mim.

– Bem – disse Teka. – Suponho que poderia ser pior.

Eu teria rido, se isso estivesse mais longe da verdade. Mas para mim, Teka e Yma, que havíamos chegado tão perto de outras formas de morrer muito mais horríveis, eu supunha que me dissolver em uma explosão anticorrente nem era tão ruim assim.

– Anticorrente – murmurei, porque a palavra parecia tão estranha para mim.

Olhei para Sifa – para minha mãe, de qualquer forma ela ainda era – e, pela primeira vez, ela pareceu genuinamente surpresa.

– Eu não entendo. Os canhões anticorrentes são de *luz* – falei. – A nave de temporada… estava tão brilhante quando foi destruída. Como a anticorrente pode ser brilhante?

– A corrente é visível e invisível – comentou Sifa. – Nem sempre nos aparece de uma forma que compreendemos.

Franzi as sobrancelhas para minhas palmas espalhadas, onde as sombras-da-corrente haviam se acumulado, enrodilhando-se várias vezes em torno de meus dedos como pilhas de anéis.

O médico com quem eu me consultara quando criança sugeriu que meu dom-da-corrente surgiu porque eu achava que eu merecia a dor e que todo mundo também merecia. Minha mãe, Ylira Noavek, irritou-se com a mera sugestão. *Isso não é culpa dela*,

disse ela antes de me arrastar para fora do consultório.

E Akos, quando viu o jeito com que eu mantinha o controle do que eu tinha feito no meu braço, agora coberto, como sempre, por uma armadura, simplesmente me perguntou: *Quantos anos você tinha?*

Ele não achava que esse dom era o que eu merecia, nem minha mãe. E talvez os dois estivessem certos; talvez o médico estivesse errado, o homem cujas palavras ecoaram em minha mente durante toda a minha vida. Talvez a dor não fosse meu dom-da-corrente, de jeito nenhum. Talvez a dor fosse apenas um subproduto de outra coisa.

Se a anticorrente era luz…

E eu era atormentada pela escuridão…

Talvez a *corrente* fosse meu dom.

Ela é mesmo uma pequena Ogra, as dançarinas ogranas me disseram quando viram meu dom-da-corrente à mostra.

– Alguém sabe o que a palavra "Ogra" realmente significa em ograno? – perguntei.

– Significa "a escuridão viva" – respondeu Sifa.

Eu ri um pouco e, quando uma escotilha estreita se abriu na parte de baixo da nave acima de nós, ergui minhas mãos manchadas de sombras para o céu.

Empurrei minhas sombras-da-corrente para cima, para cima, para cima.

Sobre o chiado do campo de força do anfiteatro, que Akos desativou com um toque quando nos elevou para um campo seguro. Seu braço tinha ficado forte nas minhas costas, enrolado com a firmeza de uma corda.

Sobre o centro de Voa, onde eu vivi toda a minha vida, presa entre painéis de madeira impecáveis e o brilho dos fenzu. Senti as mãos de Ryzek, um pouco suadas enquanto pressionavam meus ouvidos, para me proteger dos gritos de quem quer que meu pai estivesse torturando.

E mais alto sobre Voa, até mesmo na periferia da cidade onde o Contador de Histórias e seu doce chá roxo viviam, onde os renegados haviam montado uma mesa de jantar feita de meia dúzia de outras mesas de jantar.

Eu não sofria de falta de combustível. As sombras-da-corrente tinham sido fortes durante toda a minha vida, fortes o suficiente para me tornarem incapaz de assistir a um simples jantar, fortes o suficiente para curvar minhas costas e arrancar lágrimas de meus olhos, fortes o suficiente para me manter acordada e andando de um lado para o outro a noite toda. Fortes o suficiente para matar, mas agora eu entendia por que matavam. Não

porque drenavam a vida de uma pessoa, mas porque a *oprimiam*. Era como a gravidade – precisávamos dela para ficarmos presos ao solo, vivos, mas, se fosse forte demais, formava um buraco negro do qual nem a luz podia escapar.

Sim, a força da corrente era muito violenta para um corpo conter…

A menos que esse corpo fosse meu.

Meu corpo, golpeado várias vezes por soldados, irmãos e inimigos, mas ainda funcionando e em pé…

Meu corpo, um canal para a força pura da corrente, o zumbido da vida que deixava os outros de joelhos…

A vida é cheia de dores, eu disse a Akos, tentando afastá-lo da depressão. *Sua capacidade de suportá-la é muito maior do que você imagina.* E eu estava certa.

Eu tinha todos os motivos para me fechar, me encerrar, afastando tudo o que se assemelhasse a vida, crescimento e poder ao máximo. Teria sido mais fácil dessa forma, recusar-me a deixar qualquer coisa me invadir. Mas deixei Akos me invadir, confiando nele quando havia esquecido como confiar, e também deixei Teka me invadir, e talvez, um dia, Sifa…

Eu permitiria qualquer um que ousasse se aproximar. Eu era como o planeta Ogra, que recebia qualquer um e qualquer coisa que pudesse sobreviver perto dele.

Não porque eu merecesse dor, e não porque eu fosse forte demais para senti-la, mas porque eu era resiliente o bastante para aceitá-la como uma inevitabilidade.

Minhas sombras-da-corrente subiam, subiam, subiam.

Elas se espalharam, saindo dos tentáculos ao redor dos meus dedos para formar uma coluna no céu que envolvia todo o meu corpo com a escuridão. Eu não conseguia ver Teka, Sifa nem Yma agora, mas vi o grande pilar de corrente que passou por mim na direção da escotilha que se abria na nave othyriana lá em cima.

Eu não vi a arma anticorrente, qualquer que fosse a aparência de seu receptáculo, mas vi a explosão. A luz se espalhando de um ponto fixo, assim como a sombra se estendia, saindo de mim para o alto.

E onde eles colidiram: agonia.

Gritei, impotente, como não gritava desde que era jovem demais para lembrar. A dor foi tão intensa que destruiu meu orgulho, minha razão, meu senso de identidade. Ouvi os gritos e tive a sensação rascante da minha voz na garganta e do inferno dentro de mim e ao meu redor, e vi a sombra, a luz e o espaço onde eles se encontraram com um estalo.

Meus joelhos dobraram-se, e braços envolveram minha cintura, finos e ossudos. Uma

cabeça pressionada entre minhas omoplatas, e ouvi a voz de Teka dizendo:

– Aguente firme, aguente firme…

Eu tinha matado seu tio, sua prima e, de certa forma, sua mãe, e ela ainda estava em pé, atrás de mim, mantendo-me erguida.

Mãos envolveram meus braços, quentes e suaves, e o cheiro de folhas de sendes flutuou para mim, o cheiro do xampu de Sifa.

Os olhos escuros daquela que me abandonou e agora havia voltado para mim…

E, por último, os dedos rígidos e pálidos de Yma Zetsyvis no meu pulso.

A corrente passou por todas nós ao mesmo tempo, minha amiga, minha inimiga, minha mãe e eu, todas unidas, juntas na escuridão que era a própria vida.

5

Arzodae. Verbo. Em zoldano: "Ferir, como com uma faca."

Arzodae. Verbo. Em zoldano: “Ferir, como com uma faca.”

CAPÍTULO 53 | CISI

NOTÍCIA URGENTE, a tela mostra. *Confirmada a morte de Lazmet Noavek em ataque shotet em Hessa, maior cidade de Thuvhe.*

Olho com firmeza nos olhos da enfermeira. Quero dizer a ela que não me importo se minhas tripas estão caindo no chão, ela *vai* pegar uma cadeira de rodas para mim e *vai* me liberar para voar com Isae Benesit para Thuvhe. Mas é claro que não posso dizer isso. Os dons-da-corrente de outras pessoas falham quando seus corpos enfraquecem, mas não o meu, ao que parece.

Em vez disso, busco o que pode convencê-la. As coisas típicas othyrianas – tecidos finos – não parecem ser a escolha certa. Ela é muito intransigente para isso. Não é alguém que se permite desejar as coisas. Ela teria conforto em algo que pudesse acessar, como um banho quente ou uma cadeira confortável. A água é fácil para mim, então a envio para ela, não as ondas rolantes que funcionariam em Isae, mas o calor tranquilo de alguém mergulhando. Leve e imóvel.

Não me importo com sutilezas. Eu encho a sala com aquela sensação. Minhas bochechas esquentam e meu estômago dói com os pontos que ainda seguram minhas entranhas.

– Sou de Hessa – digo, e o som sai abafado, embora eu consiga me ouvir claramente. Uma das esquisitices do meu dom. – Preciso ir. Me libere.

Ela está balançando a cabeça, piscando para mim, devagar.

Eu não falava com Isae desde a prisão de Ast. Ela veio para me garantir que estava feito, que ele tinha ido embora. Como não era cidadão da Assembleia, foi enviado à sua Lua natal para aguardar julgamento, e eles lidariam com ele da maneira que escolhessem. Mas ele não teria permissão para pisar novamente em um planeta da Assembleia.

Um dia talvez signifique menos planetas. Há rumores de separação sobre a proposta de

lei de supervisão oracular de Othyr. É muito cedo para saber sobre outros planetas-nação, mas Thuvhe se meteu com Othyr, então nosso caminho, nessa questão pelo menos, é claro.

Ainda não temos certeza do que acontecera em Shotet. Notícias demoram a sair de lá. O que sabemos é que a arma anticorrente não funcionou. Algo escuro como tinta encontrou o disparo no ar, bem no meio de Voa, protegendo a cidade de sua explosão. Ninguém consegue explicar, mas estou acreditando que é um sinal de que coisas melhores estão por vir.

A enfermeira me leva à plataforma de aterrissagem do hospital em uma pequena maca portátil que pode ser presa na parede de uma nave othyriana. Cada empurrão da cama faz com que as dores corram pelo meu abdômen, mas estou feliz por estar indo para casa, então tento não deixar a dor transparecer. *A primeira criança da família Noavek sucumbirá à lâmina.* Bem, talvez eu tivesse sucumbido, mas não tinha morrido. Era alguma coisa.

Enquanto a enfermeira ativa o ímã de parede que manterá minha cama firme durante a decolagem, Isae desce do convés de navegação, onde estava falando com o capitão. Ela está vestida com roupas confortáveis: um suéter de mangas compridas o bastante para cobrir as mãos, calça preta justa e as velhas botas com cadarços vermelhos. Parece estranhamente nervosa.

Ela me oferece uma tela de mão com um teclado.

– Para o caso de você querer dizer algo que não consegue em voz alta – fala ela.

Eu a seguro no meu colo. Estou com raiva dela – por não me ouvir e dar ouvidos a Ast, por não acreditar em mim –, mas isso me lembra de por que eu me importo com ela. Ela pensa no que eu preciso. Ela quer que eu seja capaz de falar o que penso.

– Estou surpresa por você não ter impedido a minha vinda – digo a ela de um jeito tão indelicado quanto meu dom-da-corrente permite.

– Estou tentando confiar em seu julgamento a partir de agora – diz ela, olhando para os dedos, todos contorcidos. – Se quer ir para Hessa, então você vai para Hessa. Você quis que eu mostrasse misericórdia, então vou tentar fazer isso também de agora em diante.

Eu concordo com a cabeça.

– Sinto muito, Ci – ela quase sussurra.

Sinto uma pontada de culpa. Não lhe disse que tentei contatar os shotet quando ela decidiu disparar a arma anticorrente sobre Shotet. E não lhe contei como eu tenho usado meu dom-da-corrente para amaciá-la e persuadi-la desde que tudo começou. E não pretendo confessar. Do contrário, eu perderia tudo que ganhei. Mas não me sinto bem

enganando-a.

O mínimo que posso fazer agora é perdoar-lhe. Viro uma das mãos e a estendo para ela, convidando-a para chegar mais perto. Ela pousa a palma da mão na minha.

– Eu te amo – diz ela.

– Eu também te amo – digo, e é uma das coisas mais fáceis que eu já disse. Às vezes posso mentir para ela, mas pelo menos isso é verdade.

Ela se curva para me beijar, e eu toco sua bochecha, segurando-a por alguns longos momentos antes que ela se afaste. Ela cheira a folha de sendes e sabonete. Assim como a meu lar.

Nunca serei proclamada como aquela que fez a chanceler Benesit se afastar de novas ações agressivas e convidar os shotet para negociações de paz, no rastro de uma tentativa de ataque contra Voa. Poderia ter sido uma das guerras mais destrutivas da história da Assembleia se eu não estivesse lá. Ninguém vai me chamar de habilidosa em diplomacia, ou equilibrada, ou uma assessora notável.

Mas é assim que as coisas têm que ser. Quando tudo ocorre conforme o planejado, eu desapareço nos bastidores. Mas estarei lá, em pé, atrás de uma chanceler, enquanto ela manobra por essa paz inquieta. Serei aquela a quem ela procura por orientação, por conforto quando seu pesar e sua raiva surgirem dentro dela de novo. Serei o braço que guia a mão. Ninguém vai saber.

Exceto eu. Eu vou saber.

CAPÍTULO 54 | CYRA

ACORDEI COM O ZUMBIDO. Com um fenzu azul brilhante, girando círculos preguiçosos acima da minha cabeça. Suas asas iridescentes me fizeram lembrar, de repente, de Uzul Zetsyvis, que pensava neles de forma tão carinhosa, seu ganha-pão e sua paixão.

Ao redor tudo era branco – piso branco, lençóis brancos, paredes brancas e cortinas brancas. Eu não estava em um hospital, mas em uma casa silenciosa. Crescendo de um vaso no canto havia uma flor preta com camada após camada de pétalas aveludadas, desdobrando-se de um centro amarelo-escuro.

Reconheci o lugar. Era o lar dos Zetsyvis, sobre um penhasco com vista para Voa.

Algo parecia errado. De alguma forma, estranho. Levantei um braço e achei que estava pesado, meus músculos tremendo com o leve esforço. Deixei o braço cair no colchão e me contentei em observar o fenzu traçando caminhos de luz no ar.

Eu sabia o que estava errado: eu não estava com dor. E pelo que eu pude ver em meus braços nus, as sombras-da-corrente haviam desaparecido.

Medo e alívio misturavam-se dentro de mim. Sem dor. Sem sombras-da-corrente. Era permanente? Gastei tanta energia no disparo anticorrente que meu dom-da-corrente me abandonou para sempre? Fechei os olhos. Não podia me permitir imaginar isso, uma vida sem dor. Não podia me permitir ter essa esperança.

Um tempo depois, não tinha noção de quanto, ouvi uma batida na porta. Sifa trazia uma caneca de chá para mim.

– Imaginei que você poderia estar acordada – disse ela.

– Me conte sobre Voa – pedi. Plantei minhas mãos no colchão, tentando me erguer. Meus braços pareciam de gelatina. Sifa avançou para me ajudar, e eu a parei com um olhar, me esforçando sozinha.

Em vez de me socorrer, ela se sentou em uma cadeira perto da cama, as mãos cruzadas

no colo.

– Suas sombras-da-corrente contra-atacaram o disparo anticorrente. Os exilados shotet chegaram em poucos dias para tomar o controle de Voa, no vácuo de poder que resultou da morte de Lazmet – explicou ela. – Mas o que você fez parece ter esgotado você. Não, não tenho certeza se o desaparecimento de suas sombras-da-corrente é permanente – acrescentou ela, respondendo à pergunta que eu ainda não havia feito. – Mas você salvou muita gente, Cyra.

Ela parecia… orgulhosa. Como uma mãe teria ficado.

– Não – falei. – Não sou sua.

– Eu sei. – Ela suspirou. – Mas eu esperava que pudéssemos seguir para algo diferente de hostilidade direta.

Eu considerei aquelas palavras.

– Talvez – falei.

Ela sorriu um pouco.

– Bem, nesse estado de espírito… veja isto.

Ela se levantou para puxar a cortina da janela ao lado da minha cama. Eu estava na parte da casa que ficava à beira do penhasco, com vista para a cidade de Voa. No começo, tudo que vi foi o brilho de luzes distantes, os edifícios de Voa. Mas então:

– É meio-dia – comentou Sifa.

Voa estava coberta, protegida pelo que pareciam nuvens escuras. Eram apenas uma sombra ou duas mais claras que o céu ograno. Minhas sombras-da-corrente tinham encontrado um lar sobre Voa, mergulhando-a em uma noite interminável.

Eu me senti melhor – fisicamente – nos dias seguintes do que me sentia desde que era criança. Izito por izito minha força voltou, comi refeições preparadas por Sifa, Yma e Teka na cozinha dos Zetsyvis. Yma queimou quase tudo o que havia feito e apresentou a comida sem pedir desculpas. Sifa preparou pratos thuvhesitas de sabor estranho, cheios de especiarias. Teka fez cafés da manhã estranhamente bons. Ajudei quando pude, sentada no balcão com uma faca para cortar coisas até que meu braço ficasse muito cansado. A fraqueza era irritante para mim, mas a falta de dor mais do que compensava.

Eu teria trocado uma dúzia de dons-da-corrente pela ausência da dor.

Sifa me garantiu que Akos estava vivo, mas eu não sabia em que condições. Vasculhei os noticiários de Thuvhe por qualquer sinal dele e não encontrei nada. Relatos da morte do meu pai não o mencionavam. Foi Cisi quem finalmente nos enviou notícias diretamente de

Hessa: ela havia encontrado Akos no hospital de lá, recuperando-se de hipotermia. Ela o estava levando para casa.

As nuvens não mostravam sinais de se afastarem de Voa. Era provável que toda a cidade ficasse sob o escuro para sempre. Aqui no penhasco, se você olhasse para Voa, parecia ser noite. Mas se se virasse para a Divisão que nos separava de Thuvhe, o sol brilhava novamente. Era estranho estar vivendo no limite dessa realidade. E saber que você mesma a criou.

E então, no meio da noite, quase uma semana depois do ataque à Voa, acordei com dor.

No começo, eu não soube por que estava acordada. Eu chequei o relógio para ter certeza de que não era hora de levantar e começar o café da manhã, já que eu estava finalmente bem o suficiente para assumir meu turno na cozinha. Então, senti o latejar embotado na minha cabeça com um lampejo de alarme.

Talvez seja apenas uma dor de cabeça, digo a mim mesma. *Não há necessidade de pânico, não há necessidade de…*

Meus dedos ardiam, como se tivessem ficado dormentes e o sangue estivesse voltando para eles. Corri para acender o abajur ao lado da minha cama e vi: uma linha de sombra viajando do pulso para a ponta do dedo.

Tremendo, joguei os cobertores para trás e olhei para minhas pernas nuas. Sombras fracas envolviam meus tornozelos, como algemas. Minha cabeça e meu coração latejavam no mesmo ritmo. Não percebi que estava fazendo um barulho – um barulho horrível, como um animal agonizante – até que Teka abriu a porta, seu cabelo brilhante empilhado em cima de sua cabeça.

Ela avistou as sombras-da-corrente imediatamente e veio até minha cama, puxando as mangas de suas roupas de dormir por cima das mãos. Ela se sentou na cama e me puxou contra ela, pressionando meu rosto em seu ombro ossudo.

Eu solucei em sua camisa, e ela me segurou no lugar, em silêncio.

– Eu não queria, não queria que voltassem – falei, sufocando.

– Eu sei.

– Não me importo se são poderosas, eu não…

– Também sei disso.

Ela nos balançou para frente e para trás, lentamente, por um longo tempo.

– As pessoas as chamam de dom – disse ela depois de um tempo. – Que besteira.

Alguns dias depois, fiquei ouvindo o barulho da chuva na janela do quarto, uma sacola

sobre a cama à minha frente. Eu tinha colocado a maior parte de minhas posses dentro dela e me esforçava para pensar além da dor nas costas e pernas. Não foi fácil me ajustar ao retorno do meu dom-da-corrente.

– Aza me pediu para falar com você sobre o pedido dela – Yma disse para mim. Ela estava encostada no batente da porta, vestida toda de branco. – Para você aceitar uma posição de poder no novo governo de Shotet.

– Por que ela pediu para você? Você sabe tão bem quanto eu que o melhor para o nosso povo é não ter nenhum Noavek no poder, nunca mais.

– Não acho – retrucou Yma, puxando a barra da blusa entre as unhas aparadas e limpas. – Ainda existem algumas pessoas leais aos Noavek entre nós. Eles podem realmente cooperar conosco se estabelecermos a linhagem Noavek em uma posição alta. E unidade é o de que precisamos agora.

– Mas isso é um problema – falei. – Na verdade, eu não faço parte da linhagem Noavek.

Yma estendeu a mão para eu parar.

– Ninguém precisa saber disso.

O sistema de governança que Aza havia proposto era uma mistura de autoridades eleitas e monarquia, com a monarca – eu, se ela conseguisse o que queria – nomeando um representante que manteria todo o poder real, apoiado por um conselho. Não exigiria que eu fosse um governante no sentido que meu pai e Ryzek tinham sido, mas eu ainda tinha minhas reservas. Coisas ruins aconteceram quando minha família esteve no poder.

– E quanto a Vakrez? – perguntei. – Ele é um Noavek. Um real, na verdade. E ele é um adulto.

– Você vai me obrigar a dizer? – perguntou Yma, suspirando.

– Dizer o quê?

Yma revirou os olhos.

– Acho você uma opção melhor que Vakrez. Ele se deixou controlar por ambos, Lazmet e Ryzek. Ele não tem a… coragem.

Levantei as sobrancelhas.

– Você acabou de me elogiar? – questionei.

– Não se empolgue demais – respondeu Yma.

Abri um sorrisinho.

– Tudo bem – falei. – Eu aceito.

– Quê? Só porque eu te elogiei?

– Não. – Olhei pela janela, para o vidro manchado de água, para as nuvens escuras que cobriam Voa. – Porque confio em seu julgamento.

Por um momento, ela pareceu surpresa.

Então, ela assentiu com a cabeça, deu meia-volta e saiu sem dizer uma palavra.

Ela ainda não gostava de mim, mas era possível que também não me odiasse. Por ora, eu aceitaria o que conseguisse.

CAPÍTULO 55 | AKOS

AKOS PERCORREU O CAMINHO ELEVADO que mantinha os agricultores afastados das flores. Metade da plantação de flor-sussurro daquela estação havia sido queimada por invasores shotet, e os fazendeiros ainda estavam lá fora, cuidando do que sobrou com suas luvas grossas. Foi sorte, eles disseram, que os shotet tivessem vindo depois que as flores foram colhidas, uma vez que, de qualquer forma, só precisavam das raízes para sobreviver. As colheitas de Hessa se recuperariam bem.

O templo, por outro lado…

Akos ainda não suportava olhar para ele. Onde a cúpula de vidro vermelho uma vez cintilara ao luar agora era um grande espaço vazio. Os shotet tinham-no deixado em ruínas. Mataram a maioria dos oblatos no templo. Invadiram as ruas e encheram os becos. Duas semanas depois, os hessanos ainda estavam lidando com os corpos. Os mortos eram, em sua maioria, soldados, graças a um corajoso oblato que havia soado o alarme, mas também alguns civis.

Ele não se atrevia a ir à cidade. Eles talvez o reconhecessem, ou sua manga poderia recuar e mostrar suas marcas. Poderiam atacá-lo se soubessem o que ele era. Até mesmo matá-lo. Ele não os culparia. Ele havia deixado os shotet entrar.

Na maior parte do tempo, porém, simplesmente não suportava olhar para nada daquilo. As imagens que vira nos noticiários eram muitas.

Então, quando saía para caminhar, era através dos campos de flor-do-gelo, envolto em suas roupas mais quentes, embora fosse o período mais quente de Thuvhe. Os campos eram um lugar seguro. Botões de pureza branca ainda estavam surgindo de suas hastes e flutuando no ar, mesmo agora. A poeira amarela da inveja era espessa no chão. Era uma desolação, tudo acabado até que o tempo do Apagamento chegasse novamente, mas isso lhe agradava.

Ele saltou do caminho elevado para a estrada. Naquela época do ano, quando um tanto da neve ficava macio, ela congelava à noite, então havia gelo por toda parte, e ele precisava tomar cuidado. Os ganchos no fundo das botas nem sempre se firmavam, e ele ainda se desequilibrava com o braço na tipoia. Seus passos cuidadosos o levaram para oeste até o capim-pena, onde se aninhava a casa de sua família, segura e solitária.

O flutuador de Cisi não estava estacionado no gramado da frente. Quando vinha visitá-lo, deixava-o na cidade e caminhava até a casa para que ninguém soubesse que estava lá. Ninguém sabia que ele estava lá, ou com certeza já estaria preso. Podia ter matado Lazmet Noavek, mas deixou soldados shotet entrarem no templo de Hessa. Seu braço estava marcado. Havia uma armadura em seu quarto. Ele falava a língua reveladora. Era muito shotet para os thuvhesitas agora.

A luz brilhava debaixo da porta da cozinha quando ele entrou, então sabia que Cisi estava lá. Sua mãe tentou visitá-lo no hospital. Ela entrou no quarto, e ele perdeu a cabeça gritando com ela, ficando tão transtornado que os médicos mandaram Sifa sair. Cisi havia prometido não permitir que ela entrasse em casa até que ele estivesse pronto. O que, pensou Akos em segredo, nunca aconteceria. Estava farto dela. Do que ela havia feito a Cyra. De como ela havia se mantido alheia ao sofrimento dele. De como ela o manobrara para matar Vas. De tudo isso.

Ele bateu os pés para tirar o gelo das botas, depois as afrouxou e as tirou ao lado da porta. Suas mãos já estavam desfazendo as correias e botões que mantinham o casaco de kutyah apertado e tirando o chapéu e os óculos de neve do rosto. Havia esquecido quanto tempo demorava para se vestir e se despir ali. Se acostumara com o clima temperado de Voa.

Voa agora estava escura. Escura como Ogra, o céu manchado de preto no centro e desaparecendo em cinza no antigo acampamento dos soldados. A notícia não tinha uma explicação, e nem Akos tinha. Ninguém sabia muito sobre o que havia acontecido lá.

O que estava acontecendo agora, porém, era que havia uma cobertura de imprensa constante. De como os exilados shotet agora eram reconhecidos como governo oficial de Shotet, sob um conselho temporário de assessores, enquanto se preparavam para as eleições. Como os shotet haviam negociado sua nacionalidade. Como haviam negociado a legitimidade de suas terras e agora estavam evacuando Voa. Os ogranos lhes deram um pedaço do território, maior que Voa, e muito mais perigoso, e estavam negociando os termos da coexistência ograna-shotet.

E havia outras coisas se formando na Assembleia também. Falava-se de uma ruptura. Os

planetas fiéis à fortuna se separariam dos seculares, os oráculos fugindo dos últimos para os primeiros. Metade de uma galáxia vivendo sem conhecer o futuro e ouvindo sem muita atenção à sabedoria que os oráculos pudessem oferecer. Essa ruptura existia dentro do próprio Akos, e a ideia de que a galáxia pudesse se dividir o afligia, porque isso significava que ele também teria que escolher um lado, e ele não queria.

Mas esse era o caminho das coisas; às vezes, as feridas eram profundas demais para se curar. Às vezes, as pessoas não queriam se reconciliar. Às vezes, mesmo que uma solução pudesse criar problemas piores do que os que haviam começado, as pessoas a escolheriam de qualquer maneira.

– Ci? – gritou ele assim que terminou de pendurar todas as roupas de inverno. Avançou pelo corredor escuro e estreito até a cozinha, espiando o pátio para ver se as pedras ardentes ainda estavam acesas.

– Olá. – Uma voz veio da sala de estar.

Yma Zetsyvis estava sentada ao lado da lareira. A um braço de distância do lugar onde seu pai morrera. Seu cabelo branco estava solto em volta do rosto, e, como sempre, mostrava-se elegante, mesmo vestida com uma armadura. Era da cor da areia.

Ele se assustou, mais com a visão dela do que com o som, encolhendo-se contra a parede. E então, envergonhado por sua reação, ele se afastou da parede e se forçou a encará-la. Vinha sendo assim desde a morte de Lazmet.

– Desculpe. Não consegui pensar em uma maneira melhor de avisá-lo – disse Yma.

– O que… – Ele ofegou algumas vezes. – O que você está fazendo aqui?

Ela abriu um sorrisinho.

– Ora, nada de "Ah, você está viva, que bom"?

– Eu…

– Quieto. Na verdade, não me importo. – Ela se levantou. – Você parece melhor. Está se alimentando?

– Eu… estou.

Toda vez que ele deparava com uma refeição naqueles dias, pensava no que havia feito a Jorek e era difícil dar uma garfada, por mais que estivesse com fome. Ele se obrigava, porque não gostava de se sentir cansado, fraco e frágil. Mas todas as vezes era difícil.

– Eu vim para tirá-lo daqui – disse ela.

– Esta é a minha casa – retrucou ele.

– Não, é a casa dos seus pais. É o lugar onde seu pai morreu, à sombra de uma cidade em que você nem pode mais entrar graças a certas facetas de sua identidade que vieram a

público. Não é um bom lugar para você estar.

Akos cruzou os braços sobre a barriga, segurando firme. Ela havia colocado em palavras o que ele já sabia, o que ele sabia desde que Cisi o trouxera para cá, depois do ataque. A cama que pertencera a ele estava bem ao lado da de Eijeh, e Eijeh havia desaparecido, desaparecido nas ruas de Voa e nunca mais visto. A sala ainda lembrava o sangue de seu pai. E o templo destruído…

Bem.

– Para onde devo ir? – perguntou ele mais em um sussurro do que qualquer outra coisa.

Yma levantou-se e se aproximou dele lentamente, como se estivesse se aproximando de um animal.

– Você – disse ela – é um shotet. Não é a única coisa que você é, com certeza. Você ainda é thuvhesita, filho da oráculo, um Kereseth e todas essas coisas. Mas você não pode negar que shotet é parte do que você é. – Ela pousou com gentileza a mão no ombro dele. – E nós somos aqueles que querem você com a gente.

– Nós? – Akos bufou, ignorando o calor que havia surgido atrás dos olhos. – E Ara e Cyra? Elas não me querem lá.

– Não acredito que estou prestes a dizer isso – falou Yma. – Mas não acho que você esteja dando crédito suficiente à sua garota. Ou a Ara, no seu devido tempo.

– Eu não…

– Pelo amor de Deus, rapaz, vá para a cozinha – ralhou Yma.

À mesa da cozinha – a mesa da cozinha onde ele espalhava seu dever de casa quando criança para trabalhar antes do jantar, onde subia para limpar as pedras ardentes com pó vermelho de flor-sossego, onde aprendeu a cortar, fatiar e triturar ingredientes para o analgésico – estava Cyra.

Seus cabelos grossos e ondulados empilhados de um lado da cabeça, o outro brilhava prateado.

Seu braço envolto em armadura.

Seus olhos escuros como o espaço.

– Olá – disse ela em thuvhesita.

– Olá – respondeu ele em shotet.

– Cisi nos trouxe às escondidas para Thuvhe – comentou Cyra. – O controle de fronteira está muito rígido agora.

– Ah – disse ele. – Certo.

– Yma e eu voamos para Ogra hoje à noite, agora que estou bem o suficiente para viajar.

– Você… – Akos engoliu em seco. – O que aconteceu?

– A escuridão sobre Voa? Fui eu. Minhas sombras-da-corrente. – Ela sorriu um pouco timidamente. Não era o sorriso fácil que ela poderia ter dado a ele há alguns meses, mas era mais do que ele esperava. Ela ergueu a mão, mostrando-lhe as sombras pretas que ainda flutuavam sobre sua pele, densas e escuras. – Exigiu muito de mim, as sombras-da-corrente desapareceram por uma semana. Pensei que desaparecessem para sempre. Na verdade, fiquei arrasada quando voltaram. Mas estou… lidando com essa situação. Como sempre.

Akos assentiu com a cabeça.

– Você está magro. Yma me contou… como foi – disse Cyra. – Com Lazmet. Com você.

– Cyra – disse ele.

– Eu sei como ele é, sabe? Eu vi, ouvi coisas. – Ela fechou os olhos e balançou a cabeça. – Eu sei.

– Cyra – repetiu ele. – Eu estou tão… não há palavras…

– Há um grande número de palavras, na verdade. – Ela se levantou da cadeira à mesa, correndo os dedos ao longo da madeira enquanto a contornava. – Em shotet, a palavra significa apenas "arrependimento", mas em zoldano há três palavras. Uma para desculpinhas, uma para desculpas regulares e uma que significa mais ou menos "O que eu fiz cortou um pedaço de mim".

Akos assentiu, incapaz de falar.

– Pensei que não poderia lhe perdoar, que não tivesse capacidade – disse ela. – Afinal, eu estava prestes a morrer e você ficou lá, sentado.

Akos estremeceu.

– Eu não conseguia me mexer. Estava paralisado. Entorpecido.

– Eu sei – disse ela, aproximando-se para ficar diante dele, sua testa franzida. – Você não se lembra, Akos, do que eu escondo embaixo desta armadura? – Ela apertou a armadura do antebraço diante do seu corpo. – Quando te mostrei estas marcas, você pensou, mesmo que por um instante, que eu tinha feito algo que não poderia ser perdoado?

O coração de Akos estava palpitando tão forte como fazia quando ele entrava em

pânico, e não sabia por quê.

– Não, não pensou – disse ela. – Você me mostrou misericórdia. Teka me mostrou misericórdia. Até Yma, do jeito dela.

Ela estendeu a mão para ele, para tocar seu rosto. Ele recuou.

Era muito mais difícil – tão mais difícil aceitar seu perdão do que sua condenação, porque significava que ele precisaria mudar.

– Dessa vez, *me deixe* ser quem diz a você… você era jovem, estava faminto e exausto. Com dor, confuso e sozinho – disse ela. – E se você acha que eu, Cyra Noavek, o Flagelo de Ryzek, assassina de minha mãe, não consigo entender o que aconteceu com você, então não entende de verdade quem eu era e o que fiz.

Akos a observou com cuidado enquanto ela falava, quando ela o puxou para mais perto e tocou sua testa na dele, para que ainda pudessem olhar um para o outro, respirando o mesmo ar.

– O que eu fiz – falou ele – cortou um pedaço de mim.

– Está tudo bem – disse ela. – Sou toda despedaçada, e também fui costurada.

Ela se afastou.

– Por ora, só seja meu amigo de novo, tudo bem? E podemos conversar mais tarde sobre a questão: "Ainda te amo, o que vamos fazer sobre isso?"

Akos sorriu.

– Me mostre sua casa – pediu ela. – Há fotos embaraçosas de você? Na viagem, sua irmã me contou que você era muito peculiar com relação a suas meias.

E assim Akos a levou para o andar de cima, seus dedos entrelaçados com os dela, e abriu todas as gavetas, permitindo que ela zombasse dele.

Querida Cisi,

Me perdoe por não te esperar. Não sabia ao certo quando você estaria de volta, e minha carona estava de partida.

Espero que você entenda por que não posso ficar. Não há mais lugar para mim aqui. Mas vamos fazer um acordo. Se você tentar dar um tempo no seu dom-da-corrente quando estiver assessorando Isae, eu tento parar de me castigar por Eijeh. E por Jorek. E por Hessa.

Pessoalmente, acho que sua parte no trato é muito mais fácil, então é melhor aceitar.

Mas estou falando sério: você não é mestra de marionetes, Ci, embora eu saiba que às vezes você quer ser. Talvez o poder combine com você, mas precisa ser usado com cuidado, sabe?

Estarei mais longe de você agora, em Ogra, do que já estive em Shotet, mas desta vez será diferente. Desta vez, eu posso vir visitar. Desta vez, posso ser o que quiser, ir aonde quiser.

Vou sentir sua falta. Fique bem.

— Akos

P.S. Não se preocupe, vou acabar falando com nossa mãe.

CAPÍTULO 56 | CYRA

Uma estação mais tarde

Acordei com um zumbido baixo e o *tac-tac-tac* de uma faca sobre uma tábua de corte. Ele estava de costas para mim, os ombros curvados sobre o balcão estreito. A pilha de ingredientes ao lado dele não era familiar; alguma coisa ograna que ele havia aprendido a usar de meia dúzia de jeitos desde que começou a ter aulas com Zenka.

Eu me estiquei, meus joelhos estalando quando os endireitei. Eu tinha adormecido ao som dessa nova mistura borbulhando no fogão, mas ele estava sentado na ponta da cama, lendo um livro shotet com o tradutor à mão, caso precisasse. Ele havia progredido rapidamente com os caracteres shotet, mas havia muitos para aprender e levaria estações para dominá-los.

– Ouvi aquele joelho estalando, soberana – disse ele.

– Ótimo – falei com um bocejo. – Então você não é tão descuidado quanto parece.

Eu me levantei e fui até ele. Havia um curativo em seu braço; o tentáculo de algum tipo venenoso de planta ograna o envolveu enquanto ele a colhia e corroeu sua pele como ácido. A cicatriz corria através de suas marcas shotet, passando por elas, embora não as apagasse inteiramente.

– Isso parece nojento – falei, apontando para a substância que estava cortando. Era granuloso e preto, como se estivesse revestido de óleo de motor. Tinha manchado as pontas dos dedos de uma cor acinzentada.

– O gosto também é nojento – disse ele. – Mas se fizer o que acho que fará, você terá um analgésico que não vai deixar você sonolenta durante o dia.

– Você não precisa dedicar tanto tempo aos analgésicos. Estou indo muito bem com os que tenho.

– Eu gosto de fazê-los. Nem tudo gira ao seu redor, sabe?

– Adoro quando você fala essas fofuras para mim. – Passei meus braços em volta de sua cintura, respirando o cheiro de coisas frescas que permaneciam em todas as roupas dele à tarde, depois que ia até a pequena estufa da nave.

Os ogranos nos emprestaram duas naves para nossa temporada nesta estação. Eram muito menores que a nave de temporada, de modo que nem todos os shotet elegíveis podiam ir, e aqueles que o fizeram foram selecionados por sorteio. Mas a temporada aconteceria, e isso era o que importava para a maioria de nós, especialmente aos exilados, que não tinham sido capazes de participar de muitas temporadas.

O planeta onde faríamos a coleta nessa estação era Tepes. A decisão foi politicamente motivada, em vez de guiada pela corrente, como deveria ter sido. Tepes, Ogra e Shotet estavam de um lado de um debate em andamento com Othyr, Thuvhe e Pitha sobre os oráculos. E a palavra *debate* foi um pouco mal escolhida, já que o ambiente era, como Teka havia comentado, "um pouco tenso". Ruim, em outras palavras.

Que a galáxia se dividiria sobre esse assunto não era mais uma questão de "se", mas de "quando". O problema era que o restante dos planetas da Assembleia queria manter seus oráculos, mas impor diretrizes rigorosas sobre como agiriam, o que era, para os oráculos, insustentável. Eu não sabia o que pensar, depois de ter lidado com Sifa. Mas, felizmente, não dependia de mim.

Aza era a primeira-ministra, responsável pela maior parte das decisões. Eu prestava consultas, quando precisava, e tentava administrar o fim diplomático das coisas, embora não fosse muito boa nisso. Porém, eu conhecia os outros planetas. Passei toda a minha vida fascinada por eles. E meu talento para idiomas era útil, já que as pessoas gostavam de ouvir estrangeiros fazerem esse esforço.

Akos parou de cortar e virou-se em meus braços, então eu o prendi contra o balcão. Ele usava uma das camisas velhas de seu pai, que estava puída e remendada nos cotovelos, e era carmesim escura, cor que pertencia a Thuvhe.

Seus olhos cinzentos – ainda cautelosos, sempre cautelosos – pareciam um pouco tristes, e estavam assim desde o dia anterior. Ara Kuzar estava na nossa nave, graças ao acaso, à fortuna ou ao que quer que se acreditasse naqueles dias. Ela ainda não olhava para ele, e eu sabia que tê-la aqui era difícil para Akos, embora ele dissesse, sempre que eu trazia o assunto à tona: "Não é tão difícil quanto é para ela." O que era indiscutível.

Eu inclinei meu queixo para cima e beijei-o com suavidade. Ele reagiu envolvendo um braço atrás das minhas costas e me erguendo para cima dele, forte, quente e seguro.

Demorou um pouco para nos separarmos.

– Passaremos pelo fluxo-da-corrente hoje – comentei. – Você vem comigo?

– Caso não tenha notado, eu vou a praticamente qualquer lugar com você.

Ele deu um peteleco no meu nariz com um dedo manchado de cinza, deixando uma marca que até eu conseguia ver de canto de olho.

– Você acabou de manchar meu nariz antes de eu ter que sair em público?

Ele sorriu e concordou com a cabeça.

– Eu te odeio – falei.

– E eu te amo – respondeu ele.

– O que é isso no seu nariz? – Teka me perguntou.

Estávamos no convés de observação da nave, que ficava logo acima do centro de navegação, onde nossos pilotos e técnicos de voo estavam correndo, preparando-se para passar pelo fluxo-da-corrente. Caminhamos até a barreira, que ficava na altura da cintura e nos separava da janela gigante que nos mostrava o fluxo-da-corrente.

O interior da nave ograna era escuro – o que não era surpresa – e irregular em alguns lugares. O piso, não importava onde você estivesse, era todo um caminho estreito feito de gradil, elevado em poças rasas de água que brilhavam com bactérias bioluminescentes. Era lindo e estranho, e mais de uma pessoa tinha caído e teve que ir à enfermaria. Algo novo para se adaptar.

Akos já estava de pé ali. Ele havia guardado lugares para nós, pois o caminho ficava cada vez mais cheio, mesmo que, na verdade, de qualquer jeito, as pessoas saíssem do meu caminho quando eu chegava perto delas. Eu tentava não me importar com isso. Fiquei entre ele e Teka e escutei o grito do capitão para nos prepararmos.

Akos pegou minha mão quando a nave se aproximou da luz azul profunda e forte. Ele soltaria quando entrássemos no fluxo-da-corrente para permitir que eu sentisse seus efeitos, por mais agonizantes que fossem, mas era bom tê-lo por lá quando nos aproximássemos. Meu coração estava palpitando. Eu amava essa parte.

A verdadeira surpresa, no entanto, foi a mão de Teka agarrando a minha do outro lado. Havia um sorriso eufórico em seu rosto.

– Sou shotet – disse ela, mais para si do que para mim. – Sou tão afiada e forte quanto uma lâmina…

Era uma variação de outro poema que eu havia visto rabiscado em uma parede em Voa, o que foi escrito como crítica ao governo Noavek:

Sou shotet.

Sou tão afiado e frágil quanto vidro quebrado.

Vejo tudo na galáxia e nunca tive um vislumbre dela.

Eu gostava mais desse, porque era um lembrete da minha fragilidade, da minha tendência de ver o que eu queria ver. Mas a versão de Teka era boa também.

Fiquei surpresa quando Akos se juntou a ela para recitar as últimas falas:

– Eu vejo toda a galáxia – disse ele –, e ela é toda minha.

– Preparem-se! – veio o grito lá debaixo.

Teka e Akos soltaram minhas mãos quase ao mesmo momento. E a nave foi engolida pela luz azul.

EPÍLOGO | EIJEH

Voltamos para Hessa disfarçados.

Por um tempo, pareceu-nos muito arriscado. Mas também era inevitável. Então, esperamos até que os shotet voltassem a se lançar em temporada e reservamos um assento no voo com um nome falso, que compramos de um criminoso em P1104 depois que fugimos de Voa.

Alugamos um casaco na loja de suvenires decadente da praça principal, porque não pretendemos ficar muito tempo. Subimos até o topo da colina de Hessa a pé, como sempre. O Salão da Profecia está fechado para reparos, mas conhecemos meios de entrar que outros não conhecem. Ao menos disso nos lembramos.

Há um buraco no teto abobadado do Salão da Profecia, com bordas irregulares de vidro vermelho. Não sabemos o que os shotet usaram para quebrar a cúpula, e suas armas, quaisquer que fossem, tinham sido levadas tempos antes. Estamos no centro do andar, onde, no passado, uma de nossas mães ficou em pé, descalça, para receber o futuro.

Nós vemos…

Uma galáxia dividida em dois, oráculos que fogem para Ogra e Tepes e Zold.
Naves da Assembleia que perseguem, perseguem, alcançam.
Pequenas explosões anticorrente.
Possibilidades desaparecem quando vidas encontram seu fim.

Nós vemos…

Shotet que desembarcam em Tepes, vestidos em trajes especiais que protegem do calor.
Que tampam o nariz contra o cheiro de lixo incandescente.
Um homem que tira a areia de um compressor intacto.
Uma mulher que ergue um pedaço arredondado de vidro contra o sol.

Nós vemos…

Isae Benesit, trajando um vestido thuvhesita vermelho.

Ela está atrás de uma camada de gelo, onde há flores-sossego prestes a florescer.

Atrás dela, no mesmo vermelho, meio escondida pela sombra, está Cisi Kereseth, com um sorriso enigmático. Sua cabeça é adornada com uma fina faixa de prata, o adorno da esposa de chanceler.

As flores se abrem e se desenrolam.

Nós vemos…

Nossas mãos que seguram as alças que cobrem nosso peito enquanto nossa nave cai, cai, cai através da atmosfera densa.

As linhas de luz que marcam a superfície de Ogra como veias aparecem abaixo de nós.

Nós somos shotet. Nós não somos shotet. Mas, de qualquer forma, somos um oráculo, e isso não pode mudar, por isso estamos voltando ao templo de Ogra para aprender.

Para ver o que poderemos nos tornar em seguida.

Nós vemos…

Eles.

Mais velhos. O prateado brilhando de um lado da cabeça dela. Os cantos dos olhos azul cinzentos se enrugam quando ele olha para ela.

Estão em uma multidão debaixo de uma nave gigantesca. A nave se ergue em uma colcha de retalho de metal, sobre outras naves no compartimento de carga. Uma nova nave de temporada.

Ele pega a mão dela. Eles caminham juntos na direção da nave.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a…

Nelson, meu parceiro em todas as coisas, por se entristecer comigo quando me entristeço e por celebrar comigo quando celebro.

Katherine Tegen, por sempre ser solidária, honesta e exatamente o que eu preciso de uma editora.

Joanna Volpe, por seus superpoderes de humor, orientação e *brainstorming*.

Devin Ross, por aguentar meus problemas de e-mail com bom humor. Hilary Pecheone, por me ensinar um monte de coisas sobre mídia social. Pouya Shahbazian, por ter boa intuição e paciência. E Chris McEwen, por seu conhecimento e por ser árbitro de *phone tag*, aquelas tentativas frustradas de falar ao telefone. Kathleen Ortiz, Maira Roman e Veronica Grijalva, por navegar pelo mundo inteiro para encontrar um lugar para meus livros. Todos da New Leaf Literary, por sua maravilhosidade geral. Steve Younger, por manter tudo na linha e com firmeza… mas de forma divertida.

Tori Hill, por sua amizade e por lembrar de todas as coisas!

Rosanne Romanello, por sua excelente mente estratégica e risada contagiante. Bess Braswell, pelas suas boas ideias e pelo seu coração amoroso. Cindy Hamilton, Nellie Kurtzman, Audrey Diestelkamp e Sabrina Abballe, da publicidade e do marketing, por todo o planejamento, *brainstorming* e promoção que eu poderia esperar. Mabel Hsu, por sua paciência comigo e seu trabalho árduo. Andrea Pappenheimer, Kathy Faber, Kerry Moynagh, Kirstin Bowers, Heather Doss, Jennifer Wygand, Deborah Murphy, Jenny Sheridan e Rick Starke, por seu entusiasmo e apoio. Brenna Franzitta, por manter os olhos nas minhas palavras e nos meus mundos desde *Divergente*; Alexandra Rakaczki, Valerie Shea, Josh Weiss e Gwen Morton, da gestão editorial, por manter cada coisinha nos trilhos. Amy Ryan, Joel Tippie, Erin Fitzsimmons e Barb Fitzsimmons, por criticar e transformar ideias de projeto como mágica. Jean McGinley, por trabalhar incansavelmente com nossos amigos do outro lado da lagoa e do mundo. Nicole Moulaison, Kristen Eckhardt e Vanessa Nuttry, da produção, por juntar tudo isso tão bem. E por último, mas

não menos importante, Brian Murray, Kate Jackson e Suzanne Murphy, por serem nossos líderes destemidos nisso tudo.

Courtney Summers, Maurene Goo e Somaiya Daud, por suas leituras antecipadas (e rápidas!), anotações ponderadas e incentivo. Sarah Enni. Por tantas. Conversas. Tão. Legais. E por me apoiar em turnês… e em todos os lugares. Margie Stohl, por sempre cuidar do meu cérebro. Alexis Bass, Amy Lukavics, Debra Driza, Kaitlin Ward, Kara Thomas, Kate Hart, Kody Keplinger, Kristin Halbrook, Laurie Devore, Leila Austin, Lindsey Culli, Michelle Krys, Phoebe North, Samantha Mabry, Stephanie Sinkhorn, Stephanie Kuehn e Kirsten Hubbard, por me ajudar a enfrentar os tempos difíceis e pelos *emojis* celebrando os tempos não tão difíceis. (Todas vocês me dão muito mais do que eu posso dizer.) Todos o pessoal da YALL, pelo bom trabalho que fazemos juntos… mesmo quando estou atrasada com os painéis, o que é sempre. Algumas pessoas da escrita – elas sabem quem são – por se dispor com gentileza e sabedoria exatamente nos momentos certos.

Minha família – àquela em que nasci, à que adquiri mais tarde e àquela que recebi como bônus quando me casei – por me dar espaços em todo o mundo para me sentir segura e amada. Meus amigos, por me ajudarem a sair do modo eremita quando preciso.

Todos os meus leitores, por me seguirem para novos mundos.

Todas as mulheres da minha vida, por me impressionarem com sua resiliência.

GLOSSÁRIO

ALTETAHAK – Escola do braço, um estilo de combate do povo shotet mais apropriado para alunos fisicamente fortes.

ALTOS ARVA – Um fruto de Trella conhecido por sua doçura intensa.

ARZODAE – Palavra em zoldano que significa literalmente "ferir, como com uma faca", embora na verdade seja usada como um pedido de desculpas muito forte, ou seja: "O que eu fiz cortou um pedaço de mim."

BENESIT – Uma das três famílias afortunadas do planeta-nação Thuvhe. Uma criança da geração atual está destinada a ser chanceler de Thuvhe.

CAPIM-PENA – Planta poderosa originária de Ogra. Causa alucinações, principalmente quando ingerida.

CORRENTE – Fenômeno natural e, em alguns casos, símbolo religioso. A corrente é um poder invisível que confere habilidades às pessoas e pode ser canalizada para naves, máquinas, armas etc.

DOM-DA-CORRENTE – São dons e habilidades, únicos para cada pessoa, resultante da corrente fluindo pelo seu corpo. Desenvolvidos durante a puberdade, nem sempre são benevolentes.

ELMETAHAK – Escola da mente, um estilo de combate shotet que já não é mais aplicado. Enfatiza o pensamento estratégico.

ESSANDER – Planeta moderadamente rico com população fortemente religiosa. Seu povo é especialmente sintonizado com aromas.

ESTAÇÃO – Unidade de tempo originada em Pitha, onde uma volta ao redor do Sol é chamada de brincadeira de "estação das chuvas", já que lá chove constantemente.

FLOR-DO-GELO – As únicas plantas cultivadas em Thuvhe. Flores-do-gelo têm caules

grossos e botões de diferentes cores, cada uma usada para propósito singular em remédios e outras substâncias em todo o sistema solar.

FLOR-SOSSEGO – A flor-do-gelo mais importante para os thuvhesitas. A flor-sossego é de um vermelho intenso e pode ser venenosa quando não está diluída. É usada como analgésico e como substância recreativa.

FLUXO-DA-CORRENTE – Representação visual da corrente no céu. O multicolorido e brilhante fluxo-da-corrente flui ao redor e através de todos os planetas do sistema solar.

GALO – Cidade em Ogra que agora é ocupada principalmente por exilados shotet.

HESSA – Uma das três maiores cidades do planeta-nação Thuvhe. Tem a reputação de ser mais rudimentar e pobre que as outras duas.

INSTANTE – Gíria para uma pequena unidade de tempo, semelhante a um segundo.

IZITO – Unidade de medida que tem aproximadamente a largura do dedo mindinho.

KERESETH – Uma das três famílias afortunadas do planeta-nação Thuvhe. Reside em Hessa.

KUTYAH – Criatura gigante e peluda que lembra um cão, nativa de Thuvhe. Os thuvhesitas usam pele de kutyah para se aquecer.

KYERTA – Verdade que altera a vida. Em ograno significa literalmente: "Aquilo que foi esmagado até assumir uma nova forma."

NOAVEK – Única família afortunada de Shotet, conhecida por sua instabilidade e brutalidade.

OGRA – Apelidado de "planeta das sombras", Ogra é um mundo misterioso nos confins do sistema solar, cuja atmosfera não pode ser penetrada por sistemas de vigilância.

ORUZO – Literalmente "imagem no espelho" em shotet, essa palavra significa "sucessor" ou aquele que se tornou outro.

OSOC – A mais fria das três maiores cidades de Thuvhe; fica mais ao norte.

OTHYR – Planeta próximo ao centro do sistema solar, conhecido por suas riquezas e contribuições tecnológicas, particularmente na área da medicina.

PITHA – Também conhecido como "o planeta de água", um planeta-nação habitado por

pessoas extremamente práticas estimadas pelas técnicas de engenharia de materiais sintéticos.

POKGO – A capital de Ogra.

SEMA – Palavra em shotet para pessoa que não se identifica com os gêneros masculino ou feminino.

SHISSA – A mais rica das três cidades de Thuvhe. Os prédios de Shissa ficam pendurados bem acima do solo, como gotas d'água suspensas.

SOJU – Um metal de Essander que bloqueia o fluxo de corrente.

TEMPORADA – Jornada sazonal pela galáxia realizada pelos shotet em uma gigantesca nave espacial. Eles dão a volta pelo sistema solar e realizam a coleta de materiais em planetas favorecidos pela corrente.

TEPES – Conhecido como "planeta deserto", é o planeta-nação mais próximo do Sol, famoso por ser extremamente religioso.

THUVHE – Nome validado pela Assembleia para a Nação e para o Planeta, é conhecido como o "planeta de gelo". Habitado pelos thuvhesitas e pelos shotet.

TRELLA – Pequeno planeta de recursos moderados e pouca reverência pelos oráculos, Trella é montanhoso e produz a maior parte das frutas da galáxia.

UREK – Nome shotet para o planeta Thuvhe (embora eles se refiram à nação de Thuvhe pelo nome correto); significa vazio.

VOA – Capital de Shotet, onde a maior parte da população vive.

ZIVATAHAK – Escola do coração, um estilo de combate shotet mais apropriado para alunos de mentes e corpos velozes.

ZOLD – Planeta pequeno e pobre no meio do sistema solar, conhecido por suas práticas ascéticas e forte identidade nacional.

Título original
THE FATES DIVIDE

Copyright © 2018 *by* Veronica Roth

Copyright mapa © 2017 *by* Veronica Roth
Todos os direitos reservados.

Arte de capa: Jeff Huang

Ilustração do mapa: Virginia Allyn

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução,
no todo ou em parte, sob qualquer forma.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

preparação de originais
VIVIANE MAUREY

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: agosto, 2019.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R754d
Roth, Veronica
Destinos divididos [recurso eletrônico] / Veronica Roth ; tradução de Petê Rissatti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2019.
recurso digital (Crave a marca ; 2)

Tradução de: The fates divide
ISBN 978-85-7980-456-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rissatti, Petê. II. Título. III. Série.

19-57509 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

VERONICA ROTH é autora best-seller do *The New York Times* de *Divergente, Insurgente, Convergente, Quatro: Histórias da série Divergente* e *Crave a marca*. Veronica Roth e seu marido moram em Chicago.

LIVROS DE
VERONICA ROTH

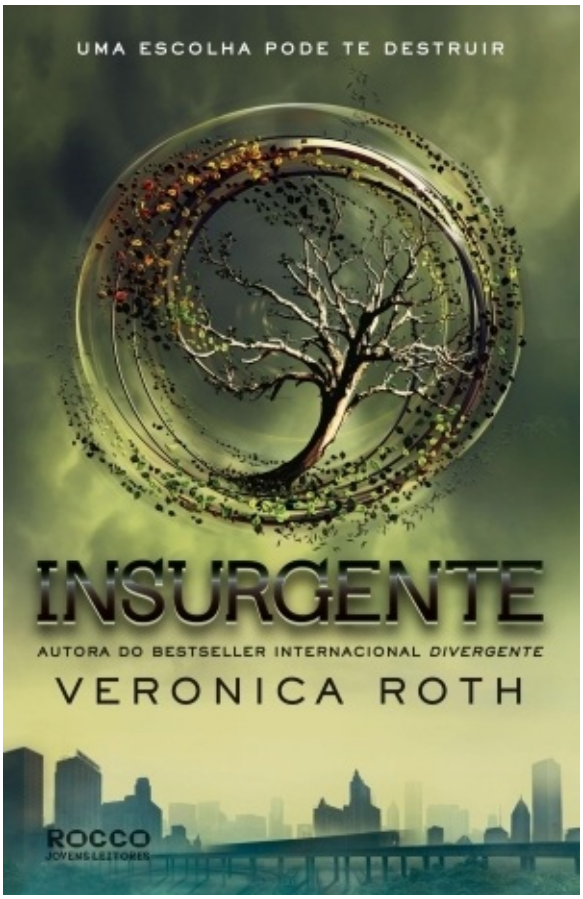
Divergente

Insurgente

Convergente

Quatro: Histórias da série Divergente

Crave a marca


UMA ESCOLHA PODE TE DESTRUIR
INSURGENTE
AUTORA DO BESTSELLER INTERNACIONAL DIVERGENTE
VERONICA ROTH
ROCCO
JOVENS LEITORES

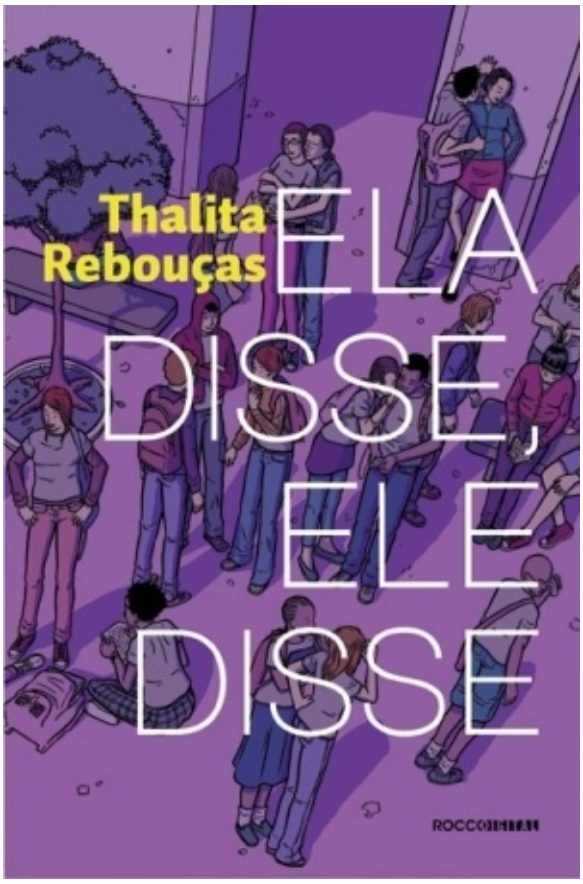
Insurgente

Roth, Veronica
9788581222233
512 páginas

Compre agora e leia

Uma escolha pode te destruirUma escolha pode te transformar - ou destruir. Mas toda escolha carrega consequências, e, enquanto uma sensação de inquietação assola as facções ao seu redor, Tris Prior precisa persistir em sua tentativa de salvar as pessoas que ama - e a si mesma - ao lidar com questões relacionadas à mágoa e ao perdão, à identidade e à lealdade, à política e ao amor.O fim da iniciação de Tris deveria ter sido marcado por celebração e vitória com sua nova facção; no entanto, o dia resultou em horrores inimagináveis. Agora, à medida que o conflito entre as facções e suas ideologias cresce, a guerra se aproxima. E, em tempos de guerra, partidos precisam ser tomados, segredos vão emergir e as escolhas se tornarão ainda mais irrevogáveis - e poderosas. Modificada por suas próprias decisões, mas também por uma devastadora sensação de mágoa e de culpa, descobertas radicais e relacionamentos em transformação, Tris precisa aceitar por completo a sua Divergência, mesmo que não saiba exatamente o que pode perder ao fazer isso.O aguardado segundo volume da série distópica Divergente, de Veronica Roth, apresenta mais uma inebriante e emocionante história, repleta de reviravoltas, corações partidos, romance e poderosas revelações sobre a natureza humana.Insurgente foi adaptado para cinema em 2015, estrelando Shailene Woodley, Theo James e Ansel Elgort.

Compre agora e leia


Thalita Rebouças
ELA DISSE, ELE DISSE

Ela disse, Ele disse

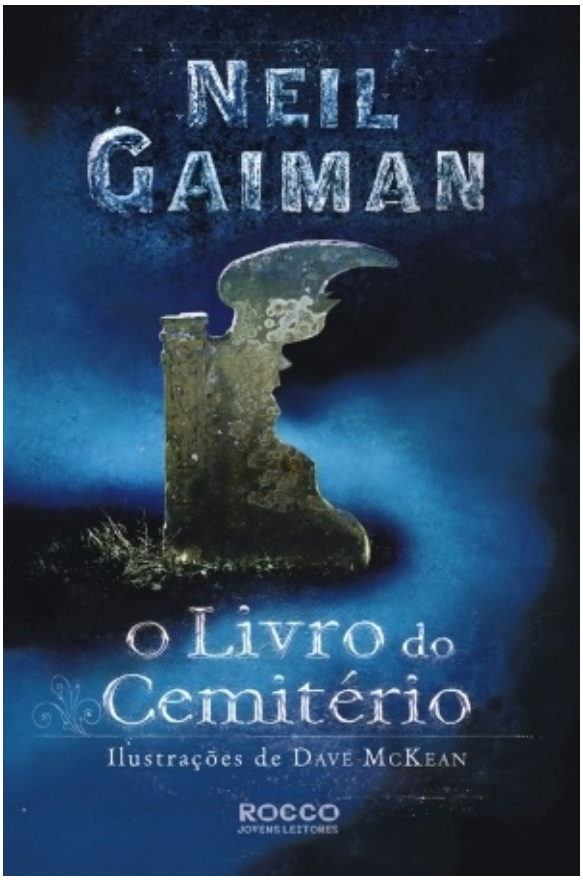
Rebouças, Thalita
9788564126695
192 páginas

Compre agora e leia

Coleção Rosa-Choque. Diversão e confusões no cotidiano das meninas.Primeiro dia numa escola nova é sempre complicado: a gente se sente um peixe fora d'água. Enquanto todos os outros alunos são (ou ao menos parecem ser) melhores amigos de infância, os novatos ficam pelos cantos, sem jeito, pensando em qual seria a melhor tática de aproximação.Alternando as vozes de Rosa e Leo, ambos adolescentes de 14 anos novos no mesmo colégio, Ela disse, ele disse é um divertido romance que mostra como meninos e meninas podem sentir as mesmas coisas, mas pensar e agir de modo muito diferente.Mas apesar de todas as diferenças, os olhares desses dois filhos únicos de pais separados insistem em se cruzar desde o primeiro dia de aula na escola Dinâmica. Ele foi logo puxando conversa com ela, deslocada no canto da sala. "Ai, que fofo"!, pensa Rosa, já certa de que Leo, além de muito educado, estava superinteressado nela; mas tão rápido e descolado quanto demonstra ser para se aproximar, não pensa duas vezes antes de dar as costas à garota e se juntar à ala masculina da turma para integrar o time de futebol na hora do recreio. "Garotos... humpf"!.Para Leo, no entanto, tudo é muito simples: "Tinha uma carteira vazia perto da janela e fui direto para lá. Para evitar ficar calado e com cara de desentrosado, puxei logo papo com uma menina que parecia estar sozinha". E quanto ao convite para o futebol, bem, existe outra resposta possível para um

garoto neste caso a não ser um objetivo e certeiro "Tô dentro"? "No vestiário, depois da pelada, eu já me sentia parte do grupo", revela.Abordando temas como amizade, bullying, respeito às regras e a relação entre pais e filhos, a narrativa se desenrola revelando, com ritmo e bom humor, os sonhos e angústias de meninos e meninas diante de cada situação, com direito a passagens hilárias causadas pela difícil comunicação entre os sexos.

Compre agora e leia


NEIL
GAIMAN
O Livro do
Cemitério
Ilustrações de DAVE MCKEAN
ROCCO
JOVENS LEITORES

O livro do cemitério

Gaiman, Neil
9788579804182
336 páginas

Compre agora e leia

Coleção PhobosGanhador da medalha Newbery (2009), do Prêmio Hugo de Melhor Romance (2009), do Locus Award de Melhor Romance Juvenil (2009) e da Medalha Carnegie (2010).Enquanto seus pais e irmã são impiedosamente assassinados por um misterioso homem chamado Jack, um bebê consegue escapar de seu berço e se aventurar pelo mundo. Uma série de coincidências, aliada a uma grande dose de sorte, salva o pequeno de ter um destino tão trágico quanto o de sua família.Com um começo sombrio e violento, diferente do seu habitual, o escritor inglês provoca arrepios no leitor. A história do bebê sortudo e fujão começa quando ele chega à rua e sobe a colina em direção ao velho cemitério. Ele é perseguido pelo assassino de seus familiares. Já dentro do cemitério o neném conhece os habitantes do local. Fantasmas de outras épocas que vivem em suas covas e mausoléus e que por circunstâncias do destino são forçados a adotar e batizar o bebê, agora chamado de Ninguém Owens, o Nin, para salvá-lo do seu perseguidor.Ninguém passa a viver no cemitério da colina, adotado por um simpático casal de fantasmas e amado pelos outros moradores do lugar. Um misterioso morador, Silas, assume a responsabilidade de ser o guardião do garoto. Único vivo que mora no cemitério, apesar dos seus hábitos nortunos e habilidades fantásticas, ele é o responsável por trazer comida, livros e tudo que o garoto precisa do mundo terreno dito

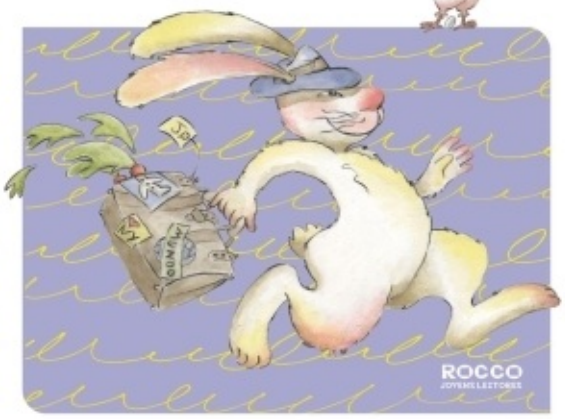
"normal".Com ternura e talento, Gaiman narra as aventuras de Ninguém pelos caminhos do cemitério, desde um pequeno bebê até um jovem adolescente. Mas mesmo depois de todo este tempo a sombra do seu perseguidor ainda paira sobre o jovem. E o destino caminha para um embate final entre os dois, quando Ninguém descobre muito mais do que esperava sobre o mundo e as pessoas.

Compre agora e leia

clarice lispector

o mistério do coelho pensante

e outros contos



ROCCO
JOVENS LEITORES

O mistério do coelho pensante e outros contos

Lispector, Clarice
9788581226071
80 páginas

Compre agora e leia

O que têm em comum um coelho, uma galinha, um cachorro e dois peixinhos vermelhos? Protagonistas dos livros infantis de Clarice Lispector, o coelho Joãozinho, a galinha Laura, o cão Ulisses e os "vermelhinhos", como eram conhecidos os peixes, estão agora reunidos no lançamento O mistério do coelho pensante e outros contos, que traz as quatro histórias escritas por Clarice especialmente para as crianças num único volume, delicadamente ilustrado pela artista plástica Flor Opazo.Reconhecida pela crítica literária brasileira e estrangeira como uma das maiores escritoras do século XX, Clarice Lispector deixou também um importante legado para a literatura infantil com a publicação de A mulher que matou os peixes, A vida íntima de Laura, O mistério do coelho pensante e Quase de verdade, histórias que seguem encantando gerações décadas após a sua publicação.Narradas em tom coloquial e muito próximo do cotidiano infantil, as histórias de Clarice Lispector revelam uma autora que, além de conhecer muito de perto o imaginário dos pequenos, é alguém que sabe conversar com crianças com extrema sensibilidade e perspicácia, tratando os sentimentos com delicadeza e falando direto ao coração.

Compre agora e leia


NEIL GAIMAN
O Mistério da Estrela
Stardust
ROCCO

O mistério da estrela: Stardust

Gaiman, Neil
9788579803932
280 páginas

Compre agora e leia

Tristran ama a jovem mais bela do vilarejo de Muralha. Para ser correspondido, ele atende aos caprichos da moça e lhe faz uma promessa quase impossível de cumprir. Uma estrela cadente que ambos veem cair do céu valerá a mão de Vitória em casamento. A determinação de trazer a estrela para o vilarejo fará com que o rapaz burle todas as regras e siga para a Terra Encantada, onde supostamente a estrela está. Então, Tristran se vê cercado por piratas voadores, gnomos guerreiros, bruxas esquisitas e sedentas por beleza e princesas do mal. Um mundo de magia está diante dele e tem início um conto de fadas surpreendente e nada convencional. Neste lugar, os caminhos podem ser belos e sombrios, tristes e alegres, suspeitos e óbvios, mas sempre cheios de segredos. E todos, não só Tristran, estão em busca daquela que parece guardar a solução para todos os problemas do reino mágico. Acontece que a estrela está triste e sem esperança. O maior desafio do jovem apaixonado, então, será fazer a estrela brilhar novamente. Eis a trama do conto de fadas moderno O mistério da estrela - Stardust, do cultuado escritor e quadrinista inglês Neil Gaiman, autor do premiado juvenil Coraline e do infantil Os lobos dentro das paredes. A publicação recupera o texto em prosa que deu origem à famosa história em quadrinhos, que chegou às telas do cinema em 2007, com estrelas como Claire Danes, Michelle Pfeiffer, Robert De Niro e Sienna Miller no elenco.

Compre agora e leia